

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA**

OS PIAÇABEIROS DE BARCELOS

História de vida e trabalho

LILIA MARIA DE OLIVEIRA REIS

MANAUS

2007

LILIA MARIA DE OLIVEIRA REIS

OS PIAÇABEIROS DE BARCELOS

História de vida e trabalho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof^ª. Doutora Iraildes Caldas Torres

MANAUS

2007


Ficha catalográfica, elaborada pelo bibliotecário Flaviano Lima de queiroz
Diretor da Biblioteca Central/UFAM- CRB 11º/255

R375 p Reis, Lilia Maria de Oliveira
Os piaçabeiros de Barcelos / Lilia Maria de Oliveira Reis. - Manaus:
UFAM / Instituto de Ciências Humanas e Letras, 2007.
236 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Iraildes Caldas Torres
Dissertação de (Mestrado) - UFAM / Instituto de Ciências Humanas
Letras / PPGCAM, 2007.

1. Piaçaba - produção 2. Extrativismo vegetal 3. Palmeira -
Barcelos- (Am) 4. Piaçaba - economia I. Torres, Iraildes Caldas II. Título

CDU 630*28(811):331(043.3)
CDD 338. 17509811



LILIA MARIA DE OLIVEIRA REIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

OS PIAÇABEIROS DE BARCELOS

História de vida e trabalho

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres, Presidente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Dr. Alfredo Wagner Berno Almeida, Membro
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. David Cattani, Membro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG

Data da defesa:/...../.....

Agradecimentos

A todos os que contribuíram direta ou indiretamente, especialmente a minha família: mãe e irmãos que me encorajaram a realizar este estudo.

À Profa. Doutora Iraildes Caldas Torres pelo apoio, orientação e cobrança que possibilitou a elaboração deste trabalho.

Aos piaçabeiros que se dispuseram a colaborar com este estudo relatando as suas histórias e todo o processo de trabalho que realizam diariamente.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM).

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) que concedeu a bolsa de estudos, permitindo-me concluir este trabalho.

À Professora Doutora Yoshico Sasaki e os colegas que me auxiliaram com empréstimo de livros que possibilitaram as leituras necessárias ao trabalho.

RESUMO

Este estudo assume o propósito de evidenciar a história de vida dos piaçabeiros do município de Barcelos, cujo ofício realizado dentro da floresta detém-se a utilizar um dos recursos naturais mais importantes da biodiversidade amazônica, a piaçaba, historicamente explorada por índios e brancos que têm, nesse recurso, sua fonte de sobrevivência. A nossa intenção consistiu em perceber e analisar o ofício de piaçabeiro, seus saberes no plano da organização do trabalho, buscando apontar a forma pela qual a desvalorização da atividade da piaçaba desestrutura a vida desse trabalhador no âmbito da comercialização feita de modo desigual entre o patrão e o freguês. A pesquisa pautada na abordagem qualitativa elegeu uma amostra de vinte pessoas domiciliadas na cidade de Barcelos, algumas das quais continuam no ofício de piaçabeiro, com idade entre trinta e noventa anos. São majoritariamente indígenas, caboclos e, em menor número, pessoas brancas, sendo estas patrões e não fregueses. O trabalho de campo foi realizado tendo por base a técnica de entrevista do tipo semi-estruturado somado a conversas informais que tornaram possível a construção deste trabalho. Dentre os múltiplos aspectos revelados, ficou claro que o ofício de piaçabeiro, embora desvalorizado, não está em fase de desaparecimento, já que existem piaçabeiros realizando o corte da fibra, mercado comprador e consumidor em nível considerável. Deve-se considerar, por fim, que este ofício como parte do extrativismo prevalecente na região é básico como forma de sobrevivência aos povos tradicionais do Rio Negro, Amazonas.

Palavras-chave: Barcelos; piaçabeiro; trabalho.

ABSTRACT

This study it assumes the intention to evidence the life history of the "piaçabeiros" of Barcelos whose work in the woods is to use of the more important natural resources of Amazonian biodiversity, piaçaba, historicly explored for indian and whites peoples that find material resource its source of survival. Our intention consisted in perceiving and analising their the of craft piaçabeiro's is job, their knowlede on the plain of work organization, in order to point out the way tha the depreciation of the piaçaba activity eliminate structure the life of its worker on the scope of the done commercialization done in a nequal way among the characters of the piaçabais: the master and the customer. The research pautaada in the qualitative boarding elected a sample of twenty people domiciliated in Barcelos, some of their continue in the piaçabeiro job craft, with age between thirty and ninety years. They are mainly aboriginal, caboclo and in less number white people, being these masters and not customers. The field work was accomplished having as base the technique of half-structuralized interview added to the informal conversation that possible the construction of this work. Amidst the disclosed multiple aspects it was clear that the piaçabeiro of even so devaluated, is not in a disappearance phase, since there are piaçabeiros doing fibre cut. There is a byers market and consuming in considerable level. This craft to consider finally, that this craft with part of the remaining extrativismo in the region is basic form of survival to the traditional people of the Amazônia.

keywords: Barcelos; piaçabeiro; work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - TRABALHO E TRABALHADORES NA AMAZÔNIA	19
1.1 - Noções de trabalho na Amazônia	19
1.2 - As formas de organização onde os piaçabeiros se inserem	30
1.3 - Barcelos e potencialidades para geração de renda	46
CAPÍTULO II - CONDIÇÕES ESPECÍFICAS DO TRABALHO DE PIAÇABEIRO	64
2.1 - O ofício de piaçabeiro	64
2.2 - As relações de trabalho entre o freguês e o patrão	85
2.3 - Perfil dos piaçabeiros que participaram da pesquisa	112
CAPÍTULO III - HISTÓRIA DE TRABALHO E DE VIDA	128
3.1 - Barcelos, história e contexto	128
3.2 - Fragmentos da memória nos piaçabais	152
3.3 - Retalhos de vida (quase) perdidas	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
REFERÊNCIAS	231

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Piaçaba conduzida para terra para posteriormente ser embarcada no recreio	54
Figura 2 - Piaçabeiro exercendo o seu ofício - rio Aracá	59
Figura 3 - Piaçabeiro exercendo seu ofício em época de cheia no inverno	65
Figura 4 - Barracão de piaçaba no Igarapé do cabeçudo - rio Aracá	99
Figura 5 - Canoa carregada com pacotes de piaçaba no Igarapé do Cabeçudo - rio Aracá	104
Figura 6 - Transporte do interior à cidade e embarque da piaçaba no recreio em Barcelos	109
Figura 7 - Rio Aracá durante a cheia	114
Figura 8 - Mapa de Localização do município de Barcelos	130
Figura 9 - Prédio da Missão Salesiana em Barcelos	137
Figura 10 - Piaçabeiras no Igarapé do Calibuque - rio Aracá	151
Figura 11 - Piaçabeira de pequeno porte	152
Figura 12 - Comunidade de Tapera no Rio Padauri	189
Figura 13 - Barracas alagadas durante a cheia no rio Negro	202
Figura 14 - Jararaca escondida na piaçaba	210
Figura 15 - Comunidade de Carvoeiro - Barcelos	211

INTRODUÇÃO

Hoje o homem que não lê, não escreve, não pensa, não se integra ao admirável mundo novo, submete-se a um subexistir de vida sem esperança de livrar-se da pobreza. Isso porque, num pacto de flagelo na vassalagem, não tem opinião.

(João Mendonça de Souza)

Este estudo se assenta numa investigação sobre um dos tipos de trabalho extrativo do interior amazônico dos mais penosos, que é o de piaçabeiro, cujos principais caminhos se espalham dentro da floresta onde realizam esse ofício como forma de sustentabilidade. Trata-se de um trabalho de pouca visibilidade a despeito de sua importância no processo de desenvolvimento econômico da região. Os rios depositários da piaçaba e que se constituem em hábitat desta fonte de riqueza no rio Negro são os rios Padauri, Aracá, Ereré, Preto, Marié e Xié. Deter-nos-emos nos rios Aracá e Padauri, no município Barcelos, maior concentrador desta espécie vegetal conhecida pelo nome de piaçaba ou piaçava (*Leopodinia piassava Wal*).

A piaçaba era um produto utilizado pelos indígenas da Amazônia quando os portugueses chegaram à região nos primórdios do século XVII, conforme nos informa Santos (2002), Naturalistas de universidades européias como Wallace ([1853]1979) e Bates (1848), Ferreira (1787), Santos (1980) dentre outros que pesquisavam a biodiversidade amazônica naquele período dão conta da existência dessa espécie vegetal. Este produto se situava no rol das especiarias conhecidas como drogas-do-sertão, bastante comercializadas pelos portugueses em substituição àquelas que haviam sido exploradas na Índia. A piaçaba é uma fibra resistente extraída de uma

palmeira chamada piaçabeira ou piaçaveira (SANTOS, 2002). Pode-se avistá-la indo por terra e pelos afluentes do rio Negro em diversos pontos. Segundo Wallace (1979, p. 155),

[...] a montante da foz do Padauri, um afluente do Rio Negro, situada a 500 milhas da Barra, essa árvore é encontrada à beira de diversos rios, mas nunca nas margens do rio principal. Boa parte dos habitantes do Rio Negro ocupam-se na extração de sua fibra.

A palmeira da piaçaba varia de tamanho. Na descrição feita por piaçabeiros, ela pode ser encontrada em 4, 5 e 6 metros de altura, com folhas largas semelhantes às de palmeira de açai, com fibras que nascem na base das folhas onde brotam também os cachos de frutas de piaçaba, e caem ao chão como se fossem os cabelos compridos e lisos de uma mulher, encobrindo o caule da planta em seu entorno. Os frutos são utilizados na alimentação do piaçabeiro que o come puro e na forma de vinho. É um fruto bastante gorduroso.

Na descrição de Wallace (1979, p. 155), ela atinge de 20 a 30 pés de altura. "Acredito que a piaçaba seja uma espécie do gênero *Leopodinia*. [...] existe em grande quantidade na região do rio Negro. [...] denominei-a *Leopodinia piassaba*, designando a espécie pelo seu nome vulgar mais conhecido na maior parte de sua área de ocorrência.

Foi um longo caminho percorrido até aqui desde o momento em que formulamos o projeto, solicitado na especialização como trabalho final do curso em 2003. E diga-se que este assunto vem sendo pensado desde os tempos de graduação, porém uma idéia distante e sem possibilidade de realização naquele momento em razão dos percalços relativos às atividades que exercíamos.

A escolha do tema está relacionada à vivência no interior do Amazonas onde passamos a maior parte de nossa vida, desde a formação educacional básica e média até os primeiros anos de trabalho. Desde a mais tenra idade, presenciamos os barcos atracados a batelões descendo o rio Negro carregados de piaçaba rumo ao porto da cidade de Barcelos com destino a Manaus para

vender o produto colhido nos afluentes do rio Padauri e rio Aracá, grande hábitat da piaçaba no Amazonas.

O nosso contato com este ramo de trabalho ocorreu por intermédio de pessoas envolvidas na produção de piaçaba, que ao chegarem do interior em férias nos faziam visitas. Suas conversas descontraídas giravam em torno do que vivenciavam no cotidiano de trabalho, tais como: histórias de encantamentos, costumes, dívidas e hábitos dos moradores dos sítios e comunidades que formavam os locais habitados do município de Barcelos. Também tivemos como vizinho uma família que trabalhou com piaçaba e roça durante muitos anos, logo tomada como referência de contato e fonte de informações, e cujos membros se tornaram nossos amigos, com os quais fomos aprofundando os assuntos necessários à formulação do projeto.

Utilizamos algumas terminologias neste estudo nem sempre muitas conhecidas no âmbito nacional, a saber: interior para falar do lugar que está fora da cidade e dentro dos rios onde estão os sítios, as comunidades e as colocações. É a mesma coisa que zona rural; trabalho e trabalhador na Amazônia quando nos referirmos às categorias analíticas; piaçaba, piaçabeiro, piaçabal, referindo-nos ao produto, ao trabalhador do produto, ao local de trabalho. São nomes e definições dadas pelos próprios entrevistados inquiridos em suas comunidades e sítios denominados pelos piaçabeiros como aglomeração de pessoas aparentadas. Empregamos a denominação ofício quando nos detemos ao exercício específico do piaçabeiro; território para falar de terra, pois no rio Negro é um termo pouco usado. Não se diz, por exemplo, que o meu território foi invadido e sim a minha comunidade foi invadida. Povo tradicional é utilizado em termos gerais para falar dos povos que se reúnem num local em torno de interesse comum, conforme entende Almeida (2006).

A terminologia história de vida está sendo utilizada em referência às experiências de trabalho que envolve o imaginário social, crenças, costumes, resistência, dificuldades, valores, relacionamentos, saberes, modos de viver. Busca-se mostrar que os trabalhadores do ramo

extrativista não são homogêneos em termos culturais e de trabalho. Nas palavras de Caldas (1986), a cultura está em transformação e ganha novos valores. A cultura se constrói a cada dia no aprendizado constante influenciado pela realidade do trabalho. Existem regras que não são expressas pela fala, mas pelos atos que precisam ser entendidos na relação do dia dia.

Há pouco reconhecimento social aos tipos de trabalho exercidos pelos povos tradicionais da Amazônia, i. é. o tipo de trabalho que realizam não tem importância para o grande capital, com exceção de algumas atividades extrativas como a madeira que tem sido explorada de forma predatória com ou sem autorização formal causando sérios danos à região. A categoria experiência é aqui compreendida, a partir de Thompson (2001), que defende a perspectiva da história vista de baixo. Esta perspectiva toma por base homens e mulheres que têm existência freqüentemente ignorada e suas experiências não constituem processo histórico ou historicidade. Alguns comentaristas de Thompson como Michelle Perrot (2001), Maria Luiza Ugarte (2003), Peter Burke (1999) e Maria da Glória Gohn (1997) foram importantes em nossa análise.

Escolhemos para fazer parte da pesquisa homens e mulheres do ramo da piaçaba. Iniciamos o trabalho de campo com cinco pessoas conhecidas que nos serviram de apoio e foram apontando as outras para que pudéssemos proceder às entrevistas e estabelecer conversas informais. O campo de pesquisa foi a cidade de Barcelos onde se concentra um grande número de pessoas que trabalharam com piaçaba, além daquelas que moram no interior, mas se encontravam temporariamente na cidade.

Tivemos a oportunidade de chegar a um desses rios (Aracá) junto com dois ex-piaçabeiros que trabalharam dentro deste rio. A intenção era assistirmos ao corte da fibra *in loco*, o que foi conseguido. Quando já nos encontrávamos dentro do rio mencionado tivemos a idéia de visitar uma das comunidades mais próxima do local onde estávamos, com a finalidade de contactar com famílias que trabalham no ramo. Nesse momento, os piaçabeiros que nos acompanhavam

informaram da possível ausência destas pessoas, pois durante o período de inverno é comum esse trabalhador ir às colocações cortar produto, em razão da enchente que facilita o transporte dentro dos rios.

Entretanto tal circunstância não tirou o mérito do trabalho, pois as informações colhidas na cidade são autênticas por provirem de entrevistados com grande experiência no trabalho de corte de piaçaba. O trabalho de campo foi realizado com base nas abordagens qualitativas sem excluir os aspectos quantitativos, a partir de entrevista do tipo semi-estruturado dirigida a 20 trabalhadores da piaçaba, e informalmente conversamos com a secretária de educação do município, com um professor do Ensino Médio, três ex-alunos internos, dois trabalhadores do turismo, o representante da Funai, o representante da Funasa, um funcionário da Sefaz, um oficial de justiça e os presidentes das associações abaixo relacionadas.

Realizamos levantamento de dados secundários junto à Fundação Nacional de Saúde - Funasa, Fundação Nacional do Índio - Funai, Exatoria Estadual, e as Associações e cooperativas locais, como: Associação indígena de Barcelos - ASIBA, Associação dos Agricultores e Criadores de Barcelos - AACB, Cooperativa Mista Agro Extrativista dos Povos Tradicionais do Médio Rio Negro - COMAGEPT, Associação dos Trabalhadores Rurais da Estrada do Elói - ATREE, Colônia de Pescadores Z-33, Associação dos Taxistas Fluviais de Barcelos - ATFB, Associação dos Moto-Taxistas de Barcelos - AMTB, Cooperativa de Panificadores e Produtores de Pão e seus derivados - COPP, que nos forneceram informações complementares em relação à saúde, propriedade, preços e formas de organização dos trabalhadores locais.

No início, realizamos o trabalho de campo com recursos próprios porque ainda não tínhamos ingressado como bolsista da FAPEAM (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas). Fizemos uma viagem de cerca de 40 horas em barco-recreio que faz linha de Manaus a Barcelos para a primeira fase do levantamento de dados em janeiro de 2005. Já na cidade, uma

conhecida, ex-trabalhadora da piaçaba, ajudou-nos a fazer a relação e o contato com os trabalhadores que se dispuseram a nos conceder entrevista. A abordagem foi feita individualmente indo de casa em casa. Visitamos vários bairros e barcos parados em diversos portos¹ da cidade e a comunidade de Piloto aonde só se chega de barco ou canoa.

A segunda visita e deu em novembro de 2006, feita num motor de popa², e fomos acompanhados por dois piaçabeiros e o dono do motor, viagem que teve duração de oito horas de ida e volta. O rio Aracá estava cheio e com as margens alagadas, situação que facilitou a entrada no igarapé chamado Calibuque.

Visando passar com segurança embaixo dos galhos arriados e encontrar o canal do estreito igarapé com menos velocidade, rema-se com bastante cuidado. As piaçabeiras estavam todas no alagado, levando-nos a descer do barco e entrar com a água no meio da canela e outras vezes na cintura para os piaçabeiros realizarem o corte da fibra. O risco era ser picado por cobra, aranha, e até levar ferradas de caba³, que constroem suas casas nos galhos de árvores próximas às margens, ou mesmo de galhos caídos no leito do igarapé. Os piaçabeiros cortaram a piaçaba e fizeram várias cabecinhas, as quais levaram para fazer vassoura. Assim pudemos fotografar e documentar o que será posteriormente exposto nesta pesquisa. Também foi nessa fase que fizemos contato com a Funai, Funasa e Exatoria Estadual, além de termo conversado com pessoas fora do ramo da piaçaba. Neste momento já éramos bolsistas da FAPEAM.

A terceira viagem a campo foi realizada em abril de 2007 quando fizemos o levantamento das organizações da sociedade civil existentes no município de Barcelos. Lá chegando, entramos em contato com os presidentes das associações existentes na cidade, os quais foram solícitos ao

¹ Chamamos de portos os pontos da margem da cidade onde os barcos vindos do interior ficam parados enquanto se encontram na cidade. Esses portos são de acesso livre para barcos e canoas, o que não impede que os donos de barcos procurem os locais que lhes são mais seguros.

² É um pequeno motor fixado na parte de trás de uma canoa. É uma embarcação de uso muito prático para viagens distantes, pois é rápida e leve. É também conhecida pelo nome de voadeira.

³ Inseto de picada dolorosa podendo causar febre e alergia. Existem diversas espécies na natureza.

nosso propósito. Todo o processo deste trabalho de campo dependeu dos barcos de linha que saem toda semana para o município de Barcelos carregando cargas e passageiros. Nesta viagem, tivemos a oportunidade de conversar com alguns piaçabeiros para checar alguns dados.

As formas de trabalho na Amazônia não devem ser estudadas de forma linear tal qual os tipos de trabalhos do mundo ocidental, pois cada realidade se diferencia em muitos aspectos, de modo que retratá-las de forma homogênea incorreria num erro de interpretação. Uma coordenadora de projeto de educação do SESI que realiza treinamento aos trabalhadores contratados para trabalhar na construção do gasoduto Coari/Manaus revela suas impressões sobre o que observou nas suas viagens nos seguintes termos: "em cada área que estive não vi nada igual, é incrível como numa mesma região haja tanta diferença" (C. C. S. F.).

Os trabalhos executados no interior da região não se pautam na perspectiva do trabalho industrial erigido pelo racionalismo moderno. Torres (2004, p. 59) admite que num certo momento esta categoria se tornou o modelo para se pensar o trabalho no âmbito geral. Para a autora, "é uma modalidade relativamente nova na Amazônia Ocidental, só ganha visibilidade a partir da segunda metade do século XX⁴". Nascimento (2005) entende que não se pode compreender o trabalho na Amazônia a partir da industrialização, uma vez que as suas relações não se enquadram na dimensão do trabalho assalariado, modalidade estruturada a partir da Revolução industrial no século XVIII.

As várias formas de trabalho engendradas na região se constituíram em alternativas criadas pelos povos tradicionais que compõem o estrato subalternizado na Amazônia. São alternativas vistas por especialistas e estudiosos como categorias de trabalho que combinam produção da existência com a preservação da fauna e flora, cuja técnica de exploração ainda são rudimentares podendo-se dizer que não são predatórias.

⁴ Torres (2004, p. 60) aponta que essa dificuldade teórica se deve a uma determinada tendência da Sociologia do Trabalho que encerra a perspectiva do trabalho no âmbito empresarial, no campo monetário e mercantil.

Este trabalho está seccionado em três capítulos. No primeiro capítulo, tratamos das noções de trabalho na Amazônia, colocando em evidência a atividade realizada pelos *yanomami* em sua reserva, cuja extensão abrange o rio Padauri. Discorremos sobre as formas de organização coletiva que envolvem as várias modalidades de serviços prestados na cidade de Barcelos, algumas das quais têm servido o trabalhador do interior na busca de justiça quando têm seus direitos desrespeitados e assinalamos os recursos existentes no município.

No segundo capítulo, nos ocupamo-nos de um exame sobre o ofício de piaçabeiro, o manejo da planta, as técnicas de extração da fibra, as condições de trabalho, perigos e dificuldades enfrentadas na prática deste ofício. Neste processo de discussão, evidenciamos as relações de trabalho entre patrões e fregueses configuradas nos mecanismos de resistência, buscando mostrar os antagonismos e as discontinuidades das relações de opressão e um apanhado do perfil dos personagens (patrão e freguês) mais importantes dos piaçabais.

No último capítulo, empreendemos uma incursão pela história de Barcelos dentro do contexto de formação social do rio Negro que compõe o quadro de fatos que deram origem à própria cidade de Barcelos, bem como descrevemos o quadro de experiências vividas nos piaçabais, visibilizando aspectos do imaginário social, a forma como percebem fatos e elementos do seu cotidiano: suas crenças e relações com o sobrenatural, os saberes, a saúde, a alimentação e a vida privada propriamente dita. Trata-se de uma realidade concebida por Castro (1997) como o imbricamento do natural com o sobrenatural.

No diálogo que estabelecemos nas entrevistas e conversas, foi-nos possível fazer uma reconstituição de fatos sobre a história de vida de pessoas que vivenciaram contextos passados e presentes no ofício de piaçabeiro. Com efeito, só foi possível recolher retalhos dessa realidade porque muitos elementos ficaram esquecidos na memória. Tivemos a preocupação de identificar

os entrevistados por nomes fictícios, abreviações ou da forma como são chamados no âmbito do lar para resguardar as suas identidades.

Este estudo se reveste de singular importância não só para a sociologia do trabalho que deixou na invisibilidade os pequenos trabalhadores, sobretudo os que praticam atividades extrativistas, mas também poderá constituir-se num instrumento de fundamentação de políticas públicas voltadas para os trabalhadores do campo. O registro da história dos piaçabeiros é de fundamental apreço, na medida em que busca evidenciar saberes e conhecimentos, estratégias de sobrevivência, sua compreensão de mundo, modo de ser, crer, pensar, sentir, agir; enfim, o seu cotidiano.

CAPÍTULO I

TRABALHO E TRABALHADORES NA AMAZÔNIA

Manter as memórias não significa somente dar conta da evolução tecnológica da humanidade, mas serve-nos também como referencial de nossa existência para sabermos o que fomos e os caminhos seguidos para alcançarmos a situação na qual estamos, norteando as nossas idéias, sobretudo, para termos claro o que queremos e o que não queremos ser no futuro.

(Dorinethe dos Santos Bentes e Amarildo Rodrigues Rolim)

1.2 - Noções de trabalho na Amazônia

A Amazônia é uma das mais complexas regiões que se conhece não só porque possui culturas diversificadas e uma grande fauna e flora, mas também porque é uma das maiores reservas de água doce do planeta. Desde tempos pretéritos, sob o processo de ocupação de seu espaço, esses recursos naturais foram explorados continuamente, situação que vem-se repetindo. Basta ouvirmos ou lermos os noticiários midiáticos para tomarmos ciência de que a Amazônia não é um espaço esquecido, mas sempre é lembrado e mobilizado em momentos críticos do desenvolvimento do capitalismo, de modo que se tornou uma das mais faladas, comentadas e estudadas nos últimos tempos.

Pouco se conhece a respeito de muitas atividades nela existentes e da importância que tiveram para a composição histórica de sua economia. A exploração da borracha teve um destaque para o desenvolvimento da região, mas as outras atividades também tiveram seus momentos de proeminência, algumas das quais em espaços localizados, como é o caso da piaçaba no município de Barcelos, cuja mão-de-obra mais evidente foi assinalada por Meira (1993) como a indígena.

Para este autor,

os produtos naturais explorados historicamente na Amazônia, entretanto, não se restringem à borracha. O cacau, a castanha, a balata, o pau-rosa, a copaíba, a andiroba, o puxuri, a salsaparrilha, a piaçava, entre outros, têm um significado importante para a compreensão da economia e da sociedade da região. As formas de exploração desses produtos são diversificadas. (MEIRA, 1993, p. 15)

Note-se que, longe de ser uma região homogênea como foi concebida no passado, possui uma variedade de produtos, somados a uma diversidade de povos e culturas distribuídas em seu território que se reflete na organização do trabalho. Torres (2004) assinala: "as múltiplas formas de ocupabilidade existentes, são devidos à combinação de estratégias tradicionais e emergentes voltadas para a garantia da sobrevivência das populações amazônicas". Aborda que as relações se diferenciam do trabalho industrial, modalidade nova na região.

As formas peculiares de trabalho as quais estamos abordando são geralmente realizadas pelos que aqui denominaremos de povos tradicionais, que, em Almeida (2006), são representados por grupos de trabalhadores que se encontram espalhados nas terras amazônicas explorando recursos naturais. São eles piaçabeiros, seringueiros, balateiros, piabeiros, pescadores, coletores de castanha, agricultores, dentre outros.

Na percepção do referido autor, os povos tradicionais vivem e se organizam coletivamente sobre um território e estabelecem relações com os meios de produção apoiados no uso comum. Esse modo de viver estimula laços de solidariedade que reforçam lutas e mobilizações na defesa dos recursos naturais e da terra.

A exploração de vários produtos, representados pela agricultura e outras formas de trabalho, após a desarticulação da borracha, deram novos rumos à economia amazonense haja vista a situação de desemprego na região. Foi necessário criar novas atividades que pudessem fazer frente à situação de crise buscando a exploração extrativa de outros recursos naturais somada à produção agrícola (EMPERAIRE, 2000).

Bentes e Rolim (2005, p. 181) falam da tentativa de recuperar o equilíbrio econômico da região através da diversificação de produção. No conjunto de produtos, enquadram-se aqueles com grandes possibilidades de saída no mercado que geraram várias atividades como a "coleta de castanha, a extração de madeira, de timbó, de copaíba, de andiroba, de piaçaba, de salsa, a pesca do pirarucu, [...] além do cultivo de produtos como o guaraná e o cacau em algumas áreas".

Além dos produtos extrativistas clássicos da indústria extrativa, Santos (2003, p. 98) expôs em sua tese que existiam outros produtos no rio Negro que eram colocados no mercado. A firma J.G. de Araújo que atuou no rio Negro foi uma das que buscou mercado para outros produtos extrativos do referido rio, além da borracha e piaçaba, acrescentou a ucuquirana, cipó-vime, puxuri, pirarucu, essência de pau-rosa, madeiras, dentre outros. Uma de nossas entrevistadas informou que trabalhou com a ucuquirana no rio Padauri, não indicando, porém que tenha sido de grande relevância.

A execução de vários trabalhos que os povos tradicionais realizam com exímia a fim de assegurar o seu sustento revela muitas habilidades, provenientes de suas necessidades de sobrevivência no interior dos rios e floresta, comportamento que demonstra, como enfatiza Lima (2001), uma atitude incansável na execução de suas tarefas, remando em busca de alimentos, vencendo a fadiga e o sono, os quais geralmente são realizados quase sempre à noite.

A força revelada pelos trabalhadores na floresta pode ser notada na ação de grande parte dos piaçabeiros que se dedicam a cortar piaçaba todos os dias para se sustentar e pagar as suas

dívidas em dia, embora um dos patrões os tenha classificado de modo geral como preguiçosos declarando que eles trabalham quando querem. Sabemos, porém, que em qualquer tipo de trabalho existem pessoas com menos disposição que outras na realização de suas atividades.

Nestes termos, Batista (1976, p. 85) admite que vencer a natureza amazônica é uma lição de experiência duramente conquistada e que até agora não foi completamente alcançada. Este conhecimento da região é mérito do trabalhador que o adquiriu no processo de socialização como parte de sua cultura. "Vivemos num mundo que é ao mesmo tempo crescentemente um só e irredutivelmente múltiplo, vários e diversos em sua organização social e em sua vida cultural".

Pinto (1982) menciona que há, no interior amazônico uma produção agrícola do tipo simples, onde as relações sociais de produção dominantes são as de trabalho familiar.

A empresa capitalista agrícola não possui, como parece ocorrer em outros pontos da Amazônia, papel relevante na arregimentação da força de trabalho e na produção econômica. É possível afirmar que a pequena produção familiar nas várzeas do Médio Amazonas - como nas várzeas da região de um modo geral - se encarrega de quase toda a produção agrícola e extrativa (PINTO, 1982, p. 01).

Os povos tradicionais possuem técnicas muito simples na lida com o solo no sentido de poupá-los para que possam se regenerar. As roças no rio Negro fazem parte das tradições nativas locais constituindo uma atividade de subsistência para os povos dessa região com o cultivo de mandioca, abacaxi, cará, batata doce, melancia, jerimum, dentre outros produtos. Essa cultura se pauta em técnicas primitivas de uso da terra que se baseia em queimadas. Há família que trabalha com piaçaba, mas faz roça como forma de evitar a compra de farinha do patrão, diminuindo, assim, a sua despesa, pois a farinha é um dos produtos que não pode faltar na mesa dos povos do rio Negro. Mas só há possibilidade de fazer roça se o piaçabeiro trabalhar em família dividindo as tarefas.

De acordo com os argumentos de Santos (1980), a agricultura foi a principal alternativa ou complemento para a atividade primária das drogas do sertão na Amazônia. O principal produto exportável foi o cacau que teve grande saída, da mesma forma que o café no Sul, o açúcar no

Nordeste e a própria borracha na Amazônia, embora não haja prova de que a lavoura cacaueteira tenha superado a pura atividade extrativa de seu fruto. São muito fortes os indícios de que a tecnologia empregada no seu manejo tenha sido a sua limitação, pois sequer acompanhava as provocações do próprio mercado.

Na mesma discussão, o autor analisa que essa incapacidade produtiva de competir com os produtos do Nordeste pareciam indicar que o futuro econômico da Amazônia era mesmo o extrativismo, de maneira que houve períodos em que um ou outro produto ficava mais caro porque estava no auge, portanto era também mais explorado. Esse foi o caso da coleta da castanha, do látex da seringueira e da produção de manteiga de tartaruga para o comércio. Contudo não se rompeu o sistema de exploração tradicional e comercial que permaneceu atrelado ao sistema de aviação que será discutido no capítulo II.

O mesmo autor enfatiza que esse sistema está associado às atividades primárias (agricultura de subsistência e extrativismo) praticadas na zona rural onde não há comércio, e as distâncias são fatores que interferem na busca de alternativas para a aquisição de produtos de consumo. Comprar a crédito é a única forma de manter-se em lugares e áreas extensas e distantes na Amazônia.

Em razão da grandiosidade do território amazônico, os povos tradicionais da região tendem a depender dos rios para fazer toda a movimentação de que necessitam, como já vimos anteriormente, por causa da ausência de estradas onerando o trabalho e encarecendo a produção, de modo que qualquer tipo de atividade que se faça acaba se tornando mais caro em termos comerciais. Tocantins (2001) nos lembra que os rios são os caminhos e meios de vida do homem na Amazônia.

O território representa vida para os denominados povos tradicionais. Tradicional numa nova conceituação referenciada por Almeida (2006) não tem a ver com passado e sim com o

presente. Tanto faz alguém estar vivendo por dez anos ou por dois meses num local, este continuará sendo tradicional e tendo o direito sobre aquela terra. Portanto não importa o tempo e sim o direito sobre o território no qual o indivíduo subsista.

O ex-piaçabeiro Martins informou a respeito das terras do rio Negro.

Havia as propriedades demarcadas e cada patrão possuía a sua, pertencendo-lhe também os piaçabais existentes nelas. Apenas os fregueses do dono da propriedade podiam trabalhar na área. Acima da cachoeira havia a Cachoeira da Aliança onde trabalhávamos para o Luís Mourão, considerado um bom patrão. No início, quando as terras eram devolutas não havia propriedade, ele fazia a sua colocação onde achasse melhor, porque não havia proprietário. Hoje tem que trabalhar para determinada pessoa para poder usar o seu igarapé. Tinha freguês que fazia um contrato informal com o comerciante por três ou quatro meses. Tirava-se a mercadoria e ia embora voltando depois de três meses para entregar o produto. Se achasse bom ficava com o patrão, senão mudava, isso se as contas estivessem pagas. Mas tem piaçabal que não tem dono também (M. M. 80 anos, Entrevista / 2006).

No rio Negro não houve ocorrência de disputa acirrada por terra a ponto de alguém morrer por isso como ocorre em outros locais da Amazônia. Mineiro (representante da Funai em Barcelos) expôs que, em muitos locais, esses povos são obrigados a deixar a sua terra por sofrerem algum tipo de pressão, sendo o caso dos piaçabeiros nos rios Padauri, Aracá e Preto que perderam para os Yanomami propriedades de piaçabais que consideravam suas, em razão da demarcação das terras desta etnia.

Houve a demarcação das terras indígenas dos yanomami atingindo os referidos rios. Por esse motivo os piaçabeiros que se encontravam dentro deste território foram orientados a deixar o local a partir da Cachoeira do Aracá e um pouco acima da Cachoeira da Aliança no Padauri. Porém, há queixas por parte dos patrões quanto a esta questão, pois concebem que, por ocuparem por anos esses territórios, deveriam ter direitos sobre eles.

O mesmo entrevistado nos relatou que os Yanomami têm assegurado algumas de suas necessidades cortando piaçaba dentro destas terras que foram demarcadas para eles:

Os Yanomami dentro do Padauri quando sentem necessidade cortam piaçaba para comprar produtos de consumo. Para se movimentar melhor o Derley fez cerca de sessenta canoas. Eles produzem de vinte a setenta toneladas por ano e não têm patrão, portanto são livres e descem para a colocação quando querem, pois não se vende fiado e nem se

compra também. A piaçaba que tiram é vendida e com o dinheiro a gente compra o que querem. Numa certa ocasião foi apreendida uma grande quantidade de piaçaba dentro da área indígena, que deu para comprar uma boa quantidade de mercadoria (forno, espingarda, motor). Era comum comprarem espingardas para trocar com mulher, por isso tem grande valor entre eles.

Existe um padrão de compras a ser feito, o supérfluo é bem limitado. A munição é comprada em pequena quantidade por não se confiar. Os materiais de consumo evitados são: sal, açúcar, café, sabão, sabonete, óleo de cabelo. Com relação a produtos de higiene compramos apenas pasta e escova de dente que também é fornecido por uma ong (Secóia). O tabaco para brejeira tem que entrar na lista de compras, caso contrário não vão cortar piaçaba. Já tiveram problema de tuberculose por causa do fumo (brejeira) porque engolem. As compras são feitas em Manaus e os preços são menores que no sistema de aviamento. As outras mercadorias compradas são: calção, camisa, sunga de lycra, faca, terçado, sandália, bacia, lanterna, boné, rede, corte (pano), espelho, tigelas, escova, pasta, agulha e bombílio. O supérfluo só é comprado pelos mais jovens, como relógio, rádio-gravador (J. Mineiro, Entrevista / 2006).

O mesmo entrevistado declarou que tem um intérprete que repassa o que os indígenas querem, bem como o chefe do posto no Padauri (Husivel Gama) que pesa o produto. O funcionário da Funai faz as compras e pede a nota fiscal, assim como contribui com barco e combustível, mas é muito oneroso por causa da burocracia.

O transporte do produto não é de graça porque eles não fazem, apenas tiram produto, sendo necessário se cobrar um juro de dois ou três reais para compensar o transporte, defeitos mecânicos nos motores rabetas quando necessário, pagar práticos. Assim se o tabaco de corda custar vinte e cinco reais eles pagarão vinte oito e fazem os pacotes que são amarrados com barbantes comprados porque também não querem tirar cipó por acomodação. Alguns tiram cipó e vendem entre eles. Toda essa arrumação interna é comunicada a Brasília. Não há patrão, é feito um leilão e quem pagar melhor compra. A distribuição das coisas é feita pelos chefes. Alguns distribuem de acordo com a hierarquia familiar por usarem o produto em família. No Alto Padauri se encontra índio primitivo.

A. Moraes um antigo patrão há 18 anos levou 12 famílias de baniwa e tucano que saíram de lá por não se enquadrarem nas regras estabelecidas para lá, que se pautam na proibição da cachaça, festas e outros costumes. Entre os yanomami só trabalham os homens mais jovens e quando querem. O resto fica na lavoura (J. Mineiro, Entrevista / 2006).

Há muitas críticas com relação ao tamanho dessas terras e às proibições que foram feitas após a demarcação, pois até os piaçabeiros indígenas de outras etnias não poderiam permanecer dentro da reserva yanomami. No rio Aracá a FUNAI mantém um posto de fiscalização onde começa a reserva ficando difícil transgredir a lei de proibição. O representante do referido órgão em Barcelos confere que a reserva do rio Padauri é bem mais difícil de fiscalizar, porque é uma área muito extensa e complicada. Além de não ter recurso financeiro falta o recurso humano.

Uma só pessoa não dá conta de tudo. Esse fato dá brecha para a extração ilegal de piaçabeiro não-indígenas e de outras etnias indígenas dentro da área. As queixas são

constantes quanto a esse fato, tanto que de vez em quando chega alguém denunciando e a gente vai deixando acontecer porque realmente não tem condições. Esse caso teve repercussão porque as pessoas que moravam e trabalhavam dentro da área tiveram que se retirar sem nenhum direito de indenização, com exceção de um senhor conhecido como caba que já morava em uma área próxima à Cachoeira do Aracá há muitos anos. Mas foi uma indenização irrisória (J. Mineiro, Entrevista / 2006).

São diversos graus de dificuldades que atingem o território amazônico dependendo do lugar e da distância, dos recursos existentes em cada local, e diríamos também do interesses em levar políticas públicas a esses lugares. No caso da área indígena, existem os pontos onde estão situados os postos de fiscalização equipados com radiofonias com as quais se comunicam duas vezes ao dia com o posto da cidade e com outros postos. No Aracá, há uma radiofonia e o telefone do Sivam, que está sempre com defeito, segundo a informação do entrevistado.

Dona Afonsa (ex-piaçabeira) e moradora da cidade de Barcelos tem opinião a respeito do assunto e destacou o seguinte:

Onde eu morava e trabalhava não havia água, luz, telefone e nem comunicação, é tanto que para saber das notícias era preciso se deslocar para os sítios que havia mais facilidade para receber alguma, através de conversas ou cartas que se recebia. Os patrões só vão lá de tempos em tempos, se acabasse o rancho tinha de esperar. A gente passava fome nas colocações quando os filhos eram pequenos, pois tem colocações que são fartas e outras famintas; não tinha nem documento porque não dava tempo de tirar, os piaçabeiro não tem tempo de sair para essas coisas se não se organizar, eu passava fome com os filhos ainda pequenos. No entanto a piaçaba ainda é o que se pode fazer, porque a seringa e sorva caiu. No Padauri não tem castanha a não ser na boca (Afonsa, Entrevista / 2006).

Durante as conversas com os entrevistados, soubemos de outros casos de pessoas que tiveram dificuldade em obter alimento por falta de tempo para ir atrás, por causa de temporais durante o inverno, porque as colocações eram ruins de caça e pesca, por causa de doenças que abatiam o piaçabeiro em algum momento e por causa das ausências do patrão.

Os que não encontraram outra alternativa de trabalho resolveram aventurar-se na cidade. Ocorre que, para muitos, as condições sociais em que vivem nestas geralmente são subumanas, pois as pessoas pobres saídas do interior acabam morando na periferia ou nas áreas de risco, e sem qualificação adequada são descartadas pelo mercado de trabalho. Um claro exemplo são os indígenas que moram em alguns bairros de Manaus, como é o caso dos Tikuna na cidade de Deus

e os Saterê-Mawé no bairro da Redenção. O trabalho precarizado é a forma encontrada para a manutenção da sobrevivência dos trabalhadores tradicionais e suas famílias. Vendem picolé, merenda, verduras, atuam como flanelinhas (vigias de carros) e outros serviços de baixa remuneração.

Pinheiro (2003) se reporta à vida de trabalhadores extrativistas que vão tentar a vida na cidade. Mostra a trajetória de vida dos estivadores do porto de Manaus, cuja maioria veio dos seringais no período de decadência da economia da borracha. Enfrentaram, na cidade, os baixos salários, a carestia, precariedade de moradias, a discriminação que os levava a se isolar em partes da cidade de Manaus numa época em que esta era padronizada nos modelos ocidentais europeus. Assim as parcelas pobres da população foram sendo afastadas para a periferia sem lhes serem assegurada as mínimas condições de direitos sociais.

Os trabalhos e trabalhadores do interior da Amazônia permanecem ignorados e pouco valorizados no âmbito da geração de lucros não atraindo grandes interesses, muitos se encontram completamente isolados do que se chama de civilização, longe do tão falado progresso que não chegou até eles. São homens, mulheres e crianças que tiveram poucas oportunidades na busca de melhorias de sua qualidade de vida. Nesse caso, só lhes restam a floresta, os rios e as suas crenças, nas quais buscam apoio nos momentos mais difíceis.

Souza e Santos (2006, p. 83) concluem que há um tratamento marginal da região em relação ao setor elétrico. "O quadro caótico vivenciado historicamente pelo setor elétrico e com perspectivas pouco animadoras, compromete a eficácia de políticas públicas na área de saúde, educação e geração de renda, condenando as populações amazônidas à exclusão". Apreende-se que a energia é um meio de direcionar as políticas públicas às áreas mais distantes como forma de incluir populações que historicamente estão longe das assistências. Podemos concordar que esta

discussão tem lógica, mas não devemos esquecer que as ações políticas convergem em direção a locais que tragam benefícios.

A moderna sociedade de classe tem negado historicamente o saber prático acumulado sobre a complexidade dos ecossistemas e formas de realizar trabalho sobre eles. Os preconceitos concebidos no processo histórico vêem as práticas tradicionais como improdutivas. Albornoz (2002) declara que, na acepção de Marx, o trabalho improdutivo é todo aquele que não gera mais-valia e que está ligado ao âmbito da sobrevivência. Dentro desta lógica, as atividades do homem amazônico ficam ocultas por não gerarem grandes lucros de acordo com os padrões do capital.

No momento atual, presencia-se em âmbito global mobilização em torno da defesa da natureza contra a devastação. No âmbito de Amazônia, encontra-se o índio, as quebradeiras de coco de babaçu, os seringueiros, os negro, os agricultores, os pescadores, dentre outros, que se fortalecem reunindo-se em associações visando defender e conservar os recursos naturais; é um ato político que estabelece novas formas de solidariedade. Suas lutas são objetivadas em movimentos sociais, e ao sentirem seus modos de existência ameaçados põem-se a buscar soluções.

Almeida (2005, p. 27) reconhece que estão se dando as lutas políticas desses povos pela melhoria da qualidade de vida, pela terra, pelos conhecimentos tradicionais que estão sendo usurpados e contra a destruição do meio ambiente, não como meros guardiões da floresta, mas como sujeitos participantes no processo de decisões que são tomados para direcionar as suas vidas. "São os seringueiros, com seus embates e outras formas de impedir o desmatamento, [...] os atingidos por barragens e os ribeirinhos que estão defendendo a preservação dos igarapés, rios e lagos, [...] os castanheiros defendendo os castanhais, dentre outras situações".

O piaçabeiro ainda não tem esse perfil organizativo na luta por direitos, de modo que não tem força de impor qualquer condição para a melhoria de sua qualidade de vida e trabalho. De

acordo com informações de dois entrevistados/fontes, já houve tentativa de fazer cooperativa, mas não surtiu efeito. Segundo eles, faltou união e credibilidade, enquanto outros dizem não ter tomado conhecimento do fato. Há os que buscam ajuda em outras associações para encontrar solução na justiça por alguma condição que lhes pareça injusta. Este fato deixa claro que estes trabalhadores não estão alheios a questão de direito, e, de qualquer maneira, não estão sós.

Veremos a seguir a descrição das diversas organizações em formas de associações e cooperativas existentes em Barcelos e que hoje constituem as bases de reivindicações dos membros provenientes dos diversos serviços prestados na cidade, muitas das quais têm ajudado os trabalhadores do interior que solicitam ajuda. Mesmo de forma restrita essas associações têm ganhado adesão dos associados que têm a percepção da importância da instituição de organizações formais coletivas.

1.2 - As formas de organização onde os piaçabeiros se inserem

Quando a Amazônia foi colonizada pelos europeus, as relações de trabalho eram do tipo familiar coletivizada, de forma que tudo era produzido em prol da comunidade¹, como forma de suprir as suas necessidades e se ajudarem mutuamente² nas dificuldades. Essa era a forma como se organizavam em seus locais de vivência, tendo o trabalho como principal modo de organização, porque era a partir dele que se reproduziam biológica e socialmente sobre o território onde se fixaram ao longo do processo histórico.

Atualmente, muitos estudos vêm sendo realizados com o objetivo de entender melhor a constituição do trabalho e da vida dos povos tradicionais da região amazônica. Lembrando que Almeida (2006) define povo tradicional como o que tem existência coletiva, podendo ser os seringueiros, os castanheiros, os ribeirinhos, as quebradeiras e também os piaçabeiros. Para tanto é necessário que saibamos quem são esses povos, para que entendamos os seus modos de vida e a maneira como se organizam.

Os piaçabeiros podem ser considerados como trabalhadores índios, caboclos e brancos que se apóiam num tipo de produção vegetal com mesmo objetivo que é a aquisição de renda. Aos poucos, os piaçabeiros despertam na busca de dias melhores observada na vontade de crescimento

¹ Geralmente as pessoas procuram morar nas proximidades de núcleos populacionais maiores, onde há escola, radiofonia, posto de saúde e igreja, na possibilidade de mútua ajuda em casos necessários. Existem comunidades que são pontos de convergência ou pontos de atração, por serem mais acessíveis a transporte e a outros recursos. Romão no rio Aracá, por exemplo, pode ser considerado um desses pontos, assim como Moura e Carvoeiro são no rio Negro por estarem a meio caminho de Manaus. Mas existem variados motivos para acontecer o contrário, mas não é mérito de nossa pesquisa discutirmos esse assunto.

² Lima (2001) considera que qualquer obra de produção ou destruição implica o ajuntamento ou a dispersão humana na Amazônia. Os homens se juntam em busca de auto-ajuda, de cooperação, de forma inconsciente e automática para lutar contra os perigos comuns. Os vínculos são de diversas naturezas, podendo ser até de medo. A selva apresenta muitos obstáculos que podem ser resolvidos pela solidariedade e união de forças. A dispersão demográfica fragiliza e dificulta a ação produtiva na floresta, portanto, a associação é o caminho viável para se viver melhor.

educacional para seus filhos e no apoio jurídico tendo, como suporte e ajuda uma nova ordem que têm nas associações a força que buscam em suas tímidas reivindicações. Não podemos, porém dizer que é um despertar de toda a classe, mas o que se vem fazendo cria eco para a geração de um novo processo na vida desse grupo de trabalhador.

Scherer, Coelho e Pereira (2003, p. 99) discorrem sobre o processo organizativo dos desses povos que chamam de ribeirinhos, isto é, os que vivem nas margens dos rios amazônicos trabalhando em atividades extrativistas, entre as quais podemos colocar também o piaçabeiro. Ressaltam que, de acordo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), pode-se perceber que a vida desse grupo social não está destituída de sentido. "O processo organizativo do ribeirinho vem sendo progressivamente auxiliado pelos trabalhos das pastorais e prelações, nele se dando voz ao silêncio de longos anos, de forma que as reivindicações pela melhoria das condições de vida e de trabalho afloram".

Em Barcelos, o primeiro processo de associativismo que se implantou foi estimulado pela Igreja Católica, segundo Péres (2003, p. 81), "para fins estritamente religiosos (organização e participação de eventos da agenda paroquial) ou para promover benefícios públicos (saúde, educação, sustentação econômica, política, lazer etc)". O sentido era a participação e solidariedade entre as comunidades nos diferentes eventos locais, e este incentivo pode ter sido um dos elementos cruciais que acabou sustentando a criação das organizações políticas existentes no rio Negro.

Em termos de rio Negro há as associações indígenas nas quais várias etnias se reúnem, levando esses povos a serem protagonistas na busca por melhoria de suas condições de vida através da busca de espaço na sociedade e de uma nova identidade, na luta contra a violação de seus direitos como índios e trabalhadores. Em Barcelos, foi criada a ASIBA - Associação

Indígena de Barcelos, criada em 05 de Novembro de 1999, com sede própria que conseguiram construir e equipar com a ajuda de ONGs internacionais, especialmente da Espanha.

Segundo a informação de C. Tariano, seu atual presidente, esta associação congrega indígena de diversas etnias sem número de associados definido, em razão do descontrole de número por causa da mobilidade dessas populações que nunca se encontram no mesmo lugar por muito tempo. É necessário que esteja sempre levantando dados de quantos ainda estão presentes. A última contagem feita reunia em torno de mais ou menos cinco mil associados, mas muitos deles não aparecem há anos.

Este presidente critica a falta de apoio de autoridade e diz que o trabalho que realiza é feito voluntariamente, o que tem tornado difícil a atuação das lideranças. Quando ocorrem eventos especiais, como neste ano em relação aos festejos do dia do índio, o apoio veio de instituições como ISA (Instituto Sócio-Ambiental), FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), das quais foram solicitadas ajuda para premiações e gasolina, pois geralmente estes indígenas moram em sítios e comunidades do interior carecendo de combustível para se deslocar até a cidade onde se encontra a sede da associação onde ocorre esse tipo de evento.

A associação já organizou sete assembleias em nível de município e outras mini-assembleias. Barcelos está dividida em mini-regiões, tais como rio Aracá, rio Quiuini, rio Padauri, rio Caurés e Cauburis. Possui um terreno na margem do igarapé do Salgado, comprado há pouco tempo, onde existe um projeto para agricultura com casa de farinha e comunitária, bem como o experimento de uma pequena criação de abelhas. Lá reside uma família tuiúca. De acordo com o presidente da associação tudo está no começo, mas a pretensão é levar em frente com outros projetos que possam trazer benefícios.

Andamos com os nossos próprios pés. Os que têm família como eu têm de trabalhar em roça para dar o sustento. Em minha casa se inverteu a ordem dos valores, pois o homem é

que deve sustentar a casa, e no momento presente quem está fazendo isso é a minha mulher com a venda de artesanato. Não se pode fazer cobrança dos associados, pois vivem muitas dificuldades também em razão do desemprego. A proposta é que cada associado contribua com dois reais por mês, mas não se pode contar com esse dinheiro porque não se pode exigir dos pobres e o que têm são os que menos contribuem. Eu fui agente de saúde pelo SUS, mas vi tanta discriminação em relação aos parentes (irmãos indígenas) que procuravam atendimento, sofrendo humilhações e tendo que esperar meses porque não havia sido encaminhado para tratamento. Eu sou índio e fiz denúncia para o Ministério da Saúde. Nós temos nossa organização e nossos direitos e lutamos para eles serem respeitados. Não quis mais ficar no emprego e virei agricultor. Aqui mesmo em Barcelos já recebi proposta de emprego, mas prefiro trabalhar em prol da associação (C. Tariano, 50 anos, Entrevista/ 2007).

Um morador de Barcelos que é funcionário público da justiça destacou que essa realidade é vivida por não-índigenas também, pessoas humildes que são mal atendidas e tratadas com indiferença por atendentes de enfermagem que, emocionalmente, não estão preparadas para lidar com as diferenças, que não têm tato para lidar com os que buscam ajuda à saúde e que por atos impensados são capazes de deixar o paciente em pior situação. Veja o que testemunhou uma certa ocasião no hospital da cidade de Barcelos:

Eu mesmo presenciei a atitude de uma atendente quando fui buscar remédio para minha mulher no hospital. Chegou uma senhora idosa bem humilde e encostou-se no balcão da sala de atendimento esperando ser atendida. A atendente que encontrava sentada olhando televisão não deu a mínima e permanecendo onde estava. Eu percebi que ela queria falar, mas parecia com medo. Então eu me dirigi à atendente e disse a ela: Olha esta senhora quer ser atendida. Ela olhou pra mim e de forma grosseira disse: Ela não tem boca não? E eu disse a ela que deveria buscar uma aula de relações humanas para aprender a receber as pessoas. Fico pensando quantas pessoas passam por essa situação. Acho que a pessoa fica é mais doente com esse tipo de tratamento (N. M. S. Entrevista / 2007).

Essa declaração dá conta de que os profissionais de saúde não estão preparados para dar um atendimento mais humanizado às pessoas já fragilizadas pelo estado de saúde no qual se encontram. Garnelo (2006, p. 143) aponta a "indefinição do perfil de qualificação a ser obtido dos profissionais que atuam nos DSEI³, determinada [...] pelos precários vínculos trabalhistas [...] cuja alta rotatividade tem tornado vãos os investimentos em capacitação." Sua crítica serve para explicar também o despreparo dessas pessoas que, tantas vezes, têm arranjado emprego por conchavo político.

³ Distrito Sanitário Especial Indígenas.

Uma das bandeiras de luta que a ASIBA travou foi no sentido de melhoria do atendimento à saúde dos indígenas. Depois de muitas lutas, foi implantado o Distrito Sanitário⁴ como um repasse de R\$ 73. 500,00 do Ministério da Saúde que é feito de fundo a fundo. Os recursos são para atender a vinte e cinco comunidades indígenas, mas acabam atendendo cinquenta e cinco, isto é, atendem também aos que pertencem à alçada da prefeitura. O presidente dessa associação C. Tariano enfatiza:

Estamos economizando para construir postos, sacrificando os nossos parentes. Se for para contratar dois médicos contratamos apenas um. Em Tapera a prefeitura queria construir pólo básico mais avançado. Mas é difícil porque falta recurso, e na hora da prestação de contas cada órgão responsável diz uma coisa. A FUNASA diz uma coisa, a SEMSA e a Câmara outra e aí fica difícil trabalhar (C. T, Entrevista / 2007).

Com base nas leituras de Garnelo (2006), fica claro que há uma série de dificuldades que se interpõem na questão da saúde e geram situações conflituosas, entre as quais estão a burocracia excessiva para resolver os problemas de aprovação dos planos anuais de trabalho, as estratégias de gestão que oscilam entre um acentuado grau de informalidade e improvisação no acompanhamento do trabalho distrital e exagerada centralização de poder no Desai⁵ em Brasília.

A verdade é que a saúde no interior sempre esteve em segundo plano nas políticas governamentais. De acordo com Scherer et al (2003), no estado do Amazonas, nem todos os municípios possuem unidades fixas de atendimento do INSS que ofereçam um atendimento eficiente, algo raro no interior amazônico em virtude da precária rede hospitalar e falta constante de médicos.

Outra pauta da associação é a luta pela demarcação de terras para outras etnias que não sejam yanomami que já têm suas terras demarcadas. Segundo o presidente da ASIBA, já foram identificadas as áreas sugeridas para a demarcação com a participação de equipes de profissionais,

⁴ Nas notas de rodapé Garnelo (2003, p. 159) cita o conceito de Mendes (1994) que diz o seguinte: os distritos sanitários são estratégias técnico-política de organização de atenção à saúde que atendem espaços territoriais e populações específicas, comportando um conjunto de atividades que visam prover atenção qualificada à saúde, organizada em consonância com as necessidades sanitárias da população ali atendida.

⁵ Departamento de Saúde Indígena.

e no momento só aguardam o relatório dessa identificação. É uma luta que vem sendo travada não só pelos indígenas, mas também por todos os que não foram contemplados com um pedaço de terra onde possam viver, como vem sendo noticiado pela mídia a problemática das invasões promovidas pelos sem-terra do sul do Brasil.

Almeida (2005, p. 15) declara, que, "O que está em jogo em estratégias empresariais desta ordem é a propriedade da terra visando o controle efetivo de toda a evolução das espécies vegetais e o controle do conhecimento absoluto da flora". Esses empresários utilizam estratégias como a que envolve uma rede de intermediários que negociam diretamente com índios, quilombolas e extrativistas; outra que detém também a propriedade dos meios de produção, somada a uma terceira que focaliza a concentração da propriedade intelectual.

Tais empreendimentos têm dificultado a vida dos povos que vivem nas áreas afetadas, e também vêm reivindicando o direito de participar nas decisões que afetem as suas vidas. O mesmo autor em *A Guerra Ecológica nos Babaçuais (2005)* cita o caso das quebradeiras de coco de babaçu que são impedidas de entrar nas áreas dos babaçuais para colher os cocos do qual tiram o sustento de sua família. No entanto elas se mobilizam através de organizações sociais para impedir a desestruturação de seu modo de vida, trabalho e meio ambiente.

Em Barcelos, as associações como a ASIBA, mesmo com a fragilidade que apresenta, tem procurado solucionar problemas relativos a injustiças no trabalho cometidas contra alguns de seus associados, especialmente piaçabeiros. A associação os tem encorajado e ajudado nas questões que antes pareciam sem solução. Vejamos esta informação sobre uma questão resolvida através desta instituição.

Recentemente entre ano 2002 e 2004, houve um caso em que o patrão do rio Aracá que vendeu um motor rabeta ao freguês que não conseguiu liquidar a dívida. Por isso ao chegar na cidade de Barcelos o dito patrão tomou o motor do freguês. O fato é que fazia seis anos que o freguês pagava e não conseguia saldar o objeto, que já estava custando para o freguês cerca de 16 mil reais. A ASIBA (Associação Indígena do Rio Negro) analisou investigou e reuniu provas contra o patrão e foi lá negociar. No final determinou que o patrão pagasse os 16 mil como saldo ao freguês, ou então levaria na justiça. O que

era cobrado do freguês como dívida virou saldo. Na realidade quem devia pagar essa dívida era o patrão ao freguês e não o contrário. (C. Tariano, Entrevistado / 2005).

Em uma outra viagem realizada ao rio Aracá, em visita a comunidades, o mesmo líder tariano ficou surpreendido com a situação de um piaçabeiro. Este se encontrava atrelado a seu patrão a ponto de não querer saber se está ou não sendo explorado. Acostumou-se à sua própria condição de vida e não encontra forças para mudar, preferindo continuar atolado em dívidas, conforme o seu relato:

Em nome da associação fiz uma visita no rio Aracá na comunidade de Romão, no período fora da época de safra, quando todos os moradores estavam na comunidade. Um dos moradores mostrou um saco de rancho não muito grande e nem cheio, que o patrão havia deixado no valor de um mil reais com o qual se alimentariam por determinado tempo. O presidente da associação (indígena do grupo tariano) que conversava com tais moradores naquele momento, sugeriu que a terra era extensa e boa para plantar, porque então não fariam a terra produzir ao invés de fica dependendo de rancho. Em resposta que obtive foi a seguinte: Amigo sem patrão não tem comida, café, fumo e nada (C. Tariano, Entrevistado / 2005).

A prática do abuso nas negociações é discutida por Santos (2003) como uma situação causada pelo extremo isolamento das unidades de produção, levando o patrão a tirar vantagens que vão desde a fixação dos preços dos produtos e mercadorias, as fraudes no peso do produto, quebrando a expectativa de lucro do freguês.

O responsável da associação disse ter ficado sem palavras com aquela atitude e chegou a conclusão de que o referido senhor provavelmente já cresceu vendo o patrão fornecer tudo, não encontrando outra alternativa. Encontra-se completamente dependente do que o patrão oferta, sem iniciativa de buscar novas formas de trabalho para suprir as necessidades de sua família.

Essa associação hoje trabalha no sentido de mudar essa mentalidade, conscientizando os seus associados no sentido de acabar com a miséria, trabalhando outras alternativas de sustento. Mesmo obtendo sucesso em certos casos, muito há o que fazer para que o trabalhador do interior tenha acesso aos direitos instituídos para toda a classe. Para tanto, seria indispensável que,

Todas as políticas públicas deveriam ser definidas a partir de prioridades dadas aos eixos de desenvolvimento centrados na valorização econômica [...]. Daí se desdobram outros objetivos, como o desenvolvimento sustentado, a geração de emprego e renda, o combate

à marginalização e à pobreza, a consolidação da democracia e defesa dos direitos humanos e, por fim, as preocupações explícitas de redução das desigualdades inter-regionais" Scherer et al (2003, p.94).

Esses trabalhadores em suas queixas expressam o certo descaso do poder público em relação ao ofício da piaçaba e defendem que por ser um produto nativo de exploração antiga que ocupa muita gente, deveria receber mais incentivos. Um de nossos entrevistados (Erivelto) que atua como patrão de piaçaba há muitos anos manifestou que gostaria de ter a oportunidade de beneficiar o produto na própria cidade de Barcelos, mas seria necessário que os piaçabeiros se organizassem em cooperativa para terem força na tomada de decisão. Relativo a este problema informa:

nós não temos condição nem de determinar o preço do produto, pois quem faz isso é o comprador, seja no piaçabal ou aqui mesmo na cidade. Isso é prova da desorganização dos piaçabeiros, porque se tivessem cooperativa quem mandaria era eles, e digo mais muitos empregos iam ser perdidos se paralisasse a produção, porque muita gente daqui e de fora do município depende desse produto e do trabalho que ele gera. Já houve tentativa de fazer uma cooperativa de piaçabeiros, mas não deu certo porque não temos estrutura para isso. Por outro lado, os próprios piaçabeiros não se interessaram pelo assunto achando que beneficiaria apenas os patrões, já que a idéia não partiu de freguês (A. E., Entrevista / 2005).

A cooperativa daria força para que os piaçabeiros decidissem em primeiro lugar a que preço vender o produto e a quem vender, bem como possibilitar a oportunidade de beneficiar a vassoura internamente. Isso tornaria Barcelos não só referência de exploração do produto, mas também da confecção da vassoura e da comercialização. Como qualquer outro produto extrativo comercializável, os preços são irrisórios na fase primária de produção, e mais rendosos aos fabricantes e aos comerciantes do produto final.

A. Souza informou que existe família que trabalha na confecção de vassouras com piaçaba e cipó de forma artesanal, mas em pequena quantidade, sendo mais para o seu próprio uso do que para venda. Na ASIBA, existe um grupo de mulheres que mantém uma pequena venda de produtos artesanais confeccionados por elas com diversos tipos de matéria-prima, podendo-se

destacar piaçaba com a qual fazem bolsas, vassouras, espanadores e brincos, base de painéis, dentre outros objetos.

Recentemente, em 01-05-2006 foi fundada uma cooperativa: "Cooperativa Mista Agro Extrativista dos Povos Tradicionais do Médio Rio Negro - COMAGEPT, tendo com primeiro presidente Manuel Alberto Caldeira Chaul. Esta cooperativa tem fins lucrativos e já se encontra legalizada e com estatuto próprio, ata de criação e CPNJ. Só falta o talão de nota fiscal que já está sendo providenciando. Estão com 37 associados e cada um contribui com 30 reais mensais. No momento a cooperativa funciona em sede provisória, enquanto aguarda a liberação de um terreno que foi doado pela prefeitura para a implantação da sede e de outros projetos que completam a infra-estrutura inicial para a realização dos objetivos previstos pela cooperativa que são os seguintes:

- Implantação de atividades agrícolas, pecuária, silvicultura, exploração e conservação florestal, horticultura e produtos de viveiros, produção de lavouras permanentes, pesca e criação de peixes ornamentais, serviços relacionados a indústria e comércio e na intermediação de compra e venda de produtos e o aperfeiçoamento profissional de seus associados conforme as suas aptidões e interesses. Todas essas questões estão relacionadas a geração de emprego e renda para os seus associados. Enfim, a finalidade é promover a rentabilidade e a lucratividade.

Segundo o presidente e membro desta cooperativa, os piaçabeiros também podem se associar, pois irão ser beneficiados, posto que um dos objetivos se baseia na exploração florestal, e o que a cooperativa quer é organizar, estruturar e fortalecer essa modalidade de trabalho em Barcelos para que o trabalhador possa criar a sua própria sustentabilidade. Os projetos prontos e os que estão sendo feitos têm, na elaboração, a assessoria de técnicos e engenheiros. Também será

realizado o estudo de impacto ambiental. A intenção é fazer tudo de forma legal e sem prejuízo à sociedade.

Como se vê os piaçabeiros como associados terão a oportunidade de interferir na produção e possivelmente melhorar os preços de seus produtos e num futuro próximo e quem sabe criar a sua própria organização. A sua produção poderá ter preço fixo para cortar os atravessadores do caminho, por isso temos que incentivar para que se faça um manejo melhor da produção em razão da própria condição climática a qual está submetida. Por isso temos que levar em frente esta cooperativa (J. M., Entrevista/2007).

Outra associação fundada em 18/03/2003 é a dos agricultores e criadores de Barcelos já registrada em cartório e com estatuto próprio. Seu presidente atual é o Sr. N. Brandão dos Santos. São 240 associados e cada um deve contribuir com R\$ 10,00 mensais para manter a organização, mas nem todos o fazem e isso dificulta na hora de terem seus direitos garantidos. Segundo o presidente a maioria das pessoas ainda não acordou para a importância que tem uma associação para o trabalhador, pois confundem trabalho com politicagem e sempre estão desconfiados de que se está beneficiando alguém da política. Por medo, deixam de participar em função do cargo que exercem e ficam esperando que a prefeitura faça.

Esperamos que agora tomem consciência de que precisam ajudar a associação e ao mesmo tempo se ajudar, a inadimplência é muito grande. Através do PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar) podemos receber o financiamento, mas é preciso que o presidente viaje para isso, portanto é necessário contribuir para se ter um fundo para poder buscar financiamento. Aqui nós podemos plantar mandioca, macaxeira, banana e abacaxi. Mas sentimos falta do apoio da prefeitura e do IDAM que deveria nos dá apoio técnico. A gente luta como pode e temos que nos dá valor, não podemos esperar que os outros façam pela gente. As pessoas são pessimistas, sem esperança e sem interesse. Encontramos ONGs que tem interesse em ajudar na pecuária e na agricultura. O problema de Barcelos é que nunca paga o que empresta e isso acaba interferindo nas questões. Posso assegurar que tem muito piaçabeiro e pescador de peixe ornamental que também fazem parte dessa associação e podem ser beneficiados como agricultores (N. B. dos Santos, Entrevistado/2007).

Este presidente expressou que hoje há possibilidade de criar renda com a agricultura em Barcelos, especialmente com mandioca, pois o consumo de farinha cresceu nos últimos anos. Conhece pessoas que vivem da venda de farinha. O que está faltando é incentivo e material para implantar casas de forno, transporte e terra para plantar. Quem tem terra própria planta nela e quem não tem busca em locais cada vez mais distantes da cidade, o que dificulta o transporte.

Na visão deste presidente, faltam incentivo e coragem para deixar a individualidade de lado para lutar juntos, pois só assim terão os seus direitos garantidos, isto é, a emergência das associações faz com que o trabalhador tenha um novo olhar de sua própria condição e o faça lutar por melhoria na sua qualidade de vida.

Pinheiro (2003) fala das categorias dos estivadores do porto de Manaus e suas lutas contra a exploração e por conquista de direitos, mas o seu discurso serve para falar de todas as outras. Segundo ela, os trabalhadores não têm o mesmo processo de amadurecimento e conscientização, existindo dentro de uma mesma categoria tensões internas, pois as "falas" não são homogêneas e nem refletem integralmente o mesmo pensamento e os mesmos interesses, podendo levar o movimento ao sucesso ou ao fracasso.

No governo mais recente, foram criados diversos benefícios, referidos em Scherer et al (2003, p. 102) como "políticas sociais compensatórias" visando à melhoria na qualidade de vida dos mais pobres, dentre as quais a bolsa-escola, seguro-desemprego, aposentadoria e pensões, facilidade na compra da casa própria. Ocorre que, para ter acesso a serviços, é exigida uma série de documentos, dificultando a entrada dos trabalhadores tradicionais⁶, entre os quais os piaçabeiros que moram em seus locais de trabalho. "Já se sabe que, para reduzir as desigualdades sociais e, por conseguinte, ampliar as possibilidades de cidadania, não bastam somente políticas sociais compensatórias, caso estas não sejam acompanhadas de políticas distributivistas".

Está em andamento a Associação dos Trabalhadores Rurais da Estrada do Elói, que já tem ata e fundação e estatuto, bem como foi criada também a cooperativa de panificadores e produtores de pão e seus derivados, já legalizada e com o presidente (M. N. da S.) escolhido por eleição. Tem como objetivo comercializar pães, biscoitos e seus derivados e facilitar a compra de trigo e outros materiais. O associado entra com R\$ 300,00 e não tem mensalidade. A cooperativa

⁶ Quando falamos destes nos referimos a todos os que moram nos beiradões e trabalham em atividades extrativistas e agricultura de subsistência, que moram distanciados da cidade e têm seus direitos fragilizados pelas distâncias, locais onde há dificuldade no acesso às políticas públicas.

tem cerca de 20 associados e cada um deve contribuir com 10% do faturamento que tiver com a venda. Todos têm de prestar contas com a Receita, com o contador e trabalhar com nota fiscal e nota de serviço. Foi fundada em 2000 e somente 2006 passou a funcionar.

Entramos em contato com o presidente da Colônia de pescadores uma das mais bem organizadas no município com sede própria e uma boa infra-estrutura. É designada como Colônia de Pescadores Z-33, filiada à Confederação Nacional e à Federação de Pescadores do Estado do Amazonas e Roraima. Esta associação tem parcerias apenas para o desenvolvimento de projeto, mas se auto-sustenta com a mensalidade dos pescadores. São 704 associados e cada um contribui com R\$ 15,00 reais por mês, o que é muito difícil manter em dia, a não ser quando recebem os benefícios que se constitui por quatro parcelas do salário mínimo. Dizem que precisam de um defeso⁷ diferenciado.

Desde de 2005 estamos lutando para termos um defeso diferenciado, pois até o momento temos de seguir o que é projetado para o rio Amazonas. Ocorre que no rio Negro a época de piracema é diferente, pois quando acaba o defeso no rio Amazonas é que começa a piracema no rio Negro e se libera a pesca. Essa realidade é diferenciada e devia ser vista porque a pesca fica liberada numa hora errada e o pescador menos consciente vai e pesca com rede os cardumes que estão subindo sem nenhuma proibição e isto está acabando o peixe. Vem gelador de Manaus e comete toda forma de ilegalidade jogando bomba, utilizando redes proibidas (arrastão) (R. L. de S., Entrevista / 2007)

Esta associação é uma das únicas em Barcelos que é contemplada com o seguro-desemprego⁸. De acordo com Scherer et al (2003), o seguro desemprego auxilia os pescadores artesanais na época do defeso, que é acompanhado pelo defeso projetado para o rio Amazonas. O presidente desta associação defende que este seguro deveria respeitar a realidade do rio Negro que tem o defeso (piracema) em outro período, pois quando termina a do rio Amazonas é liberada a pesca não só lá, mas também no rio Negro, momento em que se dá a piracema. Este fato atrai os

⁷ Época de reprodução do peixe, chamado também de piracema.

⁸ Em 2001, a Secretaria de Estado do Trabalho e Assistência Social (Setrabs), criou o Projeto Cidadania do Pescador Artesanal, assegurado pela Portaria nº 8287/1991 do Ministério do Trabalho (MT), com Recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), estendendo o Benefício do Seguro-Desemprego aos pescadores artesanais que exercem a atividade da pesca de forma individual ou em regime familiar e sem intermédio de terceiros Scherer et al (2003, p. 103).

pescadores de fora de Barcelos, causando a escassez de espécies de peixes da região. "Os pescadores de Barcelos são os únicos que não saem para pescar em outros locais a não ser no próprio município" (R. Leopoldino, Entrevista / 2007).

Vejamos a denúncia de um pescador que atualmente trabalha no turismo foi entrevistado em 11 de abril de 2007 e relatou o seguinte:

Ontem quando eu descia o rio Negro, na altura da comunidade de Ponta da Terra subiam três geladores levando arrastões em cima da tolda do barco. Ainda sábado agora mesmo, o motor-recreio Almirante Azevedo desceu para Manaus com 200 bichos de casco no meio da piaçaba. As autoridades têm de se sensibilizar e fazer alguma coisa, fazer parceria com quem pode ajudar, porque dessa forma vai acabar peixe bicho de casco. Eu mesmo uma época de minha vida fui zagaiador⁹ para os geladores e hoje me arrependo de ter feito isso. Eu dava duas viagens à noite e chegava com duas canoadas de peixes. Por outro lado as autoridades são devagar e há trambique também. O gelador que é pego não é obrigado a voltar, é apenas advertido e isso não surte efeito. O rio Arirahá é reserva e eles entram lá pegam irapuça e peixe de arrastão (F. de M. Viana, Entrevista / 2007).

Almeida (2005, p. 21) declara: "A questão ambiental não pode mais ser tratada como uma questão sem sujeito". Entende-se ser imperioso que os próprios sujeitos atingidos pelos problemas estejam envolvidos na defesa e preservação de seu ambiente natural. Para tanto é indispensável o apoio das autoridades e o preparo das pessoas como parte de todo o processo. As denúncias se diluem no ar se não existe reação.

Para este pescador, são muitas questões que deixam de ser resolvidas, porém está patente o descaso e falta de preparo de quem deveria fiscalizar e ajudar a impedir esses casos. Almeida (2005, p. 27) diz que "Uma linha auxiliar que contribui para a consolidação destas unidades de mobilização política concerne a entidades ambientalistas que exercem ações de denúncia contra os desmatamentos e usurpação dos conhecimentos tradicionais [...]".

A colônia de pescadores tem feito o que pode, inclusive dias 23 e 24 de Abril com a ajuda de instituições serão aplicadas oficinas e visitas a comunidades pólos para verificar a parte social dos pescadores e a questão das políticas públicas. Sabe-se que a base da economia em algumas

⁹ Nome atribuído ao pescador que pesca com zagaia. Zagaiar é também fashiar.

comunidades é a pesca e a piaçaba, como é o caso de Santa Rita no rio Ereré, por exemplo. Porém é preciso identificar a quantidade de peixe que sai, quanto de impostos são pagos.

Desde o ano de 2000, a presidência está com R. Leopoldino. Este teve de deixar o emprego na Jauary (fábrica de palmito) para poder se dedicar ao trabalho na associação. Não tem ajuda financeira e sua renda vem de um carrinho de lanche, o qual desloca para os locais de movimento quando há festa, e recebe diária quando sai do município, mas que só chega a ele quando a colônia arrecada, e às vezes nem recebe. Contudo essa associação foi uma das que mais cresceu e se constituiu como referência para o pescador buscar o apoio de que necessita.

Outra associação fundada e legalizada em Barcelos é a dos taxistas fluviais de Barcelos, com treze anos de funcionamento. Está legalizada e tem estatuto. No momento, o presidente se encontra afastado e quem assume é o vice L. M. da S. Abrange o transporte fluvial para o qual as pessoas são treinadas para realizar passeio turístico e pescaria. Receberam instrução da Capitania dos Portos, Marinha e SEBRAE.

Maia declara que são 52 associados e cada um contribui com cinco reais, porém nem todos participam diretamente e estão inadimplentes. A associação procura estar sempre em dia com o pagamento de impostos e alvará, assim como faz investimentos na temporada de praias (de setembro a fevereiro). Como os associados não possuem local adequado para guardar as canoas, pagam um segurança para vigiá-las e até comprar combustível. Maia fala dos pontos positivos e negativos da associação:

Existem pontos positivos e negativos. Os positivos se relacionam à geração de trabalho durante a temporada ocupando muita gente que complementa a renda familiar ou mesmo se torna para algumas pessoas único trabalho, já que 40% de pessoas sobrevivem dessa atividade temporária. Chegam a fazer mensalmente até R\$ 800,00. O ponto negativo se relaciona a muitos condutores (bandeirinhas) ingerirem bebida alcoólica colocando em risco a vida das pessoas e estragando a fama dos outros que se mantêm sóbrios. Muitos já foram banidos ou punidos da associação por causa desse fato. Existem também os penhas que fazem concorrência desleal. Todo ano se repassa as normas, nº de passageiros, normas de segurança e limpeza dentro das canoas, mas ainda há muita resistência. Por ocasião do festival chegamos a receber ajuda de combustível da prefeitura e vales-passagem dado a passageiros (Luís Maia da Silva, Entrevista / 2007).

Em época de temporada, muita gente se desloca do interior para trabalhar nessa atividade, inclusive piaçabeiros e aqui na cidade até funcionário público se mobiliza. Existe gente que freta motor de popa para realizar o trabalho. "Penso que, apesar de todas as dificuldades, é muito interessante o trabalho que se tem realizado". Portanto tem sido de grande importância a criação dessa associação para dar segurança e ter respeito e aceitabilidade da sociedade que, segundo Maia, tem dado inteiro reconhecimento ao trabalho que realizam.

Com relação ao transporte, existe outra associação que é a dos moto-taxistas, criada em 25/04/2004 com estatuto próprio, mas ainda sem CPNJ cuja solicitação já foi feita. São 40 associados que devem contribuir com R\$ 10,00 por mês, porém 30% estão inadimplentes. A sede funciona na casa de um dos associados, mas já está sendo providenciado o local para a construção de sede própria. O preço cobrado ao passageiro é fixado em R\$ 2,00 e pode-se chamá-los por telefone.

Seu presidente tem a opinião de que melhorou e facilitou esse tipo de transporte por ser mais barato que o taxi. Há temporada em que aumenta a demanda e os moto-taxistas conseguem ganhar mais. Para pessoas que não têm renda tem sido de grande ajuda. Uma das regras que mais prezam é a segurança do passageiro e do condutor, por isso recomendam que não ingiram bebida alcoólica para dirigir e utilizem o capacete. Os pontos negativos estão relacionados à inadimplência por parte dos associados e também quando não estão no ponto para prestar o serviço.

O poder público ajuda pouco. O governador Eduardo Braga fez doação de colete e capacete nº 38, mas são pequenos. Os que não deram foram levados por um representante do DETRAM para trocar e ficaram de ser devolvidos. Como não existe outro tipo de ajuda vão se mantendo como podem.

De acordo com as informações, existem outras intenções para a criação de associações, inclusive de moradores. Todos os presidentes contatados foram unânimes quanto as dificuldades de se manter associações em Barcelos e fazer entender o quanto elas são importantes para a vida do trabalhador em suas lutas por garantias de direitos. Um deles declarou que é preciso que se esteja sempre dando injeção de ânimo nos associados, e o presidente acaba assumindo todas as responsabilidades que cada associado deveria cumprir.

Considerando a atuação dos grupos sociais que se organizam em instituições de resistência Oliveira e Scherer (2006, p. 9) analisam que,

a presença dos movimentos sociais nas suas práticas de resistências e de inconformismo, as novas relações sociais de produção, no mundo do trabalho, de práticas sociais e culturais, do mundo vivido, que por serem construídas a partir das vivências de diferentes segmentos regionais, podem tornar-se efetivamente sustentáveis.

São várias associações e categorias de trabalho envolvidas nas discussões que estamos fazendo. Sem dúvida, a criação de diversas associações em Barcelos é considerada um avanço quando se compara a ausência de associações e cooperativas há alguns anos. O despertar de alguns setores sociais da cidade abrange também o interior, que mesmo não se constituindo em associações específicas recorrem àquelas que estão dispostas lhes dar apoio, como forma de diminuir a distância entre dominantes e dominados.

1.3 - Barcelos e suas potencialidades para a geração de renda

Atualmente vivemos uma maior necessidade da produção de alimentos e de consumo energético uma vez que a população mundial aumentou e houve o crescimento da tecnologia. Esse quadro vem conduzindo à criação de novos planos, os quais inserem os povos da Amazônia em um novo desafio que se concretiza no aproveitamento sustentável de diversos produtos já utilizados na aquisição de sua própria subsistência há séculos e que agora podem ser utilizados na geração de renda. Sustentabilidade é o novo modelo de desenvolvimento econômico colocado ao Estado e à sociedade de modo geral.

Guimarães (2001, p.55) assinala que o termo sustentabilidade possui diversas concepções, mas a definição que se adotou internacionalmente foi definida pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente de Desenvolvimento no Relatório de Brundtland (1987). "O desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades". Para tanto Merico (2001, p. 254) defende que tal sustentabilidade,

Por motivo de justiça, as gerações futuras devem receber uma herança pelo menos igual, ou superior, à herança que nossas gerações receberam. Dado que o ciclo hidrológico, a regulação climática, a capacidade produtiva dos solos, a biodiversidade e outros fatores são fundamentais para a estabilidade social e produtiva, as políticas públicas devem garantir a estabilidade desses ativos ambientais através dos tempos.

Os povos tradicionais que subsistem dos recursos da natureza na região não podem ser responsabilizados pelo quadro de degradação de algumas áreas. Os produtos retirados por eles não impactaram o ambiente natural, já que sempre exploraram esses recursos em seu favor, isto é, para suprir as suas necessidades. Faleiros (2001) observa que a atividade dos produtores familiares rurais é mais compatível com a regeneração e a conservação dos recursos naturais do

que os segmentos de grande porte que exploram os recursos com práticas intensivas. A agricultura familiar usa, como alternativas, técnicas orgânicas e o fogo, e exclui o uso de agrotóxicos, bem diferente do que é feito em outras partes do Brasil.

Péres (2003, p. 263) assinala que os índios do rio Negro, por exemplo, praticam o cultivo rotativo conservando e renovando a capacidade produtiva dos solos. "Trabalham dois anos consecutivos no máximo na roça e depois deixam crescer vegetação por uns cinco anos e então derrubam novamente, todavia nem sempre esperam todo esse tempo para roçar outra vez". Utilizam as capoeiras para fazer roças porque é fácil derrubar a vegetação com machado, por outro lado resolve o problema causado pela falta de solos férteis em terra-firme. Informações obtidas e observadas dão conta de que essa prática continua sendo implementada em Barcelos.

De acordo com Faleiros (2001), ainda existe condição de reversibilidade dos estoques de recursos, desde que sejam implementadas políticas de desenvolvimento compatíveis com a realidade econômica da região. A introdução de modelos de desenvolvimento econômico na Amazônia trazidos de outras realidades bem diferentes provocou intensos impactos ambientais, visto no desmatamento, no empobrecimento do solo, na depredação dos recursos e na concentração de renda. Leff (2000) avalia que um desenvolvimento autodeterminado e sustentado não é possível, adotando-se tecnologias e modelos de desenvolvimento de modernidade e progresso dos países centrais.

Sabe-se que toda forma de manipulação dos recursos naturais gera impactos fortes ou fracos na floresta, questão ligada aos interesses e objetivos de quem lida com a exploração e a produção. Almeida (2005, p. 7) considera a sustentabilidade como processo que supõe a capacidade de regeneração do meio ambiente. Nestes termos, este autor percebe a contradição entre os termos "desenvolvimento" e "sustentável". "O 'sustentável' indica um processo onde a

poluição não seja maior que a capacidade de regenerar o solo. 'Desenvolvimento' é uma palavra ligada ao conceito de crescimento econômico que supera a capacidade do ecossistema".

Reportando-nos aos piaçabeiros que exploram a fibra de piaçaba e que não recebem nenhum tipo de ajuda, contando apenas com as técnicas de manejo de sempre, frutos da experiência coletiva que praticamente não se inovaram, com isso conseguem dar o tempo necessário para a planta se recuperar para então explorar novamente. Nesse caso, eles mesmos se ajudam, porque esse tempo pode ser compensado pela exploração de outros piaçabais, mesmo os mais distantes. De acordo com as informações obtidas com os entrevistados, os piaçabais existentes até o momento presente são naturais, e não existe notícia de que já se tenha feito o plantio da espécie no município de Barcelos

O Estado precisa ser acionado para adequar o crescimento econômico ao equilíbrio ambiental, não introduzindo os mesmos modelos de desenvolvimento sem uma leitura completa e prévia da realidade. A política de integração nacional pautada na construção de rodovias colocou em risco o próprio bioma, em face do desmatamento exercido na abertura de estradas e projetos de colonização. Estes projetos de colonização determinaram o fluxo de migrantes da região sul, as quais se detiveram na implementação de pastos e agricultura com modelos diferentes daqueles que eram feitos tradicionalmente na região, sem conhecimentos dos impactos que poderiam provocar (ALBERTIM, 2000).

A destruição das minas de manganês no Amapá, o desaparecimento da Serra Pelada no Pará face à extração de ouro, o desmatamento da mata amazônica para a construção de estradas, o lixo depositado em trechos do rio Cauburis durante o garimpo nos anos noventa em Santa Isabel do rio Negro, podendo ser visto no período de seca, segundo informação de morador da área, são exemplos de degradação. O próprio Estado facilitou esse processo na medida em que deixou de investir em políticas de manejo condizentes com a realidade amazônica como já se discutiu.

O agronegócio é outra modalidade de cultura que tem promovido o desmatamento e conseqüentemente a devastação dos recursos naturais. Almeida (2005, p 27-44) em *Guerra Ecológica nos babaçuais* informa,

A elevação geral do preço das commodities (carne in natura, soja, papel e celulose, ferro gusa, ferro e madeiras), notadamente em 2003 e 2004, tem levado a expansão simultânea de grandes empreendimentos voltados para: pecuária, sojicultura, plantio de dendê, plantio de eucalipto, exploração de madeira, provocando uma devastação generalizada na Amazônia Legal e na zona tocantina.

As áreas onde esses empreendimentos se expandem e se tornaram zonas de conflitos por causa da propriedade da terra, levando à expulsão e retirada de povos tradicionais de seus locais de trabalho e moradia.

De acordo este autor, os povos tradicionais do Maranhão e estados vizinhos vêm enfrentando uma série de pressões sobre seus recursos de subsistência, sobretudo aqueles que sobrevivem da extração de amêndoas do coco de babaçu, ameaçando a reprodução física e social especialmente das trabalhadoras agroextrativistas formalmente conhecidas como quebradeiras de coco de babaçu. São pressões que se concretizam na destruição completa dos cocais, na derrubada indiscriminada de palmeiras, nas queimadas e envenenamento no "olho das pindovas", entre outras questões. Processo em que se aprofunda a degradação ambiental e a desagregação de vários grupos que se mobilizam para impedir a destruição do meio ambiente e de seus processos de vida.

No município de Barcelos, tem havido pressão sobre uma determinada localidade, em razão da grande quantidade de piaçaba existente na área, ocorrência incentivada por padrões de piaçabeiros, conforme a informação que nos foi concedida por moradora do local. O local da invasão é a comunidade de Nova Jerusalém dentro do rio Tabaco, afluente do Padauri. Segundo a informação de indígena saterê mawê que trabalha no corte de piaçaba, cerca de onze famílias que vivem da produção deste produto, foram obrigadas a deixar a comunidade por medo de atos de violência, pois já vinham sofrendo ameaças por parte de uma família não-indígena que mora no mesmo rio, abaixo da referida comunidade:

As pessoas saíram de lá para não morrer porque a família que invadiu ficava ameaçando os moradores de lá, com o apoio de três patrões que nem de Barcelos são. Lá dentro deste rio tem muita piaçaba e o interesse deles é explorar este local e depois invadir as terras indígenas, já que grandes áreas deste rio se encontram dentro da reserva yanomami. Eles disseram que índio com eles é na bala e na porrada. Nós saímos de lá e eles ficaram. Eles acabaram com as nossas roças e frutas (M. Z. Alves de Araújo, 52 anos, Entrevista / 2007)

A mesma pessoa informou que, no momento, aguardam providências da Funai para poderem voltar às suas casas, pois muitos deles preferem ficar lá porque na cidade a vida está muito cara e não tem emprego a oferecer ao homem do interior. Vivendo lá na comunidade, eles podem caçar, pescar e cortar produto para vender.

No oeste da Amazônia, os problemas ambientais permanecem ignorados pelos poderes constituídos e pela sociedade. Em 2004, por ocasião de uma assembléia em Barcelos, um morador do rio Padauri denunciava que no rio Negro, especificamente na área que banha o município, tem seus afluentes constantemente invadidos por barcos de pesca que entram com documentos de permissão para pescar. Capturam quelônios, retiram ovos de tartaruga, contrabandeiam carne de caça (paca, anta e, capivara) com a ajuda de alguns moradores da região pagos para adentrar à mata em lugares de caça, ensinando as suas técnicas e conhecimentos. Um morador do rio Padauri ao ser entrevistado disse:

Muitos indivíduos invadem os rios da região utilizando técnicas proibidas de pesca que matam peixes grandes e pequenos com bombas e arrastões. Esse processo vem tornando a região escassa de peixes afetando a nossa vida de ribeirinho, porque eu minha família moramos lá no Padauri. Os próprios moradores da cidade fazem isso não só com os peixes, mas também com os quelônios que são levados em grande quantidade de recreio para Manaus. É necessário fiscalização porque senão daqui a alguns anos não terá peixes para sustentar as futuras gerações. A gente tenta ajudar, mas o poder público não dá apoio. A gente vem denunciar e eles não estão nem aí (J. C, 81 anos, Entrevista / 2003).

Este informante se reconhece como um ribeirinho porque mora e trabalha no rio Padauri. Na sua opinião, as autoridades de Barcelos não tomam providências por falta de interesse, pois têm conhecimento do problema. Não combatem e nem dão apoio aos moradores para a realização de um trabalho conjunto para amenizar essa situação. A sua fala reflete o seu cansaço diante de questões sem resolução que ocorrem há anos. No município, já vem sendo

notada a redução de certos tipos de alimentos antes abundantes, como quelônios, certas espécies de peixe e de caça. "Não temos mais aquela abundância de peixes e bichos-de-casco que tínhamos. No verão, é tanta gente tirando ovos nessas praias não só para comer, mas para vender também. Se não fizerem alguma coisa vai acabar" (J. C, Entrevista / 2006).

Não podemos também cair no erro de justificar que esse fato acontece porque a população cresceu. O entrevistado deixou claro que, muitas vezes, os próprios moradores têm contribuído para a degradação ambiental no município, ensinando os seus conhecimentos e técnicas e aprendendo também a manejar os instrumentos ilegais e degradantes, porém mais úteis para a aquisição de lucro. O descaso diante do problema imobiliza os mais conscientes na busca de resolução para essa questão.

Os olhos do mundo se voltam para o Brasil e o vêem como um país incapaz de resguardar o seu patrimônio natural, sendo por isso necessário que alguém o resguarde. A imagem da Amazônia transmitida pela mídia é a da destruição da floresta, do aquecimento climático e da perda de diversidade biológica, inserindo não mais a imagem da inesgotabilidade de recursos naturais a serem explorados, e sim a da destruição (ALBERTIN, 2000).

Essa questão é uma das que pode ser justificativa para o avanço internacional na região, na forma de aquisição de propriedades, na implantação de reservas ecológicas ou áreas protegidas que, de certa maneira, restringem a circulação dos moradores das áreas atingidas. Na visão de um ex-funcionário de hotel turístico em Barcelos, a implantação de hotéis de selva em muitos casos ameaça os modos de vida dos povos tradicionais pelo aumento da prostituição, pela falta de liberdade para circular em áreas reservadas apenas para os turistas, perdas de práticas de certos conhecimentos adquiridos coletivamente, impossibilidade de uso dos recursos pesqueiros em alguns lagos reservados para a pesca esportiva. São questões que já foram discutidas por Diegues

(1996) na obra *O Mito da Natureza Intocada*, onde determinados territórios seriam reservados apenas para visitas.

A ineficácia de atuação dos órgãos responsáveis pela questão ambiental no estado do Amazonas impede que os grupos sociais tomem decisões e fiscalizem o seu próprio ambiente, oportunizando as condições para que ocorra na região a diminuição dos recursos de sobrevivência desses povos. Voltando ao caso do rio Padauri sobre a invasão de barcos de pesca (geladores), J. C. expressa:

Quando a gente tenta impedir a sua passagem logo eles mostram documentos que os autorizam a pescar nessas áreas. A gente denuncia para as autoridades e elas não estão nem aí, desse modo à gente não tem força para fazer nada. Nessas áreas onde tem minério é que a gente vê coisas onde até pistas clandestinas têm. Eu lembro que antigamente as coisas eram muito mais fáceis porque havia muitos lugares de caça e pesca que a gente podia ir e tirar o nosso alimento e nada era proibido. Hoje está muito difícil porque tudo é proibido tirar da floresta, mas é uma lei que só é para o pobre porque o rico continua a fazer a mesma coisa de antes sem sofrer nenhuma consequência. Se for um pobre logo é processado e preso (J. C. Entrevista / 2006).

Um outro morador da comunidade de Boa Vista no rio Negro também expressou a sua indignação a essa situação dos barcos de pesca que continuam invadindo o referido rio com os seus métodos ilegais sem nenhum controle, deixando uma calamidade nos locais por onde passam.

O tucunaré é o que atrai turista, se acabar vai acabar também o turismo. Nós barcelenses não temos o costume de comer tucunaré, quem come são os manauaras e o pessoal de Novo Airão, portanto não é por causa do consumo em Barcelos que o tucunaré está acabando, é por causa dos pescadores que vêm de fora para pescar e vender em Manaus. Pegam também grande quantidade de irapuca e jogam peixe por cima para a fiscalização não pagar (F. de Melo Viana, Entrevista / 2007).

Outros dois senhores relataram que no intervalo de uma semana perceberam a falta de peixe num lago onde haviam estado 15 dias antes. Ficaram perplexos com o acontecido, pois havia abundância de peixes, como podemos ver na descrição.

No mês de março deste ano, nós fomos pescar num lago lá no Urumari e pegamos rapidamente bastante peixe apenas para consumir, inclusive até moqueamos. Voltamos lá duas semanas depois para pescar de novo e não pegamos quase nada, pois os peixes haviam desaparecido. Depois soubemos da passagem dos geladores por lá, que deixaram uma calamidade. Se não houver fiscalização logo ficaremos sem peixe, pois existem locais que a gente não pega mais nada. Os geladores estão entrando ilegalmente em áreas reservadas (D. S. Oliveira e L. Barreto, Entrevista / 2007).

A falta de fiscalização do Estado no cumprimento das leis é um dos condicionantes para o aumento dos problemas ambientais, comprometendo especialmente a integridade da floresta e dos povos tradicionais. Merico (2001, p. 258) destaca que

o comando e o controle é a maneira mais tradicional de se implementar a política ambiental. [...] o Brasil tem legislação ambiental (comando), a fiscalização e o monitoramento (controle) da qualidade ambiental. Os procedimentos de licenciamento ambiental também se incluem nesta categoria.

No entanto o comando e o controle devem ser potencializados mediante uma ação conjunta articulada com o Ministério Público. Ações civis públicas são poderosos mecanismos de aplicação da legislação ambiental. Contudo, quem se encontra distanciado das informações, fica confuso com o que ouve e vê, estando despreparado teórico e materialmente para tomar as medidas legais cabíveis a cada situação que se apresente, e, muitas vezes, contribui para a degradação por questões econômicas, forçado pelas condições de vida, pela desvalorização das atividades tradicionais e outras políticas públicas.

Guimarães (2001, p. 47) avalia que o Estado deve canalizar esforços, recursos e fiscalização para o controle de todo o processo, inclusive do mercado que investe bem pouco nesse setor, e não deve abrir mão das políticas públicas (de saúde, educação, lazer, geração de trabalho e renda, segurança, transporte e comunicação, desenvolvimento científico e tecnológico e preservação do meio ambiente e do patrimônio biogenético), transferindo a responsabilidade para o mercado, do qual será sempre o interventor e controlador de seus excessos. É contraditório o mercado assumir o comando da preservação quando ele mesmo está em busca de meios que lhe permitam vantagens econômicas, situação que vai de encontro à política de sustentabilidade que deve ser pautada na limitação de suas ações exploratórias.

As novas bases de convivência que conferem governabilidade ao sistema político requerem, portanto, um novo paradigma de desenvolvimento, apto a inserir o ser humano no centro do processo de desenvolvimento, [...] proteger as oportunidades de vida das gerações atuais e futuras. [...] Um dos principais desafios das políticas públicas diz respeito justamente à necessidade de territorializar a sustentabilidade ambiental e social do desenvolvimento (GUIMARÃES, p. 48, 49).

Esse autor adverte que as políticas do governo para o bem-estar estejam baseadas em princípios mais éticos postulando a justiça distributiva como critério básico de política pública que subsidiem os que praticam atividade de subsistência (extrativismo e agricultura) e controle os verdadeiros vilões da natureza representados por empresas e entidades com interesses de diversos graus.



Figura 1 - Piaçaba conduzida à terra para posteriormente ser embarcada no recreio
FONTE: Cleuder, 2006

Considerando a busca de empregos formais, muitos pais gostariam de que seus filhos estudassem para se inserir num trabalho que não seja esse por o acharem muito difícil. Acontece que o mercado formal de empregos na cidade não tem condições de abarcar um grande contingente de jovens que também estão na espera. Nesses momentos, muitos migram para o interior onde passam a trabalhar com produtos florestais.

O trabalho é um elemento que deve ser valorizado como uma realidade necessária à manutenção da qualidade de vida em qualquer lugar, mas a vigência das leis de proteção não vigora como deve na região amazônica fora das capitais. Ainda, tem-se a visão de que as atividades tradicionais da Amazônia só servem para a subsistência dos povos tradicionais porque não dão lucros.

Batista (1976) vê essa região com uma natureza pouco estudada e de pouco conhecimento que oriente a exploração e o alargamento de práticas produtivas com desmatamentos

desordenados, agricultura itinerante, esgotamento dos recursos de pesca que poderão acentuar o desequilíbrio da fauna, da flora e do próprio homem. Ele avalia que é preciso criar uma agrotécnica para os trópicos que permita o aproveitamento racional das terras, água e floresta na produção de alimentos, onde se encontra uma população diversificada étnica e culturalmente, mas rarefeita em relação ao extenso território. Não existe fronteira política, mas as condições físicas do ambiente influenciam o estabelecimento de regras e modo de vida¹⁰, embora a economia não divirja muito.

Quem vive na floresta executa diversas atividades que, combinadas, dão a sustentação de que uma família necessita. Faz criação de galinha caipira, planta, coleta frutos do mato, torra farinha, pesca, mas o ponto em comum da economia é o extrativismo que, na análise de Emperaire (2000, p. 28), "redescoberto como uma atividade não predatória, uma possível via de valorização econômica da Amazônia, às vezes vislumbrado como uma utópica panacéia".

Porém estudiosos como Barbieri (1996) e Leff (2000) alertam que o aumento da exploração da floresta e o uso do solo na região poderiam acarretar a exaustão dos solos como ocorreu em outros continentes, quebrando o equilíbrio ecológico existente, e o Brasil perde grandes áreas de cobertura vegetal por causa do plantio de cana, de café, de soja e da preparação de pastagem para a criação de gado.

O município de Barcelos que é *locus* deste estudo pode ser uma área promissora se for inserida no mercado de produção, em razão dos produtos que detém em seu território. Dentre as atividades que executa, podemos começar relacionando o que tange à agricultura de subsistência que se faz através das roças com o cultivo de mandioca, abacaxi, cará, macaxeira, batata doce, banana, cana e outras. É feita com "técnicas" ditas "primitivas" que se concretizam através de queimadas, sem o uso de adubos ou inseticidas e com pequenos instrumentos.

¹⁰ Que se relaciona a simplicidade na maneira de se vestir, de se comportar, de conversar, de receber visitas entre outras questões, sem muita influência da modernidade provocada pelo consumismo.

É uma atividade que, se ele fosse dado o devido valor, poderia ser alternativa econômica para muitas famílias no município, pois, hoje em dia, Barcelos necessita produzir mandioca, tendo em vista o crescimento da população e o aumento do consumo de farinha e outros derivados desse produto. De acordo com informações colhidas de dois entrevistados que lidam com roça, não existe prioridade política em Barcelos para essa atividade. Faltam incentivos e investimentos neste setor, praticamente realizados por conta própria do trabalhador deste ramo.

Segundo a opinião de um morador, muitas pessoas já deixaram de fazer roça, e o abandono se dá por diversos fatores: distância das áreas de terras livres, dificuldade com o transporte para comercializar a farinha, somados à desvalorização do produto de origem da terra em detrimento aos que são importados pelos comércios locais.

A coleta de frutas é também uma atividade que poderia ser potencializada. Frutas como tucumã, castanha, bacaba, patauí, açaí e piquiá são coletadas por muitas famílias para alimentar-se e para vender na cidade. Existe a figura típica do açazeiro que durante um certo período do ano vende açaí nas ruas para complementar a renda familiar e/ou ganhar algum dinheiro para ajudar na compra de outros tipos de alimentos.

Entre outras atividades de subsistência, encontram-se a caça e a pesca de peixes comestíveis e quelônios. A prática do comércio desses animais é proibida por lei, porém são atividades com grande propensão ao contrabando, o que constitui uma problemática para o controle dos órgãos de fiscalização que não conseguem inibir essa prática. Peixes, tartarugas são animais que podem ser criados em cativeiro e seria outra modalidade de atividade para a geração de renda se houvesse investimentos.

Goiano começou, em Barcelos, há cinco anos um empreendimento de criação de peixe em tanque e represa com recursos próprios. Cria tambaqui, pirarucu e matrinhã, mas tem projeto para criar tartaruga, que já vem sendo experimentado em um dos lagos.

Esse tipo de empreendimento é caro e o retorno demora. É preciso um cuidado dobrado, e os gastos são surpreendentes com a ração. Eu tive de fazer empréstimo para pagar a ração que a gente gasta bastante. Mas já vendo há dois anos. A prefeitura só ajudou na condução dos tanques no início. O apoio técnico vem de amigos e do IPAAM (J. R. Machado, Entrevista/ 2007).

São pequenos experimentos de retorno lento, por isso precisam de incentivo e coragem para ser levados em frente. Contudo Barcelos continua tendo, como referência de produção, o extrativismo da piaçaba e do peixe ornamental visto e considerado como o verdadeiro gerador de renda para muitas famílias que não têm renda fixa no município, constituindo sua sustentabilidade no interior e até na cidade. Certamente a pessoa que trabalha diretamente com o produto auferem menos ganho que o empresário, mas sabemos que essa é a lógica do sistema.

Péres (2003) informa em sua tese que o peixe ornamental é uma fonte alternativa de renda para o município, responsável por 60% da renda gerada, acompanhada pela extração de piaçaba com produção de 20% e por outros produtos como coleta de castanha, pesca comestível, produção de farinha e atividades comerciais. O potencial de produtos econômicos do referido município poderia ser aproveitado para inseri-los no desenvolvimento sustentável, como forma de gerar renda para a sua população.

O peixe ornamental, para ser um ramo bem sucedido, precisa de cuidados especiais no manejo devido à fragilidade desse tipo de recurso aquático. Para tanto, é necessário que se façam investimentos científicos para criar tecnologias de manejo sustentável no próprio ambiente natural ou de reprodução em cativeiro. Também seria necessário criar condições de resistência desses peixes, de modo que eles vivam o tempo de vida que lhes é biologicamente possível.

Esse tipo de recurso tem muita saída no mercado internacional, porém corre o risco de acontecer o que aconteceu com a seringa que, segundo Arthur Reis (1953), foi levada para a Ásia e reproduzida lá com sucesso levando à bancarrota a produção brasileira. Há notícias de que a reprodução em cativeiro desse peixe vem sendo tentada há anos em laboratórios internacionais. Se houver mesmo sucesso nesse empreendimento haverá mais uma vez a possibilidade de o Brasil

perder o potencial comercial de mais um produto de sua biodiversidade tão importante para a geração de renda de muitas famílias no médio e baixo rio Negro (Barcelos e Santa Isabel do rio Negro).

A piaçaba, um dos elementos centrais de nossa pesquisa, tem um manejo mais simples que o do peixe ornamental de acordo com as informações obtidas dos próprios piaçabeiros. Para fazer a extração do produto, não precisa desmatar e derrubar a palmeira (a não ser as gigantes que são velhas) e pode ser feito o ano todo, independente da estação. São dez anos para se fazer a reutilização da planta na natureza, de maneira que respeitando o seu tempo de recuperação a rentabilidade comercial será satisfatória, já que não se sabe quanto tempo levaria para ser reutilizada se caso fosse plantada, pois até o momento não se tem notícia desse tipo de experiência. Embora haja piaçabeiro que não espere a recuperação completa da planta e a elimine, pois os piaçabais estão muito longe, o que o leva a andar muitas horas pelos varadores.

Meira (apud PÉRES, 2003) informam que o correto seria esperar o tempo de recuperação total da palmeira. É uma planta que nasce sem precisar da mão do homem, em terrenos baixos, áreas de vegetação do tipo capinarana, campina ou caatinga amazônica e não sofre com os problemas de inundação. Nesse caso, somente para o piaçabeiro é arriscado, quando, muitas vezes tem de caminhar dentro d'água (no inverno), carregando pacotes e cortar fibra em período de muita umidade correndo risco de ser picado por insetos e cobras que se escondem na fibra.



Figura 2 - Piaçabeiro exercendo o seu ofício - rio Aracá
FONTE: Pesquisa de campo, 2007

A fibra da piçaba é utilizada principalmente na fabricação de artesanato, espanadores, vassouras utilizadas na limpeza doméstica e pública, já que as garis as utilizam na realização de limpeza de ruas e praças. O produto tem mercado em Manaus, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará dentre outros estados do Brasil. Mesmo que, nos dias atuais, se fabrique vassoura de nylon, há uma certa preferência pela de piçaba, por ser mais durável e de menor custo para o consumidor. Além do mais, a fibra também serve para produzir cordas e artesanato. Stradelli (1849) menciona que os ingleses utilizavam cabos dessa fibra em seus navios, por ser um produto muito resistente.

A qualidade de vida das famílias que sobrevivem apenas da exploração de produtos florestais no rio Negro não chega ao padrão das famílias de classe média das pequenas cidades aí existentes. A não ser que se conciliem com outras modalidades de trabalho quando passam a residir na cidade. Nesta classificação, há um grande distanciamento entre o freguês e o patrão quanto à qualidade de vida.

A estrutura de aviamento não melhora a qualidade de vida do freguês, por gerar baixos rendimentos e muita desigualdade, pois não há homogeneidade quanto ao consumo dos integrantes do trabalho (patrões e fregueses). Os únicos que conseguiram um patamar razoável de condições econômicas foram os negociantes dos produtos (patrão), os quais conseguiram ter

autonomia pela aquisição de objetos (barcos, casas comerciais, carro) dando-lhes certa superioridade, sendo considerados ricos para os padrões sociais da cidade de Barcelos. Enquanto os fregueses ficaram restritos ao consumo de bens indispensáveis à sobrevivência, especialmente os que residem nos sítios, nas comunidades e/ou se encontram trabalhando nas colocações.

Há quem diga que o patrão é imprescindível neste tipo de relação por ser o único que vai onde o Estado não chega. Péres (2003) concluiu que existe uma imagem idealizada do patrão que promove o bem-estar e satisfaz a demanda de bens e informações dos fregueses no "mundo lá fora". Ele acaba por substituir o próprio Estado como mediador econômico, social e cultural, a ponto de evitar a migração dos povos tradicionais da zona rural para os centros urbanos.

Sabe-se que, em muitas áreas da Amazônia, o aviamento sofreu algumas modificações em razão da introdução de televisores, parabólicas, luz elétrica, radiofonia, posto de saúde e escolas. Esses elementos da modernidade¹¹ constituem mecanismos de manobra para o freguês que passa a estar mais informado de seus direitos, embora não se liberte totalmente do patrão, já que depende deste quando se encontra isolado na selva.

Mas isso ocorre onde há interesse por parte dos governantes, portanto, introduzir políticas públicas depende de um ato político envolvido de interesses, estratégia que se fundamenta em angariar a simpatia dos moradores do lugar. A melhoria das condições de vida das pessoas não depende somente da boa vontade de quem está envolvido no assunto. É necessário interiorizar as políticas de assistência, de geração de renda para que as pessoas não precisem depredar os recursos naturais e vender seus conhecimentos aos invasores de terras que penetram na região.

O princípio da política de sustentabilidade é assegurar condições de reprodução social e econômica para todos. Uma das alternativas viáveis em Barcelos é a piaçaba, e não se ouviu qualquer menção desse produto como modalidade para investimentos que possam assegurar um

¹¹ Esses avanços existem apenas em comunidades pontuais, para as quais recorrem os moradores mais próximos quando sentem necessidade. A maioria das comunidades continua como antes, distante deste e de outros benefícios.

futuro melhor para o trabalhador do ramo. Há bastante pessoas nos piaçabais trabalhando, segundo informações concedidas em 2006, mas continuam na invisibilidade dos processos de trabalho reconhecidos como promissores no Estado, apesar de estarem na base dos processos produtivos como tantos outros relativos ao extrativismo.

Erivelto informou que o trabalho nos piaçabais continua ocupando um grande número de pessoas, descartando os falsos boatos de decadência e possível desaparecimento da atividade que apenas apresentou uma desvalorização em razão da queda de preços, pois.

São de 700 a 900 pessoas que trabalham diretamente no corte da fibra, produzindo aproximadamente cerca de 900 toneladas por safra, mas antes tinha mais gente. Se toda essa piaçaba fosse beneficiada aqui em Barcelos geraria muita mão-de-obra. Não há incentivo de nada, os mais velhos vivem à custa de aposentadoria. O abandono não gera nada de riqueza. Pro tempo que existe produção de piaçaba já era tempo de ter alguma coisa que apoiasse o beneficiamento aqui. Nós aqui andamos com os nossos próprios pés, não há ajuda de ninguém (A. E. Entrevista / 2006).

Um freguês que trabalhou no tempo do sr. Albino Pereira relatou que o rio Aracá está quase deserto hoje. "Hoje o rio está morto, não tem quase ninguém trabalhado lá, bem diferente de antigamente que era animado e menos desolador. Os padrões que ainda se encontram lá é o Ilso, o Tião e o Juliney" (E. S. S., 44 anos, entrevista / 2006). Outro entrevistado também fez o mesmo comentário colocando que a diminuição do número de piaçabeiros no rio Aracá é visível quando se compara a um passado não muito distante dos anos sessenta, setenta e oitenta é bem maior.

A atividade que mais vem sendo cogitada em Barcelos é o turismo, reconhecido pela prática da pesca do tucunaré e outros peixes e pelas belezas naturais do lugar proporcionadas pelas praias e ilhas do município. Mas essa atividade é muito restrita na geração de emprego e contribui pouco para o PIB (Produto Interno Bruto). O trabalho é temporário, restringindo-se ao período de verão quando o rio está mais farto de peixes, e as praias estão expostas.

No inverno, as pessoas ficam desempregadas sobrevivendo de pequenos serviços e sempre voltando para o extrativismo. Segundo a informação de um ex-trabalhador, o turismo trouxe o

aumento da prostituição, além do mais, não entra dinheiro, porque praticamente todos os produtos de consumo utilizados pelos turistas são comprados em Manaus, e, até o momento presente nada tem sido feito, pelo menos de forma investigativa (ciência/pesquisa), para reverter esse quadro.

O projeto de implantação do turismo não foi discutido em todas as suas fases de implementação com os envolvidos, especialmente os grupos indígenas e moradores das comunidades atingidas pelo processo e suas entidades de representação. Eles têm expressado muito descontentamento com a atuação dos representantes do turismo e donos de hotéis de selva e hotéis flutuantes que estão atuando na área. Certos lagos onde tradicionalmente pescavam estão sendo utilizados apenas para a pesca esportiva, proibindo a entrada de quem não seja turista.

O modelo de pescaria que praticam tem deixado muitos peixes com seqüelas. Até mesmo no mercado da cidade, já se comprou peixe com anzol de turista preso na boca, fora os que são encontrados mortos nos lagos e emagrecidos por não poderem comer com a boca ferida. Uma de nossas entrevistadas revela: "eu participei do trabalho de limpeza de cabeça de piranhas, que a gente lavava com água sanitária para serem levadas pelas pessoas que nos pagaram para fazer o serviço. Eu só fiz porque estava necessitada" (O. R. A. 59 anos, Entrevista / 2006).

O processo de inclusão pautado pela política de sustentabilidade ainda é ineficaz e tem privilegiado alguns municípios com recursos que dão maior lucratividade no mercado de capitais. A lógica que ainda se segue é aquela de produtos que sirvam aos interesses da elite econômica, não sendo, portanto, portadora de mudanças. Em razão deste, fato em muitos lugares, existem estruturas antigas de comando baseadas na violência, com a morte de líderes sindicais, de trabalhadores agrícolas, grilagem de terras, expulsão de povos tradicionais de seus territórios, desestruturação de formas organizacionais de trabalho tradicional.

O rio Negro onde se encontra o município de Barcelos é uma das áreas mais preservadas no estado do Amazonas, mas também uma das áreas mais invisíveis dos processos econômicos e

das políticas públicas do Estado. Por ser um dos mais antigos municípios do Amazonas e de referência histórica na região, desenvolve-se lentamente e sem muita perspectiva, não porque não tenha potencial, mas porque falta vontade política para tirar o município dessa estagnação que vem se arrastando ao longo dos seus 379 anos de existência, contados a partir da fundação da aldeia de Mariuá (atual Barcelos) em 1728. São anos e anos de mesmices que se refletem nas mesmas manobras políticas referendadas na ignorância do povo.

Em Barcelos e de modo geral no rio Negro, as ações políticas se pautam num círculo vicioso de disputas e troca de favores baseado em negociações que se sustentam pelas eleições. Trocam-se votos por diversos tipos de objetos, promessas de emprego e construção ou reforma de casas, atendimento à saúde em Manaus entre outras estratégias, de modo que o eleitor fique sempre devendo um favor. As pessoas mais simples ficam tão agradecidas que sentem até dor de consciência se não votar no político que o ajudou. É assim que se conseguem as parcas melhorias na qualidade de vida do povo, isso porque muitas promessas não são pagas há anos.

No próximo capítulo, veremos a experiência do piaçabeiro, quais as técnicas e estratégias que utiliza no seu cotidiano de trabalho visando a sua sobrevivência.

CAPÍTULO II

CONDIÇÕES ESPECÍFICAS DO TRABALHO DE PIAÇABEIRO

Sobre o extrator - vê-se iniludivelmente - caem todos os ônus: mercadoria caríssima para o consumo e custo de produção deprimido pelos dispêndios excessivos.

Araújo Lima

2.1 - O ofício de piaçabeiro

O ofício de piaçabeiro está ligado à ação de cortar a fibra de piaçaba, que envolve todo um processo de trabalho desde o momento em que o trabalhador [piaçabeiro] sai para fazer a identificação dos piaçabais, a abertura de caminhos seguidos do corte, da limpeza, do beneficiamento e embarque do produto no batelão do patrão. É realizado no interior da floresta dentro dos rios e igarapés onde se localizam os piaçabais.

No prefácio da obra, *Amazônia: natureza, homem e tempo* de Tocantins (1982), Arthur Reis assinala que, há séculos, o homem amazônico vem efetuando uma luta contra a floresta, o clima, as águas, as doenças e a natureza, tentando triunfar e criar a civilização regional. "A Amazônia não se libertou do papel de ser uma região útil aos outros e ao bem-estar de regiões distantes que se civilizaram na base de muito do que ela lhes mandou e que elas souberam manejar com a inteligência pragmática, utilitária e imediatista" (REIS, apud Tocantins, 1982, p. XIV). O homem da Amazônia tem uma capacidade adaptativa prodigiosa, por isso, quem veio de

fora só obteve sucesso na região porque contou com a ajuda dos habitantes que foram forçados de uma ou de outra forma pelo invasor, a ensinar os meios de sobrevivência na mata da Amazônia.

De acordo com Tocantins (1982, p. XVIII).

O homem é a figura centralizadora e ao seu redor giram a terra, as água, as plantas, os animais, servindo-o segundo recomendam as técnicas e as convenções criadas pelo próprio homem. [...] Como os Grupos sociais se ajustaram à comunidade harmônica e natural de homens, animais e plantas, [...] como tais grupos reagiram ao meio, como utilizaram os recursos do solo, da fauna e da flora, que técnicas adotaram em seu trabalho e o que resultou do esforço coletivo.

O extrativismo sempre se constituiu numa atividade importante para os povos tradicionais da Amazônia, haja vista a variedade de produtos extrativos que a floresta, a terra e os rios contêm em suas multidimensões. Em diversas áreas da região persistem atividades ligadas especialmente ao campo do extrativismo e da agricultura familiar como já abordamos anteriormente. Esse fato é confirmado por Nascimento (2005, p. 21) ao esclarecer "que o trabalho na Amazônia está associado a um conjunto de possibilidades cujas relações de trabalho não se pauta só no extrativismo, mas também na agricultura de subsistência que não se enquadram na dimensão do trabalho assalariado".



Figura 3 - Piaçabeiros exercendo seu ofício em época de cheia no inverno
FONTE: Fotos Zig e de pesquisa de campo / 2007

No campo das possibilidades do extrativismo, a extração de piaçaba continua sendo uma das formas que o trabalhador do interior e até da cidade de Barcelos encontra para obter alguma renda. A exploração do produto começa com a procura da localidade propícia ao produto, que ocorre com a chegada do piaçabeiro ao igarapé. Quando ele sai para abrir uma colocação, faz primeiro a exploração do lugar observando a quantidade de palmeiras existentes na área. Ao encontrar um bom local com abundância do produto, é feita a roçagem do local onde se constrói um barraco para moradia e outro para servir de depósito do produto. Neste depósito, a piaçaba será conservada seca e protegida da chuva e umidade para evitar que pese muito na balança e não permita um alto desconto da tara¹. Os tapiris² ou as barracas são erguidos na margem do igarapé para facilitar os trabalhos domésticos como banhos e o transporte do produto.

Nas colocações, as barracas ou tapiris não são sofisticadas por serem provisórias, mas quando os piaçabeiros trazem a família para as colocações capricham mais na sua construção. Em entrevista o Sr. Tomé revelou, "eu costumava fazer assoalho de paus e fazer paredes, ou pelo menos um quarto cercado para que pudessemos nos proteger do frio, da umidade e dos insetos" (Entrevista /2005). A parede e a cobertura são feitas com palhas amarradas com cipó titica, ou ambé-coroa, ou ambé-cima (cipó fino e preto). Constroem também um jirau³ alto para guardarem utensílios de cozinha. Quando são habitações definitivas, recebem um cuidado melhor, as casas geralmente são feitas de madeira e coberta com folhas e palhas, inclusive de piaçaba. Usa-se a paxiúba⁴ para fazer tanto parede quanto o assoalho, que é feito por dois motivos: um para se proteger da umidade do solo, outro é para se proteger das cheias em lugares baixos onde alaga, conservando-se por muito tempo.

¹ É o desconto de 10%, 20% ou mais sobre o peso de produtos extrativistas (piaçaba e seringa) feito pelo patrão na hora do ajustamento de contas com o freguês. Essa porcentagem é para compensar a possível perda que o patrão possa ter no caso de adulteração do peso do produto por impurezas, ou se o produto estiver molhado.

² Barraca simples feita de paus e palhas, geralmente cercada em apenas um dos lados. É feita nas colocações para servir de moradia para o extrator e sua família e para servir como depósito para guardar produtos.

³ Armação suspensa feita com paus para colocar os utensílios domésticos e guardar rancho e outros objetos.

⁴ Palmeira nativa dos igapós composta de madeira escura e fibrosa, usada (na Amazônia) na construção de assoalhos e paredes dos barracos, paiós, galinheiros, cercas etc (ALBUQUERQUE, 1995, p. 13).

Após este serviço, é feita a localização das piaçabeiras que leva alguns dias e em seguida a abertura dos varadores⁵ por onde os trabalhadores irão circular durante meses carregando o produto. Geralmente numa colocação permanece vigilante mais de uma família como estratégia para os momentos de dificuldades do meio-ambiente e do transporte do produto, bem como para auxiliar nos casos de doenças e outras necessidades que porventura surjam.

Essa reciprocidade de ajuda, que Lima (2001, p. 94) define como "entreauxílio", torna o ambiente mais fácil de conviver. É a ajuda mútua vista como a grande fórmula e solução para o trabalho de quem vive isolado nas matas, pois não é somente isolamento geográfico, é também social porque são locais aonde não chegam as políticas de assistência social.

O mesmo autor (2001) se refere a tal situação como "solidariedade espontânea" e defensiva, que é inconsciente e automática e une os homens na constituição da sociedade para lutar contra os perigos e inimigos, além de permitir a criação do cooperativismo tácito entre os homens que vivem em comunidade. O entre-auxílio brota automaticamente do vínculo social que se estabelece pela ajuda entre as famílias de trabalhadores que estão mais próximas. Na Amazônia a ajuda não consiste só na defesa contra inimigos, feras e homens, serve antes de tudo para estabelecer aliança de cooperação e solidariedade entre os homens no enfrentamento das dificuldades na natureza grandiosa e perigosa.

Esse entre-auxílio ou solidariedade discutido por Lima (2001) é bem claro em trabalhos que exigem cuidados com a saúde e o bem-estar de quem trabalha. Os piaçabeiros têm todo um procedimento cuidadoso ao abrirem os varadores por onde irão circular, exigidos pelo trabalho, pois precisam estar bem situados para não se perderem na floresta e também ter companhia para o caso de acidente com paus e animais. Há uma técnica para abrir varador bastante utilizada pela

⁵ É o termo atribuído pelos piaçabeiros aos caminhos que utilizam nos piaçabais cortando e carregando o produto. O termo utilizado por eles é varador (de varar) e não varadouro.

família do Sr. Tomé e seus parentes no rio Padauri que facilita a exploração e dá mais segurança a quem trabalha, como também encurta a distância entre o piaçabal e a barraca.

Abrir caminho era prática freqüente toda vez que o piaçabeiro tinha de fazer novas colocações ou refazer colocações em capoeira⁶ que se encontravam no cerrado depois de alguma temporada sem exploração do lugar. Seu filho relata como abriam esses varadores (caminhos) seguros para circularem e evitar que se perdessem.

Por exemplo: meu pai ficava num ponto e meu cunhado ia para o meio do piaçabal, de lá ele atirava e meu pai que tinha ficado respondia com outro tiro. Aí um ia roçando e abrindo caminho em direção ao outro até se encontrarem. O tiro marcava o rumo. E dessa forma se procedia com os outros que vinham atrás e faziam a mesma coisa até todos se encontrarem nos locais combinados. A gente procurava abrir caminhos retos e largos para encurtar as distâncias e facilitar os transporte do produto dentro da mata. Costumávamos também derrubar um pau grosso na metade do caminho sempre à beira de um igarapé para todos que trouxessem produto pudessem descansar, tomar um chibé, fumar um porronca e continuar a volta. Todos chamavam de "pau do descanso". Chegávamos aí e arriávamos o pacote em cima de um toco que havia sido deixado para tal propósito. Ele ficava na altura da posição de um pacote nas costas de um homem, qual facilitava a colocação do pacote novamente. O cigarrinho de porronca era feito de tabaco mole e papelinho. O chibé era feito numa "capara" (espécie de copo improvisado) feita de palha que se embala paneiro de farinha. Eram duas ou três horas andando começando por volta de meio-dia e chegando 3 ou 4 horas. Arriávamos o pacote e íamos atrás do "boião" no igarapé, onde íamos focar paca, pescar, colocar "pulado" - armadilha para peixe (E.O.S. Entrevista / 2005).

Realizada a abertura do caminho, começa o processo diário de corte da piaçaba que se inicia amanhecendo o dia. Normalmente o piaçabeiro acorda cedo, por volta das 4 ou 5 horas e se prepara para sair imediatamente, de modo que às 6 ou às 7 horas já estejam caminhando nos varadores rumo às piaçabeiras. Uns ainda saem no escuro com a poronga⁷ na cabeça, outros só esperam clarear. A distância varia de um lugar para o outro, assim como as dificuldades encontradas pela frente, principalmente no inverno. É necessário que até as 14 horas já se esteja ajeitando o pacote para voltar, pois o tempo é curto para a distância, como bem define o senhor

⁶ Refere-se a áreas de terras abandonadas que já foram utilizadas por grupos humanos para plantar e morar. Podem ser vistas na forma de sítios abandonados e espaço de antigas roças que foram deixadas para trás por qualquer motivo.

⁷ Lamparina utilizada pelo piaçabeiro quando tem de sair muito cedo de casa para iluminar o varador que ainda está muito escuro. Elas são preparadas para serem encaixadas na cabeça sem o perigo de queimar o cabelo e nem derramar o combustível de dentro.

Tomé. Para este trabalhador, sobram poucas horas de trabalho porque as caminhadas de ida e de volta são longas.

Quando um piaçabeiro se desloca para o fabrico, repete ações de seus antepassados com a introdução de pequenos instrumentos. De acordo com as informações dos entrevistados, ao chegarem aos locais de corte, escolhem a (as) piaçabeira (as), cortam um pau comprido para fazer a batção ao redor da palmeira com o objetivo de espantar os animais peçonhentos que se escondem no meio da palha caída e da fibra. É necessário bater bem e depois roçar ao redor para destalar ⁸as palhas, deixando-se apenas cinco ou seis folhas para a piaçabeira não morrer. Em seguida, é feita a penteação que consiste em desembaraçar a fibra e espantar os insetos que porventura ainda estejam no meio para em seguida cortar. Para cortar o produto, é necessário uma faca apropriada bem amolada e adequada para o corte. A faca peixeira não é apropriada porque escorrega na hora do corte.

Com as folhas tiradas, faz-se uma cama, colocando-se as palhas sobre paus arrumados no chão onde vão sendo arrumadas a fibra cortada para formar as cabecinhas, com as quais monta-se um pacote. A parte mais grossa fica na área superior de modo que se possa dobrar em quatro ou cinco para fazer o pacote, que é amarrado com cipó. Depois de todo esse processo, o trabalhador põe o pacote nas costas e toma o caminho de volta. Isso se dá em torno de meio-dia a quatorze horas, dependendo de quantas piaçabeiras se cortam e do local explorado.

O trabalhador classifica a piaçabeira pela qualidade da fibra e o tempo de vida que ela tem. "A piaçabeira virgem pode dar até 50 kg. de fibra. A gigante é velha de fibra esbranquiçada e quebradiça. Quanto mais alta a piaçabeira pior é a fibra em termo de qualidade e quantidade, e maior é a dificuldade para extraí-la, tendo-se de construir escada ou jiraus⁹ de paus e muitas vezes é necessário até derrubá-la" (J. B. Lacerda, Entrevista /2005). Geralmente morrem de velhice na

⁸ Refere-se ao ato de retirar as folhas secas e as que se encontram em cima da fibra para poder realizar o corte sem o perigo do piaçabeiro ser picado por um animal peçonhento.

⁹ Espécie de andaime feito de paus e cipós utilizado para cortar fibras quando a piaçabeira é muito alta.

natureza se algum piaçabeiro não cortá-la. Já a cor da nova é castanho-claro" (J. B. Lacerda, 43 anos, entrevista / 2005).

Terezinha (38 anos) revelou que, mesmo durante a sua gravidez, tinha de subir em escadas improvisadas para cortar a fibra e depois ajudar a carregar, pois tinha de trabalhar ajudando seu pai. Atribui até ao esforço no trabalho o fato de ter tido um parto rápido dentro de uma canoa.

O freguês Quido informou que a fibra que mais se cortava no rio Padauri era a de cor vermelha da chamada "piaçabeirinha". As palmeiras de piaçaba maiores que possuem fibras mais escuras e compridas ele utilizava para enrolar as menores na hora de fazer o pacote. A fibra é classificada pela qualidade, que varia no preço também. Ney informou que a vassourinha é a melhor com o preço variando entre R\$ 1,30 e 1,50, a torinho no verão custa R\$ 0,90 e a cabeça R\$ 0,50. "Lá fora (em Manaus e outros estados) os patrões repassam por três, quatro e até cinco reais o quilo" (J. S. S, 31 anos, Entrevista /2007).

O corte de piaçaba tende a ser realizado todo dia para que se tenha um bom fabrico e possa tirar saldo. Muitos saem em jejum, levando consigo apenas a faca (seu instrumento de trabalho) e algumas vezes uma poronga (lâmparina) e uma latinha ou saquinho de farinha para o chibé¹⁰. Seguem a pé pelos varadores num ritmo que possam vencer as distâncias entre as barracas das colocações e os locais das piaçabeiras, no interior da floresta. É comum não fazerem a refeição de meio-dia, apenas jantam na volta quando tem alimento, do contrário devem ir em busca.

Quando o piaçabal fica longe, o piaçabeiro anda pelo menos duas horas ou mais para chegar onde se encontra o produto, e depois gasta o mesmo tempo ou mais para voltar com o produto nas costas, carregando 50, 60, 70, e até 80 kl. "Tem caboco que aguenta. A gente corta o que agüenta carregar e depende muito de homem pra homem. Eu cheguei a carregar até 75 kl. Às vezes quando a gente chega em casa não tem nem comida e a gente tem de ir atrás (E. O. S, Entrevista / 2005)".

Os piaçabeiros argumentam que, em tempos passados, para cortar produto não era preciso ir muito longe, mas, com a intensidade da exploração, os piaçabais de perto foram ficando

¹⁰ É um típico alimento do interior constituído pela mistura de água com farinha de mandioca. É muito utilizado pelo piaçabeiro que precisa enganar a fome depois de ter passado horas sem ingerir alimentos, ou mesmo por estar em jejum.

escassos. M. Martins foi mateiro e andava com uma bússola para não se perder, ou fazia corte com terçado nas plantas para sinalizar o caminho.

Vejamos vários relatos que informam a regularidade dos horários, o esforço na consecução do trabalho diário, o enfrentamento dos perigos, o prolongamento da jornada de trabalho, entre os quais não há tantas diferenças.

Geralmente eu saía às 7 horas, mas o retorno dependia da distância do piaçabal e da destreza do empregado. Sempre evitei chegar muito tarde na barraca, por isso ao construir a colocação sempre escolhia um local mais próximo possível para construir a barraca, pois sempre levei a minha família. Para me direcionar fazia corte com terçado nas árvores na margem do caminho na posição de ida e de volta. Pela posição do corte dá para identificar se o camarada vai ou vem (M.M., 80 anos, Entrevista / 2006).

Eu saía com a poronga na cabeça 6 ou 7 horas da manhã e retornava de 5 as 7 da noite carregando pacote de até quarenta quilos. Quando já estava cansada demais, deixava a metade no varador para buscar no dia seguinte. Quando o piaçabal era perto, eu deixava de três a quatro pacote por dia. Mas quando era tempo de chuvas às vezes gente andava com água até a cintura na travessia dos igarapés, nos descampados onde atravessava quilômetros com água no meio da canela, ou andava em lamaçal. No verão era melhor para cortar e carregar (E. O. P., 55 anos, Entrevista / 2005).

Quando eu cortava piaçaba no Padauri e morava no Acucuáia, saía 6 ou 7 horas e só retornava a noite quando o piaçabal era longe, e/ou porque as vezes aproveitava umas horas para caçar. Passava o dia sem comer, somente fazendo a refeição no jantar quando tinha, senão tinha que ir atrás a hora que chegasse porque não era somente eu, tinha mulher e filhos pequenos (A. A., 57, Entrevista / 2005).

Eu como sou mulher, tinha medo de andar sozinha por aí, mas era o jeito porque tinha que cortar produto. Saía cedo e andava muito nos varadores, voltando tarde. Como fiquei viúva, ainda ia atrás de frutas no mato para servir de alimento. Conseguia piquiá, tucumã, cupuí, fruto da piaçaba, açai e outras. Tem muita fruta nas matas, só é saber procurar e conhecer (I. A.C., 55 anos, Entrevista, / 2005).

Os piaçabeiros tendem a realizar repetidamente o percurso de sempre, diferenciando pouco o cotidiano de trabalho deles. Tanto o homem quanto a mulher que se dedicam ao ofício da piaçaba seguem o mesmo ritmo de trabalho, pois o que está em jogo é a luta pela sobrevivência. Deixar de fazer comida implica ganhar tempo, e outras vezes porque não existe. O caso como o da viúva acima referido é mais problemático porque os quatro filhos ainda crianças não podiam ficar sozinhos. Indo juntos lhe fazem companhia, ao mesmo tempo, aprendem a lida do dia-dia.

De acordo com os entrevistados, os trabalhadores que vão para floresta cortar o produto procuram aproveitar o dia sem perder tempo, do contrário podem dormir na mata. Há muito

produto, mas o ofício é árduo e cansativo levando muito piaçabeiro a ter a saúde frágil na vida adulta, atribuindo essa condição às consequências da vida de privações e sem regras que levava.

Os piaçabeiros se queixam de doenças como reumatismo, seqüelas por causa das picadas de animais venenosos, doença de chagas, malária, verminose. Certas doenças, dizem tê-las adquirido nos muitos anos que passaram neste mesmo ofício enfrentando sol e chuva. Entrevistaram-se dois piaçabeiros surdos, um cego por acidente com o talo de piaçaba, uma com caso de reumatismo e vários outros com cicatrizes e marcas de picadas de insetos e cobras. A falta de esperança e não credibilidade no futuro são notadas no desabafo de uma mulher que cortava esse produto ao falar o seguinte:

Lá nós somos desassistidos pelo poder público, só procuram a gente quando querem voto no tempo das eleições. Nunca fazem nada pela gente, o piaçabeiro nunca foi beneficiado em nada, só fica na promessa, sempre foi assim desde de quando me entendi por gente. A nossa luta é uma luta solitária com a família. Não acredito que vá melhorar alguma coisa, estou calejada de ouvir as mesmas promessas (A. Souza. Entrevista / 2006).

A fala da entrevistada mostra questões mal resolvidas do passado que se desdobram no presente, confirmadas pelas palavras de Sherer, Coelho e Pereira (2003, p. 106), "o tempo passou e pouco mudou no cotidiano do ribeirinho", isso para referir-se a questões já observadas por Álvaro Maia na década de 40 em sua passagem pelo interior da Amazônia, quando observou a falta de remédio, polícia, médico. Na fala, se nota a falta de esperança nas mudanças e melhoria das condições de vida dos trabalhadores que moram nos seus locais de trabalho.

O ofício de piaçabeiro exige destreza e perspicácia na lida com a floresta, com os rios e com os igarapés. O piaçabeiro deve conhecer as manhas da floresta, os rios e seus meandros, as entradas e saídas dos igarapés, os locais que são fontes de alimentos, as técnicas de captura de animais e de plantio, como achar as piaçabeiras, como cortar suas fibras, como evitar que a piaçabeira morra, como explorar o produto, entre outros elementos de sobrevivência. Ele cria estratégias para permanecer vivo, porque a natureza assim como provê as suas necessidades

também pode trazer a fome se o trabalhador não estiver preparado para lidar com o processo de trabalho e com a própria natureza.

Toda época é época de tirar piaçaba, sendo melhor no verão porque as fibras estão soltas. No molhado dá muita cobra, aranha, lacraia, piolho de cobra e outros insetos perigosos. O único problema é a seca, por isso se tem que ter muito cuidado antes de cortar a fibra. Agora para fazer colocação dentro dos igarapés é melhor no inverno quando tem água, porque entram com as canoas, chatas com motorzinhos de centro e motor de popa e rabeta com as suas famílias, carregando toda bagagem, rancho e animais de criação. Tem família que leva pato, galinha cachorro, papagaio, farinha, rancho comprado do patrão, panelas e roupas, para passar três ou quatro meses (E. O. S. 55 anos/ 2005).

É um ofício ligado às contingências climáticas regionais, que tem desempenho alterado pelas enchentes e vazantes¹¹ do rio Negro e seus afluentes, o que torna o trabalho em certo momento mais difícil que no outro. Essas condições são partes do cotidiano do piaçabeiro que tem opiniões divergentes acerca da situação, não sendo por todos considerado positivo e/ou negativo devido a certos transtornos que causam, em razão das particularidades de perigos e outros problemas que cada estação (verão e inverno) possa oferecer à sua atividade.

Um dos elementos naturais determinantes nas condições sociais da Amazônia são os rios que constituem a principal via de movimento de pessoas e escoamento da produção, sendo também essencial como fonte de alimentos para o consumo diário. Dependendo da altura das águas, a situação de trabalho nos rios pode se tornar arriscada, exigindo uma atenção dobrada, não só por causa do banzeiro bravo, pelo fenômeno das secas e enchentes que engendram, mas pelos caminhos úmidos e alagados no inverno.

Todo ano, durante o verão, os trabalhadores piaçabeiros lidam com as secas dos rios Aracá e Padauri, período que a produção fica retida nos igarapés e pequenos rios até a chegada do inverno quando ocorre a enchente. Os que arriscam enfrentar a seca saem arrastando batelões e grandes canoas carregadas de produtos até o barracão do patrão ou mesmo até às cidades mais

¹¹ Paradoxos da fartura e da escassez, posto que o período chuvoso [da enchente] é propício para o transporte do produto e escasso em termos de alimento, e o verão [seco] dificulta a navegação, mas é farto em alimento.

próximas, enfrentando os perigos dos baxios¹², das praias e paus caídos sobre os igarapés e rios estreitos. Vejamos a experiência de Dona Nega em certa ocasião:

A gente vinha descendo o igarapé no rio Padauri e a correnteza era forte e tinha muito pau. Eu me encontrava na popa da canoa amamentando uma filha pequena. O igarapé era estreito e na volta o pau bateu na piaçaba que rolou e bateu no meu rosto e eu caí n'água com a menina no braço. Eu andava sempre no reboque com as canoas cheias (O. R. A., 59 anos, Entrevista/2006).

Isto porque precisam vender seu produto para sobreviver, pois é muito difícil um patrão chegar a determinadas colocações no verão para levar remédios e alimentos. Veja o caso de Jamaru (apelido) que passou dificuldade por falta de farinha para se alimentar no rio Curuduri, afluente do Aracá. Sabemos que o nativo do rio Negro tem, como principal alimento, a farinha, sem a qual qualquer comida fica menos saborosa.

O rio estava seco e nós ficamos lá dentro do rio Cabeçudo, afluente do Curuduri, tirando produto. Nesse intervalo acabou a farinha, mas a gente já esperava o patrão. Passamos dezesseis dias só tomando o açaí puro aguardando o patrão, o lugar que nós estávamos era muito longe e não fazíamos roça porque toda a farinha era o patrão que trazia. Outra dificuldade que vivi foi de ter arrastado muita canoa com produto, cavando areia com pratos e remo (F. A. S. Entrevista, 68 anos/ 2006).

O piaçabeiro além de extrair piaçaba, amarra, carrega, descarrega, corta paus, rema, guia, constrói barracos, pesca, caça, dentre outras atividades. Naufragar e arrastar canoas são dificuldades costumeiras que acompanham a vida destes trabalhadores nos piaçabais, que fazem e ainda fazem este sacrifício porque têm necessidade quando não encontram alternativa mais rentável. Um caso mais recente narrado por um piaçabeiro confirma que o tipo de problema descrito ainda é bastante recorrente. Vejamos:

Aconteceu no ano de 2002, depois de seis meses de trabalho quando eu e meu companheiro de viagem regressávamos do piaçabal no rio Padauri numa rabetinha. Ao chegar na boca do rio Preto, resolvemos atravessar o estirão (espécie de baía) para chegarmos à Floresta a comunidade mais próxima que ficava há alguns quilômetros de distância. De repente se formou um temporal e um banzeiro forte que alagou a nossa canoa. Estava tudo cheio e as margens estavam alagadas. Nadamos e ficamos no galho do pau para esperar que alguém passasse. Perdi tudo: motor, canoa, remo e rancho. Ficamos só com uma sacola e o carote de combustível que ficou bubuiando. Passamos quatro dias no galho do pau esperando que passasse alguma embarcação. Nós já estávamos com fome e frio porque chovia muito. Aí foi o jeito enfrentar o rio e nadar. Pegamos o carote

¹² Os piaçabeiros chamam de baxios os locais mais rasos dos rios durante a seca, onde se arrastam os barcos e canoas por falta de canais para dar passagem, em virtude da grande quantidade de praias que aparecem no verão.

e amarramos num pau que estava de bubuia e fomos nadando. Pegamos o igapó e fomos embora. Ficamos nadando de sete horas da manhã até às oito da noite quando chegamos na comunidade da Floresta. Estávamos quase congelados pelo frio. Fomos acolhidos por um senhor que nos deu bolacha e nescau, porque já havia acabado a comida e depois fomos ao seu sítio onde nos emprestou roupas e rede. No outro dia, fomos ao local onde ficamos os quatro dias buscar a sacola que havia ficado no pau (J. A. S. 40 anos, Entrevista/2006).

Todo o objeto de valor conseguido a duras penas foi perdido em questão de minutos. Lembremos que um piaçabeiro, para adquirir um produto de consumo durável e de grande utilidade para sua vida, extrai toneladas de piaçaba para poder pagar o objeto desejado. São meses de trabalho e privação até conseguir a quantidade de produtos destinados ao pagamento do mesmo.

Após o acidente, o referido piaçabeiro não retornou ao piaçabal, permanecendo na cidade onde fixou residência para os filhos poderem estudar, objetivando um futuro melhor que não seja trabalhar no extrativismo. A educação ainda constitui, para muitos trabalhadores, um meio na busca de melhorias para a sua vida e para o futuro dos filhos.

O péssimo pagamento do produto, a desvalorização do ofício levam muitos piaçabeiros a quererem mudar de trabalho e a migrar para cidade onde passam a realizar pequenas tarefas como pescadores, roceiros dentre outros serviços. Raras vezes conseguem emprego fixo. A maioria dos entrevistados não acredita que o freguês possa subir na vida com a piaçaba, a não ser o patrão e seus filhos.

Tocantins (1973, p. 279) chama a atenção para o fato de que os rios podem impulsionar a vida e a morte. "Os caminhos que trazem a fortuna ou a desgraça". Esse quadro foi expressado pelos piaçabeiros que sofreram alagações. Mas o verão extremamente forte também traz flagelo. Um exemplo claro deste fato foi mostrado pela imprensa no ano de 2005 com a seca que assolou o rio Amazonas, provocando uma verdadeira calamidade em alguns municípios. Rios, igarapés e lagos localizados em trechos do principal rio secaram dando lugar a uma mortandade de peixes.

No meio de toda essa situação, está o homem que depende do meio físico natural. A desordem de um elemento natural desorganizou vários outros sistemas vivos: o vegetal, o animal e o humano.

O verão e o inverno apresentam vantagens e desvantagens para o piaçabeiro em diferentes situações. O verão é uma época com fartura de alimentos para o trabalhador, pois os lagos e paranás secam e dão pouco espaço para os peixes se esconderem, sendo fácil pegá-los. Os quelônios desovam nessa época, propiciando abundância desse tipo de alimento, e há grande quantidade de caça como mutum, jacamim, anta, porco, jacu. Recolhem frutos como piquiá, uixi, tucumã, cupuí, açai, bacaba, patauí, fruta de piaçaba, buriti, curucuda, fruta de sorva, dentre outras.

Também é nesse período que o ambiente está mais seco e propício para cortar a fibra oferecendo menos perigo em relação aos animais peçonhentos, bem como os varadores estão secos para se transitar e a fibra seca e solta fica mais leve para carregar. Esse período muita gente aproveita para cortar e acumular produto. Ocorre que, durante o verão, há o encarecimento do produto por ficar mais escasso no mercado, de maneira que se alguém conseguir levar o produto para a cidade poderá ter um maior lucro. Há piaçabeiro que corta durante o verão e deixa acumular para o começo do inverno quando o patrão chega para prestar conta com a freguesia.

As desvantagens do verão estão mais relacionadas às secas dos rios e igarapés que ocorrem, criando a problemas para a navegação e dificultando a condução e transporte do produto de dentro dos igarapés que ficam secos e cheios de paus caídos, assim como ocorre nos rios que ficam tomados de bancos de areia impedindo a passagem de batelões e motores.

Veja o enfoque que um entrevistado dá ao assunto:

O único problema no verão é a seca do rio para o transporte do produto, é que há muitas praias e paus. Em certos igarapés tem tanto pau que certas vezes é necessário descarregar o produto e outras bagagens para passar as canoas e outras embarcações por baixo dos paus quando estes caem e ficam atravessados no leito, ou então passar por cima dos que estão no nível das águas. Alguns igarapés secam tanto que fica escorrendo somente um fio d'agua. Embarcações nesses lugares só rabeta e canoa a remo. Produto tinha demais,

de maneira que chegamos a tirar de sete a dez toneladas em família em cada temporada (E. S. O., Entrevista / 2005).

No verão, havia piaçabeiro que abria varadores pela floresta da casa até a colocação, como nos conta um piaçabeiro a sua experiência no seguinte relato:

na Vila Conceição onde morávamos, nós abríamos um que ia do sítio localizado na margem do rio Padauri até o igarapé. Este caminho era usado no verão quando o igarapé estava seco e também no inverno para encurtar o caminho.

Quando era inverno, nós íamos para fazer o barracão no igarapé, de canoas sem a companhia das mulheres e crianças. Depois de pronto, vínhamos buscá-las na boca do igarapé Conceição onde já esperavam com as coisas. Já tinham conduzido as coisas pelo varador que dava até a boca do igarapé onde as pegávamos, não precisando ir até o sítio. Quando a água começava a baixar, saíamos de novo para o sítio. No verão a gente trabalhava com seringa no nosso sítio mesmo, porém tinha que pagar imposto para o Sr. Albino Pereira, responsável por este empreendimento. Se trabalhasse em seringais pertencente a alguém pagava-se uma taxa para o dono pela quantidade de seringa que tirasse (E. O. S., Entrevistado / 2005).

O inverno possui a vantagem de ser propício à navegação e para a condução e transporte do produto de dentro para fora dos igarapés e rios que estão cheios. Nesse período, os patrões entram nos rios para prestar contas com o freguês e fazer o aviamento, momento em que o freguês tem mais contato com as mercadorias fabricadas levadas para serem vendidas.

A desvantagem do inverno está no perigo porque se enfrenta o fenômeno das chuvas torrenciais com ventanias, raios e trovões, varadores molhados e alagados possibilitando a inesperada queda de paus e galhos e até árvores a qualquer momento. Na hora de cortar, é muito arriscado, por causa do possível contato com animais peçonhentos, como cobras jararaca e surucucu, aranha, escorpião, barbeiro (piolho de cobra), lacraia, percevejo preto, além do carapanã que transmite a malária e outros insetos perigosos. A piaçaba fica molhada e pesada para carregar, e a alimentação tanto de caça quanto de pesca fica escassa e até produtos de consumo vendidos pelo patrão.

Uma vez saímos pra caçar e chegamos tarde da noite em casa, porque passamos horas para pegar um tatu que o cachorro achou dentro de um buraco. A gente cavava o buraco para alcançá-lo, e ele cavava para dentro tentando escapar. Era eu, João Pimenta e Donato do Nazaré. Só conseguimos matá-lo às 11 horas da noite. Nesse tempo estávamos com todas a família na colocação e havia escassez de comida (E. O. S., Entrevista / 2005).

Além dos problemas acima relacionados, o inverno é um período propício a alagações, pondo em risco a vida do trabalhador, bem como o verão também oferece entraves à navegação, como nos revela Tomé

Muitas vezes para a gente sair do Aracá é necessário cavar com remos e pratos um canal para arrastar o barco. Nos igarapés para descer as canoas com os produtos tem que se cortar os paus caídos ou então não sai. Eu fazia isso por necessidade. Mas era também perigoso durante o inverno, quando se tinha que enfrentar as correntezas e cachoeiras dentro do Padauri. Uma vez me alaguei com a canoa cheia de produto. Não sabia se salvava o produto ou a vida. Nessa peleja eu quase morri (T. S. 87 anos, Entrevista /2006).

Esse piaçabeiro revela com perceptibilidade os perigos e o desconforto que o trabalhador passa na busca da fibra. Rios estreitos e pequenos são extremamente perigosos para a navegação, necessitando destreza e atenção no manejo do remo ou do leme da embarcação. Qualquer descuido pode ser motivo para naufragar e perder os produtos, a bagagem e a própria vida. Portanto, tanto no verão quanto no inverno, o ofício da piaçaba coloca em risco a vida do trabalhador.

Na natureza as coisas não funcionam como se deseja, portanto é necessário adaptabilidade para viver e sobreviver na floresta, explorando os seus recursos. Quem corta piaçaba tem por obrigação saber as técnicas de corte para proteger a sua própria vida e a vida da planta. Estas técnicas de manejo da piaçaba serão explicadas em outro item. Temos de admitir que os rios ainda são as estradas por onde transitam piaçabeiros, seringueiros, castanheiros e outros trabalhadores na imensidão da Amazônia. Eles são considerados por Tocantins (1973) como o destino do homem na Amazônia, cuja presença tanto desagrega quanto une para criar uma nova condição.

Como se vê, um piaçabeiro experimenta todo tipo de dificuldade e somente a experiência e conhecimento que adquiriu no cotidiano de trabalho não o deixam imediatamente na fragilidade, porque sabe que a natureza possui fases de altos e baixos propiciados pelos fenômenos naturais. O ofício da piaçaba exige sabedoria e conhecimento do manejo do produto que varia de época para época. O piaçabeiro conhece estratégias para enfrentar os obstáculos no seu trabalho diário, e que

apenas um descuido poderá até levá-lo à morte. Mesmo com toda experiência e cuidado, há muitos casos de piaçabeiros que já foram ferrados por insetos e picados por cobras venenosas.

Dos que sofreram acidentes e estão vivos, localizamos Luís F. (com 84 anos) que foi picado por jararaca e seu filho, por surucucu. Os dois tomaram um remédio chamado específico pessoa para ficarem curados. Elói (70 anos) foi picado duas vezes por cobras venenosas: surucucu e jararaca. A primeira quando vinha no varador voltando para a barraca carregando um pacote de piaçaba, ao pisar em um pau de braço de bacabeira a cobra pulou e o picou, a segunda vez foi picado por jararaca enquanto pescava. A cura veio pelo soro anti-ofídico e a segunda vez tomou específico pessoa. Calixto (81 anos) foi picado duas vezes por jararaca, curando-se com remédio caseiro que colocaram em cima ferimento e o sumo que deram para ele beber. Disse não saber o nome deste remédio. Socorro disse que teve parentes picados por piolho de cobra e percevejo preto, entre outros casos (Santos, 43 anos, Entrevista / 2006).

Quem trabalha na floresta, está propenso a sofrer esses tipos de acidentes a qualquer momento mesmo já estando adaptado ao ambiente. De acordo com as informações colhidas, a surucucu é uma cobra que só ataca se for tocada, já a jararaca pula em cima de qualquer um que passe por perto dela. São essas espécies que mais têm feito vítimas dentro dos piaçabais. Somente o senhor Tomé disse ter sido picado por uma cobra papagaio sem grandes consequências para a sua saúde.

Mas o trabalho não era só cortar o produto e conduzir, havendo também o penoso trabalho de beneficiamento que muitos piaçabeiros faziam nos finais de semana ou nos dias santo e feriados nacionais. Geralmente existe um barracão de residência separado onde o piaçabeiro deposita a fibra para protegê-la da umidade e posteriormente realizar o trabalho de separação da fibra por qualidade para a confecção das **piraíbas** ou pacotes¹³. A piaçaba molhada ou úmida era

¹³ Formas de embalar a piaçaba para ser transportada. A piraíba é um pacote em forma de cone, bem amarrado com cipó, o que dificultava o seu desmanche para verificação de sujeira em seu interior. Colocar paus e barro dentro do produto era a forma encontrada por vários trabalhadores para que o produto pesasse mais. A reação do patrão veio

colocada para secar ao sol no terreno com a ajuda das crianças e mulheres que ficavam em casa encarregadas de recolher quando houvesse chuva e colocar novamente quando houvesse sol. A. Souza lembra que ela e seus irmãos ajudavam nessa função quando eram crianças, pois, em sua casa todos tinham responsabilidades a cumprir desde a infância.

Determinados piaçabeiros contam suas estratégias para conservar a piaçaba. Isso mostra um saber que vem sendo passado de geração a geração, fruto da experiência coletiva.

Se deixar o pacote no mato por uma semana ele enraíza, parece que vira terra de novo, podendo até nascer planta em cima como eu mesmo já vi acontecer. Uma forma de conservar a fibra é deixá-la na água porque a fibra fica mais resistente, inclusive fica de cor escura. A piaçaba vermelha se for colocada ao Sol por muito tempo ficará branca e podre (Apolônio, 74 anos, Entrevista / 2006).

Uma de nossas entrevistadas relatou que viu vários pacotes de piaçaba abandonados por falta de transporte, apodrecidos e enraizados num varador aberto para ligar o rio Padauri ao rio Cabeçudo. Disse que, em cima de vários pacotes, nascia planta. A fibra vai se desfazendo e se transformando em terra e virando adubo para as outras plantas.

Beneficiar o produto é outra função que dá muito trabalho segundo as informações dos piaçabeiros. No pensamento de Tomé, não é conveniente deixar acumular o produto para depois beneficiar (amarrar os pacotes para o embarque) porque dá muito trabalho e maltrata os dedos. Por essa razão, fazia questão de confeccionar as piraibas ou os pacotes assim que chegavam da mata, porque o produto só podia ser vendido bem embalado.

Pegava-se três cabeças que já se trazia beneficiada e separada com fibras secas e bonitas para fazer uma piraíba (em forma de cone, fina para baixo e grossa para cima). Era amarrada com cipó de ambé-coroa. Não é aconselhável deixar acumular e amontoar produto para um só dia, porque fica difícil amarrar, pois maltrata muitos os dedos." Atualmente existem outras formas mais fáceis de embalar o produto, assim como preços diferentes para cada tipo. A torinho é a mais limpa e cara, a cabeça é a que tem mais sujeira, de modo que fica mais barato para vender (citar os tipos). Em casa todos ajudavam. As mulheres geralmente ficavam com o serviço doméstico, cuidando das roças, capinando e fazendo a farinha, o beiju, a goma, a tapioca (T. S., 87 anos, Entrevista / 2006).

através da proibição em fazer esse tipo de embalagem, levando o freguês a entregar a fibra em forma de pacote e não mais de piraíba, já que o pacote é feito de forma mais simples.

Quando concluíam os trabalhos de beneficiamento¹⁴ e já estando com as piraíbas prontas no início do inverno era hora de fazer a condução. Nesse intervalo, o patrão já marcava o dia em que chegaria através de aviso transmitido por emissora de rádio em Manaus. Os piaçabeiros enchiam as canoas grandes e pequenas de produtos e traziam para a boca do igarapé a remo ou utilizando um pequeno motor de nome rabeta para armazenar o produto no barracão até a chegada do patrão.

Chegavam a passar vários dias, fazendo o mesmo percurso, descendo o produto dependendo da extensão de onde se encontrava a colocação até a boca do igarapé. Quando o patrão já se encontrava esperando por eles só faziam pesar e arrumar o produto diretamente nos batelões. Esse trabalho era demorado porque não havia possibilidade de entrar embarcações grandes nos igarapés mesmo estando cheio.

O extrativismo possui características próprias que estão relacionados aos produtos que se extraem e o lugar não é o escolhido e determinado, é o propício para cada produto que se deseja ou que está em alta no mercado, ou o necessário apenas para subsistência. São recursos abundantes e suas formas de uso estão de acordo com o grupo cultural que também é diverso, i.é., a Amazônia possui uma variedade de plantas (biodiversidade) e de culturas (sociodiversidade) que a torna uma região particular.

Os piaçabeiros forneceram os nomes dos rios e dos igarapés onde estão concentrados os piaçabais, nos quais já haviam trabalhado, como rios Preto, Padauri, Curuduri, Aracá e Marié. A fibra de piaçaba é abundantemente encontrada em regiões de solo e clima úmidos em áreas do rio Negro, envolvendo os municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira.

¹⁴ É explicado pelo trabalhador da piaçaba como o ato de fazer os pacotes e as piraíbas para a condução e embarque do produto. O piaçabeiro limpa, seleciona, amarra e trancafia o produto. Trancafiar é a técnica de amarrar o produto na forma vertical para impedir que caia o cipó amarrado na horizontal de modo que o pacote não se desmanche.

Meira (1993, p. 21) cita outras áreas de ocorrência da piaçaba: as "áreas de piaçabais são as zonas interfluviais do alto rio Téia, do rio Marié e seu afluente Iá, do Curicuriari e do Xié". Outros que foram mencionados foram o Jaá e o Dará no rio Negro. Dentro de cada rio, encontra-se uma infinidade de igarapés ou pequenos rios, onde estão as colocações nas quais os piaçabeiros ficam por vários meses trabalhando. Outras localidades estão em áreas pertencentes à Colômbia e à Venezuela que também são países banhados pelo rio Negro, onde a planta é conhecida pelo nome de chiquichiqui, atribuído por Humboldt (WALLACE, 1979).

Os piaçabeiros têm uma linguagem própria para explicar sobre os elementos específicos de um piaçabal para se comunicar melhor, numa situação em que as poucas palavras dizem tudo. Sobre o solo, por exemplo, eles descrevem três tipos: o de mata baixa que é arenoso, o buracal e o alagadiço. Apolônio chama de areiusco, encharcado e chavascal, que se equipara ao primeiro e se diferencia dos de terra seca. A maiapoca ou mamaipoca é o piaçabal que já foi explorado, mas que volta a ser explorado depois de algum tempo em descanso ou abandono levando um período de seis a dez anos; e rebolado é nome atribuído a um pequeno piaçabal composto por 10 ou 20 piaçabeiras.

As informações variam muito, mas um dos piaçabeiros experientes informou que, depois de quinze anos, é quando a piaçabeira está realmente pronta para ser explorada novamente porque as fibras se encontram compridas e no ponto de serem cortadas. O chavascal possui uma grande quantidade de palmeira de buçu, que tem folhas grandes que servem para fazer cobertura de casas, muito utilizadas em hotéis e chalés turísticos (E. O. S. Entrevista / 2005)

Os dois rios aracá e Padauri são conhecidos não pela extração da borracha como correu em outros rios da região, mas pela extração da piaçaba. São rios estreitos e de leitos rasos localizados na margem esquerda do rio Negro onde existem grandes quantidades de igarapés e cachoeiras que representam muito na história de vida dos trabalhadores piaçabeiros.

O Padauri faz limite entre os municípios de Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos. Possui diversas áreas de piaçabais nos seguintes igarapés citados pelos próprios piaçabeiros: Tabaco, Branco, Vila Nova, Humaitá, Pavio, Castanho, Lago Preto, Maçaranduba (Lago Central), Acuquaia, Japó Mirim, Parauari, Tucano, Vinte Oito, Pixirituba, Poção, Traíra, Torquato, Dalaqui. Também são citados lugares como Cachoeira da Aliança, Tapera, Acuacu, Vila Conceição. O rio Aracá tem igarapés e localidades denominadas de Cabeçudo, Fome, Curuduri, Cumaru, Shidaua, Cachoeira do Aracá, Elesbão ou Lesbão, Samaúma e Monteiro. Os dois rios comportam igarapés e lagos que, durante a vazante, nem canoa passa. Mas existem outros rios e igarapés onde há piaçaba que não foram citados.

Um piaçabeiro disse que a fibra da piaçaba tem um valor comercial razoável hoje, no entanto, já foi melhor. Isso não quer dizer que todos estejam contentes com os saldos relativos a esse ofício, haja vista o trabalhador se sentir sempre explorado e pouco valorizado pelo seu trabalho. Em sua visão, há preconceito somente pelo fato de se saber que uma pessoa exerce a atividade ou está ligada por laços de parentesco a alguém que sobrevive deste tipo de trabalho. "Muitas vezes as minhas filhas têm sido discriminadas pelos colegas na escola quando são apontadas como filhas de um piaçabeiro. Mas esse é o trabalho que temos para tirar o sustento de nossas famílias" (J. Vaqueiro, Entrevista / 2006)

Mas a discriminação ocorre não só com a filha do piaçabeiro, mas também com outras crianças que vêm de escolas do interior que têm o nível de estudo fraco em relação às escolas urbanas e são sempre apontadas como fracas e muitas vezes são chamadas de "burras" pelos colegas de sala de aula. As crianças que vêm de escolas do interior estão mal preparadas para enfrentar séries mais avançadas na cidade. Elas são matriculadas nas escolas da cidade para continuar seus estudos, mas até se acostumarem e se nivelarem à nova realidade irão sofrer

discriminação. O que acaba por afetar a auto-estima de muitos desses alunos levando-os ao desestímulo e até desistência da escola.

Stradelli (1848) foi um dos naturalistas que exaltou a piaçaba como um produto merecedor de destaque pela resistência que têm os produtos advindos da planta, dizendo que as fibras são mais resistentes e elásticas que as comuns. Os ingleses fizeram grandes encomendas para a sua marinha comprando o produto a preços bem altos. Do Pará, era embarcada para Londres, mantendo-se um preço de 10 a 12 libras esterlinas por tonelada, cobrindo a poucos custos as despesas de transporte e armazenamento do produto que ia do rio Negro ao Pará na época.

O mesmo autor citado se refere à Amazônia como a natureza pródiga de dons, manifestadas por uma exuberante riqueza animal e vegetal que se apresenta, bem como em manifestações culturais. A planta dá ao piaçabeiro a palha, a fruta e a fibra e o direcionamento para a criação de técnicas que possibilitem o uso, embora pouco se utilize, na região do rio Negro, a palha dessa planta para fazer a cobertura¹⁵ das barracas.

¹⁵ O piaçabeiro assim como outros extratores dão preferência ao uso do ubim, e buçu para fazer suas barracas. Existe uma variedade de espécie de palhas na floresta próxima aos piaçabais. Graças a elas há grande quantidade de piaçabeiras na floresta, pois do contrário elas já estariam escassas.

2.2- As relações de trabalho entre o freguês e o patrão

A mercantilização não trouxe grandes benefícios para os habitantes do interior da região amazônica porque não considerou as particularidades aí existentes. Os povos do interior da região continuam praticando o extrativismo, aproveitando a diversidade de espécies de valor econômico razoável destinados à subsistência e ao acesso a mercadorias manufaturadas e/ou industrializadas de que necessitam.

Emperaire (2000) assinala que há aproximadamente um terço de população rural que se ocupa da atividade extrativista. Dentre os personagens desta categoria de trabalho, existem dois principais: o patrão e o freguês, figurados por Santos (2003, p. 156) como "principais pilares [...] do aviamento", no qual um [freguês] está sujeito ao outro [patrão¹⁶]. Categorias que guardam níveis de sujeição, cujo aviador maior está no topo e o que corta produto se encontra na base da pirâmide social.

As dimensões geográficas são fatores decisivos para o tipo de relação comercial implantado no interior amazônico, onde o aviamento é a porta de entrada para a aquisição de bens de consumo manufaturados e a possibilidade de condições à exploração da floresta, bem como são obstáculos ao bem-estar do trabalhador do interior quanto às políticas públicas de saúde, de educação, de telecomunicações dentre outras, que se fazem presentes de forma mais freqüente nos centros urbanos.

O aviamento é o sistema ainda prevalecente no interior da região da Amazônia no âmbito das atividades primárias, de forma especial, o extrativismo. Santos (1980) em *História Econômica da Amazônia* destaca que esse sistema foi a instituição que se consolidou na região a

¹⁶ Patrão é o nome atribuído pelo piaçabeiro ao comerciante de produtos extrativistas, que possui um determinado número de pessoas trabalhando para si, do mesmo modo os piaçabeiros se identificam entre si pelo termo freguês, i. é. aquele que corta ou extrai produto. Por isso, estão sendo utilizadas essas denominações neste estudo.

partir do momento em que a sociedade amazônica teve contato com o sistema monetarizado do capitalismo industrial europeu. Segundo este autor, o aviamento tende a repetir-se em todas as áreas extensas que têm como base recursos naturais com baixa tecnologia de exploração, onde o comércio é realizado na base da troca havendo raramente a transação com dinheiro vivo, sob a liderança de agentes locais ou mesmo estrangeiros.

O autor declara que, desde os tempos coloniais, no início da ocupação da Amazônia, já se comercializavam, sob o referido sistema, os produtos florestais conhecidos como "drogas do sertão". Tais produtos eram trocados por mercadorias manufaturadas com negociantes sediados em Belém. Era uma espécie de crédito no qual o patrão supria as necessidades do freguês com produtos manufaturados e recebia como pagamento produtos extraídos da floresta. Conforme suas palavras, este sistema "será o embrião de um mecanismo que pôs a funcionar toda a economia amazônica da fase da borracha, e que persiste ainda em nossos dias, se bem que modificado e com importância atenuada", assim como outros produtos explorados na região (SANTOS, 1980, p. 156). Outros autores como Emperaire (2000), Péres (2003), McGRATH (1999) também abordam o sistema de aviamento.

Nesta pesquisa, constatamos que a mão-de-obra que constitui as atividades extrativas não é assalariada e é composta por uma clientela de baixa escolaridade. O que existe na realidade é uma troca desigual de produtos por mercadorias que chegam a piaçabeiros, assim como a outros extratores, superfaturadas, conforme podemos conferir no exemplo dado por um de nossos entrevistados. Se um quilo de arroz custa R\$ 2,00 na cidade, chegará ao interior por R\$ 6,00, variando muito de patrão para patrão.

Conseguimos a cópia de uma conta cedida por com um piaçabeiro do rio Aracá com a relação dos preços que devia ao seu patrão (nordestino): quatro quilos de arroz custou ao freguês R\$ 20,00 reais, vinte litros de gasolina por R\$ 120,00, doze tubos de creme dental por R\$ 75,00,

oito latas de leite ninho por R\$ 120,00, oito fardos de farinha de 25 litros por R\$ 700,00, três caixas com refrigerante por R\$ 180,00, entre outras compras. O filho de um piaçabeiro já falecido nos narrou o seguinte:

Um certo patrão (S. Macedo) quando subia para os piaçabais embriagava os fregueses para que estes comprassem mais. Quando aconteciam brigas por causa da embriaguês, ele mesmo tinha de despartar, pois acontecia no seu batelão onde se encontravam os produtos que comerciava. Ele puxava a faca e ninguém ligava, puxava a espingarda e a briga continuava, mas quando puxava o caderno de contas e a caneta a briga acabava na hora e não ficava ninguém no batelão, todos iam embora dormir (I. M. entrevista/2007).

Essa estória é uma sátira que traduz o drama de quem vive no interior das colocações e depende do fornecimento de produtos de consumo oferecidos pelo sistema de aviamento. O piaçabeiro tem mais medo do patrão com o caderno de contas e uma caneta nas mãos do que uma arma apontada para a sua cabeça, o que leva a satirizar o caderno como uma arma mais perigosa que a espingarda. Podemos dizer que esse sistema continua a vigorar na região com traços diferenciados em alguns locais onde o contato com as cidades (centros urbanos) propiciados pela distância e somados à dificuldade de comunicação e transporte continuam sendo obstáculos, como veremos mais adiante.

McGrath (1999, p. 58) assinala, que "embora diferindo superficialmente de outras economias regionais da América Latina, o sistema de aviamento, [...] compartilhava quase todas as principais características associadas ao capitalismo mercantil". Diversos tipos de produtos florestais e animais eram negociados através do escambo e crédito. Os piaçabeiros ao invés de serem pagos pelo tempo de trabalho, são pagos pela produção que, no final das contas, só pagam as despesas com alimentação e outros produtos de consumo.

Quem trabalha no interior dos rios amazônicos tem dificuldade de mobilidade e conseqüentemente o contato com o patrão é esporádico. Por sua vez o patrão perde o comando direto sobre o trabalhador, tendo como único mecanismo de domínio o endividamento do freguês.

Nos tempos da borracha, o aviamento formava uma rede relações comerciais englobando uma escala hierárquica de patrões que controlavam os seringais e piaçabais da região amazônica.

A questão da hierarquia não ocorre somente entre patrões, mas também entre fregueses. Esse assunto é tratado nas teses de Péres (2003) e Santos (2003) quando falam da relação de poderes entre patrões e fregueses no rio Negro, onde se concentra o mesmo sistema nos diversos tipos de extrativismo vegetal e também animal (pesca) que lá são executados pelos povos tradicionais, já definido no item 1.1.

Santos (2003, p. 96) em sua tese de doutorado analisa "no Médio Rio Negro todo o universo humano se movia praticamente em torno da indústria extrativista, que, aqui, caracterizou-se pela diversidade de produtos coletados, envoltos [...] no aviamento", delineado por feições particulares conforme o processo histórico transcorrido. Constitui-se numa graduação de poder em rede que dominou o comércio em toda a região. Nos termos de Weber (1999), podemos relacionar tal fato como transição de poder, representada pela condição econômica e de contato que cada um mantém, e que Santos (2003) concebe como níveis de poder que estabelecem os limites de atuação de cada um em seu território de atuação.

A hierarquia de poder no rio Negro detectado por Santos (2003) como parte da estrutura do poder econômico local divide diversas categorias de aviadores que se inicia com o aviador central ou principal que manipulava o dinheiro e as riquezas resultantes do extrativismo, assim como sustentavam financeiramente o sistema, seguido pelos aviadores internos que faziam a mediação entre o primeiro e os que coletavam os produtos da floresta. Entre os dois níveis estava um conjunto de pessoas responsáveis por funções burocráticas essenciais, tais como pequenos comerciantes, administradores das companhias de comércio, segurança, coleta de impostos, controle de produção.

Com as informações concedidas pelos nossos entrevistados, verificamos que os patrões (aviadores principais e intermediários) da piaçaba¹⁷ geralmente vieram de outras regiões do Brasil ou do estrangeiro, o número de pessoas da região que são patrões é insignificante. Já os fregueses eram formados por pessoas que se identificam como caboclas e indígenas de diversas etnias descidos de Santa Isabel, São Gabriel e os naturais de Barcelos. Mas havia também os oriundos de outros estados, sendo em menor número, como informa um dos entrevistados: "Trabalhavam comigo alagoano, cearense, paraense, maranhense e gente da região" (Paca, Entrevista/2006).

Existe entre eles uma relação de dependência que envolve o financiamento, a prestação de serviços e outras responsabilidades em níveis (do maior para o menor) como os identificados no estudo de Santos (2003). Quando perguntamos a um patrão dos rios Padauri e Preto, C. Leite, de quem é a responsabilidade com o transporte da piaçaba, ele respondeu:

sempre foi dos patrões, pois vão buscar o produto em suas próprias embarcações lá dentro dos rios e trazem para remeter a Manaus pelo recreio (motor de linha). Se a produção vai para outro estado é necessário fretar carretas, o que sai muito caro para o bolso deles. Quando não havia recreio fazendo linha para Barcelos a despesa era maior, porque os próprios patrões conduziam o produto até Manaus em seus motores e batelões arcando com todas as despesas de viagem, sendo remetido para outros lugares pelas casas aviadoras (C. A. Leite, entrevista / 2006).

A gente se responsabiliza pelo recreio até Manaus e a carreta em Belém é o comprador que paga. Sou autônomo e não acho vantagem vender aqui em Barcelos. O transporte no interior, de março a setembro, é mais perigoso, enfrentando-se banzeiro, correndo o risco de naufrágio e no verão, de outubro a abril, o pessoal sai do igarapé e vai para margem do Aracá para não ficar preso pela seca nas colocações (S. Barros, entrevista / 2007).

Santos (2003) descreve que no rio Negro um dos aviadores que mais se destacou foi J. G. Araújo, que possuía uma filial, de sua firma em Santa Isabel do Rio Negro. Nesta filial havia um gerente estabelecendo o controle das contas, pesando e enviando produtos. Foi um dos maiores patrões dos anos 30 e 40 do século XX neste local, controlando a exploração de piaçaba, cipó vime, puxuri, essência de pau-rosa, madeira e outros produtos que eram comercializados,

¹⁷ Piaçaba é o nome atribuído pelo próprio piaçabeiro à fibra extraída da palmeira piaçabeira. Portanto piaçaba e piaçava, piaçabeira e piaçaveira são termos que têm o mesmo significado, sendo o primeiro termo mais utilizado.

especialmente borracha. Até hoje naquele município se pode ver as ruínas do velho casarão onde funcionava o comércio de J.G. Araújo.

Com base no mesmo autor entendemos que a relação que essas firmas mantinham no rio Negro era sustentada por troca de favores e confiança em níveis bastante complexos em razão das categorias de padrões existentes, em que um é freguês do outro. A grande firma aviadora, cuja sede se situava numa grande cidade ou no estrangeiro mantinha seu controle pela dívida que prendia o freguês pelo crédito que lhe era concedido, o qual só recebia a mercadoria mediante a garantia de entrega produtos, sendo um destes a piaçaba.

"No rio Negro não havia patrão que não fosse freguês. Ninguém é patrão, porque todo mundo deve" (A. F. O, 76 anos, Entrevista/2005). Portanto, essa cadeia de produção traz atrás de si não só uma rede de padrões, mas também uma rede de fregueses. Há o grande patrão que é freguês de uma casa aviadora de Manaus, mas no interior atua como patrão dos extratores do produto, qual um deve ao outro, gerando uma rede de dívidas.

São níveis de poder que colaboram na perenidade do sistema que historicamente se criou na Amazônia, confirmadas por Meira (1993) que estudou o extrativismo da piaçaba no alto rio Negro quando explica que a expressão "freguês" e "patrão" são categorias nativas que se modificam em função de relações sociais verticais, ou seja, um patrão pode ser também freguês e vice-versa, dependendo de sua localização dentro da estrutura de poder vertical do extrativismo, que se expressa de cima para baixo.

As relações comerciais são as mesmas, mas a situação de isolamento que constituía o suporte do patrão é bastante relativa em alguns locais, em muitos casos abalando a relação entre os padrões e os fregueses. Vejamos o que diz F. Leite um ex-intermediário dessa categoria referindo-se à problemática:

Se antes no piaçabal havia a dificuldade de comunicação hoje o acesso é maior, de modo que o freguês tem mais chance de se livrar de certas condições de violência que

chegaram a sofrer no passado. Essa história dos prefeitos terem colocado parabólicas e televisão nas comunidades só tornou o caboclo mais preguiçoso e esperto. Ele passa a ficar sabendo das notícias que se passa no mundo afora. Não dá mais pra confiar na palavra do cara. Às vezes a gente deixa ele trabalhando e quando volta ele já foi embora deixando a dívida pra trás. A lei protege e ele tem conhecimento disso. Não há quem segure o freguês se ele não deseja ficar, e se for utilizada a violência ele foge sem cumprir a responsabilidade com as contas que deixa. Antigamente o patrão vivia numa relação de coronel com o freguês a ponto de o freguês ter obrigação de atar a rede do patrão. Hoje é o contrário; o patrão é que tem de atar a rede do freguês, porque os direitos adquiridos por ele deixaram o patrão em desvantagem. Não se pode mais forçar ninguém ao trabalho; então, o freguês é livre para escolher com quem quer trabalhar. Na falta de uma relação de confiança e na impossibilidade de qualquer coerção fica difícil negociar. Assim a situação fica intolerante porque você tem que se submeter muitas vezes às exigências do freguês (F. L., 42 anos, Entrevista / 2005).

Essa fala traz subentendida a desesperança na continuidade da atividade no futuro porque um dos esteios (patrão) que move a cadeia produtiva da piaçaba se sente impedido de agir na busca dos lucros desejados. Em todo caso não são todos os trabalhadores que têm conhecimento sobre os seus direitos, ou têm acesso às parabólicas, como se refere o entrevistado, de modo que muitos deles continuam sendo explorados e enganados. Quanto às fugas, sempre ocorreram desde o passado, não tendo a ver com o acesso às informações relativas à implantação de parabólicas.

Os piaçabeiros mais informados, na verdade, são os que estão sempre indo à cidade. Estes têm mais argumentos na hora do pacto com o patrão, não se submetendo à situação de sobreexploração de décadas anteriores, abordada por Santos (2003). Veja o que declara um entrevistado baseado na sua experiência.

Hoje em dia o piaçabeiro não é mais tão ingênuo como antes, quando o patrão o enrolava fazendo medo com a justiça e outras formas de intimidação. Se o patrão se meter a besta e ficar brabo o freguês reage porque são muitos contra ele. O caboclo não acredita quando o patrão diz que se ele não pagar a conta irá preso. Isso é conversa, foi-se o tempo em que se ficava intimidado com as ameaças do patrão. Não tem mais negócio de aliciar a filha do freguês, ameaçar de morte e outras maracutaias não. Boa parte dos fregueses já conhece os direitos básicos e comuns a índios e brancos. O índio se encontra mais apoiado ainda pela associação indígena (ASIBA) que busca o amparo legal de seus associados, especialmente de quem trabalha com o extrativismo. Já conseguiram resolver muitos casos (E. S. M., 44 anos, Entrevista / 2006).

Queremos esclarecer que as parabólicas foram instaladas em algumas comunidades¹⁸, de modo que se perceba que não são todos os que ouvem as notícias, bem como não podemos generalizar que todos os piaçabeiros tenham esse tipo de consciência porque existem muitos casos de uso de violência, como o que relata Péres (2003) sobre um patrão do rio Preto que dava ou mandava dar surra até de terçado no freguês que não cumprisse suas determinações e compromissos, ou então, tomava a mercadoria mais apreciada do freguês, dava para outro e até mandava prender o mesmo na cidade quando este não queria voltar ao piaçabal com ele.

De acordo com informações concedidas por funcionário da justiça em Barcelos, já existem muitas queixas de piaçabeiros que passaram por vexames com patrões. O caso mais recente se relaciona à dívida de um freguês que não conseguia pagá-la por causa dos juros sobre os preços das mercadorias. São poucos os casos como estes que têm chegado ao Fórum de Justiça para serem resolvidos, mas existem outras tantas pessoas sofrendo esse tipo de problema. Digamos que falta orientação, a não ser que procurem uma associação que possa orientá-los ou com eles busquem solução.

Buchillet (1997) leva ao entendimento que, no rio Negro, a mão-de-obra era muito sofrida. Eles eram levados à força para os seringais, geralmente localizados no curso inferior do rio Negro. As doenças se alastravam pelo mesmo, levando à morte grande quantidade de pessoas, enquanto outras migravam para lugares cada vez mais afastados da floresta, adentrando os países vizinhos (Venezuela, Colômbia), resultando no esvaziamento de grandes áreas deste rio.

As pessoas conduzidas para os locais de trabalho referidos pela autora, especialmente a nativa, tiveram seus modos de vida modificados pela violência física, pela submissão, enganos e mentiras, isto por não compreenderem a visão de mundo do branco, em termos de relações de

¹⁸ A definição aqui utilizada é a que nos foi dada por morador de Piloto ex-piaçabeiro e produtor de farinha. É uma definição utilizada no rio Negro para se referir ao local onde mora um grupo de famílias unidas por laços de parentesco e trabalho. Alberto Onofre (2007) definiu "comunidade é um povo que mora num canto, uma união de parentes e irmãos onde se trabalha, que se comunicam na mesma linguagem como língua geral, baniwa". Nessa região não se ouve o termo territorialidade e sim comunidade.

trabalho. Antes não precisavam cumprir tabelas e nem horários de trabalho, porque não tinham a preocupação com o acúmulo de riqueza, depósitos e reservas, posto que as suas atividades se reduziam à subsistência, já que a floresta e a terra lhes ofertavam tudo o que necessitavam. Muitos patrões são considerados maus pelos fregueses, em razão de não atenderem aos pedidos e encomendas, não pagarem o saldo e nem dialogarem.

Porém o sofrimento e as dificuldades não têm importância quando se fala de relações econômicas, pois o que prevalece é a lógica do lucro, de modo que um e outro reconheçam que o preço dos produtos e das mercadorias nunca foi justo para ninguém, sempre haverá uma defasagem. Um patrão do rio Curuduri, afluente do Aracá chegou a afirmar o seguinte: "todos roubam, eu também. 'Ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão'. Eu não vou dizer que fui honesto e que não roubei" (A. F. O, 76 anos, Entrevista / 2005).

Nessa concepção, qualquer relação que envolva dinheiro haverá mentiras e decepções. Patrões roubavam patrões, mas quem ficava com a dívida maior era o freguês que pagava por um e por outro toda a ação do roubo, aumentando suas dívidas que tantas vezes o prendeu aos piaçabais até que tudo fosse pago. Prevalece a assertiva popular: "*amigos, amigos, negócios à parte*". A amizade nessa forma de pensar dispensa o dinheiro, já que o econômico fica acima dessa relação na hora de negociar.

Os patrões de piaçaba que foram contactados na cidade de Barcelos informaram que antes se abasteciam em Manaus, mas atualmente alguns deles possuem comércio e aviam seus fregueses na cidade de Barcelos antes de irem ao piaçabal. Somente os que moram dentro dos piaçabais têm de ser abastecidos com produtos de consumo levados até eles. Poca como não tinha comércio, levava as mercadorias de Manaus até o seu barracão situado dentro do rio Curuduri, onde os fregueses compravam.

Esses grandes patrões forneciam, a crédito, todo tipo de mercadoria: farinha, açúcar, café, jabá, conservas, combustível, fósforo, tabaco [fumo], feijão, leite, arroz, cachaça dentre outros produtos. Tudo ficava debitado no caderno do patrão para ser pago com piaçaba no retorno do freguês. Em cima dessas mercadorias, era cobrada uma porcentagem e mais a cobrança da *tara*, definida por Martins (ex-piaçabeiro) como processo que consiste em descontar de 10% a 15% do peso do produto na hora da pesagem feita pelo patrão ou seu encarregado. Esses descontos são concebidos como sobreexploração, termo utilizado por Santos (2003).

Os fregueses não estiveram pacíficos nesta situação, pois também tinham seus modos de reação, uma das mais quais era a de colocar impurezas no produto, o que acabava prejudicando os colegas que não se utilizavam deste artifício, como nos declara Martins (ex-piaçabeiro)

Esses descontos estão relacionados aos vários tipos de impurezas (paus, bucha, barro) que são colocadas dentro das piraibas e pacotes de piaçaba, ou mesmo pelo fato do pacote está molhado internamente fazendo com que pese mais. Por mais que estejam secos os produtos vão ser sempre avaliados com desconfiança pelo patrão, não deixando de haver o desconto, i. é., o patrão vai sempre sair ganhando uns quilinhos a mais do freguês, por mais que o piaçabeiro seja honesto haverá sempre o pretexto do desconto "se um trabalhador entregar 100 kg de piaçaba para o patrão, 20 kg o patrão ganha de graça nas costas do freguês, além do desconto na hora de anotar errado o que foi pesado, em prejuízo deste trabalhador. Se um pacote pesar 30 kg quilos, serão anotados 20 kg". (M. M., 80 anos, Entrevista / 2006)

O ajuste de contas é tenso porque é o momento em que o piaçabeiro entra em contato com o patrão para entregar o que produziu como garantia para se abastecer novamente e contrair uma nova dívida. Nesse momento, é o patrão que assume o controle da situação, pois é ele quem decide o preço a ser pago pelo produto, e o freguês, por sua vez, aceita o comando dos negócios conduzido por suas necessidades de consumo.

Da mesma forma, o patrão que se abastece em Manaus pagará a sua dívida ao voltar com os produtos que adquirir junto aos seus fregueses, dentro de um prazo estabelecido pelas casas aviadoras da capital. Por isso, era muito difícil um patrão ao subir o rio Negro vindo da capital demorar em Barcelos com as suas embarcações. Só paravam para resolver os assuntos relativos a

impostos e licenças antes de se dirigirem ao piaçabal. Os que eram regatões, MacGrath (1999, p. 59) argumenta, se comportavam da mesma forma, abastecendo-se na capital, daí seguiam com destino aos rios para vender suas mercadorias e comprar produtos de quem quisesse vendê-los, sem atar compromisso com freguês.

Esse contato ia acontecendo no processo de viagem, quando o patrão ia parando nos beiradões, pegando os produtos que já estavam prontos e abastecendo novamente o freguês com mercadorias. Primeiro, o freguês pagava com produtos (piaçaba) o que já devia estar previamente somado no caderno do patrão, e, posteriormente, tendo saldo ou não comprava tudo novamente e voltava para o trabalho no corte do produto.

Esse constante processo de compra e endividamento virava um círculo vicioso, compelindo o piaçabeiro a estar sempre endividado, pagando o lucro do grande capital e do pequeno patrão (intermediário) que estava em contato com o freguês. Martins que trabalhou de gerente de barracão e piaçabeiro explicou que os juros cobrados de patrão para patrão eram todos repassados ao freguês, como é comprovado na sua fala a seguir:

Se o aviador da capital cobra 40% na mercadoria fornecida ao aviador do interior, este para tirar lucro vai cobrar do freguês 60%, resultando num juro de 100%. Então, este juro irá ser debitado para o freguês, que irá ter as suas mercadorias cobradas com 100% de juros. Se o quilo de jabá custasse 15 reais, o freguês pagaria 30. Nesse caso o patrão aviado e aviador não paga nada de juros porque tudo é debitado na conta do freguês. Digo a você que até as despesas extras da família do patrão eram repassadas em juros para nós fregueses. Getulio de Matos Ribeiro foi patrão no rio Negro nos anos cinquenta e eu ouvi dele em conversa que enquanto seus filhos não concluíssem os estudos fregueses seus não tirariam saldo. De fato eu nunca tirei saldo com ele (M.M. 80 anos, Entrevista / 2006).

Outro ponto em discussão é a estratégia de controle do patrão sobre o freguês, que muitas vezes parece mais uma situação de descontrole, em razão da resistência em relação ao cumprimento de horas diárias e semanais no serviço de corte da fibra. É certo que o crédito prende o freguês, mas não são todos os padrões que podem controlar o trabalho de seu pessoal de perto, se não permanecerem nos piaçabais.

As informações concedidas deixam claro que o piaçabeiro fica livre para agir longe das vistas do patrão, por não se sentir vigiado e nem atado por regras que restrinjam a sua liberdade de decidir enquanto se encontra longe das vistas do patrão. Ele só tem que dar conta do que foi combinado entre ambos, o resto é com ele e com a sua consciência, como nos disse um freguês. Vejamos a opinião de um ex-patrão a respeito do ponto em discussão.

A piaçaba até que dá lucro, somente o descontrole do horário de trabalho nos piaçabais é problemático. Longe dos olhos e controle do patrão os piaçabeiros vão o dia e a hora que querem cortar piaçaba. Tem os que vão somente três vezes por semana, por isso muitos não conseguem pagar as suas dívidas (F. L. 42 anos, Entrevista / 2005).

Na fala, ficou esclarecido que os piaçabeiros não têm seu ofício supervisionado e, por isso, acabam sendo livres para fazerem o que desejam. A visão que o autor MacGrath (1999) tem do assunto leva a entender que esses trabalhadores são pagos pela produção e não pelo tempo de realização de trabalho, já que controlam seus horários e dias para extrair o produto. Contudo, esse fato não os isenta das sanções que podiam e podem sofrer por parte de certos patrões, quando retornam para buscar a produção, especialmente quando os fregueses sofrem um isolamento maior por falta de comunicação.

O mesmo autor avalia que, nessa circunstância de ausência do patrão há a possibilidade de livre ação dos fregueses, que se encontram longe da supervisão do mesmo. Nesse momento é que o regatão entra em ação para comprar e vender produtos de consumo, e o freguês quebra o compromisso de monopólio do patrão em sua área de atuação.

Dos entrevistados, dois disseram que permanecem com os piaçabeiros nas proximidades das colocações aguardando a produção em seu barracão. Um é o S. Barros com sua mulher no rio Aracá, outro é Paca [já aposentado] que relatou ser mais econômico permanecer com os fregueses que ficar subindo e descendo o rio. "Se economiza combustível, se controla a produção e vigia as ações de fuga de freguês endividado". Portanto a permanência ou não do patrão fiscalizando e

controlando o trabalho do piaçabeiro é muito relativa e depende das circunstâncias do clima e da vontade de cada patrão.

Paca ficava de seis a oito meses longe da família, durante o verão, nas colocações do rio Curuduri, (afluente do Aracá) esperando a produção.

Eu preferia ficar lá porque era menos desgastante e mais barato aguardar no barracão, além disso, podia acompanhar mais de perto os meus fregueses nos trabalhos que realizavam na piaçaba. Havia bons trabalhadores e também os maus, que enrolavam no serviço inventando até doenças para não ir para o mato cortar produto. Só sinto não ter sido presente na família, por não poder ter controlado a educação dos meus filhos e deixado somente com a mulher. Porém eu precisava trabalhar (A. F. O. 76 anos, entrevista / 2005).

Meira (1993) descreve o caso do Sargento Guilherme, ex-comandante militar de Cucui que, nos anos quarenta, se tornou regatão no rio Negro e depois patrão no rio Padauri, para onde levou várias famílias do rio Xié e Içana para trabalhar nos piaçabais, muitos dos quais jamais retornaram. Para manter controle sobre seus fregueses indígenas e não deixá-los voltar para as suas aldeias, construiu um barracão num ponto estratégico do rio mantendo constante vigilância de dia e de noite. Assim fregueses seus não saíam de dentro do rio Padauri sem a sua ordem.

O mesmo autor (1993) declara que muitos desses trabalhadores, especialmente os indígenas, não eram recrutados conscientemente para trabalhar nos piaçabais do Padauri. Os mecanismos para recrutá-los eram diversos, tais como embarcar índios embriagados para os piaçabais, de modo que acordassem longe de suas aldeias. Isso ocorria porque era difícil convencê-los a sair de suas aldeias e deixar as famílias. Outra forma de recrutar era estabelecer desavenças nas suas famílias colocando pais contra filhos, marido contra mulher, vizinho contra vizinho, desestruturando as aldeias. Dessa maneira, conseguiam convencê-los a descer para os piaçabais no médio e baixo rio Negro.

Os piaçabeiros do rio Padauri informaram que, na entrada deste rio, se encontra uma ilha chamada "Ilha da Saudade", de característica paradisíaca onde morava um senhor muito conhecido da família Lacerda. Este lugar era ponto de encontro de patrões e, conseqüentemente,

de fregueses, especialmente durante a seca quando os barcos ficavam impedidos de entrar naquele rio. Há caso de fregueses que foram obrigados a remar dias e dias dentro do Padauri para chegar a essa ilha na busca de produtos de consumo que lhes faltavam. O fumo era um produto muito procurado, bem como café, açúcar, combustível para as lamparinas ou porongas. Havia patrão que mantinha barracão com mercadorias básicas para atender aos fregueses no verão.

No rio Aracá, um dos pontos de encontro era na Cachoeira, onde havia o barracão do senhor Albino Pereira (falecido), um poderoso patrão dentro do dito rio, que manteve um grande número de fregueses no piaçabal, lembrado pelos piaçabeiros que com ele trabalharam como um bom patrão. Ele residia em Piloto, propriedade próxima à cidade de Barcelos, e por isso deixava um gerente no barracão do Aracá para supervisionar e atender a seus fregueses na sua ausência. Cabia a esse gerente pesar, fazer anotações, e conferir mercadorias e produtos.

Os barracões eram construídos em pontos estratégicos do rio onde se localizavam as colocações, de modo que todos os fregueses da área pudessem ter acesso a eles para levar a piaçaba explorada e ao mesmo tempo adquirir produtos de consumo que concebiam como necessários ao seu cotidiano de trabalho e vida. Muitos deles ficavam longe, mas era uma referência para o encontro da freguesia, locais onde acontecia o reencontro de conhecidos que chegavam de colocações diferentes, depois de uma temporada sem se ver e conversar.



Figura 4 - Barracão de piaçaba no igarapé do Cabeçudo - rio Aracá
Fonte: Paca, 1993

Devemos deixar claro que fatos relacionados à exploração desse ofício continuam da mesma forma de antes, sem mudança significativa vista na cobrança da tara, nos juros altos sobre a mercadoria vendida, nas técnicas de corte da fibra, nas estratégias de prestação de contas. O transporte do produto é feito de duas maneiras, combinando a forma mais antiga com a atual. Dentro dos igarapés, o transporte é feito de canoas a remo, ou de rabetas, ou ainda de motor de popa; de dentro dos rios para a cidade de Barcelos vai nos batelões rebocados por motores de centro do patrão e comprador do produto; de Barcelos para Manaus vai de recreio (motor de linha).

O que tem sido causa de muita reclamação entre os piaçabeiros são as dívidas com seus patrões, fato que contribui para a sua permanência por anos nos piaçabais até pagar o que devem. Tivemos em mãos uma conta de um piaçabeiro no valor de R\$ 15.421,90 na qual não aparecia anotado nenhum objeto de valor durável, somente produtos para consumo imediato como alimento, combustível, material de higiene e limpeza. Os preços são superfaturados, o que exige muito esforço e trabalho para o pagamento. Este caso se encontra nas mãos da justiça para ser

resolvido. O Sr. Pimenta conta que foi enganado quando teve de pagar duas vezes a mesma conta. Se não fosse a sua filha, que é professora, ter analisado a situação, ele teria pago outra vez.

Não é fácil para os piaçabeiros conseguirem comprar objetos de valor, pois exigem trabalho em dobro. O relato de dona Domingas revela quantas toneladas de piaçaba pagou por objetos considerados duráveis e de valor para quem mora no interior e são importantes para os trabalhos de quem exerce atividade extrativa. Vejamos:

Eu paguei por aquela canoa (mostrou para o porto) 5 toneladas de piaçaba. Walter, meu marido comprou um motor de popa Yamaha por 15 toneladas. O patrão comprava o quilo da piaçaba por quinze centavos. Dentro desta canoa pega cinco toneladas de piaçaba, já faz mais de trinta anos. Foi o único lucro que tirei do trabalho, o resto foi só para comer e algumas vezes eu ia para Manaus passear. Gastava tudo e voltava de novo para o piaçabal às vezes ainda saía devendo. Nós trabalhávamos no rio Aracá. Se não fosse assim não teríamos nada para nos apoiar na pesca e na venda de farinha e no transporte para Barcelos. Como você vê não tem estrada de lá pra cá. (M. D. O., 66 anos, entrevista / 2006).

No piaçabal, tive contato com um freguês que contou que pagou 500 quilos de piaçaba por uma garrafa térmica. Agora mesmo uma garrafa de cachaça custava 25 reais e o refrigerante do tipo pet era de quinze a dezoito. Chegou a pagar 18 reais por um litro de refrigerante e por aí outras infinidades de preços absurdos "(E.S.M. 44 anos, Entrevista / 2006).

O que estamos revelando não é conto fantasioso do imaginário popular, são fatos reais contados pelos piaçabeiros, nas conversas e entrevistas realizadas ao longo deste estudo, e existem outras pesquisas que reforçam este assunto. Carvalho (apud Meira, 1993) informa que no rio Negro era comum o índio levar uma vida de verdadeira escravidão nas mãos do branco. Quando eram contratados para trabalhar três meses na região do baixo e médio rio Negro, ficavam retidos por três ou mais anos, sob a alegação de estar devendo contas inexistentes forjadas no bico da pena.

O ex-piaçabeiro Martins relatou que conheceu piaçabeiro que não conseguia pagar a sua dívida numa safra, assim esta ficava "pendurada" para a próxima, quando fosse novamente cortar produto. Os que tinham dívidas muito altas, às vezes, fugiam porque não conseguiam pagar. "Houve o caso de um piaçabeiro que foi transferido de patrão mediante o pagamento da dívida. O que dava no mesmo, porque os juros ficavam maiores, pois era juro sobre juro. Mas somente a

transferência de conta de um patrão para o outro pôde livrá-lo da referida dívida" (M. Martins, 80 anos, Entrevista/2006).

Havia outra estratégia que mantinha o freguês atrelado ao patrão além da dívida, era a relação de compadrio. Na visão do ex-piaçabeiro B. Lacerda (Entrevista/2005), domiciliado na cidade de Barcelos, há interesse nessa questão, pois o freguês escolhe seu patrão para compadre com certas intenções de ter regalias. No entanto, esse tipo de regalia é muito relativo. Se ele deve uma conta pode ser que obtenha pequenos descontos, ou um tempo maior para pagar sua dívida, mas tem de pagar. Este, para não perder a consideração e amizade, prefere ser fiel nesse pagamento para não ser mal visto pelo seu compadre e amigo. Essa troca é concebida por Santos (2003) como troca de favor.

Figura considerada de grande relevância no rio Negro, algumas ocasiões também atuando como patrão foi o regatão, que subia e descia o rio levando todo tipo de mercadoria, auxiliando os fregueses fora da presença do verdadeiro patrão, seja por se encontrar em lugar distante e de difícil acesso, ou em virtude da vazante dos rios, ou mesmo porque o freguês não se sentia comprometido para com um único patrão. Estes chegavam em seus motores e trocavam suas mercadorias com produtos extrativistas, como piaçaba, peixe moqueado, carne salgada e até farinha com os moradores das comunidades e sítios.

O regatão serviu de ponte entre os patrões que centralizavam a produção de seus fregueses em seus trapiches ou barracões e os patrões de Manaus. Atuou como o comerciante que "quebra a cadeia de monopólio negociando diretamente com as forças produtivas" nas colocações, e substituíram os barcos da casa J. G. Araújo quando este deixou de impor localmente monopólio sobre o transporte. Foi acusado, muitas vezes, de abusar da ignorância do trabalhador, assim como um desrespeitador das leis matrimoniais e da virgindade (SANTOS, 2003, p. 153).

O mesmo autor (p.155) avalia que quem vive no interior sente dificuldade de negociar por causa da redução do número desta categoria de negociante na região do rio Negro. Às vezes, é necessário se deslocar para os centros urbanos para realizar uma negociação de venda de produtos oriundos da roça e extrativismo e da compra de mercadorias. Com efeito, tem havido um grande êxodo de pessoas para cidade, pois revelam ser mais fácil o amparo à saúde e à educação, consignadas como elementos importantes.

Outrossim, é bom enfatizar que não são todos que pensam assim. Cinco piaçabeiros disseram que não gostam de morar na cidade porque tudo o que se necessita tem de ser comprado, enquanto no interior só é preciso caçar, pescar e colher frutos na floresta para ter o que comer. A floresta provê as condições de que necessitam para viver razoavelmente bem. Revelam que só permanecem na cidade para esperar os filhos estudar, pois o interior só oferece a primeira etapa do Ensino Fundamental.

O aviamento, porém, continua sendo a forma de sistema comercial que funciona junto às atividades extrativistas com pequenas modificações na maneira de exercê-lo. Informação de um morador do bairro do Marará em Barcelos, ex-piaçabeiro, explica como um patrão e comerciante da cidade vêm negociando com os piaçabeiros da seguinte maneira:

Ele avia os piaçabeiros com mercadorias e recebe pagamento em dinheiro. O piaçabeiro tira a piaçaba e vende a qualquer comprador / intermediário representante de firmas exportadoras de outros estados e de Manaus que chegam para comprar piaçaba a dinheiro. Eles recebem o dinheiro e vão pagar as contas com o tal comerciante. (S. Melo, Entrevista / 2006).

Há também intermediários que são representantes de firmas que estão localizadas em outros estados, ou que trabalham por conta própria, e geralmente negociam a piaçaba a dinheiro, bem diferente do que era tradicionalmente feito. Esse processo quebrou o monopólio mantido com os grandes patrões de Manaus. Ressalta-se que o preço do produto é decidido por eles e não pelos piaçabeiros. No entanto eles não são os únicos negociantes no processo, pois há negociantes que vendem direto para os comerciantes de Manaus.

Paca experimentou ser somente regatão sem colocar gente para trabalhar para si, isto é, passou somente a vender mercadoria e comprar produto sem compromisso direto com freguês. Tal empreendimento não deu certo, de modo que foi o jeito voltar a colocar pessoal para trabalhar para si, nos piaçabais. Na sua opinião, conferiu que somente como regatão não dá para trabalhar. C. Leite informou: "eu comecei a vida como regatão em 1988 e só mais tarde coloquei gente para cortar piaçaba. Até que não foi ruim a minha experiência" (C. A. G. L, Entrevista/2005). Atualmente este patrão trabalha no Rio Preto.

Dois piaçabeiros do rio Padauri disseram que, depois da descoberta de que trabalhar sem patrão, é melhor, não quiseram mais atar compromisso com ninguém e passaram a vender seu produto para quem quisesse comprar. "Quando a gente se compromete com um patrão fica amarrado a ele, esperando a sua boa vontade para trazer a mercadoria que a gente tem necessidade" (J. C. 78 anos, Entrevista / 2003).

Em vários momentos, os piaçabeiros passaram por privações causadas pela demora do patrão para chegar às colocações, deixando o piaçabeiro sem acesso à mercadoria. Um freguês admitiu que no rio Padauri passou um mês sem sal para temperar a comida porque não tinha onde adquirir. Cansados de esperar pelo patrão recorreram a um regatão que passava na ocasião. Por causa desses problemas, muitas vezes, o freguês se via obrigado a vender os produtos que eram destinados a tais comerciantes e burlar a regra e o compromisso assumido, como já abordamos.



Figura 5 - Canoa carregada com pacotes de piaçaba no igarapé do Cabeçudo - rio Aracá.
 FONTE: Paca, 1993

Existem várias estratégias de resistência atribuídas ao freguês e também ao patrão. Não há um equilíbrio perfeito em termos de relações de trabalho, nem mesmo através da coerção. As formas de reações são de diversos níveis, dependendo da condição e das circunstâncias do trabalho, muitas das quais são inconscientes e sem propósitos definidos. As relações humanas resultam de experiências comuns com outros homens, cujos interesses diferem. O trabalho que se realiza e a posição que o indivíduo assume no interior impulsionam a luta por seus interesses junto com outros trabalhadores do mesmo nível.

Na perspectiva de Paca, no rio Curuduri, as falcatruas estão mais presentes nas relações atuais de trabalho do que estiveram nos anos 50 até meados de 90. Para ele, os fregueses não enganavam tanto. Vejamos a sua opinião sobre este assunto:

As pessoas eram mais direitas. Muitos que eram vagabundos e não queriam trabalhar, queriam dinheiro fácil, levando a empresa pouco a pouco ao fracasso. Existem os maus

fregueses que costumam sempre não pagar as contas, e isso é muito ruim porque você passa a desconfiar de todos. Muitos fogem para não pagar as suas dívidas. Porém ainda existe muita gente boa (A. F. Oliveira, entrevista / 2005).

Para o referido patrão, há piaçabeiro que inventa doença como reumatismo e febre, para não trabalhar.

Quando eu percebia que era invenção aplicava injeção de álcool nele, ao sentir a dor que o líquido provocava não queria outra e voltava correndo para o trabalho. Eles tinham pavor de ser envenenados com a injeção. Pela mentira de poucos muitos pagam, porque a gente passa a desconfiar de todos. Não dá para saber quem está falando a verdade quando cada um só defende o seu próprio interesse (A.F. Oliveira, entrevista / 2005).

Esta estratégia utilizada por este patrão foi a forma encontrada para transmitir medo, limitar as mentiras que, porventura, os fregueses viessem tramar para enganá-lo.

As estratégias de resistência para burlar as regras estabelecidas entre fregueses e patrões eram recíprocas na hora do "vamos ver quem é mais esperto", mostram atitudes de não-passividade. Os produtos eram adulterados no peso tanto pelo patrão, através do roubo na balança, na soma das contas e na cobrança da tara, quanto pelo piaçabeiro que também adulterava o produto colocando sujeira no meio da fibra para que ficasse mais pesada.

Os métodos e processos utilizados para tirar vantagem variavam. Um que foi muito comentado pelos entrevistados é o da mistura do bom produto com o de péssima qualidade, pois sabiam que o patrão não teria tempo para desmanchar e examinar todos os pacotes de piraíba para novamente embalar. Esse fato levou a não adotarem mais a piraíba como embalagem para exportação, porque geralmente os patrões tinham surpresas desagradáveis na hora de abrir as piraíbas. Encontravam de tudo dentro da embalagem, especialmente barro, bucha e paus, para aumentar o seu peso.

Um dos entrevistados (Quido) informou que seu patrão, Luís Mourão, toda vez que ia pesar produto examinava todas as piraíbas, puxando com um alicate fios de fibra do meio para ver se estava molhada. Se por acaso puxasse algum que apresentasse esta classificação já descontava

uma porcentagem maior na tara, como de costume. Confirmamos o que o piaçabeiro Martins narra sobre as falcatruas que presenciou feitas por patrões com quem trabalhou:

Quando a balança é de relógio a gente pode pesar até duzentos quilos. Na hora de por o produto no gancho da balança, o comerciante ou o seu encarregado metia o dedo em um buraco atrás, de forma a não deixar o ponteiro baixar demais. Nisso ele rouba de dois a três quilos. Na balança decimal, aquela igual a uma mesa, quando o produto é colocado, o pesador põe o pé por baixo para segurar pelo menos oito quilos do produto. Outra estratégia muito usada pelo patrão é o da conta na hora da soma. Depois que pesa dez vezes a piaçaba de um freguês, ele soma apenas nove, ficando de fora uma parcela, deixando algumas vezes de somar até quarenta quilos. Outro caso é quando ele está pesando o produto e passando as informações ao anotador. Se ele grita 40 quilos o anotador anota apenas 20. Isso tudo é feito na presença do freguês sem que ele perceba que está sendo passado pra trás (M..M. 80 anos, Entrevista/2006).

Esse piaçabeiro disse que era muito difícil de perceber essas artimanhas do patrão porque elas são bem feitas e combinadas com seus ajudantes. Entre os fregueses, era notória a defasagem escolar representada por pessoas não-alfabetizadas, ou que mal sabiam ler. Esta situação dificultava a verificação das contas na hora da pesagem e pagamento de suas dívidas. Os alfabetizados mais espertos e desconfiados exigiam a verificação de suas contas para tomar conhecimento se não havia nada de errado nas mesmas. Os que não sabiam pediam aos outros que as examinassem, para não ter de pagar duas vezes pelo mesmo produto, ou mesmo saber quanto estava sendo cobrado ou descontado. Como já verificamos anteriormente, existiam contas forjadas a bico de caneta com anotações de mercadorias que o piaçabeiro nem tomava conhecimento, bem como havia casos daqueles que eram levados a pagar a mesma conta mais de uma vez.

Mas por que se passa tanto tempo para resolver casos assim? A resposta está no desconhecimento sobre os seus direitos e nas distâncias a serem enfrentadas para resolver os casos de forma legal, posto que nem todos os patrões estão dispostos a reconhecerem seus erros sem ser necessário o freguês buscar ajuda judicial que só pode ser feita na zona urbana do município. Nesse caso, é preciso esperar o momento propício para deixar o trabalho e ir para a cidade resolver, o que atualmente já se vê com mais frequência. Aos poucos, os piaçabeiros estão despertando para os assuntos que se relacionam a seus direitos.

Lima (2001) faz sua crítica dizendo que as grandes distâncias na Amazônia não garantem a aquisição de lucros suficientes para o desenvolvimento econômico, quando se gasta muito tempo viajando para se atingir os lugares destinados à produção. Na sua concepção, tempo é dinheiro. Ele tem as suas razões quando analisa o custo das viagens na região. E quem quer economizar tem de andar de canoa, o que é inconcebível para um homem de negócios em resolver problemas que não podem esperar. Por exemplo, prestar socorro ao piaçabeiro que foi picado por uma cobra venenosa, ou o que contraiu grave doença de uma hora para outra, são questões urgentes que não podem esperar.

Outra forma de resistência, que são queixas freqüentes de patrões, é o da fuga de freguês do piaçabal com o objetivo de não pagar as suas dívidas. Havia freguês que mudava de patrão por conta própria não avisando e nem negociando a dívida. Muitos patrões se sentiam prejudicados, queixando-se de sair perdendo nos negócios, e por essa razão deviam ficar mais vigilantes porque sabiam do conhecimento que os trabalhadores da região têm dos caminhos da floresta e dos rios.

Em resumo, o piaçabeiro se queixa da exploração do patrão que paga baixo pelo produto e cobra alto pela mercadoria e pela adulteração do peso. O patrão se queixa das fugas do freguês, da introdução de sujeira no produto para que ele pese mais, do não-pagamento de sua dívida e pelo desvio de produtos para serem negociados com os regatões.

Ao piaçabeiro, é exigida uma quantidade cada vez maior da fibra para pagar a mesma quantidade de mercadoria creditada na sua conta. Fato que mostra a desvalorização do produto e do esforço do trabalhador para adquiri-lo, fazendo com que muitos abandonem a extração da piaçaba e busquem outras alternativas como a pesca do peixe ornamental e comestível, na roça, e outros serviços na cidade como o de pedreiro, de calafate, de marceneiro, guia turístico, prático de motor, motorista, dentre outros.

Dona Onofre lembra que, quando chegava o tempo de entregar a piaçaba e ajustar as contas com o patrão, achava sempre que teria um bom saldo. "Eu olhava aquela grande quantidade de piaçaba e pensava que ia ter grande lucro. Mas isso era engano. Por isso, prefiro hoje trabalhar com roça e matar anta" (D. O., 65 anos, Entrevista / 2006).

Note-se que as queixas são recíprocas e não há culpados ou inocentes na história porque ninguém assume a responsabilidade, patrão culpa o freguês e o freguês culpa o patrão pelos problemas que ocorrem nas relações de trabalho no piaçabal. O monopólio da produção é relativo porque, dependendo do caso, freguês é patrão e patrão é freguês.

As estratégias que os dois personagens utilizam para terem vantagem econômica estão ligadas a uma forma de compensação pelo que se perde em termos de lucratividade. Há um combate mudo de desconfiança recíproca. Nas suas falas, ambos não se colocam como culpados por terem realizado trabalho sujo. O piaçabeiro, por sua vez, é visto de fora e se vê como o mais prejudicado pelas falcatruas do patrão, pois se fosse o contrário haveria muito freguês bem de vida.

Entendemos que as formas de resistência processadas pelas fugas, introdução de sujeira no produto, mudança de patrão, o não-pagamento das dívidas que não eram efetuadas por alguns fregueses, o não cumprimento de horários para a realização do corte longe das vistas do patrão, o desvio de venda de produto para os regatões, são elementos explicativos da não submissão total do freguês ao patrão. Muitas desses mecanismos de resistência não são atuais, como o caso das fugas e introdução de sujeira no produto que vêm desde o passado quando pouco se tinha acesso a informações televisivas, provando que o piaçabeiro não é tão passivo, à medida que é orientado em relação a seus direitos com a ajuda das associações e até de pessoas neutras.



Figura 6 - Transporte do interior à cidade e embarque da piaçaba no recreio em Barcelos.
 FONTE: Cleuder, 2006

Entre os patrões que mantinham as suas próprias embarcações estavam Germano Bonfim, Sabá Macêdo, Rui Macêdo, Luís Mourão, Antenor Machado, Pacatuba, Antônio Moraes, José e Adolfo Padron, Augusto Lacerda, dentre outros. Os que estão atuando no ramo e viajam em suas embarcações são Sebastião Barros, Julinei, Saracura, Mesquita, Ilso, Polegada, A. Erivelto, dentre outros. Dos primeiros, nove são falecidos, um foi aposentado como soldado da borracha. A. Souza, que passou a sua infância e juventude no rio Padauri, disse que conheceu praticamente todos os patrões citados inicialmente, muitos dos quais estão muito ligados a sua vivência no interior:

Lembro de quando ainda era menina e via aquela quantidade de embarcações que entravam no rio Padauri. Era canoa, motor, batelões, tudo atracado, tomando quase toda a largura do rio. Olhar aquilo e escutar zoada dos motores dava uma alegria que só quem viveu é que sabe. A gente ia saber de novidades, o papai ia fazer compras (A. Souza, Entrevista / 2006).

Pelas suas lembranças não é do trabalho que as pessoas sentem saudades, mas das pessoas com quem se relacionavam. A lembrança da família reunida no mesmo espaço de vivência e de trabalho, da fartura e também da escassez, das festas que reuniam os amigos e quebravam a monotonia do dia- a-dia. Tudo o que chegava naquelas paragens de trabalho era novidade do ponto de vista daquele que vive isolado geográfica e socialmente.

Essas vidas e histórias permanecem silenciadas, e sufocadas no subsolo do conhecimento que privilegiou durante muito tempo a história das elites dominantes: de governantes, de comandantes, de oligarcas, de tiranos do povo. Pinheiro (2003, p.19) assinala:

[...] os historiadores locais sempre desejosos de mostrar uma visão da história regional pautada pelo sucesso de um movimento progressivo de modernização, que, excluindo o que havia de "primitivo", "selvagem" e "atrasado". Recuperava a Amazônia para a cultura ocidental, branca, civilizada, limpa, elegante. [...] a história como um desígnio das elites, omitia deliberadamente o que havia de popular e contrário aos imperativos da dominação de classe que buscavam defender, encobrindo-a numa névoa dourada.

A historiografia amazônica pode ser compreendida dentro de uma vertente metodológica conhecida como a *história vista de baixo*. Burke (1992) afirma que E. P. Thompson é o autor que vem abrir novas perspectivas nos estudos históricos nessa vertente, ao explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja existência é tão freqüentemente ignorada e tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.

Thompson se propõe a trabalhar com as experiências das pessoas não apenas como simples atos de idéias, mas também como sentimentos, valores, consciência, enfim, experiências acumuladas que se sedimentaram. Experiência como práxis que envolve uma reflexão pessoal e do grupo social e não apenas como uma categoria de análise do pesquisador; experiência que surge na luta de classes [...] A consciência vai sendo gerada na luta de classes (GOHN, 1997, pág. 01).

Paca (entrevista / 2006) critica que o patrão tende a ser visto apenas como o vilão, quando o próprio também é vítima das circunstâncias que vivencia. Em muitas ocasiões sua vida também é penosa, sobretudo quando tem de viver longe da família, sem poder acompanhar o crescimento e a educação dos filhos (sendo o seu caso), pois o seu trabalho consistia em comprar e vender produto, subindo e descendo o rio Negro, por mais de cinquenta anos.

Vejamos o que ele diz quando fala de sua ausência na família e se culpa pelo fato dos filhos não terem aproveitado a chance de estudar.

Eu passei mais tempo na empresa de piaçaba do que em casa. Sempre fui sozinho para lá sem a família. A mulher ficava em Manaus com os filhos e mantendo com o dinheiro deixado para as despesas, além de mercadoria que comprava a crédito em alguns comércios perto de casa. No início moravam em Barcelos onde meus filhos estudavam. Depois levei para Manaus. Ela nunca ligou para a educação dos filhos que gazeteavam aulas o tempo todo (A. F. O., 75 anos, entrevista/2006).

Muitos como este, que não tiveram a oportunidade de acompanhar a educação dos filhos os viram se transformar em piaçabeiros ou em outro tipo de trabalho desprestigiado na cidade, reproduzindo as mesmas condições de existência de seus pais. Essa situação é mais freqüente com os filhos do piaçabeiro em razão da necessidade de ficar no interior para trabalhar do que com os filhos dos patrões, porém estes não estão isentos dessa situação.

Paca conta que seus últimos anos no piaçabal foram ruins, pois tinha piaçabeiro que não sabia beber e se desequilibrava gerando desavença, situação que gerava insegurança, longe de tudo: das autoridades, dos postos de saúde onde pudessem buscar apoio em ocasiões necessárias.

Todos correm risco no piaçabal não só o freguês. Tem piaçabeiro que ameaça seu patrão. Nos últimos tempos que fiquei no piaçabal, os fregueses brigavam muito chegando a se atirar, principalmente quando bebiam cachaça. Por esse motivo eu construía o barracão bem afastado das barracas residenciais mesmo se situando no mesmo terreno, para evitar fogo que por descuido de alguns viesse a acontecer. Por isso digo a você que não existe mau patrão porque todos correm atrás de um objetivo que é o lucro, portanto todos agem em função de seu bolso, assim acaba-se agindo com rigor em alguns momentos. É claro que alguns exageram porque mandam bater ou matar o freguês (A. F. O., 75 anos, Entrevista / 2005).

Desde o início da mercantilização do extrativismo, sempre esteve presente o conflito entre o patrão e o freguês. Todos os que se envolveram ou que ainda se envolvem nessa prática econômica preconizam a aquisição de bens econômicos. No tempo dos seringais, Reis (1953) retrata o desejo do enriquecimento fácil e rápido por parte da mão-de-obra vinda de fora. Os piaçabeiros também assimilaram essa idéia e passaram a conduzir o seu trabalho, não só para subsistir, mas também para tirar algum lucro com a venda de produtos da floresta e o excedente de produtos cultivados em roça¹⁹.

Os piaçabeiros permanecem na invisibilidade social e à margem do interesse das políticas sociais engendradas pela elite governamental. Visualizaremos a seguir o perfil dos piaçabeiros que participaram desta pesquisa.

¹⁹ Na definição de Pinton e Emperaire (2000, p. 61) roça seria um local onde se cultivam variedades de mandioca. É escolhido um local, as árvores são derrubadas e depois de algumas semanas ata-se fogo para queimar e em seguida planta-se a maniva de onde brotará a mandioca.

2.3 - Perfil dos piaçabeiros que participaram da pesquisa

A situação de vida de quem trabalha na floresta - quase sempre isolado e muitas vezes sem qualquer meio de comunicação, com um tipo residual ou inexistente de políticas sociais básicas - é inóspita e extremamente perigosa em face das peculiaridades da mata tropical fechada e hostil. Os trabalhadores piaçabeiros são exemplos cabais de coragem e abandono de si em nome da sobrevivência humana. Sozinhos e sem o amparo de políticas públicas estes trabalhadores colocam em risco a própria vida, assumindo uma condição humana de labor como nos ensinou Arendt (2003). Assim permanecem na invisibilidade em relação aos direitos que não chegam até eles. Scherer et al (2003) afirmam que trata-se de "atores sociais insignificantes no processo de transformação em curso na Amazônia".

A ausência de políticas públicas é justificada em razão de estas promoverem a migração dos piaçabeiros para a cidade, mas sobretudo em face do preconceito para com a região que possui uma composição populacional eminentemente indígena. Até recentemente o Estado brasileiro não direcionava recursos para políticas públicas na Amazônia, porque os indígenas não eram afeitos ao progresso e aos encantos da modernidade, por isso os recursos não poderiam ser aproveitados devolvendo-os ao Tesouro (TORRES, 2005).

Uma das alternativas encontradas pelos povos tradicionais da Amazônia para preencher o vazio da falta de perspectiva no campo ou no interior é a migração. Esta mobilidade presente no fluxo migratório para Manaus não é uma realidade tão fácil de ser operacionalizada na prática, mas ainda é um fenômeno bem presente nos dias atuais. Segundo Oliveira (2005, p. 96), isto ocorre "ora em função da expropriação de terras e de postos de trabalhos e empregos, ora

pressionados pela falta de oportunidade, vindo na migração a busca de alternativas para a sua sobrevivência".

Manaus é uma das cidades que sofre pressões sobre seu meio ambiente causadas pela migração e, por não estar preparada para receber os grandes contingentes humanos vindos do interior e de outros estados brasileiros, acaba passando por implosões demográficas e impactos ambientais negativos. Os exemplos desta situação são os igarapés que tiveram as suas margens povoadas de forma desordenada e suas águas degradadas. No inverno, a situação chega ao limite da calamidade ostentando problemas de toda ordem.

Os migrantes ribeirinhos constituem uma categoria social de pobres que vivem em estado de extrema vulnerabilidade e risco social, cuja situação de margeamento os coloca num processo de exclusão de todo tipo de proteção social. O piaçabeiro é um desses trabalhadores ad infinito porque passa meses infiltrados na floresta extraindo a fibra da piaçaba que é fonte de sua subsistência e de sua família.

Santos (2003) menciona que a piaçaba é a atividade econômica preponderante no rio Negro e não a borracha. É mais fácil encontrarmos pessoas na cidade de Barcelos que tiveram mais vínculo com o trabalho na piaçaba do que na seringa que foi fraco para essas bandas do rio Negro.

De acordo com os nossos entrevistados Chico e Ed, é possível que "alguém chegue a alguma comunidade e não encontre parte dos moradores por terem ido para o piaçabal ou para a pesca de peixe ornamental. Até hoje se faz o recrutamento de mão-de-obra para estas ocupações e quem precisa não deixa de aceitar as propostas feitas" (Entrevista / 2006). Um outro entrevistado converge com os sujeitos acima mencionados afirmando que,

Qualquer pessoa que viaje para os rios Aracá e Padauri durante o inverno poderá encontrar os moradores ausentes de suas residências por vários meses. Eles aproveitam o período para subirem os igarapés e rios onde têm mais piaçaba para cortar, embora possam fazer este trabalho também no verão. (E. S., 43 anos, Entrevistado / 2006).

Em nossas observações, tivemos a oportunidade de perceber que os piaçabeiros possuem vida diferente das pessoas da cidade caracterizada pela simplicidade no modo de vestir, de morar, de comer, de andar, de se divertir, de trabalhar e olhar o mundo a sua volta. Mas, no que diz respeito aos conhecimentos práticos no âmbito da sobrevivência da floresta e dos rios, ninguém consegue estar à sua frente.

Pereira (2006) assinala que o estilo de vida dos povos tradicionais é regulado pelos ciclos sazonais das águas, ocupando a centralidade de suas vidas, orientando-os, i. é., os rios são por excelência eixos da vida e da morte do homem amazônico. Digamos que a água e a floresta se conjugam orientando o ritmo de vida que se adapta à cada nova situação e circunstâncias regionais. O piaçabeiro, por exemplo, sabe exatamente a hora de descer com a produção de piaçaba, porque se isto não ocorrer ele ficará preso com o produto durante os meses de verão. É extremamente penoso e arriscado sair do piaçabal no período do verão, pois o piaçabeiro é compelido a cortar e cavar areia para arrastar canoas e chatas²⁰.



Figura 10 - Rio Araca durante a cheia
FONTE: Pesquisa de campo, 2007

²⁰ As chatas são canoas de porte maior que suportam peso e servem para carregar uma quantidade maior de produtos dentro dos igarapés. Têm o mesmo formato de uma canoa pequena, as denominadas montarias.

Os piaçabeiros entrevistados se encontram numa faixa entre 42 e 88 anos de idade. Em 2006 chegamos a fazer visita a um de 92 anos que se encontra com a saúde muito debilitada por causa de um acidente vascular (derrame cerebral). Soubemos que ele faleceu recentemente. Sua filha nos relatou que ele perdeu um lado da visão quando uma tala de fibra de piaçaba entrou em seus olhos causando o imediato "vazamento".

Esta pesquisa revela que os piaçabeiros que têm idade superior a cinquenta anos tiveram ou têm filhos adultos trabalhando no ofício de piaçabeiro, reproduzindo o mesmo trabalho do pai. Geralmente essa geração é constituída por aqueles indivíduos que tiveram baixo rendimento escolar e desistiram dos estudos, alguns deles não tiveram condições de ficar na cidade para prosseguir os estudos. Tiveram que ir para o piaçabal porque não tiveram êxito na educação escolar para a aquisição de um emprego na cidade, ou porque tinham de trabalhar para se sustentar.

Neste estudo realizado sobre o ofício de piaçabeiro, encontramos indígenas, caboclos, brancos e negros²¹ de diversas faixas etárias. São homens e mulheres, casados, viúvos, solteiros, separados em estado de união estável, na maioria dos casos nascidos e crescidos no interior amazônico. Quando o trabalho é realizado em família, mantém-se o princípio da cooperação consignada na ajuda mútua, seguido da separação dos lucros quando os filhos já estão casados.

Dentre os piaçabeiros entrevistados, apenas uma família era de negros nascidos no rio Padauri. Outras vieram do Pará e outro do Maranhão e o restante eram indígenas de diversas etnias e caboclos²² (mistura de índios com brancos). Mas um dos antigos patrões relatou que teve como fregueses nordestinos, especialmente do Maranhão e do Ceará. O trabalho nos piaçabais

²¹ Utilizaremos estas categorias sociais com base na própria empiria, ou seja, é de acordo com as denominações dadas pelos entrevistados. Os negros e os brancos foram apontados por dois patrões quando lhes perguntamos quais os tipos de pessoas que trabalhavam nos piaçabais e de onde vinham. Índios e caboclos é como geralmente os piaçabeiros se auto-identificam quando são inquiridos sobre o assunto.

²² Caboclos para Lima (1999, p. 06) "[...] é uma categoria de classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe". Neste trabalho, o sentido do termo está relacionado à categoria de "mistura racial", referindo-se ao filho do branco com o índio. Há ocorrência de falas que atribui o termo de modo generalizado, como por exemplo: "O caboclo não é mais besta como antes" referido em outro item por um dos entrevistados.

pode até ser considerado sem futuro e de pouca lucratividade, mas foi e continua sendo em Barcelos a sustentação de diversas famílias, sobretudo no interior.

A maneira como os piaçabeiros se organizam no trabalho apresenta variações conforme a época, a situação social e cultural. Em tempos pretéritos, a disciplina era mais rigorosa do que atualmente, os filhos cresciam tendo certas obrigações e responsabilidades. Desde a mais tenra idade, a criança e o jovem já eram ensinados a lidar com as dificuldades do dia-a-dia em relação aos trabalhos e afazeres do cotidiano de quem reside na floresta. A fala de A. Souza retrata bem essa realidade:

Quando eu me entendi por gente já vivia na beira da roça ajudando a capinar e arrancar mandioca. Em casa, tinha de fazer as coisas, como lavar louça, limpar a casa, lavar roupa, costurar. Eu não tive uma infância normal porque não sabia o que era brincar. Eu trabalho na roça desde pequena ajudando meus pais. Quando o meu pai ia derrubar e fazer coivara, se fosse uma área grande ele sempre convidava os outros moradores vizinhos lá no Padauri para ajudar. Ele dava o almoço e a merenda para todos e de repente eles faziam o serviço. Da mesma forma, agiam outras famílias que faziam roça, porque se não fosse assim dava muito trabalho e o serviço custava a acabar. Meus pais faziam farinha para não ter que comprar do patrão, pois a nossa família era numerosa. A gente fazia esses ajuris toda vez que havia muito serviço pesado. Por exemplo, para capinar roça e as vezes até para arrancar mandioca (A. S., 55 anos, Entrevista / 2006).

O trabalho das crianças é fundamental como ajuda aos pequenos serviços da casa, da roça, e do próprio extrativismo da piaçaba, apoiando o serviço do adulto, resultando para elas na aprendizagem dos conhecimentos práticos do ofício de piaçabeiro, na lida com os serviços domésticos, roça, pesca e tudo o que se desenvolve no cotidiano desses povos. Na visão dos sujeitos da pesquisa, ocorreram muitas mudanças em relação a esse princípio da educação familiar, do respeito e da responsabilidade. "Hoje espera-se que somente a escola dê jeito de preencher essas lacunas" (D. M., Entrevista /2007). Scherer et al (2003, p. 96) admitem que "o trabalho na roça e participação na vida social e religiosa da comunidade estruturam a rotina das famílias ribeirinhas".

A entrevistada acima deixou claro que existem trabalhos que exigem mais braços e sua resolução ocorre quando o dono do serviço recorre aos companheiros, solicitando-lhes cooperação

sob os auspícios do trabalho coletivo para salvar a roça ou a produção agrícola. Esta forma de cooperação é conhecida no rio Negro pelo termo ajuri ou mutirão²³, que consiste na reunião momentânea de pessoas com o objetivo exclusivo de prestar solidariedade em termos de ajuda em trabalhos que exigem maior número de pessoas, como derrubar matagal, plantar, capinar, desmanchar grandes roças, construir barracos, carregar produtos dos igarapés para o rio. A. Souza expôs que, mesmo depois de mudar para a cidade de Barcelos, seus pais continuaram a fazer roça até o ano da morte de sua mãe nos anos noventa.

Muitos piaçabeiros encontram-se trabalhando sozinhos no interior porque a sua mulher ficou esperando os filhos estudarem nas escolas das cidades próximas (Santa Isabel, Barcelos, São Gabriel). Há mulheres que assumem a condição de pai e mãe na sustentação da família dedicando-se a alguma atividade, conforme podemos perceber na fala:

Eu sou viúva desde 1969 e estou atualmente com 59 anos de idade e tenho seis filhos, sou da etnia baré, estudei até a 4ª série na missão salesiana, moro na cidade de Barcelos desde de 1997. Comecei na piaçaba com 16 anos de idade e só deixei o ramo em 1998. Lá me casei, tive filhos e enfiuei" (O. R. A. 59 anos / 2006).

Esta senhora, desde jovem, teve pouca chance de estudar, somadas às dificuldades posteriores à morte do marido, quando teve que assumir a chefia da família. No interior amazônico, é normal casar cedo na medida em que o companheirismo é necessário para o equilíbrio do trabalhador que, em determinadas ocasiões, só tem como companhia a família dentro das colocações. Se o piaçabeiro viver sozinho na colocação do piaçabal ele fica vulnerável à solidão, conforme nos revela um dos sujeitos da pesquisa: "eu era solteiro e convivia apenas com os companheiros de ofício. Às vezes, bate uma saudade por causa da solidão que a gente passa, parece que o tempo não corre" (F. S. S., Entrevista / 2006).

Outra dificuldade revelada que tem sido freqüente na vida dos piaçabeiros é a morte de familiares. Quando crianças ficavam órfãs, era necessário o irmão mais velho se mobilizar para

²³ Ajuri ou puxirum constitui-se numa ação coletiva entre vizinhos e conhecidos que são chamados a tomar parte no trabalho agrícola de uma determinada família, em troca de produtos como macaxeira, frutas, leguminosas, farinha dentre outros (NASCIMENTO, 2005, p. 18).

garantir a sobrevivência delas. Encontramos dois casos de irmãos que tiveram de deixar os estudos para assumir essa responsabilidade, a saber:

Ainda muito jovem perdi os meus pais (a mãe de parto e o pai de pneumonia) e tive de trabalhar para ajudar a criar os irmãos mais novos. Mesmo assim ainda consegui fazer o 5º ano elementar na missão dos padres salesianos em Barcelos. Passei dois anos interno e o resto externo morando nas dependências da casa comercial de Albino Pereira da Silva, representante do SPI que era tido como o mandante político da região, muito influente junto às autoridades e patrões de piaçaba, sendo um deles. Então tive que trabalhar e parar de estudar para ajudar os irmãos menores. Todos nós casamos cedo, especialmente as meninas, após a morte de nossos pais que se deu em um intervalo muito pequeno de um para o outro e ficamos na casa dos outros, o que não era muito bom. Não tivemos outra saída, nem para estudar (A. F. P. O., 76 anos, Entrevista / 2006).

Pelas conversas e entrevistas, constatamos que geralmente os piaçabeiros são iniciados no ofício muito jovens, seja ajudando os pais ou mesmo sozinhos. Os dados desta pesquisa revelam que os piaçabeiros entrevistados iniciaram no ofício na faixa etária de 9, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 22 anos e um de 40 anos. Muitos jovens tinham vontade de estudar, mas não puderam fazê-lo por causa da necessidade de manter a sua sobrevivência após a morte de um dos pais ou de ambos.

Estudar para esses trabalhadores é importante, mas a luta pela sobrevivência amortece essa possibilidade principalmente quando os jovens não têm casa própria e ficam sob a dependência de estranhos como aconteceu com o piaçabeiro entrevistado e seus irmãos órfãos que foram entregues à responsabilidade do Sr. Albino Pereira, comerciante e patrão de piaçaba. Com o Antônio, ocorreu o mesmo problema: "estudei até 1965 no internato e tive que sair porque a minha mãe morreu e tive que ir para o piaçabal ajudar a criar meus irmãos que eram todos pequenos" (A. A. 56 anos, Entrevista / 2006).

Scherer et al (2003) discorrem sobre o envolvimento de crianças no processo de trabalho e chegam à conclusão de que muitas deixaram de estudar para ajudar os pais, como nos casos citados nos quais os irmãos mais velhos deixaram a escola para assumir o lugar de pais falecidos em relação aos cuidados com a família.

Não são muitos os que chegaram longe nos estudos, mas, entre os entrevistados, encontramos dois casos de pessoas que aproveitaram com muito esforço as oportunidades educacionais que tiveram. É o que revela B. Lacerda nos seguintes termos:

Estudei o básico e fui para Manaus no internato da escola agrícola para a formação correspondente ao Ensino Médio. Formei-me e voltei para trabalhar como professor técnico agrícola no colégio em Barcelos e não parei mais. Sou natural de Barcelos, divorciado, tenho uma filha e atualmente sou funcionário público municipal e meu pai foi piaçabeiro. Com dois anos de idade perdi minha mãe, Alzira de Oliveira Lacerda e desde os 12 trabalhei nos piaçabais do rio Padauri com o meu pai que também era freguês. Sempre morei no piaçabal e seringal no rio Padauri onde fiquei por 20 anos entre as comunidades de Trilheiros e Acuacu. Estudei em Barcelos e em Manaus. Graduei-me em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas em São Gabriel da Cachoeira (J. B. O. L., 44 ano, Entrevista / 2006).

As circunstâncias como orfandade, distância e pobreza devem ser levadas em consideração nas análises sobre os trabalhadores da mata amazônica. Em muitos lugares da Amazônia, persistem situações como esta relatada pelo entrevistado e confirmada nos estudos de Scherer et al (2003, p. 100):

[...] o número de escolas e pessoas aptas a ensinar era reduzido e as condições de acesso difícil por conta das condições ambientais e das distâncias entre as sedes das escolas e as comunidades circunvizinhas, criando uma situação de exclusão do direito à educação na maioria da população.

Dentre os entrevistados que foram fregueses, quatro são funcionários públicos, dois são professores e realizaram o curso superior, dois são auxiliares administrativos. Os outros entrevistados trabalham em roças, ou fazem serviços de pedreiro, calafate, caseiro e vigilante. Quem não tem serviço definido vez e outra volta ao piaçabal quando necessitam de uma renda extra. Há também os aposentados por idade e duas mulheres recebem pensão em decorrência do falecimento do marido. Já os patrões que deixaram o ramo se voltaram para o comércio em Barcelos, ou fixaram moradia em Manaus. Outros são falecidos.

Os que conseguiram emprego ou outros tipos de trabalho possibilitando o sustento da família fixaram residência nas cidades de Barcelos, Santa Isabel, São Gabriel e Manaus. Há casos de piaçabeiros que saem para os piaçabais deixando mulher e filhos ou apenas os últimos em casa

de parentes, ou em casa própria na cidade. Deixam mantimentos ou ordem para comprarem a crédito em algum comércio da cidade o que será pago na volta dos pais. É certo que haja controle nessas compras, caso contrário, o trabalhador estará fadado só a pagar contas.

Há mulheres que complementam a alimentação fazendo roça, ou com o emprego de domésticas, às vezes, conseguem empregos temporários na prefeitura. Outras vendem dindin (suco congelado no saquinho), picolé, churrasco, bolo, tapiquinha e outros quitutes para ajudar no sustento dos filhos. Mas é um risco porque muitos desses jovens e crianças quando se encontram sozinhos, e sem nenhuma orientação, podem se envolver com bebida alcoólica ou com outros problemas que fogem ao controle dos responsáveis.

Aqueles que residem no interior em sítios e comunidades põem os filhos para estudar nas escolinhas até a quarta série, e quando podem fixam residência na cidade para prosseguir a educação escolar. Os que ficam passam a ajudar o pai ou a mãe nos trabalhos extrativos e domésticos. Há informações a respeito de famílias que trabalham com piaçaba e outro produtos florestais que optaram pelo interior por ser mais farto, onde só passa fome quem tem preguiça de trabalhar. Os que cresceram nos piaçabais vindo esporadicamente à cidade dizem só não ter passado fome por causa da fartura de peixe e caça. Some-se a isto o fato de plantarem mandioca, produto do qual se tira uma variedade de alimento que se pode tirar deste tubérculo.

Um dos resultados desta pesquisa dá conta de que a maior motivação da migração do piaçabeiro para a cidade é a educação dos filhos, vista como fonte de preparação para um futuro emprego que possa melhorar a sua qualidade de vida. Portanto a educação escolar se torna mais viável para subir na vida, na concepção dos pais, como podemos perceber na fala de Quido.

No interior do rio, é muito difícil estudar, por isso durante três anos tive que me deslocar para o colégio dos padres em Barcelos onde estudei os três anos no regime de internato. Depois disso passei a estudar por conta própria em casa, nos livros que encomendava do patrão Sabá Macêdo quando ele ia a Manaus. Lia todos o que tinha na luz de lamparina e não tinha ninguém para tirar as minhas dúvidas. Por volta de 1976 a minha prima e o Pe. Francisco Laudato (salesiano) me convidaram para lecionar lá onde morávamos (Vila Conceição-Padauri) até a 3ª série e eu aceitei. Foi quando despertou em mim a vontade

de mudar de vida. Eu dava aulas lá mesmo no sítio para as crianças que vinham de outras comunidades, muitas delas se hospedando na nossa casa, o que aumentou as nossas despesas com alguns produtos. Passamos a pescar de manhã e de tarde. Posteriormente fiz o curso do "Projeto Samauma", levado por um barco, no qual a supervisora era uma grande conhecida de Barcelos. Recebíamos os livros para estudar e no final fazíamos um teste. Eu e o Edgar, meu primo, conseguimos estudar e fomos aprovados. Em 1979 já havia três anos que lecionava no interior, surgiu uma oportunidade de fazer o curso do magistério em regime de internato no CEPAM (Centro de treinamento Padre José de Anchieta) mantido pelo governo estadual em Manaus e fui contemplado com uma vaga. Daí pra frente não parei mais (E. O. S., 55 anos, Entrevista / 2005).

Somente com muito esforço e boa vontade, pessoas como Quido e seu primo conseguem estudar e concluir seus estudos, trabalhando de sol a sol, e nas horas vagas ainda encontra ânimo para se sentar e ler à luz de lamparina. Esses fatos são exceções, pois esta pesquisa constatou que há grande incidência de trabalhadores com baixa escolaridade, mas não propriamente o analfabetismo. Entre eles, são poucos os que não sabem assinar o nome e ler, todavia isso não os isentou de terem sido enganados por algum de seus patrões na prestação de contas.

Nos anos de 1930, 1940, 1950, 1960, 1970 e 1980 na escola das missões salesianas em regime de internato muitas pessoas do rio Negro foram alfabetizadas nos colégios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. Embora esses missionários tenham cometido algum desatino nos últimos 60 anos, como aponta Péres (2003), ensinar a ler, escrever e contar é contado como ponto positivo pelos próprios moradores que contribuíram com esta pesquisa.

As pessoas que moravam no interior dos piaçabais e seringais nem sempre puderam terminar os estudos (entre dois e quatro anos) por um ou por outro motivo, chegava um momento em que era levado de vez para o interior com o objetivo de ajudar os pais nos trabalhos extrativos e nas roças, como já foi descrito no capítulo anterior. Os poucos anos de estudos para uns foram suficientes para fazer cálculos, mas pode não ter sido suficientes para outras pessoas. Onofre, um dos piaçabeiros da etnia baré de 33 anos que estudou pouco tempo, expôs o seguinte:

Eu estudei cerca de dois anos, mas aprendi fazer contas e calcular. Antes a gente aprendia mesmo porque o ensino era puxado e melhor e o aluno aprendia realmente, hoje os

alunos terminam o primeiro grau e não sabem nem somar. Sou capaz de enxergar os erros cometidos pelo patrão, debitar e/ou somar as minhas contas. Os que não sabem fazer sofrem muito quando não têm ajuda dos colegas que sabem. (J. O. 33 anos, Entrevista / 2006).

Em um outro relato, o piaçabeiro Tomé comenta sobre a sua experiência em relação às suas contas.

Quando eu era solteiro fui muitas vezes enganado pagando por objetos que era debitado em minha conta, pagando contas mais de uma vez. Depois que tive filhos, o mais velho era esperto e sabia fazer contas e constatar o engano que o patrão cometia nas minhas contas. Fora as vezes que fui enganado no peso do produto. Mas com o passar do tempo, só de olhar o produto eu sabia quanto pesava e ninguém me enganava mais nessa parte (T. S. 87 anos, Entrevista / 2003).

Dentre os mais idosos, constatou-se também os que sabiam apenas escrever o nome e ler bem pouco. Sintetizamos que o problema dos poucos anos de escolaridade está relacionado a vários fatores: a morte de um dos pais, impossibilidade financeira de ficar na cidade, a ajuda que deviam dar aos pais na roça e na extração de piaçaba e outras atividades como já se comentou. Para muitos pais, era dispendioso sair no meio e no final do ano dos sítios e comunidades para buscar e deixar os filhos no internato, os meios de transportes eram mais difíceis, tendo que fazê-lo de canoa ou esperar que algum comerciante de produto extrativista subisse ou descesse o rio.

Em Scherer et al (2003, p. 97), esses trabalhadores são tidos como sujeitos "invisíveis perante o estabelecimento de políticas públicas; nos planos governamentais são ignorados pela diversidade de ecossistemas e grupos humanos, além de pouco serem referenciados nos planos estaduais e federais". Os problemas estão relacionados às péssimas condições de saúde, educação, escoamento da produção, invasões em seu meio ambiente.

Os patrões tinham escolaridade suficiente para operar com os negócios que realizavam. Quanto a sua origem, fizemos um levantamento com cerca de cinco fregueses e um dos patrões que esteve mais de cinquenta anos no ramo. Eles apontaram a existência de 28 patrões sem se deter no período de sua atuação, alguns deles já são falecidos e apenas 09 continuam na ativa.

Mas essa contagem é relativa porque foram muito mais os patrões que atuaram nesse ramo dentro do rio Negro.

Do resultado obtido, constatou-se que 18 são de fora da região, e apenas 10 são do município. Esses eram os que viajavam para dentro dos rios e tinham o contato direto com os fregueses e não os que recebiam o produto em Manaus. Entre eles, há amazonenses, maranhenses, paraenses, cearenses, cariocas, portugueses. São pessoas que investiram como patrão e/ou regatão, alguns dos quais se encontram no mesmo ramo. Nem todos eram casados com mulheres da região, mas tinham filhos nascidos nela. Geralmente não fixavam residência no interior, residindo na cidade de Barcelos, Santa Isabel e Manaus para facilitar a educação escolar dos filhos.

Não podemos esquecer que, na base do processo produtivo, estiveram também presentes as mulheres inseridas nas variadas formas de ocupação como as domésticas, as roceiras, as piaçabeiras, as seringueiras e outras. Entretanto é mais freqüente ouvirmos o termo trabalhador e não trabalhadora, compreendendo o termo sempre no sentido masculino, todavia ouvimos mulheres que trabalhavam no corte de piaçaba após os maridos terem sofrido acidentes por animais peçonhentos e/ou ficarem viúvas e até uma solteira, além das que, na busca de autonomia, cortavam piaçaba independente dos maridos, a fim de ter uma renda a mais para satisfação de suas necessidades.

Reis (1953) destaca que as mulheres desempenharam um papel importante não só nas atividades domésticas, mas nas de fundo econômico como lavradora de espécies alimentícias destinadas ao comércio. A invisibilidade do trabalho feminino só passou a ser notada socialmente quando pesquisadores se voltaram para o estudo da vida privada que englobava o campo feminino.

Uma das autoras que seguiu a linha thompsoniana, na vertente da história vista de baixo,²⁴ foi Perrot (2001), que abriu espaço para que a história de vida e trabalho de mulheres fosse vista como um valor que nunca havia sido observado pela ciência ocidental, cuja existência é ignorada com constância. Sabe-se que, em qualquer sociedade, a mulher é fundamental na constituição familiar, um dos esteios no âmbito privado do lar.

No piaçabal, muitas acompanhavam seu marido na jornada de trabalho de corte da fibra adentrando os rios e igarapés com o seu marido, quando não cortavam produto, faziam roça para a produção de farinha e outras variedades de alimento, pescavam, faziam canteiros e caieira²⁵, ajudava no beneficiamento da piaçaba, isto é, destalava, amarrava, botava para secar. As crianças maiores ajudavam nesse processo ou iam para o mato ajudar a cortar e carregar o produto, conforme suas condições físicas.

Duas mulheres entrevistadas trabalhavam somente com os filhos. Uma após ter ficado viúva, outra porque o marido teve de amputar uma perna quando foi picado por cobra venenosa. Dona Nega declara que, após o seu marido ter amputado a perna, assumiu o lugar dele, fato que em modificou o seu cotidiano de vida:

Eu me casei bem jovem e sempre ajudei o meu marido nos afazeres diários e em seu trabalho. Após quatro anos de casamento, ele foi picado por uma cobra venenosa (surucucu) na Vila Conceição no rio Padauri. Fomos para o hospital de Santa Isabel do Rio Negro e depois ele foi encaminhado para o hospital militar de Manaus onde ficou internado durante um mês e vinte e dois dias e sua perna foi amputada. A irmã D'arc queria que a gente ficasse em Manaus, mas ele não quis e voltamos para o Padauri para cortar piaçaba. Ele me dispensou e mandou que eu procurasse viver a minha vida, mas eu preferi ficar com ele até o fim. Assim continuamos a trabalhar e ele ajudava no que podia indo junto comigo e nossas filhas para mata quando íamos cortar produto, ficando encarregado de trancafiar e fazer os pacotes para levar ao barracão. Ele não podia carregar peso e nem cortar produto ou derrubar roça porque andava de muleta, mas remava bem, pescava, roçava e plantava na medida do possível. Um dia a gente passava bem e no outro mal e assim fomos levando. Em 1979 ele faleceu de ataque cardíaco (Entrevista, O. R. A., 59 anos / 2006).

²⁴ Segundo Jim Sharpe é a história vista a partir das classes subalternas estudadas por Thompson, o iniciador do estudo nessa perspectiva (BURKE, 1999).

²⁵ Local onde se queima madeira para fazer carvão. Consiste num buraco cavado na superfície do solo onde se coloca madeira bem arrumada e se cobre com terra e palha para queimar, podendo começar a remoção do carvão após três dias.

O marido não podia mais fazer o trabalho pesado, mas orientava e ajudava nos serviços mais leves. Nega nasceu e cresceu no interior dentro deste modelo de trabalho extrativo e da roça, por meio dos quais aprendeu as técnicas no manejo da fibra e a lidar com os perigos da mata andando pelos caminhos carregando peso. Esta senhora plantava roça para fazer a farinha destinada ao consumo da família. "Eu já conhecia os caminhos nas matas e calculava as horas e me comunicava gritando. Juntos com as minhas filhas a gente cortava até 120 quilos por dia e para carregar colocávamos envira²⁶ na cabeça, como quem carrega o aturá²⁷" (O. R. A. Entrevista /2006).

Não podemos cair no erro de dizer que a mulher carregava a mesma quantidade de produto que um homem. Uma delas relatou que muitas vezes o peso era tanto que deixava o produto pelo caminho para buscar no dia seguinte, pois em dias de chuva o produto ficava úmido e pesado. Simoniam (2003) trata da experiência de mulheres que trabalhavam nos balatais fazendo safras e transportando produto sozinhas, condições que não diferiam muito daquelas que trabalharam nos seringais, piaçabais e/ou outras formas de extrativismo.

Teca descreveu o corte de piaçaba como um trabalho duro de se fazer, como podemos perceber na fala abaixo:

Eu chego do mato e ainda vou fazer as coisas em casa terminando tarde, já na hora de dormir. Dia de sábado e domingo a gente aproveita para fazer conserto nas roupas dos filhos, ou mesmo fazer roupas de retalhos. Outras vezes tinha que ajudar no beneficiamento do produto (amarrar, trancafiar). Quando tinha vinte anos fiquei grávida pela primeira vez, me senti na obrigação de trabalhar e ajudar meus pais no piaçabal porque não havia outro emprego. De barriga grande (gestante) eu subia na piaçabeira pelo jirau para bater, destalar e cortar e ainda carregava para canoa. O lucro era para todos da família (T. J. S., 39 anos, Entrevista / 2006).

Simoniam (2006) reconhece que há dupla e até tripla jornada de trabalho da mulher, que combina os encargos dos trabalhos domésticos com a extração de produtos. Solteira ou casada

²⁶ Envira é uma casca bastante resistente de uma espécie de planta utilizada para amarrar qualquer objeto, pesado ou não.

²⁷ Paneiro bastante resistente feito de cipó de tecido bem fechado que possui fortes alças feitas com casca de envira que serve para carregar peso. O homem regional o utiliza para carregar mandioca, macaxeira, batata, cará e outros produtos.

devia trabalhar com intensidade para poder tirar algum lucro. No interior de sua casa ela acumula uma variedade de funções que inclui cuidar de doente, ouvir as lamúrias dos filhos e marido, lavar, cozinhar, passar, dentre outras situações. Sabemos que a dona-de-casa sempre teve seu trabalho desconsiderado, sem descanso, sem férias e sem remuneração. É o tipo de trabalho ignorado, segundo Perrot (2001), excluído pela própria história que, durante muito tempo, não se ateuve para a importância da mulher nos diversos tipos de serviços que devia realizava.

Uma outra senhora que trabalhou como piaçabeira na sua juventude no rio Marié revelou o seguinte:

Às vezes a gente passava fome. Já ficamos até quatro dias enganando a fome tomando café com farinha, mingau de tapioca e vinho de patauá. Às vezes chovia muito e não dava para sair para ir atrás de comida. Temporal na mata ou no rio é muito perigoso (M. S. S. Entrevista / 2005).

Acontecimento como este mostra a dureza das condições de trabalho e da fome, associadas às condições do tempo e à ausência do patrão. Com base nas críticas feitas por Simoniam (2006), a presença da mulher no trabalho extrativista foi omitida das bibliografias e documentos. Isso implica o não reconhecimento de seu trabalho, uma vez que tiveram suas experiências de vida e formas de ocupação negadas pela ciência.

Ao todo, entrevistamos nove mulheres com idade entre 39 e 70 anos, todas com filhos adultos com exceção de uma que ainda tem filhos pequenos, mas apenas seis cortaram piaçaba, as outras três são domésticas. São quatro viúvas, uma separada, uma solteira com filhos e três casadas. A quantidade de filhos varia muito constituindo uma média de seis. Há também uma categoria de mulher no interior que vive "amigada" ou "amasiada", estado civil reconhecido pela Constituição Federal de 1988 como união estável.

Atualmente são novas perspectivas que se abrem no campo da valorização do trabalho feminino, o qual passa a ser visto com outro olhar no sentido do reconhecimento. Se no passado a

existência da mulher era despercebida, concebida ao âmbito do lar como qualquer objeto, no presente, ela conquistou credibilidade tanto no espaço da cidade quanto do interior.

CAPITULO III

HISTÓRIA DE TRABALHO E DE VIDA

Só quem tenha sido criado à beira de qualquer rio do Amazonas, principalmente do Pará, é que pode ajuizar o quanto de extraordinário é a atmosfera espiritual que envolve os relatos e estórias, projetadas na mente em tantos matizes quanto as cores do espectro solar impressionam a menina dos olhos. É um arco-íris encantado.

(Leandro Tocantins)

1.1- Barcelos, história e contexto

Barcelos é um dos 62 municípios do estado do Amazonas, com uma extensão territorial de 122.476 km², localizado no rio Negro distante da capital cerca de 496 km por via fluvial e 396 km em linha reta, sendo considerado o maior município do Amazonas e o segundo do Brasil. Limita-se a leste com o estado de Roraima, a oeste com o município de Santa Isabel do rio Negro, ao norte com a República da Venezuela e ao sul com os municípios de Marã e Codajás e a sudeste com o município de Novo Airão. Conforme os dados oficiais do censo IBGE 2007 este município tem 24. 567 habitantes

A historiografia regional pesquisada por Arthur Reis (1998) e Santos (2002) dá conta de que a então aldeia de Mariuá, hoje Barcelos, foi fundada pelo Frei Matias de São Boaventura em 1728 e somente foi elevada à categoria de vila mais tarde quando houve a instalação da Capitania de São José do Rio Negro por Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Autorizada por Carta Régia, a Aldeia de Mariuá foi elevada à categoria de Vila em 03 de maio de 1755, recebendo

foros de cidade somente em 06 de maio de 1758 com o nome de Barcelos. Foi a primeira capital da Capitania de São José do Rio Negro.

Com base nas leituras de Reis (1998), nos tempos coloniais, havia a necessidade de se ter um centro administrativo mais próximo da Capitania do Rio Negro e o povoamento deveria passar por profundas transformações, sobretudo se levarmos em consideração o fato de que a própria Capitania necessitava de efetiva ação pública. Santos (2002) resume que a Capitania era muito extensa e ficava difícil administrá-la sem que houvesse um governo mais centralizado que prescindisse da dependência do Grão-Pará, pois todas as providências e decisões a serem tomadas chegavam sempre com atraso, causando prejuízos de diversas dimensões à região. Buscava-se também facilitar a vida econômica da população aqui estabelecida e, ao mesmo tempo, favorecer a obra de "civilização" dos índios sob os auspícios de Portugal.

Este é um período de estagnação da economia de Barcelos, somada à ameaça de perda da soberania da região que tinha as suas fronteiras à mercê dos forasteiros que podiam criar embaraços futuros para os portugueses. Some-se a isso o fato de que os missionários, principalmente os jesuítas, precisavam ser acompanhados de perto em sua missão, haja vista a desconfiança das autoridades portuguesas que suspeitavam de suas ações à frente dos trabalhos de catequização. É neste contexto que foi criado um centro administrativo, a Capitania de São José do Rio Negro, onde se pudesse tomar decisões e observar de perto os atos e ações de pessoas que vinham de fora e de dentro da região. Barcelos foi a sua sede administrativa, e o seu primeiro governador, Joaquim de Melo e Póvoas.

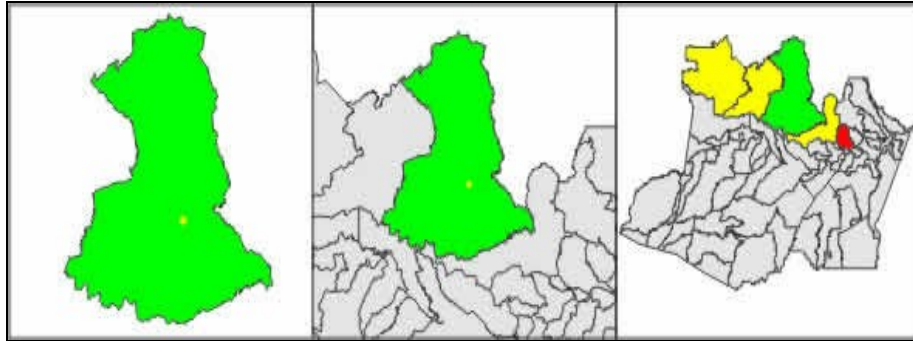


Figura 8 - Mapa de localização de Barcelos (parte setentrional no Estado do Amazonas), situada na sub-região do alto rio Negro

FONTE: Google.com.br - Imagens, 2007

De acordo com Reis (1998, p. 145), no governo de Manuel da Gama Lobo D'almada, sob a alegação de entrave ao progresso da região, houve a transferência da capital para o Lugar da Barra (Manaus) em 1791, local que lhe pareceu melhor pela posição geográfica e situação de salubridade que tem. Para este governador, "Barcelos, no centro do rio Negro, distante do Pará, longe das demais vilas e povoados situados no Madeira e Solimões, o que dificultava as ordens expedidas, não lhe pareceu o sítio onde permanecer a capital". Porém, por discordância de outras autoridades, há o retorno da capital para Barcelos em 1799, indo definitivamente para Manaus somente em 29 de março de 1808.

Essa decisão de transferência da capital para Manaus causou a estagnação política, econômica e social de Barcelos, processo que propiciou decadência, ficando a cidade limitada a um pequeno povoado atrasado e sem perspectiva. Já no século XX, passa por várias fases e modificações em sua vida administrativa e judiciária, chegando a ser extinto como município, sendo anexado a Moura em setembro de 1931, restabelecendo a condição de município e comarca neste mesmo ano. Em 31 de março de 1938, novamente recebe foros de cidade pelo Decreto-Lei nº 68 (Enciclopédia dos Municípios, s/d).

A história colonial revela que um dos maiores problemas da região foi de mão-de-obra para a realização dos trabalhos tanto no âmbito público quanto no privado, levando à perseguição

da população nativa regional. Buchillet (1997, p. 12) considera que a região do rio Negro foi uma das mais castigadas pelas caçadas e perseguição aos seus habitantes. "a partir de 1657 os povos do Baixo Rio Negro começaram a se confrontar com as incursões dos portugueses no seu território". Nesta data, foram levados ao cativeiro mais de 600 índios pelas expedições oficiais no território *Arawak* para os povoados e centros urbanos onde eram vendidos.

O processo de aprisionamento se deu de três principais fontes: guerra justa, tropas de resgate e os descimentos. A primeira era feita por diversos motivos considerados pelos portugueses como hostilidade contra os colonizadores. A segunda forma de captura de índios se dava através de trocas entre portugueses e nativos considerados aliados. Na terceira forma, os índios eram persuadidos a descerem de suas aldeias para os núcleos coloniais portugueses. Esta envolvia os missionários junto com as expedições oficiais.

O indígena, de modo geral, não é afeito ao tipo de trabalho erigido pela modernidade. Em outras palavras, pode-se dizer que este tipo de trabalho que precisa medir o tempo da produção dentro de uma lógica que não condiz com os costumes das várias etnias existentes na região encontrou forte resistência. A recusa ao trabalho forçado foi acompanhada por um processo de destruição progressiva de tribos nativas e por fugas para o interior das matas na tentativa de sobreviver às caçadas realizadas pelos brancos.

Buchillet (1997) expõe que, nesse processo, muitas tribos que intentavam escapar das expedições oficiais ou de particulares, se fizeram aliadas dos portugueses fornecendo-lhes escravos, a exemplo do que faziam os Manao¹. Estes mantinham boas relações comerciais com os holandeses do canal de Essequibo para quem vendiam os escravos capturados. Posteriormente se aliaram aos portugueses e estabeleceram o mesmo negócio. Em consequência das várias batalhas,

¹ Esse povo dominou o curso inferior do rio Negro. O ataque constante a diversas povoações e aldeias missionárias realizadas por eles em busca de escravos, somadas à interferência ao livre acesso dos portugueses no rio Negro levou-os a serem perseguidos e levados ao desaparecimento. (BUCHILLET, 1997, p. 12-13).

o baixo rio Negro ficou despovoado e os portugueses penetraram o seu alto curso, fazendo escravo um grande número de cativos, principalmente os que viviam nas zonas ribeirinhas.

A mesma autora relata que o despovoamento se deu não só pelo aprisionamento de índios para fins comerciais, mas também por doenças² e fugas que causaram grandes perdas. As doenças eram do tipo contagiosas, provocadas pelo contato com os brancos, como a varíola ou bexiga, o sarampo, a tuberculose e as febres intermitentes. As fugas foram provocadas pela migração de índios, como forma de se livrar das perseguições e doenças, pois não estavam preparados para combatê-las.

Lembrando que, em certa ocasião da história, dominou o pensamento de que as doenças eram acarretadas pelo clima sufocante da região. Tocantins (1982) aborda que estes conceitos sobre a região não se confirmam nos depoimentos dos próprios estrangeiros, como Spix e Martius, Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates que por aqui estiveram por um bom tempo na região, classificando o clima de forma positiva, como assinala Martius em sua passagem pela região:

Veja-se o cientista bávaro Von Martius confidenciar [...]: 'Apenas alguns dias de permanência em Rocinha, a aprazível vivenda rural onde se nos ofereceu tão benévola hospitalidade, já nos fizeram sentir rápida mudança em nosso estado de saúde'. Verificávamos, cheios de surpresa, essas rápidas mudanças em nosso ser, e fosse porque o fosse, o ar mais saudável e o ambiente mais animado [...] (TOCANTINS, 1982, p. 2006).

Não seria demasiado afirmar que um dos maiores vilipêndios e violências cometidos aos indígenas foi o trabalho forçado, definido por Santos (2002, p 77) como "os pés e as mãos da colônia". Tanto missionários quanto colonos valeram-se da mão-de-obra indígena em favor de seus interesses. Os missionários chegaram a perder seu poder temporal sobre os índios, punidos pela lavratura de Marquês de Pombal que os expulsou do Brasil em 1759.

² Eram doenças viróticas que encontraram fortes condições para se desenvolver na região. Houve uma mortandade no rio Negro envolvendo os povos indígenas completando o quadro de esvaziamento nessa área da Amazônia. Este fato é comparado ao evento de 1919 quando uma gripe espanhola, que dizimou a população do Baixo Rio Negro, atingiu o seu alto curso em 1922 (IBIDEM p.p. 15, 21).

Durante a fase do Diretório³ (1798), foram feitas tentativas de pôr fim à escravidão dos índios, mas Pombal entendeu que os colonos, para sobreviverem na região, dependiam inteiramente deles nos trabalhos a serem executados. Por outro lado, as ações missionárias também não poderiam sobreviver sem essa mão-de-obra tão preciosa para os empreendimentos das missões.

Para tentar resolver o problema da mão-de-obra cada vez mais escassa na região a rainha Dona Maria I resolveu criar o "corpo de trabalhadores" e o "corpo de milícias". Providências foram tomadas para que não se fizessem mais os descimentos, e o comércio passou a ser livre entre índios e brancos. Ocorre que muitas decisões tomadas para amenizar a situação dos índios não foram cumpridas, uma vez que não havia como fiscalizar uma região tão extensa, situação que permanece até os dias de hoje apesar do desenvolvimento da tecnologia.

O tempo passou e a situação social dos indígenas permaneceu como sempre foi, mesmo mudando de governante e de plano político. As relações entre brancos e indígenas sempre foram de medo, terror e embates, porque os índios também tinham as suas estratégias de resistência que os faziam protagonistas políticos ativos diante da dominação. Eles forjavam as mais inusitadas estratégias de resistência como as emboscadas e refúgio na floresta através de fugas. Não agüentavam mais assistir a seus filhos e mulheres serem levados por militares e viajantes sem escrúpulos.

Buchillet (1997) relata os episódios messiânicos de diversos níveis no século XIX na região do alto rio Negro, numa época de muita exploração dos padrões da borracha. Um dos missionários (Vicente Christo) que pregava o anúncio de uma nova ordem social, na qual índio e branco trocariam de posição. Os índios seriam os amos e os brancos seus escravos. Anunciavam

³ "Foi idealizado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Em seus 95 parágrafos Furtado propõe alterações profundas na política indigenista até então vigente na Amazônia [...] dispondo sobre a liberdade dos índios e abolindo as administrações anteriores". Na realidade a política do diretório piorou a situação de exclusão indígena na região amazônica. Foi uma fase de muitos abusos dos diretores de índios em relação aos próprios índios, levando a rainha a exigir a volta dos missionários à região (SANTOS, 2002, p. 92).

promessas de fim de mundo que poupariam os índios, libertando-os da sujeição econômica e política dos brancos. São novidades que inicialmente geravam novos ânimos e fazia os indígenas resistir e lutar. Esses movimentos foram concebidos como conspiração contra os brancos e suas instituições, por isso foram reprimidos com violência, causando muitas mortes de indígenas.

Culturalmente os indígenas passaram por muitas humilhações e vexames frente às ações etnocêntricas de colonos e missionários que consideravam as culturas indígenas estranhas em relação aos seus próprios hábitos culturais. Buchillet (1997) relata um episódio conhecido como a "Revolta dos Yurupari"⁴ provocado por um missionário católico, o padre Coppi, no século XIX no alto rio Negro que em certa ocasião expôs à visão das mulheres e das crianças as máscaras e os instrumentos sagrados de músicas (os célebres Yuruparis) proibidos à sua vista sob pena de morte. Obteve estas máscaras e instrumentos de música depois de ameaçar denunciar um índio suspeito de ter matado um tuxaua em Iauareté.

No rio Negro, existem subsídios simbólicos importantes, elementos de identidade da cultura indígena de valor imprescindível na relação entre os grupos sociais. Athias (2003) informa que elementos como Jurupari, Dabucuri e Maloca, por exemplo, são símbolos fundamentais para compreensão das relações interétnicas dos povos da bacia do rio Uaupés que comungam destas instituições. Através do relato, fica evidente o não acesso da mulher a símbolos restritos à figura masculina.

Segundo Torres (2005, p.198), "o Iurupari é associado à imagem do diabo", situação forjada pelo cristianismo, pois na teogonia indígena este símbolo não tinha este significado, era

⁴ O dito padre convidou as mulheres para assistir a uma missa durante a noite e prendeu-as na igreja, de modo a impedir que saíssem. Mostrou-lhes tais objetos proibidos que eram manipulados apenas pelos homens, levando essas mulheres a gritar e a tentar fugir. Ouvindo os seus gritos, os homens que haviam ficado do lado de fora reagiram arrombando a porta e deparando-se com a cena das mulheres em fuga para a mata com medo da morte, após terem visto as máscaras proibidas. Os missionários envolvidos nesse drama tiveram de fugir para não serem mortos pelos índios que os atacavam furiosos por causa da profanação das máscaras. Aqueles povos de Ipanoré foram obrigados pelos pajés a fazer jejum um mês inteiro.

tido como um ser pacífico e de boa índole que vive no ventre de uma mulher e só causará mal ao mundo se apresentar completamente a sua imagem às pessoas. É um símbolo forte nas culturas indígenas do alto rio Negro, apresentando variações de tribo para tribo.

É verdade que esse mito foi recriado pelo branco em forma de contos e histórias inverídicas. Uma dessas histórias atribuída à tribo dessana associa a mulher ao demônio, dando conta de que a mulher roubou a flauta do diabo num momento de descuido dele, determinando, assim, a entrada do mal na tribo (TORRES, 2005, p.198).

A mesma autora assinala outras séries de atribuições pejorativas associadas à figura feminina como a de ser responsável por todo tipo de mal, gerando um sentimento de medo no mundo masculino. A mulher indígena em si reunia os piores predicados como o de ser perversa, malévola, fácil, acesa e ferosa, atribuições que perduram ainda hoje, situação contestada pela autora, haja vista que todos esses atributos foram construídos historicamente. A idéia da mulher como ser maligno é específico de uma cultura, a dessana, e não é uma construção universalizada. Deve-se levar em consideração a importância da mulher pela dupla jornada que assume no mundo do trabalho, no âmbito da economia doméstica e na divisão social do trabalho.

Buchillet (1997) sustenta que esta foi uma época de precariedade na qual os índios eram levados à força para os seringais e piaçabais instalados no curso inferior do Rio Negro, onde continuaram sendo dizimados pelos trabalhos forçados e doenças que afetavam tanto indígenas quanto militares e colonos. Foi nesse período que começaram a aparecer os regatões⁵ na região, descritos como homens violentos e intolerantes que ridicularizavam os costumes e a moral dos indígenas. Nesse contexto de violência, doenças e trabalhos forçados, os padres salesianos assumem a catequese na região do alto rio Negro (1914) com a fundação da Prefeitura Apostólica do Rio Negro.

⁵ McGrath (1997) é um dos autores que expõe o comportamento ambíguo do regatão. Trata-se de um tipo de comerciante ambulante que passou a ter domínio econômico em vários pontos da região vendendo vários tipos de mercadorias, sendo admirado por uns e odiado por outros. Foi estigmatizado de forma negativa como sedutor de mulheres e exploradores da boa fé dos homens que dependiam de seus serviços. No sentido positivo os regatões eram tidos como os únicos a enfrentarem toda sorte de perigo e condição adversa para vender e trocar produtos nas áreas mais distantes aonde ninguém ia.

Os missionários salesianos desenvolveram um sistema educacional via internato que se constituiu no berço de muitas lideranças indígenas na área da educação. Nos primeiros tempos, esse sistema educacional atuou na destruição da cultura indígena, tais como a destruição das Casas Comunais; execrou as manifestações culturais exteriorizadas nas festas, o xamanismo e adornos corporais; abominou os casamentos entre primos cruzados e proibiu a ingestão de plantas alucinógenas. Porém, deu elementos para a constituição das mesmas lideranças que buscam reconstituir suas expressões culturais perdidas no passado. Ironicamente foram esses mesmos missionários que produziram um acervo de interpretação das culturas indígenas constituindo os primeiros estudos antropológicos sobre a região. [...] "os missionários católicos revelaram ser perspicazes etnógrafos, produzindo um acervo imenso de dados e interpretações sobre os modos de vida destes povos" (PÉRES, 2003, p.56).



Figura 9 - Prédios da Missão Salesiana de Barcelos
 FONTE: Representação do município de Barcelos - 2004

Péres (2003, p. 65) explica "Em uma inversão retórica culturalista missionária, setores do clero católico, sobretudo depois do Concílio Vaticano II/1962, passam a estimular [...] os índios a defenderem, preservarem e resgatarem a sua 'tradição' que antes era reprimida e negada". O sentido está em reconstituir o que foi sendo destruído da cultura indígena, apesar de se saber que muitos dos costumes e hábitos jamais serão reconstituídos na forma como eram concebidos. O mesmo autor elucida que a estratégia se dá no sentido de estimular os índios a defender, preservar e resgatar as suas tradições. Com efeito, estimulou-se o uso dos símbolos indígenas nas celebrações católicas e a formação de agentes pastorais para estabelecer melhor comunicação com as culturas. "A maloca deixa de ser o 'templo da 'malignidade' e torna-se o 'templo da indianidade'". Esse processo contribuiu para encorajar os indígenas a manterem as suas tradições e despertar a consciência política de ação coletiva na conquista de direitos (IDEM, 2003)

Em conversas informais ouvimos quatro pessoas naturais de Barcelos com idade entre 71, 73, 77 e 50 anos, três ex-alunas do internato nos anos trinta e quarenta e uma nos anos sessenta e setenta. Estas informantes falaram do internato e da educação promovida pelos salesianos de forma positiva, deixando transparecer um certo saudosismo quando falavam do passado.

Geralmente as pessoas de idade mais avançada falam que seu tempo de colégio era bem melhor. Elas aceitam de forma lenta as mudanças nas suas tradições, uma vez que resistem a novos valores, como nos destaca Caldas (1986, p. 16): "há uma tendência das pessoas mais velhas em resistirem aos novos valores".

Aparentemente, como já descrevemos, nenhuma dessas pessoas deixaram transparecer sentimentos negativos em relação à atuação salesiana, ao contrário, a forma de educação adotada nas missões é vista por elas como boa para a sua formação e de outros jovens que puderam dar continuidade aos estudos. Uma delas revelou que conhece ex-internos de Barcelos que conseguiram chegar a um patamar profissional bastante significativo.

Esses missionários salesianos são reconhecidos por elas não só como educadores, mas como agentes reconstituidores da cidade que se encontrava decadente no período de sua chegada. Barcelos é lembrada pelos primeiros moradores como uma cidadezinha com cerca de duzentos habitantes e se restringia a pequenos caminhos enlameados, cheios de formigas e poucas casas, com apenas três horas diárias de luz elétrica, invadida pelo mato. Uma antiga moradora revela que:

Barcelos nos anos 40 e 50 (do século XX) era muito pequena, com uma vida simples e bastante atrasada. Eram duas ruas bem estreitas mais parecidas com caminhos, não eram asfaltadas, apenas aterradas, cheias de capim e em algumas partes o mato era alto. Tinha tanta formiga que a gente não conseguia ficar conversando por muito tempo parada. Uma das ruas é que passa em frente o colégio e o hospital da missão salesiana, que tem o nome Ajuricaba, e a outra e a de frente da prefeitura, que terminava em um barranco após a praça principal onde está situada a quadra de esportes da prefeitura que se chama Tenreiro Aranha. Os prédios que existiam na minha época e que bem me lembro era o do correio, que era um dos mais bonitos; a prefeitura, um casarão de madeira onde posteriormente funcionou a coletoria; a igreja; o colégio de internato das irmãs e dos padres e a vacaria. Também havia a rua do cemitério que era só mato e os caminhos que davam para as casas de antigos moradores (L. R., 73 anos, Entrevista / 2006).

Barcelos era um lugar decadente e de pouca prosperidade. Antes da metade do século XX, no momento da chegada dos salesianos, não havia muitas perspectivas de desenvolvimento, tendo em vista o atraso em que esta cidade se encontrava. Até o atendimento à saúde foi dado pela missão em prédio anexado ao colégio.

Os relatos revelam que os moradores se encontravam divididos em duas ruas e alguns sítios mais afastados, cujo acesso era feito por canoas. Esses locais deram espaço aos bairros de Nazaré e Aparecida, atualmente dentro da cidade, além de Mariuá e Marará que só recentemente foram ligados diretamente a ela por uma estrada que tem como projeto futuro o acesso a uma antiga propriedade denominada Piloto, pertencente a um ex-patrão de piaçaba [Sr. Albino Pereira] já falecido, com o qual alguns piaçabeiros entrevistados disseram ter trabalhado no rio Aracá. No momento presente, esse lugar se transformou numa capoeira, pois a casa desmoronou e o terreno se tornou um matagal.

Os dados obtidos dão conta de que a educação, a saúde e os divertimentos com exceção das festas dançantes nos clubes [eram cerca de dois] e alguns eventos promovidos pela prefeitura, se restringiam ao colégio salesiano. Em termos de análise dessa realidade, constatamos que essa instituição se tornara o centro da vida social em Barcelos, posto ser o ponto de referência de todos os que chegavam à cidade, não só pela imponência do prédio que foi erguido nas margens do rio Negro, mas por todas as atividades que ocorriam no seu entorno. Essa movimentação é olhada de forma positiva pelas pessoas entrevistadas.

As informações assinalam que o hospital e a escola eram administrados pelos padres e irmãs da congregação salesiana, mantidos com a ajuda do governo. Havia também uma oficina e uma marcenaria para ensinar aos alunos um ofício como parte da instrução profissionalizante, enquanto as meninas ensinavam costura, bordado, crochê, artesanato e pintura em tecido. Luluca relembra com detalhes esse tempo:

No meu tempo a educação de Barcelos tinha fama de ser uma das melhores do Amazonas atraindo pessoas de diversos lugares. O regime era de internato e externato. Havia o colégio das meninas e dos meninos que recebiam uma clientela bem diversificada de Manaus, Roraima e de outros municípios do estado do Amazonas. Os que vinham do interior de Barcelos eram filhos de trabalhadores extrativistas e pequenos agricultores que moravam em sítios e comunidades afastadas da cidade. Pelo fato de residirem distantes esses alunos vinham de canoas ou pegavam carona com algum comerciante. Seus pais só vinham à cidade nas férias do meio do ano e no final do ano para pegar os filhos ou deixá-los novamente. Mas também havia alunos de Nazaré, Mariuá e Marará

que vinham de canoa todos os dias, porque era difícil o acesso a esses locais por terra. Havia muitos igarapés nos caminhos e nenhuma ponte para fazer a travessia. De manhã bem cedo antes da aula, você podia olhar rio acima e ver as canoas dos alunos descendo o rio vindo para aula na cidade. Isso era todo dia (L. O. R, 73 anos, Entrevista / 2006).

Moradores relatam que os professores que lecionavam na instituição eram funcionários do Estado, instituição que custeava também a maior parte das despesas com alimentação e saúde do internato, complementada com a criação de bois, porcos, um pequeno rebanho de carneiros e criação de galinhas e patos numa área de terreno bem extensa que contornava o colégio, além de outras doações concedidas por entidades estrangeiras. Havia também hortas com plantações de jerimum, maxixe, cebola, dentre outras verduras e legumes. Cultivavam-se melancia, batata, cará, macaxeira, abacaxi e outras variedades de frutas.

Os pais dos internos contribuíam como e quando podiam com farinha, beiju, tapioca, maçoça⁶, peixes e carne de caça salgada, quando vinham deixar os seus filhos no início do ano. Havia um pescador de nome Fortunato que pescava apenas para o colégio, fornecendo peixes de diversas espécies como piraíba, peixe-boi, pirarucu, tucunaré, pacu, aracu, acará, pirarara para a alimentação dos internos e todas as pessoas que residiam no colégio. Uma das nossas entrevistadas, dona Guió, esclareceu que a melhor parte da alimentação não era dos internos e algumas vezes vinha com péssimo gosto, imprimindo a idéia de que não havia esforço para deixá-la saborosa, conforme podemos perceber na sua fala:

Eu lembro que algumas vezes a gente comia o pirarucu apenas na água e sal. Para melhorar o sabor a gente levava pimenta escondida para o refeitório para melhorar o sabor. Mas era proibido comer pimenta. Quando a freira sentia o cheiro ela ficava doidinha e não descobria quem era que comia. O feijão era cheio de gorgulho, mas quando vinha com osso de boi era muito gostoso. De manhã cedo íamos para a fila, pois todo dia a gente tomava salamargo antes de tomar o mingau de farinha com sal que era o café de todo dia. Acho que por isso não tínhamos problemas de saúde. Eu tenho muita saudade daquele tempo. Como diz o ditado: eu era feliz e não sabia (G. O. L. 70 anos, Entrevista//2006).

Esta ex-aluna e ex-moradora de Barcelos revelou que sente saudade dos tempos de colégio. Quando era criança o concebia como o seu segundo lar, pois seus pais ficavam a maior

⁶ Massa de mandioca preparada para fazer uma bebida chamada caribé.

parte do tempo no interior trabalhando, enquanto estavam vivos. Contou que toda produção e criação eram feitas atrás do colégio onde havia um campo dividido em área de plantação e criação. Também havia um pomar de onde tiravam frutas como azeitona, jambo, manga, goiaba e caju que serviam para a merenda não só dos internos, mas das crianças, jovens e adolescentes externos que participavam dos oratórios e recreações aos domingos. O complemento da alimentação vinha de Manaus nos barcos que levavam mantimentos para todos os colégios salesianos do rio Negro.

A nossa entrevistada deixa claro que tudo o que se produzia e realizava em termos de trabalho no colégio, como plantar, capinar, fazer limpeza nos pátios, ajuda na limpeza da vacaria e chiqueiro e tirar estrume, tinha como principal mão-de-obra os próprios internos e internas. Os padres, as irmãs, os coadjutores e assistentes tinham outras funções. A cozinha ficava no colégio das meninas, e as cozinheiras eram geralmente indígenas trazidas do município de São Gabriel, portanto havia uma divisão do trabalho que possibilitava o funcionamento da instituição missionária, no qual ambos os sexos possuíam funções e responsabilidades definidas. Vejamos o que nos diz Clélia:

Naquele tempo era muito bom, tenho muita saudade dos oratórios, das festas que eram realizadas no colégio promovidas pelos padres. Havia a festa junina que era muito animada, a semana da pátria em cinco e sete de setembro, a festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição. Alguns santos como Nossa Senhora Auxiliadora, Dom Bosco, Madre Mazzarelo eram festejados com a parte religiosa e a parte social. Para os alunos havia jogos e outras modalidades de esporte com pequenas premiações. Todas eram festas esperadas que movimentavam a cidade e divertiam jovens e até os adultos. Na festa da Imaculada Conceição havia arraial, rezas e era muito respeitada e freqüentada pela população. Hoje ainda acontece, mas não é como antes, parece que as pessoas não têm mais a mesma seriedade e respeito que tinham de antes. Antigamente havia mais divertimentos que hoje. Talvez por isso não tivesse tanta violência como hoje (C. R. 50 anos, Entrevista / 2006).

Guió recorda que, no seu tempo de colégio, durante o ano letivo, festejavam-se os dias de santos considerados importantes na missão salesiana que modificavam a rotina diária da alimentação, por isso eram festas esperadas com muita expectativa.

Os dias de festa de santo eram bons porque a gente comia coisas diferentes do costumeiro mingau de farinha com sal que davam toda manhã para gente. Era bolo, uns pãezinhos redondinhos bem gostosos com sucos ou nescau. Quando matavam boi a gente não via carne, só ficávamos com os ossos e o bucho. Faziam farofa de bucho que chegava ainda vinha com aquele pichê, mas era tão gostoso. Nos tempos juninos as freiras e os padres distribuía milho, macaxeira, banana e batata doce para a gente assar na fogueira. Tudo era a gente que plantava no roçado atrás do colégio. Era a gente que mantinha os roçados. Levávamos tanta ferrada de formiga no braço, na perna. Ficávamos ocupadas o tempo todo no colégio (G. O. L. 70 anos, Entrevista / 2006).

Note-se que a vida social⁷ de algumas décadas atrás era bem movimentada no colégio missionário, promoviam eventos lúdicos, algumas vezes, junto com a administração pública e outras vezes de iniciativa própria. Esses movimentos se revestiam de grande alegria para os adolescentes e jovens por ser uma das únicas formas de diversão para eles. Era um momento de confraternização onde se podia brincar, dançar e comer algo diferente do costumeiro, apesar dos alunos internos não ficarem com a melhor parte do boi ou porco abatido para os festejos, mas sempre haveria bolo e outros quitutes. Eram festas previstas no calendário anual e esperadas tanto pelos alunos quanto pelos habitantes da pequena cidade.

Nas festas religiosas, nos carnavais, nas festas juninas, dentre outras, havia o rigor da disciplina, assinalado por Wagley (1988) e Galvão (1976), como imprescindíveis na organização do evento. Havia os mordomos e juízes da festa, cujos regulamentos não se subordinavam à igreja, pois eram feitos pelos próprios devotos. Guió acrescenta que nas festas profanas como carnavais não havia necessidade de um aparato policial, pois o quadro de violência era menor e a

⁷ Incluindo as festas religiosas que, na região amazônica, guardam particularidades que se expressam nos costumes, tradições e crenças. Muitas vezes surgem de promessas feitas no passado por alguma família e vão sendo transmitidas como herança para as novas gerações. Algumas dessas festas foram assumidas por comunidades religiosas católicas como expressão de fé e vida a exemplo do que ocorre até hoje com a Festa de Nossa Senhora de Nazaré e Santo Alberto de Carvoeiro em Barcelos. Galvão (1976) fez um estudo sobre esses eventos fez um estudo sobre festas de santos ou o culto dos santos, importantes nas pequenas cidades amazônicas. Eram festas aguardadas com grande interesse, especialmente onde não havia padre, muito esperado para realizar os batizados e os casamentos. E depois ainda vinha a dança para completar a euforia.

Essas festas populares são parte da vida em sociedade cuja coletividade promove arraiais, festas juninas, carnavais dentre outras. Muitas delas reúnem ritos sagrados e profanos, expressados por Reis L. M. O. (2001) como uma relação essencial para a compreensão das relações sociais que se estabelecem no campo religioso, na medida em que externa o sentimento que ora o homem nutre em relação ao sagrado e ora em relação ao profano.

clientela de jovens reunidos se encontrava no internato cumprindo regras rigorosas que, ao serem quebradas, resultariam em castigos ou mesmo na expulsão do aluno colégio.

No tempo do carnaval, a gente brincava também, só que a gente mesmo cantava e pulava na frente do colégio, vestindo fantasia feita de saco e papel picotado que nós mesmas fazíamos. Era muito bom porque a gente se divertia bastante. Só havia um detalhe: os homens para um lado e as mulheres para o outro, ninguém se misturava, mesmo porque havia assistente para todo lado nos vigiando. Por outro lado a gente ficava de castigo se desobedecesse. Às vezes as irmãs faziam piqueniques na praia com a gente, ou num campo enorme que tinha atrás do colégio e era conhecido pelo nome de cruzeiro (G. O. L. 70 anos, Entrevista / 2006).

A nossa entrevistada fala do rigor da disciplina como uma qualidade e não como defeito da instituição, pois a educação não se restringia à aquisição de conhecimento, mas de atos e gestos com o consentimento e a participação dos pais. Conforme seu relato, no colégio, a disciplina e a divisão de funções eram importantes de tal modo que não deixavam espaço para a ocorrência de muitos problemas. Havia horário e tempo para lavar roupas, tomar banho, estudar, trabalhar, fazer as refeições e assistir às celebrações da missa. "O nosso dia era cheio não havendo chance para se desviar das obrigações, a não ser em dias de tomar purgante (mistura de mamona com quinopódio em jejum) quando passávamos o dia todo descansando" (G.O.L., Entrevista / 2006)

Nas conversas registradas em campo, percebemos que há unanimidade na idéia de que, naquele tempo, havia mais segurança no município, porque aqueles que garantiam essa segurança zelavam realmente pela justiça. O juiz, o promotor e o delegado eram respeitados e residiam na cidade onde cumpriam com muita competência as suas funções. Diferentemente do que vem ocorrendo atualmente quando detectamos que essas autoridades se encontram cada vez mais ausentes da cidade. As pessoas na cidade têm o pensamento formado a respeito deste assunto, afirmando que tais autoridades saem da cidade por qualquer pretexto, mesmo recebendo os altos salários por prestarem serviços no interior, ou fora de seu domicílio.

A violência que ocorre na cidade de Barcelos atualmente é atribuída à falta de credibilidade na instituição judiciária cuja autoridade é sempre ausente do município. Não há

atividade que ocupe o tempo livre do jovem, o qual já perdeu o temor da autoridade dos pais e das autoridades políticas e judiciárias. O álcool e outros entorpecentes circulam na cidade aumentando a insegurança pelo número crescente de usuários jovens.

Quando inexistiam meios de comunicação mais avançados, o rádio era o único meio utilizado para ouvir notícias, músicas e jogo de futebol. À noite, as conversas entre as comadres, vizinhos e conhecidos eram fato cotidiano, momento em que se juntavam na frente da casa de um deles para conversar e trocar idéias. Nesses espaços de socialização, todo tipo de conversa é travado, inclusive aspectos particulares da vida alheia. Também eram nesses encontros que se contavam histórias e ocorrência de acontecimentos sobrenaturais e se sabia das notícias vindas do interior, quem havia morrido, quem estava doente, quem havia chegado à cidade. Todos passavam a tomar conhecimento das coisas que ocorriam na cidade e no interior através do que se convencionou denominar de "rádio cipó".

As notícias de fora do município eram ouvidas pelas radios Difusora e Baré, através de cartas vindas pelo correio ou chegadas nos aviões da Força Aérea Brasileira e/ou pelos barcos dos comerciantes e prefeitura. Não tinha telefone e inicialmente quando foi instalado houve dias em que não funcionava porque ficava em pane. Era popularmente conhecido como "telegrito" porque as pessoas para serem ouvidas tinham que falar com alto volume de voz. Esse processo impossibilitava contar qualquer segredo e impedia o namoro a distância. Um ex-interno que também foi patrão de piaçabeiro informou que as pessoas ficavam esperando a sua vez de falar na fila.

Em casos de doença era ruim para pedir socorro de Manaus. Os padres mantinham uma radiofonia para se comunicar com outras missões do rio Negro e com Manaus que socorriam quando havia questões urgentes. Do meu ponto de vista quando o telefone era do tipo telegrito em Barcelos a radiofonia era mais eficiente (A. F. O. Entrevista/2006).

O transporte de produtos e passageiros foi sempre uma situação dramática na Amazônia. Até os anos 70 do século XX, a situação era mais problemática porque não havia barco de linha

regular. As improvisações advinham dos padrões que desciam com os batelões carregados de produtos, o motor da prefeitura, o avião da Força Aérea Brasileira e uma embarcação de ferro popularmente conhecida em Barcelos pelo nome de “chatinha”⁸ muito importante no transporte de mercadoria, passageiro e produtos extraídos da floresta, que chegava a Barcelos sem data certa. As embarcações descidas dos piaçabais estavam sempre cheias de produtos e freqüentemente de fregueses que iam a Manaus quando a situação econômica permitia.

A economia era basicamente de subsistência, sendo a roça uma atividade muito praticada atrás da cidade onde havia áreas de floresta e terras livres⁹. Havia famílias que mantinham um pequeno canteiro onde plantavam cebola, tomate, maxixe, cheiro-verde, outras leguminosas e uma pequena criação de galinha caipira. A pesca e a caça eram realizadas apenas para o consumo, o excedente era vendido ao comércio local consignado na taberna. As mercadorias eram provenientes de Manaus e transportadas por embarcações dos próprios donos do estabelecimento ou por intermédio dos regatões¹⁰.

No comércio da cidade, a mercadoria era negociada a dinheiro e a prazo, prática que continua recorrente. Nos anos setenta, o então comércio do colégio vendia produtos mais baratos. Um ex-interno da época nos informou que os padres recebiam ajuda de outros países e investiam em mercadorias para vender a prazo às pessoas que trabalhavam na missão. Lulu relembra desta situação nos seguintes termos: "o meu marido como trabalhava no colégio comprava fiado para pagar quando recebesse dinheiro. A gente chamava de 'cooperativa dos padres'. Lá a mercadoria era mais em conta" (L. O. R. 73 anos, Entrevista/2006).

⁸ Embarcação a vapor que possuía o casco baixo e antigamente fazia o transporte de mercadorias, produtos e passageiros no rio Negro. Em Barcelos era conhecida por chatinha.

⁹ Atualmente se tem mais dificuldade de encontrar terras livres próxima da cidade para tal atividade, levando em consideração que a cidade cresceu as áreas mais acessíveis às estradas foram sendo ocupadas por moradores.

¹⁰ Mcgrath (1997) define como sendo um comerciante ambulante que viaja entre os centros regionais e comunidades rio acima, comercializando mercadorias para pequenos produtores caboclos e comerciantes do interior, em troca de "produtos regionais" agrícolas e extrativistas.

No interior, o fornecimento de mercadorias era realizado pelo sistema de aviação, como já foi abordado no capítulo II. Os patrões mantinham fregueses extraíam piaçaba e outros produtos para trocar com mercadorias. Fora de sua vigilância, ou quando demoravam a chegar, entravam em ação os regatões aproveitando a sua ausência para negociar com os fregueses os produtos, oferecendo objetos que os patrões nunca levavam (McGRATH, 1997).

De acordo com os relatos de moradores, antes a agricultura de subsistência e o extrativismo¹¹ garantiam a sobrevivência¹² no interior ao longo do ano, na cidade podia-se contar com empregos públicos que eram poucos e estavam restritos à prefeitura e a alguns órgãos do governo, como a coletoria, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), a escola e o hospital da missão. Havia também uma olaria, uma serraria, uma carreira (onde se constrói barcos e canoas) e uma oficina, o que eram suficientes para atender às necessidades básicas de consumo da população que mantinha uma vida simples, sem a influência do consumismo de hoje.

Desde tempos pretéritos, tanto na cidade (área urbana) quanto no interior (área rural) o comércio sempre negociou os produtos a prazo, com a diferença de que, na primeira, era costume pagar-se a dívida com dinheiro e na segunda, com produtos da floresta, na base da troca. Péres (2003, p. 264) enfatiza que "o fornecimento de mercadorias [...] é sempre excessivamente prejudicial. Este comércio é desigual e injusto".

Do ponto de vista dos entrevistados, Barcelos continua desprovida de políticas de emprego, saúde, segurança e educação. O colégio salesiano perdeu a referência positiva na educação considerada atualmente como ruim, defasada e sem recursos suficientes para a sua

¹¹ Para Meira (1993, p. 14) "extrativismo é um termo próprio da língua portuguesa que se refere a toda e qualquer atividade de coleta ou extração de produtos naturais, de origem animal, mineral ou vegetal". Ele fala da coleta para fins de autoconsumo e para fins comerciais. Ressalta que esse tipo de atividade também esteve presente em outras partes da América, Ásia e África.

¹² Atualmente a agricultura de subsistência e o extrativismo prevalecem como garantia de sobrevivência, mas em comunidades pontuais onde se localizam escolas e postos de saúde, já existem trabalhadores assalariados representados pelos professores e a gentes de saúde, bem como os funcionários dos hotéis de selva instalados no município. Podemos citar também os aposentados que vivem no interior que também têm seus proventos.

manutenção. Os jovens vêm-se sem perspectiva e não sabem mais porque estudam. No dia a dia, crescem os índices da violência e da insegurança na cidade.

As políticas sociais existentes em Barcelos são ineficazes porque não dão contornos aos problemas. De acordo com a ex-secretária de educação municipal R. F. C.,

existem problemas difíceis de ser solucionados no interior que levam à precariedade na educação. O alcoolismo, por exemplo, acomete membros das comunidades e em muitos casos o próprio professor provoca desentendimento. A assiduidade destes nas escolas é irregular por questão de adaptação aos locais de trabalho" (R. F. C, Entrevista/2005).

São freqüentes as queixas por parte de pais dos alunos à Secretaria de Educação referentes às ausências do professor em sala de aula. Este, sempre que tem oportunidade, vai à cidade esquecendo-se de retornar, ou mesmo sai para pescar. O professor, por sua vez, faz reclamações sobre as péssimas condições das escolas incluindo o baixo salário que recebe.

Batista (2003) critica as lacunas existentes na educação e reconhece a precariedade das instalações das escolas primárias e da situação do professor visto como vítima do próprio sistema que o abandona à sua própria sorte nos rincões da Amazônia. O mesmo autor destaca que no interior as próprias escolas servem de moradia para o professor, fato que ainda persiste em diferentes locais da região.

As escolinhas¹³, segundo entrevista da secretária de educação, funcionaram precariamente na maioria das comunidades por muito tempo, possuindo somente o ensino de 1ª a 4ª séries. A falta de estrutura de muitas dessas construções leva o professor ministrar aulas para séries diferenciadas numa mesma sala. O professor reside nos povoados durante o ano letivo por causa da distância, implicando muitas vezes sua desistência do emprego. Atualmente os professores encontram-se cursando o Normal Superior em nível de 3º Grau oferecido pela Universidade Estadual do Amazonas fator positivo na melhoria da educação.

Na opinião de um professor,

¹³ Segundo Péres (2003, p. 256) "as 'escolinhas rurais' resultaram do esforço dos salesianos [...]. Depois estas escolas passaram para a gestão da Secretaria Municipal Educação".

Em cidades pequenas como Barcelos os jovens não têm condições de progredir porque não têm como continuar os estudos. Ao terminar o Ensino Médio e se tiverem condições vão para Manaus fazer faculdade e inserir-se num emprego, do contrário permanecem em Barcelos. Se tiverem padrinhos poderão até arrumar um emprego, ou irão de dedicar ao extrativismo vegetal (piaçaba) e animal (pesca de peixe comestível e artesanal), isto se não entrarem no mundo da marginalidade, pois há facilidade para a entrada no alcoolismo e outros entorpecentes que circulam em todo o rio Negro. O desemprego leva muitos jovens a praticarem diversos delitos (D. S, 45 anos, Entrevista / 2007).

Após o término do internato de Barcelos nos anos oitenta, foi iniciada uma nova fase na educação, antes concebida como negativa por não corresponder à realidade dos povos do rio Negro. Péres (2003) admite:

A política missionária nos anos 70 e 80, respondeu a tais críticas reformulando seus princípios e programas. Tinha como uma das principais estratégias atuar na formação moral e intelectual dos povos indígenas da região, definindo sua prática como "pastoral educativade-evangelizadora", reunindo seus agentes periodicamente na sede em São Gabriel para avaliar seu trabalho. Dentro desta perspectiva enfatizava o "desenvolvimento comunitário" através de cursos para a formação de professores, líderes locais e agentes pastorais. A palavra de ordem era organizar os povoados considerando os seguintes planos: social, escolar, sanitário, recreativo e agrícola (PÉRES, 2003, p. 80).

Esse programa foi idealizado levando-se em conta todas as dimensões da vida social, dentro de um modelo de comunidade que tinha como pilasstras o centro social, a escola e a capela. Esse modelo foi utilizado nos três municípios do rio Negro: Barcelos Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira.

A paróquia de Barcelos implantou nessa época as seguintes medidas: constituição de roças e casas de farinha comunitárias, organização de clubes de mães para a produção de artesanato, incentivo à horticultura com o fornecimento de sementes, adubos, insumos e ferramentas. Muitas comunidades foram beneficiadas com bens materiais que a paróquia conseguiu com o objetivo de conter o esvaziamento dos povoados causados pela subordinação das famílias ao sistema de aviamento dos sorvais, seringais e piaçabais.

Para o presidente da ASIBA, liderança indígena da etnia tariana que tem conhecimento de todo esse processo,

Não adianta dar os instrumentos você tem que ficar lá na comunidade para plantar junto com eles e mostrar que podem tirar da terra o seu sustento sem precisar estar atrelado a ninguém, muito menos a patrão. Já se viu muitos projetos desse tipo que nunca deram

certo. A comunidade precisa acreditar que pode viver sem patrão e deixar de ser dependente apenas do extrativismo (C. T. 50 anos, Entrevista / 2006).

Na perspectiva deste líder é necessário que o trabalhador rural disponha de instruções técnicas e incentivos no cultivo da terra para a garantia da sobrevivência de forma autônoma, para que se liberte do patrão. Os técnicos executores de projetos devem permanecer no campo por algum tempo para realizar o monitoramento aos trabalhadores e fazer a avaliação dos resultados.

Em 2006, entramos em contato com duas pessoas da cidade de Barcelos que foram contratadas pela Prefeitura na administração anterior (de Alberta Oliveira de Deus) para dar assistência à implementação de um projeto de criação e plantação em algumas comunidades do interior do município. Apenas um deles é técnico agrícola, o outro é professor. Eles se deslocavam periodicamente no barco da paróquia ou no barco da prefeitura, junto com a equipe que presta assistência religiosa e de saúde no interior. Esse é mais um plano concebido com o objetivo de conter a mobilidade do interior para a cidade. Um dos membros deste grupo nos informou o seguinte:

Está sendo implementado um projeto de criação e plantação com o objetivo de segurar o homem na sua comunidade. Foram distribuídos os materiais necessários como aves (pintos), cabritos e até milho para plantar com o objetivo de alimentar as aves, de modo que não precise fazer despesas com ração. Na agricultura esses moradores são orientados a plantar melancia, abacaxi girimum, milho, feijão, macaxeira, mandioca, banana, batata dentre outros. A farinha é um dos produtos que tem muita saída e consegue-se vender até mesmo para o comércio. As outras variedades são direcionadas à merenda escolar e as hortaliças o próprio turismo acolhe. Também estamos abrindo poços em algumas comunidades. Agora o transporte do produto é feito em barcos distribuídos pelo prefeito anterior. Por outro lado quando tem produto é só comunicar, que a própria prefeitura compra. Há um plano de no futuro de colocar um motor de linha no interior para escoar produto e pessoal, bem como há plano de se distribuir novamente para dar impulso e incentivo ao trabalho novos fornos e rabetas (J. L, Entrevista / 2006).

Em sua avaliação, esse trabalho tem sido de grande relevância para os moradores do município de Barcelos por haver dado um novo impulso às culturas tradicionais de cultivo da terra e criação de animais nos locais beneficiados, possibilitando um novo ânimo para o recomeço ou a continuidade do que já era feito cotidianamente pelo trabalhador e sua família. São pequenos programas centrais de experimentos que não atingem a todas as comunidades e nem sempre foram

duradouros, seja pelo fato de não haver continuidade, seja pela desistência por não terem dado certo. De qualquer forma, são experiências de sustentabilidade que a prefeitura¹⁴ tem experimentado.

Péres (2003) destaca que Barcelos se encontra num campo muito complexo de definição e classificação cultural, vista pelo senso comum como uma população cabocla, apenas São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do rio Negro são considerados municípios eminentemente indígenas. Esse fato foi observado por uma professora de Barcelos que nos revelou ter participado de assembléias, reuniões e encontro de professores em São Gabriel da Cachoeira: "os professores indígenas diziam que os professores de Barcelos eram brancos¹⁵ e, estes por sua vez sentiam-se confortáveis com essa adjetivação" (L. M, 43 anos, Entrevista /2006).

Esse pensamento perdurou por muito tempo e só recentemente vem mudando de pressuposto. Péres (2003) esclarece que um dos fatores dessa emergência tem a ver especialmente com o impulso coletivo de reafirmação étnica acontecida especialmente com o surgimento das formas associativas de organizações no Rio Negro, fato que pode comprovar que esses povos não estão entregues à própria sorte.

¹⁴ A Paróquia da cidade cede o barco para as viagens dos técnicos, dos agentes religiosos e de saúde que vão juntos para prestar os serviços de sua competência. O entrevistado acha o seu trabalho difícil por causa da presença dos padrões nessas comunidades, que continuam fazendo tentativas de levar os homens e suas famílias para os piaçabais, muitas das vezes com o uso de bebida alcoólica. Quando levam só o homem não querem deixar rancho para as suas famílias.

¹⁵ Essa realidade começou a se modificar com a emergência étnica no baixo rio Negro. O primeiro impulso foi dado com a criação da primeira associação indígena de Barcelos (ASIBA) que procura se legitimar na busca de espaço e reconhecimento. Depois de ter feito um levantamento a ASIBA estima que a população indígena de Barcelos corresponda aproximadamente a 40% do total dos habitantes do município. Grande parte deles encontra-se longe da sede municipal. As que vivem na cidade se distribuem nos bairros de Aparecida, São Sebastião, Mariuá, São Lázaro, Sororocal, Nazaré e Centro. Estes fazem suas roças na estradas e caminhos que ficam atrás da cidade ou nos sítios localizados no interior, em terrenos sem títulos de propriedade autorizados apenas pelo Departamento Municipal de Terras a medição e delimitação do terreno. Ocupam-se da agricultura e/ou do extrativismo da piaçaba e da pesca de peixe ornamental que são subordinados ao sistema de aviamento. Nos últimos vinte anos Barcelos tem atraído significativa parcela de índios. Imaginariamente esta cidade se tornou o principal paradigma da vontade indígena de acesso à "civilização", aos confortos e vantagens da vida urbana. Ademais é o cenário de um novo impulso coletivo de reafirmação étnica gerido na associação. Quanto mais se urbaniza a dita cidade, mais ela torna-se 'indígena' e adquire visibilidade pública, saindo da penumbra a que estava relegada - inclusive pela cooptação política através da elite local (PÉRES, 2003).

Em Barcelos, uma das que mais vem se destacando no cenário organizativo de afirmação étnica é a ASIBA (Associação Indígena de Barcelos). Esta associação é uma das que mais tem contribuído na reconstrução dos laços de parentesco, de aliança e vizinhança, de uma sociabilidade pluriétnica, dentre outras situações; o que muito contribuiu para que as pessoas passassem a se identificar de acordo com as suas origens, declarando a sua identidade étnica sem o constrangimento de outrora. Hoje, esta associação busca a demarcação de terras para as etnias existentes no município.

O representante da Funai informa que, dentre as etnias existentes no município, somente os *Yanomami* tiveram terras demarcadas, as outras ficaram de fora e ainda esperam a constituição de suas reservas. Esse fato implicou a saída de piaçabeiros que cortavam produto na área, porque somente os Yanomami podem explorar os piaçabais da reserva, assunto que já se discutiu.

Barcelos, ao longo de sua história, cresce lentamente apresentando sérios problemas sociais em razão da ausência de incentivos à geração de renda e valorização do trabalho. A piaçaba é uma atividade que se encontra desvalorizada, mas como produto extrativista é o elemento identificador de um povo, de um município e do próprio estado do Amazonas que é considerado o maior hábitat desta palmácea no Brasil.



FIGURA 10 - Piaçabeiras no igarapé do Calibuque - rio Aracá
FONTE: Pesquisa de campo, 2007

3.2 - Fragmentos da memória nos piaçabais

Não nos parece correto identificar o trabalhador amazônico dando-lhe um nome geral, uma vez que não há homogeneidade no que diz respeito à categoria de trabalhadores, aos produtos existentes e à utilização que deles se faz, como se vem discutindo desde o início deste estudo. Quando foi desencadeado o processo de colonização na Amazônia, havia uma diversidade de povos com culturas diferentes espalhados pelo extenso território servindo-se das plantas, águas e animais que representam hoje o maior patrimônio do planeta (TOCANTINS, 1982).



Figura 11 - Piaçabeira de pequeno porte
FONTE: Pesquisa de campo, 2007

Estas culturas foram impactadas pela perspectiva eurocêntrica assim como impactaram as culturas européias. Os povos tradicionais amazônicos passaram por um processo contínuo e recíproco de aculturação onde os grupos foram se adaptando e criando novas estratégias de sobrevivência. Esse processo de amalgamação recíproca entre índios, brancos e grupos de negros instalados no início da colonização portuguesa, não fez desaparecer culturas indígenas. Segundo Wagley (1988), persistem hoje costumes indígenas nos métodos de aquisição de alimentos, nas

crenças, nos costumes alimentares, nas técnicas de plantio, enfim, em toda uma gama de elementos. É assim que os povos tradicionais indígenas se revelam ao mundo através do trabalho, dos conhecimentos e culturas.

Mendonça, França, Oliveira, Prata e Añez (2007, p.94) abordam que, ao saber, ao viver e ao fazer predominantemente indígenas, foram incorporados valores transplantados pelos colonizadores e povoadores por via adaptação, assimilação, competição e difusão, além dos que chegaram com nordestinos e de outras regiões brasileiras, que vieram em busca de trabalho e efeitos de projetos implantados na região. "São [...] valores, atitudes e modos de vida que delinearão a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais [...] responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado".

Os trabalhadores na Amazônia apresentam especificidades quanto aos tipos de produtos que extraem em diferentes situações do cotidiano de vida e trabalho. É o pescador, o castanheiro, o seringueiro, as quebradeiras de coco de babaçu, o roceiro, o piaçabeiro, o piabeiro, o balateiro, o prático dos barcos que singram os rios, o cortador de cipó, o meeiro de roça, o lavrador, o mateiro e todos que realizam trabalhos autônomos. Estes tipos de trabalho são interpretados por Torres (2004, p.58) como um "ato cultural através do qual os nativos dialogam com a terra". Essas formas de atividades se diferenciam dentro da região amazônica, em face das particularidades culturais e ecológicas existentes. Para Simoniam (2006, p. 10),

Tais processos socioculturais longe de serem lineares e no espaço refletem múltiplas dimensões da vida que se desenrolam nos diferentes lugares, muitos dos quais, apesar dos processos de destruição, permanecem como resistências que se manifestam na reconstrução de modos de vida na Amazônia.

Muitas dessas atividades entraram num processo de desvalorização, deixando as vendas desvalorizadas, em razão dos preços que sofreram inflexão, deslocando muitos trabalhadores para outros trabalhos extrativos ou mesmo para a agricultura. São produtos que perderam de ter o valor

que tiveram numa certa ocasião, sem deixar de serem extraídos totalmente. Veja-se o caso da seringa, balata e da piaçaba que ficaram enfraquecidas, todavia não desapareceram por completo.

Os piaçabeiros são exemplos de trabalhadores que permanecem utilizando o mesmo sistema rudimentar de tempos assaz antigos, vivendo em colocações e comunidades distantes dos centros urbanos. Estes trabalhadores consideram seu ofício difícil por fatores relacionados às distâncias e adversidades climáticas que atingem diretamente o manejo da planta e a condução do produto, como acontece com outros trabalhos extrativos realizados na Amazônia.

Suas histórias vivenciadas e narradas por eles (piaçabeiros) são apenas traços marcantes que ficaram na lembrança de pessoas que moraram nas pequenas cidades e comunidades situadas na margem do rio Negro e seus afluentes, que, freqüentemente presenciavam a subida e a descida de barcos carregados de piaçaba. São histórias invisíveis aos olhos da sociedade, porque as pessoas desconhecem a importante contribuição que esses trabalhadores deram e ainda dão à economia do Amazonas. A seguir, procuraremos mostrar alguns fragmentos da história de vida de alguns desses trabalhadores que deram a sua contribuição para o desenvolvimento econômico da região.

Paca, codinome de um dos sujeitos da pesquisa nos revelou que trabalhou com piaçaba de 1947 até o final dos anos 1990, isto é, foram mais de cinquenta anos na atividade. Durante quatro anos, atuou como freguês do Sr. Albino, e o restante do período trabalhou por conta própria numa pequena empresa mantida com rendimentos que conseguiu reservar. A maior dificuldade que encontrou foi no plano da administração do negócio, pelo fato de não possuir formação, tinha apenas experiência que lhe ajudou a superar as dificuldades. Quando este piaçabeiro se tornou patrão, viu-se numa situação difícil, conforme podemos perceber:

Eu não tinha de onde tirar o que era necessário. Assim as pessoas ficam duras na ação em relação às coisas que as rodeiam, perdendo até certos valores e sentimentos. A única coisa que eu tinha era fé em Deus, o meu único companheiro nessa jornada de 6 a 8 meses nas matas, já que onde trabalhava era cada um por si (A. P. F. O. 76 anos, Entrevista / 2005).

Em Deus, o trabalhador do interior busca alento e companhia nos momentos de dificuldades rotineiras. As crenças funcionam como elementos de defesa e solução de problemas nos momentos mais difíceis, quando o trabalhador se encontra isolado do mundo pela distância e pela exclusão social. Galvão (1976, p. 3) avalia "que a concepção do universo do caboclo amazônico está impregnada de crenças e idéias herdadas do ancestral ameríndio e fundamentadas pelo catolicismo, concebida como a religião praticada pela maioria desses povos".

Paca erigiu sua própria propriedade onde havia muita piaçaba que é o igarapé do Cabeçudo localizado no interior do rio Curuduri, afluente do rio Aracá. Não soube precisar a sua extensão, mas disse que se anda cinco dias a remo e dois dias de barco da "boca" do igarapé até a sua cabeceira. Parte dessa propriedade se encontra dentro de uma reserva indígena, mas revelou que nunca teve problema com a FUNAI enquanto lá trabalhou. Avalia ter direito de usufruto do lugar por usucapião, uma vez que ocupa o lugar há 37 anos. Ouçamo-lo:

Quando deixei de vez o piaçabal vendi a propriedade a um português. A piaçaba é o tipo de produto que dura a vida toda e quanto mais velha melhor. Nos anos 40 e 50, não havia muita opção de trabalho no interior, esse ramo era o mais lucrativo.

Não é fácil cortar piaçaba, é muito sacrificado para o piaçabeiro, sendo necessário muita disposição para se obter lucro no final. Os patrões em Manaus não pagavam bem pelo produto. Teve ocasião que eu comprava o quilo por R\$ 0,25 e vendia por 0,50, apesar do custo de transporte e de outras despesas que tinha de saldar. Mas hoje está pior, o preço baixou muito tanto que muita gente abandonou a atividade. Nos últimos tempos que fiquei no piaçabal os fregueses brigavam muito, chegando a se atirarem, principalmente quando bebiam cachaça. Só deixei esse trabalho porque os preços estavam muito baixo e a mercadoria cara. Vendi o piaçabal para Pinto Pereira, que logo depois faleceu. Tentei apenas regatear, mas não deu certo e parei (A. P. F. O., Entrevista / 2005).

O desestímulo, o cansaço, a baixa lucratividade são fatores que contribuíram para a desistência deste trabalhador. Foram anos subindo e descendo o rio Negro, vencendo as distâncias que se interpunham à busca do crescimento econômico. A respeito da distância, Lima (2001) afirma ser um fator antieconômico causador da carestia, porque retarda a circulação dos produtos. As viagens são prolongadas e as mercadorias encarecidas pelos gastos, por isso muitos patrões chegam a justificar os altos preços das mercadorias vendidas através do aviamento.

Paca vendia direto aos patrões de Manaus que os considerava bons, pois lhe forneciam as mercadorias solicitadas. Mantinha nos piaçabais cerca de 30 a 35 homens entre alagoanos, cearenses, paraenses, índios e caboclos da região. O lucro que tirava (de 20% a 30%) dava para pagar e tirar saldo: Sempre tirava saldo quando pagava as dívidas de aviamento contraídas em Manaus. Trabalhou com patrões como Higson & Companhia LTDA, Pinto, IB Sabha, J. G. Araújo e José Daw. Segundo suas próprias palavras -

Segundo Lima (2001), a audácia e o crédito foram características marcantes no sistema de comércio empreendido na Amazônia. O crédito era a mola que movia todo o negócio desde o início da vida comercial, levando muitos aventureiros adentrarem aos rios munidos pela coragem e intenções na busca do lucro. "Desse regime originou-se o regime de abuso do crédito, de excesso de confiança, de extravagante facilidade de negócios" (LIMA, 2001, p. 102).

Este patrão tem o mesmo perfil dos outros no que diz respeito à lucratividade à obtenção de uma vida econômica equilibrada favorecida pelo saldo na prestação de contas com o aviador. Gostava do trabalho, porém os problemas novos que foram aparecendo como brigas, carestia e o próprio cansaço o fizeram desistir e se aposentar. Sente saudade do interior por causa da fartura de caça e pesca. O que mais deseja é ter boa saúde como tinha antes de ser acometido por um acidente vascular cerebral que o deixou debilitado, por isso, não gosta de sua nova condição. Por outro lado, na cidade, gasta-se muito dinheiro, já que tudo é comprado.

Este entrevistado fixou residência em Manaus e sobrevive com os dividendos de uma aposentadoria de soldado da borracha, sua única fonte de renda, com a qual sustenta os seus familiares. Dos tempos de piaçabal, não restaram nada, pois com o dinheiro da venda de seu piaçabal pagou as dívidas que havia contraído e comprou a casa onde reside atualmente. Arrepende-se por não ter feito poupança, pois o que ganha de aposentadoria paga água, luz telefone, compra remédios e alimentos.

J. B. Lacerda (ex-piaçabeiro) começa relatando a sua origem destacando que veio de uma família do interior que cortou piaçaba por longos anos. A sua história está imiscuída com o rio Padauri, conforme veremos no relato a seguir:

Meu pai sempre cortou piaçaba e por isso aprendi também a cortar, mesmo porque o extrativismo era o nosso meio de vida. Antes de meu nascimento ele já trabalhava na piaçaba e na seringa, enfrentando os perigos que o trabalho comporta, por causa dos animais peçonhentos e insetos. Até o bicho barbeiro que transmite a doença de chagas tem. Nessa época cortar piaçaba ainda era fácil, porque se extraía mais próximo da margem do rio. No inverno é mais difícil devido a grande quantidade de galhos e paus que caem, chuvas com trovões e raios, praga de carapanã, caminhos alagados e friagem (J. B. L. 41 anos, Entrevista / 2003).

As moléstias existentes na região vieram de fora e encontraram condições biológicas adequadas para se proliferarem. A sua profilaxia, no entanto, está muito mais ligada "na obra saneadora da terra, que depende muito mais dos elementos materiais sociais e econômico dos homens, guiados pela sua cultura, do que de influências atmosférica [...]"(LIMA, 2001, p. 14-15). Diríamos que esta explicação está associada à prevenção, para a qual precisa de investimentos. É preciso lembrar sempre que as comunidades ribeirinhas da Amazônia vivem num espaço regionalizado totalmente isolado em relação aos acontecimentos que ocorrem no país, em face também da sua exclusão das políticas públicas. É o que podemos depreender desta fala,

O freguês nunca se conformava com o preço alto da mercadoria e como o preço baixo do produto, como era feito durante a colonização. Muitas pessoas nunca tiravam saldo, acho que nunca nem viram dinheiro na vida. Conheço pessoas que vieram conhecer a cidade de Barcelos depois de vovô. A última vez que estive no Padauri foi em 1983. Trabalhei em vários igarapés: no 28, Pixirituba, Tabaco, Poção, Traíra, Traíra, Preto, Torquato, Dalaqui. Todos secavam durante o verão, de forma a ficar só um veio d'água escorrendo, não dando pra passar nem canoa. Nessa época a gente fazia rodízio entre a produção de seringa e piaçaba. Era uma época de muita dificuldade, devido ao isolamento pela falta de comunicação, que se valia apenas do rádio, ouvindo as antigas emissoras da radio Baré, Difusora, Riomar e a Nacional do Amazonas e a Educadora Rural de Tefê. As vezes ouvíamos a transmundial das Antilhas holandesas (da ilha Bonaire) que tinha um programa em português a noite. Mas também a noite saíamos muito para caçar paca ou fachiari (zagaiari ou lancear peixe). Trabalhamos com vários patrões: Sebastião Pereira de Macêdo, e Raimundo Marques (os dois falecidos). Todos os patrões vendiam caro, mercadoria supervalorizada, sendo o triplo do que é cobrado na cidade (entrevista, J. B. O. L. / 2003).

Segundo este entrevistado, o jovem não tem uma vida alegre, divertida e descontraída pelas atividades lúdicas. Sua única diversão consiste em escutar rádio quando alguém dispõe de

um aparelho, e a outra diversão era ingerir bebida alcoólica. Costumeiramente não havia brigas e desavenças, a não ser por ocasião do encontro de toda a freguesia no piaçabal quando os trabalhadores vinham fazer o aviamento e entregar a produção. Há relatos sobre pessoas que sofreram tentativa de homicídio através de perfuração no corpo com arma branca, em face do elevado nível de alcoolização existente nesses encontros.

O referido entrevistado expressa suas observações sobre o ambiente de vivência do piaçabeiro, mencionando que às dezoito horas quando vem chegando a noite só se ouvem as vozes da floresta e tudo escurece mais rápido. Nesse momento, as pessoas começam a acender as lamparinas compradas ou confeccionadas pelo próprio piaçabeiro. Esse tipo de iluminação é mantido com combustível, denominado querosene. O combustível é comprado para manter a lamparina, o motor de popa e o motor de "cevar" mandioca, caso houvesse algum no piaçabal.

Para Fraxe et al (2006), o cotidiano representa aquilo que é vivido e organizado no ir e vir do trabalhador dentro do espaço e em outras dimensões do seu viver. A forma de manejo da planta e sistema de transporte que é o mesmo, variando apenas de extensão entre os piaçabais e as colocações; a companhia do vizinho considerada como uma das situações de equilíbrio emocional e espiritual do piaçabeiro, com o qual estabelece uma relação de descontração, troca de idéias e apoio mútuo nos momentos difíceis, especialmente no socorro à saúde. Essa reciprocidade na ajuda tornava o ambiente mais harmonioso e menos difícil. Atualmente este ex-piaçabeiro é empregado estabilizado no município de Barcelos.

A invisibilidade em relação ao ofício dos homens que cortam piaçaba e dão grande contribuição à economia do Amazonas é fato, mas em relação à mulher é bem maior. Simonian (1995) chama a atenção para o fato de que há poucas evidências da experiência da mulher nos seringais. Toma-se esse fato para falar que, no ofício de piaçabeiras, as mulheres são ainda mais silenciadas como se houvesse negação da sua participação nesse processo de produção extrativa.

Vejamos a história de uma dessas mulheres que relata sua experiência, a fim de que possamos perceber a sua luta no âmbito do extrativismo, o papel que desempenha na família, as dificuldades de inserção na educação numa fase em que o preconceito era mais ostensivo em relação à mulher.

A. Souza se considera cabocla nascida no Cumaru, em 27 de janeiro de 1952 e se criou numa localidade denominada de Vila Conceição, rio Padauri. Nos anos de 1963 e 1964 quando tinha onze anos de idade estudou na condição de aluna interna na missão salesiana em Barcelos. Após esse período, foi tirada do colégio e só voltou a estudar novamente quando veio de vez para a cidade de Barcelos em 1977. Quando criança, ajudava os pais a contrafiar e marcar os pacotes de piaçaba desde oito anos, mas lembra que, quando se entendeu por gente, já ajudava em alguns serviços em casa e na roça. Fazia vassoura de cipó, de piaçaba, cestinha e paneirinho.

Esta piaçabeira revelou que não teve infância no sentido de que não lhe permitiram brincar como toda criança, pois seus pais eram muito severos na educação dos filhos, sendo que desde a infância, eram ensinados a trabalhar. Os locais de trabalho no Padauri foram os igarapés rio Tabaco, do Pavio (no rio Tabaco), Branco, Vila Nova, Humaitá e o da Vila Conceição. Só saía para outras comunidades para fazer farinha, quebrar castanha e seringa, sorva e coquirana ou ucuriquirana. Ela lembra de sua infância sem saudade e entusiasmo, como podemos perceber:

Quando o meu pai chegava com a piaçaba, eu e meus irmãos íamos desmanchar as cabecinhas molhadas para botar para secar no sol quente. No inverno separávamos as fibras de piaçaba no sol, quando vinha a chuva corríamos para tirar, isso era feito o dia todo. Tudo para fazer trabalho limpo e não deixar a piaçaba molhada. Eu não tenho saudade de voltar a ser criança, pois duas coisas eu fazia muito que era trabalhar e apanhar. Apanhava com concha na cabeça. Tenho cara e nariz chato de aprender a lavar roupa no nariz. A mãe esfregava a roupa na minha cara quando achava que estava mal lavada. Apanhava por qualquer coisa, e não era de cinturão, era com maniva¹⁶ (A. S., 54 anos, Entrevista / 2006).

Os pais de outrora eram muito rígidos e educavam os filhos fazendo exigências, disciplinando e atribuindo-lhes responsabilidade de adulto. Pinto (1982, p. 129) observa que "no

¹⁶ É a planta da mandioca que tem como característica caule fino e cheio de nó. É de sua raiz que se produz a farinha, o beiju, a goma, o tucupí, tapioca, dentre outros.

interior as crianças desde cedo eram preparadas para trabalhar, sendo os meninos levados a aprender os serviços de roça e as meninas encarregadas dos serviços domésticos. Se as mães tivessem que se ausentar da casa as filhas tomavam o seu lugar". Vida vivida em um contexto de dominação onde o espaço das meninas era diferente do espaço dos meninos, reduzindo-se, como diz o autor, ao convívio coletivo da missa ou culto, das festas, e eventuais jogos de futebol, hora que a comunidade podia se confraternizar. Enfim, as meninas tinham o espaço de movimento mais restrito que os homens. O relato seguinte mostra essa dominação no lar.

Fiquei noiva aos 11 anos de idade sem saber, com o meu próprio cunhado que havia ficado viúvo quando eu tinha apenas sete anos de idade. Minha mãe me prometeu a ele enquanto se lamentava da morte de sua esposa perto do caixão. Ela fez o meu noivado atrás do galinheiro quando ele foi consertá-lo. Lembro das palavras dela e eu inocente achando que aquilo não era verdadeiro e que ela ia esquecer. Ela disse para ele: "Não chora, sua cunhada está crescendo e se tu tiver paciência pode se casar com ela". Eu escutei, mas pensei que não fosse sério. Também porque eu era muito boba. Inclusive ele me agradava como fazia a qualquer criança. Eu ganhava presente e ficava alegre porque era inocente, sem pensar o que estava sendo armado. Fiquei noiva atrás do galinheiro quando ele foi consertá-lo (A. S., Entrevista / 2006).

De acordo com o seu relato, aos 11 anos sua mãe ensinou-lhe a costurar, desmanchar calça e a talhar roupas, sem saber que já estava noiva. Fez o que foi ensinado a primeira vez e errou sendo advertida pela sua mãe nos seguintes termos: "então é assim que você vai costurar para o seu marido?" A. Souza respondeu que não ia casar. Nesse momento, sua mãe lhe revelou sobre seu noivado que havia se concretizado no dia em que seu futuro genro havia consertado o galinheiro. Conforme suas palavras,

A partir daquele dia, nunca mais tive paz e alegria porque fiquei proibida de conversar com as colegas. Tinha que conversar com o noivo sentada dentro do quarto em cima de uma mala. Eu não sabia conversar, só sabia falar de roça. A minha mãe ficava perto se embalando na rede escutando a conversa e me brigava o tempo todo porque eu não falava.

Quando a gente ia pra roça se um passarinho cantasse, ela (sua mãe) perguntava se eu havia entendido o que o passarinho dizia. Quando eu dizia que não entendia o que o passarinho falava ela me xingava dizendo que eu me fazia de besta. Ela queria que eu entendesse que o passarinho perguntava quando eu casaria com o Apolônio. Quando eu negava que ia casar com ele, apanhava com maniva. Eu tinha que lavar a roupa do noivo e guardar junto com a minha dentro do balaio com todo cuidado.

Quando os homens iam entrar na mata para cortar piaçaba, ele era o último que saía para se despedir da noiva. Minha mãe me fazia abraçá-lo e isso era horrível. Era contado o dia que eu não apanhava, e era em qualquer lugar, na frente de quem quer que fosse. Uma vez cheguei a apanhar na festa porque estava dançando com o namorado de minha irmã.

Disse que eu estava chifrando o meu noivo e que eu tinha que dançar era com ele. Cheguei a colocar o sapato de borracha de seringa que a gente fazia para andar no mato para não dançar com ele, achando que ela fosse me deixar em paz. Acabei dançando com aquele sapato de borracha bruta (A. S., Entrevista / 2006).

Em sua fala, Souza demonstra mágoa, e se recrimina pela sua falta de malícia. Não foi livre para comandar a sua vida e não teve força para impedir que fosse totalmente direcionada e planejada pelos seus pais, de quem dependia inteiramente. Não teve liberdade para ter amigos, ou conversar como qualquer jovem de sua idade, condição que nunca aceitou, por isso, além do sofrimento físico por causa das surras que levava, também sofria pressão psicológica. No seio da família, não havia quem lhe orientasse sobre os assuntos que uma jovem deve saber, de modo que aprendeu com a própria experiência ao longo dos anos que passou casada.

Durante a entrevista, observamos que havia uma dose de ironia na sua fala, disfarçada pelo ressentimento que ainda guarda quando lembra a falta de liberdade até de conversar com as suas colegas. A. Souza declarou que o noivado era um compromisso que devia ser respeitado, e por isso, ela que era noiva tinha de usufruir a companhia do noivo permanecendo sentada ao seu lado enquanto houvesse visita na casa, e também nas festas, na mesa de refeição e em outros eventos. Devia também lavar e guardar a sua roupa junto com a do noivo, conversar e dançar somente com ele. Ele era um homem maduro, trabalhador e possuía uma pequena embarcação, condição que lhe colocava na posição de bom partido para estabelecer aliança de casamento há 43 anos.

Chauí (s/d) considera que há ações psíquicas que levam os indivíduos a interiorizar a repressão enquanto fenômeno social. A opressão é uma operação exercida pela força, violência e tirania. Para Chauí (s/d, p. 16), "oprimir é esmagar; violentar e contrair a natureza de alguma coisa ou de alguém; tiranizar é manter alguém sob o poder de uma vontade alheia à sua, apoderando-se de outrem pela força e dominando-o".

Infelizmente a minha mãe planejou toda a minha vida como se fosse a dela. Dizia que eu me casaria e que teria muitos filhos na frente de qualquer pessoa e se eu não respondesse que sim apanhava na frente de todos. E isso aconteceu muitas vezes porque eu sempre dizia que não sabia ou ficava calada. Quando eu apanhava, sempre ouvia as seguintes

asneiras: Se tu não casar tu vai ser a maior puta do mundo, daquelas que todo mundo vai "comer o teu cu". E eu me beliscava para ver se dóia, e falava comigo mesma: meu Deus se um belisco dói tanto, imagine a gente sendo comida por alguém e ficava com medo. Eu era muito boba e não sabia de nada, pois ninguém conversava comigo para me orientar e explicar qualquer assunto sobre sexo. Era vigiada noite e dia e morava no mato não tendo para onde correr. Só fui a cidade com 11 anos e fiquei interna para estudar. Eu tenho certeza que depois de algum tempo após o meu casamento ela se arrependeu, porque ela via o que eu passava. Eu suportei tudo calada porque não tinha a quem recorrer. Por outro lado a gente era ensinado a respeitar sem contestar por mais que os pais estivessem errados, e também eu tinha medo deles (A. S., Entrevista / 2006).

Não casar, conforme a moral e os bons costumes da época, significava ser uma mulher estigmatizada e rejeitada, sendo, pois, anti-social, solteirona ou mesmo prostituta. Segundo Chauí (s. d. p. 27) quando o imaginário da menina é povoado "com as imagens trágicas das mães solteiras suicidas, das prostitutas, das mulheres estéreis e das figuras desprezadas pela moral vigente", ela entra em desespero e acaba aceitando casar mesmo a contra gosto. No caso de A. Souza, o casamento foi sob coerção.

A. Souza nasceu e cresceu no interior da floresta, morando nas margens de rios onde na época o único meio de comunicação era o rádio, não havia muita abertura para conversar e perguntar aos pais sobre certos assuntos; era tão ingênua que nem curiosidade tinha porque não sabia de nada. Sobretudo quando se tratava de sexualidade que todo adolescente deve saber, era um tema considerado tabu e, neste caso, a menina não podia nem conversar com as colegas porque a mãe não permitia. "Eu só aprendi mesmo a trabalhar", concluía nossa entrevistada.

Nesse contexto amazônico interiorano, praticamente todos os pais criavam os filhos com muito rigor em termos de disciplina, não permitindo contestação nem diálogo. A "psicologia" que se usava era a da surra. Outrossim, quem reside no interior acaba ficando alheio aos acontecimentos e mudanças que ocorrem no mundo e na sociedade envolvente. Isto foi vivido por esta entrevistada que teve a maior parte de sua vida vivida no interior perto de seu pai e de sua mãe, sem oportunidade de conhecer o mundo fora do âmbito familiar, e depois de casada apenas trocou de casa no mesmo sítio.

O seu casamento aconteceu em Santa Isabel do Rio Negro. Relatou que enquanto carregava as suas coisas para o barco, aproveitou a oportunidade e cortou os fios do motor para que este não funcionasse na hora de sair do porto. Por um momento, realmente não funcionou mas o noivo conseguiu consertá-lo. Ouçamo-la:

Fiquei tão alegre, porque ele pelevava, virava o motor várias vezes e não pegava. Depois de várias tentativas aquele "peste" (noivo) deu um jeito. Eu era tão boba que achei que ele não acharia o defeito.

Eu tinha 15 anos e aumentaram a minha idade para dezessete. Encontrei conhecidos e parentes lá. As freiras arrumaram um vestido branco de casamento. O desgraçado me seguia o tempo todo. As meninas que me conheciam indagavam por que eu ia casar com um velho. Mas antes fui advertida pela mamãe que se dissesse mesmo para o padre que não queria casar apanharia no meio de todo mundo, por isso me calei. Quando o padre perguntou se era de gosto casar com o fulano quem respondeu foi a minha mãe atrás de mim em voz alta. Eu não dei resposta alguma.

Na hora da aliança fechei os dedos, e por causa disso apanhei quando cheguei no motor. Nesse dia, eu devia comer no mesmo prato com ele e eu não quis almoçar e acabei apanhando novamente. Acho que era costume o marido e a mulher celebrar comento no mesmo prato, simbolizando o compromisso assumido pelo casamento. Por isso eu digo e afirmo que não tenho saudade da infância e de minha juventude. Depois do caso passado, quando já havia me separado, eu contei para o bispo D. Valter Azevedo e ele disse que meu casamento não foi válido. Quem casou com o Apolônio foram os meus pais (A. S., Entrevista/ 2006).

Essa atitude foi utilizada como estratégia de resistência ao casamento feito contra a vontade. Porém a pior parte ainda estava por vir quando retornasse ao Padauri onde começaria a sua nova vida, pois mesmo odiando seu marido teve de morar com ele. A. Souza é enfática ao afirmar: "eu tive uma lua de fel e não de mel". Ficou adiando esse momento de toda forma que pôde. Ainda tentou subir com as suas coisas para a casa de seus pais, mas logo foi mandada de volta para o motor onde já estava atada a sua rede.

Eu tive de deitar obrigada na rede para dormir com aquele peste. E quando foi na hora do *pega pra capar* eu corria para o rumo de casa e minha mãe me botava pra correr de volta para o motor. A primeira vez que corri, ela perguntou o que estava acontecendo e eu falei que ele queria me agarrar. Ela disse que era assim mesmo. Apanhei com corda de rede e fui levada de volta para a minha nova moradia (falando com desdém).

Foi bem uma semana nessa agonia. Teve um dia até que eu me ensaquei até a cintura, amarrando o saco com vários nós, ficando tão apertado que doía. Ele ficou uma fera e foi contar para mamãe e ela me deu outra surra de corda. Todas as vezes que acontecia eu era violentada e ele sabia disso. Vivi dez anos forçados porque não tinha outra alternativa. Gosto dos filhos que tive (quatro ao todo), mas nunca fui feliz ao lado dele, apenas me acomodei à situação. Pedia a Deus de joelhos que ele morresse na mata, que algum bicho pegasse ele, ou de doenças provocada pelos insetos, mas ele não sentia nem dor de cabeça (A. S., Entrevista / 2006).

Nas sociedades ocidentais, e orientais as mulheres continuam submetidas à cultura machista, com raras exceções. O estupro e a violência são perversões e desatinos fortemente presentes na relação conjugal ainda nos dias de hoje, ato cometido pelo próprio marido. De acordo com Chauí (s.d., p. 2009), "as camponesas se queixam do sexo anal, do sexo quando estão exaustas, do útero caído, das doenças de toda sorte, dos partos consecutivos e da ausência de prazer no sexo, o sexo como fardo e dor".

Na verdade, era preciso preservar a moral e os bons costumes, posto que em décadas anteriores as mulheres enfrentavam tabus sociais envolvidos de discriminação, e as famílias bem estruturadas não queriam correr o risco de serem mal vistas por causa de uma filha que viesse a cometer algum desatino e ficasse "mal falada", ou ter uma filha solteirona. Era uma honra casar uma filha dentro dos padrões morais da sociedade da época, de outro modo, a mulher corria o risco de ficar sozinha.

Lima (2001, p. 41) lembra que "muitos costumes isolam socialmente os indivíduos, deixando-os alheios ao mundo envolvente, seja levado por certos costumes preservados no âmbito familiar ou mesmos aos que estão ligados às tradições religiosas que se colocam como barreiras à entrada de idéias e tendências da modernidade". "Os costumes são hábitos mentais que a sociedade por imitação adquire coletivamente. Podem ser úteis ou nocivos pela moral [...]. À cultura moral e à mental cabe discernir entre a virtude e o defeito" (IDEM, p. 41).

A. Souza nos relatou que não sabia onde encontrava coragem para desafiá-lo, pois tinha ocasião em que não se controlava, como aconteceu quando se encontrava só no centro da mata, onde externou o seu sentimento de raiva, aversão e nojo dele, tal qual podemos perceber:

Cheguei a desafiá-lo na mata com um terçado e em casa com uma tesoura, porque ele me acusava de coisas que eu nem pensava em fazer, ou brigava porque eu estava sonhando com alguém. Só um dia ele chegou do mato com uma gripe e febre. Também chegou em casa, tirou a caixa de remédio no jirau e tomou uma mão cheia de pílulas de todo tipo. Eu fiquei alegre achando que ele fosse amanhecer morto. Mas ele ficou bonzinho. Eu saía para o mato junto com ele, mas cada um cortava e fazia o seu pacote, tudo era separado até as contas. Eu não tinha muito que conversar com ele e nem vontade de

dividir nada. Por isso enfrentava charcos e igarapés com água até na cintura carregando os pacotes, passando por cima de paus, caminhando até duas horas para chegar em casa ou na colocação, dependendo de onde estava e a época do ano. Acho que sou cheia de reumatismo em consequência da vida de trabalho e durante esse tempo nunca me senti feliz. Quem me segurou foi Deus e por outro lado estava sempre ocupada e não ficava pensando na vida porque senão eu teria enlouquecido (A. S., Entrevista / 2006).

A. Souza saiu do domínio dos pais e entrou no domínio do marido. O trabalho era a única forma de independência que ela tinha, e nos dias de hoje sofre as consequências na sua saúde. Simonian (1995) constatou que as mulheres seringueiras mais idosas sofriam algum problema grave de saúde produzida pelo rigor do meio e dureza do trabalho nos seringais, situação não muito diferente entre as que trabalhavam com piaçaba, muitas das quais sofrem de artrite, reumatismo, e outros males. A. Souza atribui o seu problema de saúde às consequências da forte umidade, caminhos alagados, esforço físico excessivo, variação térmica provocada pela chuva e sol, falta de resguardo nas doenças.

Após 10 anos de casamento, com 25 anos de idade e quatro filhos, separou-se e foi morar na cidade de Barcelos. Não estava preparada para a realidade da cidade, mas tinha disposição para exercer qualquer trabalho consignado como honesto, de maneira que trabalhou como gari, com roça da qual produzia, beiju, farinha e pé-de-moleque e fazia açaí para vender. Depois de algum tempo, conseguiu um emprego de auxiliar de serviços gerais na escola São Francisco de Sales, sem deixar de praticar os serviços que já realizava anteriormente.

Na cidade, modifica-se a paisagem, a forma de adquirir o alimento, a cura das doenças, o relacionamento, a cultura e o lazer, pois comparadas ao interior as coisas são menos simples, dependendo do tamanho da cidade e de seu desenvolvimento. As cidades amazônicas atraem pessoas não pela beleza e/ou tamanho, mas pelo objetivo de melhoria, de crescimento pessoal e esperança de vida nova. Oliveira (2000, p. 160) aponta como motivo de mudança do interior para cidade "as precárias condições de sobrevivência, decorrentes de políticas públicas ineficazes e inexistentes que poderíamos considerar como fatores de expulsão".

A respeito do ofício de piaçabeiro, a nossa entrevistada considera-o um trabalho perigoso onde é necessário ter muita experiência e conhecimento da mata. A. Souza quase foi vítima de uma cobra venenosa próxima a uma piaçabeira que estava destalando e batendo.

Era uma surucucu, espécie de cobra que só ataca se a gente tocar nela, por isso ela não pulou na minha perna. No entanto acompanhava com a cabeça todos os meus movimentos. O meu cunhado chegou nessa hora e disse: Hei mana olha pra mim e vem andando na minha direção. Eu fui quando cheguei perto dele ele mostrou a cobra que estava em ponto de pular. Nesse dia fiquei tão nervosa que não consegui mais cortar, porque a impressão que eu tinha era que ela ainda estava ali. Fiquei o resto do dia sentada no pau comendo fruta de piaçaba esperando o José que estava o tempo todo reclamando que eu estava com frescura e não queria trabalhar (A. S., / 2006).

Seu relato revela a necessidade de sempre estar acompanhado na floresta, sendo mais seguro quanto à reciprocidade de apoio em qualquer situação de perigo, especialmente em acidentes, no sentido de comunicar ou buscar ajuda. Enfim, ter companhia é a forma que um piaçabeiro tem para se sentir mais seguro, embora conheça o ambiente onde vive.

Conhecemos casos de pescadores experientes que não retornaram às suas casas ao saírem para a pescaria, e de pessoas que se perderam na floresta passando muitos dias para serem encontradas. A solidariedade foi e sempre será importante na vida de quem vive nos interiores de rios e florestas porque possibilita segurança física e mental assegura a reciprocidade de ajuda. Lembre-se de que, para Lima (2001), tal solidariedade é condição essencial à vida do trabalhador e morador do interior amazônico, em razão da dispersão entre os locais habitados. Um dos entrevistados aborda:

No meu tempo muita gente ia para o igarapé de perto da Vila Conceição onde havia muita piaçaba. Eram mais de seis famílias que construíam barraquinhas emparelhadas beirando o igarapé. Geralmente a gente construiu bancos para conversar a noite. Cada família de barraqueiro construiu o seu paiol, sua moradia e trabalhavam de forma independente. Mas na hora de transportar do igarapé para o rio havia ajuda porque nem todos tinham canoa grande. Assim cada dia era feito o transporte da piaçaba de uma família com a ajuda de todos que estavam ali. Era o dia todo transportando o produto a remo, porém quando tinha gasolina era mais rápido porque se transportava num motor pequeno. Não era tarefa fácil transportar, pois cada viagem durava o dia todo, só retornando na busca de outra remessa de piaçaba no dia seguinte. Nem sempre deixávamos para transportar produtos no fim do fabrico (A. S., Entrevista / 2006).

Tanto esta como outras famílias nem sempre podiam deixar de comprar mantimentos que faltava. Como não havia dinheiro para comprar mercadoria, trocava-se com produtos oriundos das colocações nos igarapés para o rio principal onde passavam os regatões. Destaque-se, que muitas vezes, o igarapé estava seco e isto exigia mais esforço e ajuda dos outros trabalhadores do ramo que se encontravam na mesma situação, havendo, portanto, uma troca de ajuda.

Só quando saíamos da Vila Conceição para ir para o rio Tabaco é que passávamos 3, 4, 5 meses, com toda a família e criação. Só depois que meu irmão começou a lecionar na escolinha primária que abriu na vila, foi que passamos a ficar. Sempre tivemos roça, quando íamos levávamos tudo desde a farinha que fazíamos de 20 a 25 paneiros, beiju cica (beiju torrado), tapioca, maçoça (para fazer uma espécie de bebida saborosa), pato, galinha, cachorro. Já havia uma canoa só para carregar animais de criação nossa (A. S., Entrevista / 2006).

Pinton e Emperaire (2000, p. 57) explicitam que "a produção de farinha de mandioca é um elemento de controle importante tanto para o patrão quanto para o freguês, utilizada pelo freguês para diminuir a sua dívida e pelo patrão para aumentar o endividamento do freguês. Em virtude do aumento de sua conta, o freguês e sua família se submetiam a mais horas de trabalho para poder plantar roça e produzir farinha para não ter de comprar do patrão. Este entrevistado nos informa que

Ao chegar na colocação no Tabaco roçávamos e fazíamos mutirão para construir barraca, galinheiro, paiol. Uma família ajudava a outra. Como é um igarapé muito freqüentado por piaçabeiros, já existem capoeira de outras barracas de quem estive anteriormente no lugar. Assim a gente só fazia roçar e reconstruir, às vezes aproveitando até armação velha. Já não descia o produto como de costume. Na falta de alguma coisa os homens costumavam descer para a boca do rio para esperar o regatão. Ouviam avisos pela rádio à noite e sabiam a rota e o dia que certo o regatão ia passar.

O meu pai sempre comprava de lata de banha (antigamente não se vendia de litro e sim o latão), saco de bolacha, comprava café em grão, açúcar que era vendido em saco de pano. Quando levava muita coisa a gente pegava carona do patrão. Era aquele monte de canoas no reboque do motor (A. S., anos, Entrevista / 2006).

É nesse contexto que se percebe o trabalho coletivo realizado pela família e os vizinhos que se encontram ligados pelos laços de solidariedade em função dos mesmos interesses. Torres (2005) esclarece que as atividades do ajuri, ou mutirão, como é conhecido o trabalho coletivo no rio Negro, é organizado pelas mulheres que percebem a necessidade da família, conversa com o marido e depois ela própria organiza este esforço coletivo.

O rio ou igarapé do Tabaco tem uma posição geográfica privilegiada por estar na rota das embarcações que sobem e descem o rio Padauri. Por ter muita piaçaba, sempre há pessoas fazendo exploração. Toda noite quem tem aparelho de transmissão de rádio procura ouvir os avisos das emissoras Baré, Riomar e Difusora para certificar-se das datas de chegada dos patrões e regatões que estarão na área para conduzir o produto à "boca" do igarapé. Ligava-se também o rádio para ouvir música e jogos aos domingos, mas com limitação, em razão do gasto de pilhas.

Quando tinham de passar meses dentro dos igarapés cortando piaçaba, toda a família ia junto, estratégia utilizada para diminuir as despesas com mantimentos, assim haveria menos dispêndios e preocupação com quem ficasse. Por outro lado, ter a família por perto dá mais tranquilidade ao piaçabeiro que não vai ficar solitário.

O rio Tabaco é um pouco longe e às vezes quando o patrão chegava pegávamos carona com ele até a boca do rio. De lá seguíamos a remo ou de motor de popa, cortando pau para passar e se não desse para chegar no mesmo dia, fazia-se a jacoruia (espécie de abrigo improvisado que se faz com palha, tipo uma meia-água). Isso acontecia por volta de quatro horas da tarde e aí é que íamos almoçar e jantar, na realidade a gente ia era almojar. Às vezes a gente se alagava, perdia panelas, piaçaba e outros objetos. Eu me alaguei duas vezes depois de casada. Numa das vezes o meu pai quase morre na corredeira do Igarapé do Pavio dentro do rio Tabaco, numa parte que a gente tem que ir carregar todas as coisas pelo varador por terra, e os homens puxando as canoas vazias pelo igarapé, correndo toda sorte de perigo. Uns iam por terra segurando a corda agüentando a canoa, enquanto os outros puxavam a quantidade que desse. Isso acontecia no tempo da seca, quando o rio estava cheio não havia necessidade (A. S. entrevista / 1006).

Em todo tipo de trabalho no interior da Amazônia, o ser humano enfrenta dificuldades ao desbravar os rios e igarapés, únicas vias de passagem neste trópico. Nesses locais, a vida sutilmente se desenvolve no centro da floresta onde ocorrem os problemas e as dificuldades pela quais os trabalhadores passam e que só chegam ao conhecimento pela sua própria voz.

Para Albuquerque (1995), são os rios que permeiam a noção de pertencimento, a que ele denomina 'artérias de vida', espaços de vida, onde se desenvolvem múltiplas experiências de trabalho que vão das formas primitivas, autônomas ou organizações coletivas que não devem ser

confundidas com outras localidades. "[...] os rios são poderosos geradores de fenômenos sociais" (TOCANTINS, 1973, p. 278).

Existem trabalhos fáceis e difíceis tanto na cidade quanto no interior, assim como existe fartura e escassez. A fome não foi um dos maiores problemas vividos pela família de A. Souza, conforme ela informou em seu relato:

Não tínhamos problemas com a alimentação que sempre foi farta. A minha família sempre teve mesa farta porque todos sabiam pescar, caçar e plantar, e meu pai comprava muito rancho do patrão. Aprendi não só vendo, mas também fazendo as coisas. Eu sabia fazer tudo de doméstico, de fazer fogo a lavar roupa, fazer paneiro, abano, sabia usar o tarubá para fazer beiju, torrar farinha e tapioca, plantar, roçar, porque lá em casa era proibido ter preguiça. Meus dentes nasceram na beira da roça. Porém não tínhamos os serviços que eram oferecidos na cidade como os serviços de saúde, educação, comunicação e bancário (A. S. Entrevista / 1006).

Havia, porém, certos momentos que eram difíceis para caçar e pescar e isso se condicionava a vários fatores relacionados ao clima ou mesmo ao lugar de localização da colocação. Não é possível generalizar que todos os lugares da Amazônia sejam fartos ou famintos. Apesar disso, Silva (2003, p.46) afirma que a Amazônia só passa a conhecer a fome com o desenvolvimento da fronteira agrícola do capitalismo e com o desenvolvimento dos grandes projetos. "[...] aqui antes não se produzia mais que o necessário e as comunidades eram alimentadas".

A. Souza rememora o seu cotidiano de trabalho no piaçabal, a rotina de idas e vindas com o peso do produto nas costas, demonstrando em seu relato a resistência que tinha, condicionamento físico possivelmente adquirido com a experiência dos tempos que levou praticando o mesmo ofício. Vejamos:

Eu fui acostumada a carregar peso, chegando a carregar até 45 quilos de piaçaba sozinha andando duas horas de distância. Eu era forte e estava acostumada a fazer esse serviço atravessando igarapés, chavascais e pântanos. Acho que é por isso que estou cheia de reumatismo atualmente. Topo qualquer trabalho porque fui acostumada a pegar no pesado e acordar cedo.

No igarapé Branco afluente do Padauri que fica atrás da vila Conceição eu saía cedo, às 6:30 e atravessava um campo enorme no tempo do inverno. Entrava no alagado e quando chegava na metade do campo a água alcançava a cintura de manhã cedo. Na volta vinha com o pacote de produto molhado pelo mesmo caminho encontrando a água muitas vezes quente. O pacote molhava e tornava-se pesado dificultando a caminhada por causa do

peso da fibra molhada. Tinha dias que não havia condições de chegar em casa com a fibra de tão pesada que ficava.

Conforme o lugar que nós fôssemos saíamos até 5 horas da manhã, com a lamparina na cabeça. Três horas da tarde já estávamos voltando, deixando piaçaba cortada para o outro dia, quando havia muita piaçabeira no mesmo lugar. Comida o estômago só via na volta quando parávamos na beira do igarapé em cima de paus derrubados que serviam de ponte para tomar chibé e comia fruta de piaçaba. Não sentia fraqueza porque a gente se acostuma. Era normal chegar cinco e seis horas já anoitecendo, mas muitas vezes cheguei as sete. Aí é que ia tomar banho e comer alguma coisa. Os meus filhos ficavam com a minha mãe (A. S., Entrevista / 2006).

Esta trabalhadora dos piaçabais, assim como outros, passaram muitas vezes pela experiência da fome, pois o seu horário de saída do trabalho contribuía para tal situação, e nem por isso deixava de ter uma boa safra. Lembremos que Lima (2001) assegura que o sono, a fadiga e a abstinência alimentar não afetavam a resistência do *caboclo* que se alimentava apenas com o *chibé*, quando saía para o trabalho.

A. Souza trabalhou com vários patrões e os achava bons: Sebastião Macêdo, Arimar Feitosa, Alberto Reginaldo, José Basílio e Luís Mourão e outros. Mas negociou com mais fidelidade com o Sr. Luís Mourão com quem trabalhou bastante tempo. Nem sempre pôde ser fiel aos mesmos patrões porque demorava a chegar com mercadorias de que necessitava, levando-a a comprar de outros a quem pagava com produtos.

Na sua visão, a cidade é melhor de viver porque tudo é mais fácil de achar, desde que se tenha dinheiro em mãos. Os filhos puderam estudar, pois no Padauiri só havia escolinha de 1ª a 4ª séries impossibilitando a continuidade dos estudos e ela precisava dar aos filhos um destino melhor que o seu. Mesmo com as dificuldades que enfrentou na cidade jamais quis voltar aos piaçabais, não sente saudade desse ofício e nem da vida que ficou lá.

De acordo com Simoniam (2006) no universo de trabalho do interior, os trabalhadores, entre os quais podemos citar os piaçabeiros, permanecem ignorados das políticas públicas regionais, como se estes sujeitos não existissem e não fizessem parte do processo de constituição histórica da região.

Vejamos a história de vida de outro trabalhador que, por meio de muito esforço deixou o trabalho de piaçabeiro. Seu nome é E. O. S. (Quido), entrevistado em 2005, contou-nos a sua história e o esforço na jornada de trabalho no piaçabal que já conhecia desde criança, ofício realizado pelo seu pai desde solteiro. Este piaçabeiro rememora as lembranças do tempo em que a sua família dividia o mesmo ambiente de moradia e de trabalho. Ressalta que não foi fácil vencer na vida para chegar a ter emprego seguro como professor e conseguir fazer o curso superior. A sua infância e adolescência e parte da vida adulta trabalhou no ofício de piaçabeiro no rio Padauri, como podemos detectar no seu relato:

Tenho 55 anos, sou casado, pai de quatro filhos. Atualmente sou professor de matemática formado pela Ufam (Universidade Federal do Amazonas) e resido em Manaus há mais de dez anos. Sou natural de Barcelos, nascido no rio Padauri. Quando me entendi meus pais já trabalhavam no extrativismo. Com nove anos de idade eu não cortava piaçaba, mas ajudava a carregar os pacotes que traziam do mato. Nesse tempo os piaçabais e os seringais eram próximos da margem, sendo, portanto mais fáceis de trabalhar. Geralmente esses seringais e piaçabais tinham donos e só os explorava quem realmente era freguês do dono, tinha muita piaçaba, caça, peixe. Comecei a trabalhar no rio Curuduri, afluente do rio Aracá, numa colocação denominada Cabeçudo, tendo como patrão Frederico Machado (E. O. S. 55 anos, entrevista / 2005).

Pinto (1982, p. 129) pontua que a "produção da força de trabalho se realiza no processo de reprodução da família". As crianças não escapam da divisão social do trabalho já que elas são ensinadas e acostumadas a realizar os trabalhos que seus pais fazem para a manutenção da vida. Elas são preparadas para sobreviver e enfrentar a realidade da natureza amazônica e a trabalhar com os produtos da natureza.

Quido mostrou o seu trabalho da mesma forma que os outros piaçabeiros entrevistados apresentaram, utilizando simples instrumentos na hora de realizar o seu ofício, no transporte, na forma de se alimentar e equipamentos que carrega.

Nós saíamos cedo com uma poronga¹⁷ que substitui a lanterna, quando o trabalhador tem que enfrentar a escuridão, de madrugada, umas quatro horas da manhã para chegar cedo ao piaçabal que as vezes ficava muito longe com a intenção de também voltar cedo,

¹⁷ Segundo o entrevistado é uma espécie de lamparina feita em lata de leite, com um suporte para encaixar na cabeça, de forma que o extrator possa se abaixar sem derramar o combustível. Atrás do pavio tem uma proteção para que a chama não queime o cabelo.

de forma que sobrasse tempo de fazer uma pescaria. Na volta costumávamos descansar no caminho no *pau de descanso* para tomar um chibezinho ou fumar um cigarro. Quando o piaçabal era perto já fazíamos a piraíba (forma de embalar o produto para vender) quando chegávamos. Une-se três cabeças de piaçabas secas e de fibras bem soltas e bonitas, amontoa-se uma boa quantidade que dê para amarrar sem maltratar muito os dedos da mão da gente. Costumávamos tirar os sábados para fazer este serviço, chamado também de amarração em um barracão (paiol) próximo da residência. O trabalho era familiar e cada piaçabeiro tinha o seu próprio depósito. No nosso sítio Vila da Conceição tinha tudo: capela de santo, salão de dança, residência, barracão para depósito do produto (E. O. S. 55 anos, Entrevista / 2005)..

Os piaçabeiros podem ser considerados fortes e corajosos na superação das dificuldades alimentares, o frio ou o calor, os espinhos, os longos caminhos, o peso do produto, as doenças, o cansaço; virtudes específicas deste nativo da região amazônica. Para Reis (1953) são trabalhadores que se mantêm de acordo com o próprio meio, exercendo qualquer atividade que esteja ao seu alcance, conhecem as água a floresta e seus segredos, e, por esse motivo não se espantam ante o que vêem. Isto nos dá a idéia da dimensão de sua coragem e luta.

Quido faz menção à relação de trabalho mantido entre os piaçabeiros, situando-a como uma relação de amizade, embora cada família trabalhasse para o seu próprio lucro na mesma localidade. Quando uma família matava uma caça grande, geralmente a dividia com os vizinhos. Também havia a prestação de socorro no caso de doenças, utilizando especialmente o remédio caseiro, tal como nos demonstra.

A minha mãe mesmo era parteira e fez muito parto dentro daquele rio. Quando havia alguma mulher grávida em outra comunidade, iam buscá-la para partejar. Outras vezes quando chegava o tempo de parir, muitas mulheres iam para o nosso sítio e ficavam hospedadas em casa até o bebê nascer. Nunca ninguém faleceu em suas mãos e por outro lado ela tinha uma vasta experiência nesse assunto e sabia de muitos remédios. As mulheres da minha família sempre tiveram nenê em casa, no interior. Também tínhamos remédios de farmácia para malária, e outras vezes tomávamos chá de carapanaúba (E. O. S. 55 anos, entrevista / 2005).

Referindo-se à mudança de sua família para a sede do município de Barcelos, chega à conclusão de que a piaçaba não era solução de futuro para a sua família, haja vista o tempo em que exercia o mesmo ofício sem conseguir ter nada, além da manutenção da sobrevivência. O custo de vida estava muito alto e ele e seus irmãos não viam mais futuro em ficar, a desvalorização do produto. A mercadoria aumentava, e o preço do produto baixava a cada dia,

porém não foi fácil convencer os pais, do contrário teriam ficado lá, afirma o entrevistado a seguir:

A gente botava na cabeça dos velhos que seria difícil sair daquela situação se não buscássemos outro meio de vida, e educação escolar para os filhos e netos, pois a cada dia ficávamos mais pobres, em razão das contas que a cada dia aumentavam. Cada vez que íamos a empresa, saíamos devendo mais.

Quando ficou decidido que iríamos para Barcelos (cidade), deixamos os velhos na vila Conceição para desmanchar a roça e fazer farinha, e fomos os três filhos para colocação trabalhar para pagar as contas, fazendo toda a economia que nos foi possível, tomando mingau, chibé e quando tinha tempo pescando para comer, de forma a não fazer despesas. Após três meses no igarapé produzindo conseguimos pagar as contas e ainda tirar um saldo com o qual nos mudamos para Barcelos (E. O. S. 55 anos, Entrevista / 2005).

Segundo o seu relato, moraram inicialmente numa casa cedida pela professora Alberta de Oliveira, que é sua parente em segundo grau, e, depois de alguns meses, construíram uma casa em um terreno cedido por uma tia. Construíram uma casa com o material doado pelo prefeito municipal Ludovico de Oliveira Reis, onde passaram a viver com toda a família na mesma casa, dividindo as despesas como havia sido no interior.

Só ficou estranho porque tanto o terreno como a casa eram pequenos, quando e estávamos acostumados a viver em um espaço maior e mais viável para a criação de aves domésticas (frango e pato) e plantação de roça de mandioca e outras espécies de produtos. Na cidade, tivemos nos deslocar para áreas mais distantes no igarapé do Salgado para esse mesmo tipo de atividade.

Eu trabalhava na zona rural lecionando para o primário, mas assim que cheguei em Barcelos trabalhei cavando buracos para o pórticos de iluminação pública que a CEAM estava implantando na cidade. Somente depois de algum tempo consegui um lugar para lecionar, e assim mesmo era fora da cidade, na comunidade de Mariuá que ficava um pouco distante da cidade, chegando-se lá apenas pelo rio. Mas eu fazia o trajeto a todo dia de canoa e remo, sendo um trabalho bem melhor que o extrativismo porque pelo menos se via dinheiro vivo. Mais tarde conhecemos um senhor que me cedeu um motor de popa, no qual ia todo dia, embora de vez em quando desse prego. O engraçado nisso tudo é que o motor era de correia, e toda vez que eu ia botar para funcionar lambava as costas sem querer. Chegava em casa com a camisa suja todo dia.

O meu pai também não parava, fazendo todo tipo de trabalho que aparecia. Primeiro colocou roça de onde fazia farinha e bolo (pé-de-moleque) para vender. Posteriormente ele e meu irmão mais novo arranjaram emprego na fábrica de palmito mantida pelo grupo SHARP. Assim a nossa vida foi melhorando, pois todos morávamos na mesma casa. Mas depois apareceu uma ordem, segundo qual a empresa não podia manter parentes trabalhando juntos, de maneira que meu pai escolheu sair para deixar o filho e foi trabalhar em outros serviços. Pescava para vender peixe na rua, continuou a fazer farinha, pé-de-moleque e também açaí para vender, botava caieira para fazer carvão para vender e para o consumo da família e ia fazendo bicos. Depois de algum tempo conseguiu um emprego de vigia na prefeitura e bem mais tarde se aposentou (E. O. S. 55 anos, Entrevista / 2005).

Os tipos de relações travadas no interior eram levados para a cidade como estratégia de sobrevivência, posto que a floresta e o rio continuam sendo a base de sua sobrevivência. Na cidade, como afirma Oliveira (2003, p. 63), não se pode considerar apenas o rio como base da economia. "Além do rio, a análise das cidades ribeirinhas deve levar em consideração a floresta e a terra, que são pontos de partida e não de chegada". Observa-se que a posição assumida pelo dito piaçabeiro foi decisiva na mudança de vida de sua família e o início de uma nova vida que se organiza mantendo elementos de sua organização anterior no interior.

Em função das circunstâncias que se estabelecem, a união da família no propósito de mudança, encontrou barreiras que, aos poucos foram vencidas, pelo esforço e trabalho. O quadro cíclico circunscrito às atividades de comer, beber e cortar o produto para a manutenção da vida biológica é uma espécie de labor, conforme entende Arendt (2003). É o ciclo de ocorrência do repetitivo, do crescimento e declínio, do nascimento e da morte. A vida de piaçabeiro é similar ao movimento do animal laborans¹⁸ na medida em que o indivíduo só trabalha para sobreviver, comprar, comer e comprar novamente, cumprindo o ciclo biológico da existência humana.

Outro assunto que este piaçabeiro trouxe à descrição é o referente à saúde, à alimentação, e ao lazer. Elementos que não foram vistos da mesma maneira pelos outros piaçabeiros entrevistados. Quido relata apenas a sua experiência, afirmando que.

Enquanto estávamos no interior graças a Deus nunca sofremos doenças graves que necessitasse se deslocar de canoa e motor para tratamento em Barcelos. Só uma vez o Sabá (seu irmão) foi se embalar numa rede, após ter chegado do mato, a corda rebentou e ele caiu, batendo a costa em nó do pau do assoalho da casa. Como na mata há muita umidade a nossa casa era toda assoalhada de pau para ficar mais confortável e menos fria. Assim Sabá começou a sentir muitas dores, que se agravava dia a dia. Foi preciso ir a Manaus onde foi submetido a duas cirurgias na coluna vertebral (E. O. S. 55 anos, Entrevista / 2005).

Quem trabalha na piaçaba, tem propensão a um maior desgaste físico, maior justamente porque não se alimenta adequadamente, posto que muitos piaçabeiros não dispõem de tempo para

¹⁸ O termo animal laborans significa animal que labora, isto é, que trabalha apenas para suprir as necessidades biológicas, isto é, as necessidades físicas imediatas, num movimento que termina e novamente começa (ARENDR, 2003).

ir atrás de comida, destacando os que se encontram só ou têm família pouco numerosa. Reis (1953, p. 118), ao se referir à alimentação do trabalhador, afirma que "ela provém dos rios, dos lagos e da floresta, com os pescados, a caça e os frutos que comem ou fazem bebidas". Quido depõe a sua experiência em relação ao assunto em discussão. Segundo Quido,

Com relação à alimentação nunca tivemos problemas porque meu pai era muito caprichoso e nunca deixou faltar e sempre teve um bom crédito com os patrões. Comprava as coisas sempre de fardo: açúcar, café, caixa de óleo, saco de bolacha, caixa de sabão e outros. Ia atrás de comida na mata ou no rio, após a chegada do trabalho com a nossa ajuda, claro. Entretanto na vazante era o inverso da enchente, porque bastava chegar num lago ou num rio pequeno para pescar, visto os peixes se esconderem nesses locais. No verão era tão farto matava-se jacamim, paca, anta, porco, mutum, jacu e outros bichos para gente comer. Porém matava-se somente o que era para alimentar a família, não se estragava nada e não se matava para vender (E. O. S. 55 anos, Entrevista / 2004).

O lazer¹⁹ era muito limitado nos piaçabais e não estava circunscrito em apenas um local, pois vimos na fala dos outros entrevistados que a forma de lazer mais costumeiro eram as festas religiosas, momento de trégua à rotina de trabalho, quando realmente o trabalhador parava, mas apenas nos locais onde ocorriam. Galvão (1976) descreve, que no vale amazônico, se mesclaram brancos, negros e índios, e dessa amálgama resultou a cultura regional, com preponderância das culturas indígenas.

Não se pode generalizar que as folgas de sábado, domingo e feriados, eram dedicadas somente aos trabalhos extras de caça, pesca e amarração da piaçaba, mas os piaçabeiros entrevistados nos esclareceram que não sobrava tempo durante a semana para outras atividades

¹⁹ Lá no nosso sítio festejávamos a festa de São José, devido a uma promessa feita por meu pai ao santo por causa do acidente do Sabá. Se ele ficasse bom seria feita a festa todo ano no mês de março na Vila Conceição. Dois meses antes da festa a gente já tinha que está na vila para os preparativos. A minha mãe as outras mulheres se encarregavam de fazer farinha e os homens iam mariscar (pescar, pegar cabeçudo, tartaruga) para dar o almoço dos convidados. Mandávamos por convite na rádio em Manaus para convidar as comunidades ribeirinhas da área. No dia que ia começar chegava tanta gente de barco e canoa, parecia a festa de Santo Alberto de Carvoeiro (festa mito antiga na Ilha de Carvoeiro em Barcelos). Eram três dias de festa com muita comida, dança e reza. Meu pai comprava Nescau, bolacha, fazia pé-de-moleque para o café da manhã. Hospedava o pessoal nas casas de forno que eram grandes, além de um barracão feito exclusivamente para esse fim.

A hospedagem era mais para crianças, porque os adultos passavam a noite dançando, depois da ladainha que era a primeira função da noite e do dia. A festa era animada por um aparelho de som a pilha. Eram duas ou três caixas de pilha para agüentar e muita cachaça para esquentar. Quase não havia briga e outro tipo de violência. Quando os bêbados brigavam logo eram apartados. O meu pai foi agente policial nomeado pelo prefeito Manuel Guimarães até a gente sair de lá. Havia também a festa de São Francisco em Acuacu (abaixo da Vila Conceição) (E. O. S. 55 anos, Entrevista / 2004).

necessárias à manutenção de seu dia a dia e do beneficiamento do produto, sendo necessário que se realizasse nos feriados e finais de semana. Quido ressaltou que sua vida e de sua família melhorou muito depois de terem ido para Barcelos e reconhece que o desejo de prosperidade na cidade se realizou em decorrência da perda de esperança no piaçabal. Revela-nos que o seu pai foi o seu maior exemplo de vida e guarda na lembrança o bom chefe de família que foi. "Ele era sempre o primeiro a pular da rede de manhã para amolar a faca para trabalhar, assim seguimos os seus passos" (E. O. S. Entrevista / 2005).

Outra pessoa que esteve presente durante anos no interior, morando e trabalhando nos piaçabais do rio Negro foi Irá, 56 anos de idade, dos quais 29 anos foram vividos nos piaçabais. Só no rio Matananá, afluente do Ereré foram 15 anos. Depois de casada, começou a andar entre os dois rios trabalhando na piaçaba, tendo começado aos 14 anos em um igarapé denominado Preto. Trabalhou em roça, quebrando castanha e cortando seringa desde os sete anos. Com seringa, trabalhava especialmente nas ilhas, deixando de cortar apenas em 1976, pois seu marido morreu vítima de um acidente dentro da mata tirando bacaba. Foi no dia de Santa Luzia.

No local do acidente, Alcides roçou ao redor da bacabeira²⁰ que estava carregada para tirar uns cachos grandes e pesados. Eram mais ou menos 11 horas da manhã do dia 13 de dezembro de 1976. Ao cortar um dos cachos, escapuliu e, como a bacabeira era torta, ele não teve onde se apoiar e caiu a cerca de um metro longe de seu tronco falecendo instantaneamente.

Fiquei viúva com cinco filhos pequenos que ficaram esperando em casa. Como não podia carregar o corpo, deixei o corpo lá mesmo e fui buscar ajuda para levarem o corpo, pois se encontrava há mais de um quilômetro (I. P. C., 56 anos, Entrevista / 2003).

A respeito da morte de seu marido, esta entrevistada revela que os fatos e o imaginário que circundavam a vida do marido pareciam anunciar a sua morte, conforme podemos perceber:

Parece que já estava prevendo a sua morte, porque há seis meses falava que estava para se acabar. Dois dias antes de morrer, sonhou com dois pretos que lhe ofereciam vinho, mas ele não bebia e não aceitou. Os pretos diziam para ele bebê-lo para poder ter longa

²⁰ Espécie de palmeira que produz cachos de frutos que servem para fazer suco ou vinho de sabor agradável. Tem coloração mais clara que o açai e é muito utilizado como pelo homem do interior.

vida, de manhã e antes de ir para a estrada adiantar o serviço para no domingo está tudo arrumado. Nesse tempo ele trabalhava como caseiro do patrão tomando conta das mercadorias, enquanto eu cuidava de roças. Estávamos enjoados do piaçabal. Depois que fiquei viúva ainda tive duas filhas por fora, pois fiquei atordoada ao me sentir só. No interior a vida é muito difícil, por isso Alcides tinha o sonho de comprar um bom rádio para ouvir o jogo do Brasil, da copa que iria acontecer em 1978, mas morreu anos antes. Em 1964 Pe. João Badalotte me casou no rio Padauri, em um lugar chamado Salazar, onde fiquei por seis meses (I. P. C., 56 anos, Entrevista / 2005).

É no silêncio das matas e dos rios que o imaginário flui da mente humana, tornando os acontecimentos sempre envolvidos de mistérios. Buscam-se respostas para os sonhos, as doenças, as rezas, os animais, os sucessos e os insucessos; para a morte, há sempre uma justificativa, exploração do sobrenatural para esses acontecimentos. Para Souza (2005, p. 17), esta é uma situação fantasiosa produzida pelo imaginário a partir das impressões dos sentidos que a memória armazenou e reteve. "[...] O imaginário principia onde a realidade oferece resistência, rejeição, quando alguma coisa não é acessível, mas pode ser imaginada". Essa situação de resistência e rejeição pode representar a não-aceitação do acontecimento, levando à busca de explicação e/ou compreensão da ocorrência dos fatos.

Esta entrevistada trabalhou com piaçaba e roça com o Sr. Marcionílio, no início ajudando o marido, e posteriormente junto com os filhos mais velhos, em piaçaba. Não vê a sua vida anterior com muita satisfação, pois não teve muitas chances de estudar e trabalhar para possibilitar-lhe melhor qualidade de vida. Ouçamo-la:

Eu não conhecia outra vida a não ser aquela realidade de interior onde nasci e me criei. A primeira vez que fui à cidade eu tinha doze anos, depois disso nunca mais, a não ser depois de viúva quando me mudei para Barcelos. O meu patrão não era de levar grande quantidade de mercadoria, por isso no dia de aviar ficávamos muito alegres, mesmo que depois tivesse de pagar. Na época sonhava em ter uma casa na cidade e meu marido não se interessava muito por isso.

Eu não tinha muito estímulo para viver, me sentia só, não tinha motor e nem canoa, estava cansada de patrão, os filhos mais velhos não tinham esperança nem de estudar, por isso fiz um esforço para colocá-los na escola. O filho mais velho foi o único que voltou para o piaçabal (I. P. C., 56 anos, Entrevista / 2005).

Ao falar de sua história, Irá demonstra um misto de tristeza e falta de perspectiva no futuro, consequências do ritmo de vida e rotina de trabalho que não cessa, e os resultados são quase sempre negativos. Em *A viagem das Idéias*, Pinto (2006, p. 192) capta bem esse

pessimismo quando fala que a vida das índias parecia invejável quando comparada às mulheres brasileiras nas pequenas cidades e vilas do Amazonas. "[...] estas parecem viver sem objetivo, numa existência vazia, sem liberdade e sem alegrias".

Esta mulher tem estrutura física aparentemente frágil, embora tivesse de carregar 30 ou 40 quilos diários de piaçaba nas costas, enfrentando até duas horas de caminho. No tempo em que se encontrava no piaçabal, não era alfabetizada, por isso não conseguia perceber quando estava sendo enganada pelos patrões. Considerava altíssimo o preço das mercadorias, e o da piaçaba, muito baixo, não compensando o sacrifício de sair cedo de casa. Carregar peso pelo caminho e os perigo por causa dos encharcados, da travessia dos igarapés sobre paus derrubados que exigia equilíbrio para andar em cima carregando o produto, somado ao problema que as crianças deviam enfrentar, não era recompensada com lucros financeiros. O quadro das dificuldades nos piaçabais traçados pela nossa entrevistada nos dá uma idéia do que seja a realidade no interior amazônico, a saber:

Nunca tive moradia certa no interior, ficando onde tivesse possibilidade de sobreviver, onde havia produto para tirar. Fiquei por um tempo na Vila Conceição no rio Padauri, mas antes vivia pelas cabeceiras dos igarapés nas colocações de piaçabais, em paragens, sem ter um lugar fixo. Logo que fiquei viúva não tinha dinheiro nem para comprar roupas e meus filhos vestiam pernas de calça que as pessoas davam.

Certa vez fui roubada por um senhor em trezentos quilos de piaçaba que ainda não estava amarrada nunca recebendo nada por ela. Fiquei com raiva querendo abandonar a atividade, mas foi o jeito continuar porque eu não tinha outra coisa pra fazer. Para comer colhia frutos do mato, como tucumã, buriti, açai, uixi, piquiá, cupu, cacau de jacaré, moela de papagaio, fruta de piaçaba e outras, pois não tinha tempo de trabalhar em roça e era necessário extrair piaçaba para conseguir outras coisas.

Cheguei a ser picada por uma surucucu tirando açai. Tinha medo que acabasse o rancho e ficasse sem nada, tendo em vista a distância em que me encontrava no igarapé seco,ilhada, tendo que abrir caminho para chegar ao rio. O marido da gente vai pro mato com o risco de voltar ou não (I. P. C., 56 anos, Entrevista / 2005).

Na entrevista, Irá afirmou que um de seus maiores problemas era o medo do desconhecido representado por animais, espíritos, barulhos estranhos, pios, gritos concebidos como algo que não é humano.

Era a curupirinha que assoviava de noite, medo do macaco da noite que queima o rabo e mata a gente. Quando tem muita gente até que dá alento. Divertimento que é bom não tinha, a não ser em festas no rio Negro. No Ereré, num lugar chamado Campina

festejava-se Santo Alberto, vindo gente de todos os lados, assim ficando mais animado. Depois essa festa mudou-se para um lugar denominado Floresta. Mas toda vez que a festa muda de comunidade, há também mudança nas tradições da festa. No rio havia festa na ilha da Saudade, mas nunca fui a uma (I. P. C., 56 anos, Entrevista / 2005).

Tem a sua própria versão sobre o trabalho que não é traduzido como bom para fazer. Para ela a mata não transmite tranquilidade e nem segurança, em razão do medo criado pelo imaginário em relação à floresta e o meio aquático. Não são todas as pessoas que agüentam viver no interior se não forem acostumadas desde criança.

Para Albuquerque (1995, p 41), "este espaço de diferentes sujeitos sociais está carregado de simbologias, solidão, vivacidade, tristezas e esperanças na relação com o mundo natural". Existe nesses locais uma relação de medos e temores, de crenças e hostilidades que se ligam aos encantados, aos espíritos da mata. Esse imaginário permeia a vida dos trabalhadores da floresta influencia o seu universo de valores, de lazer e trabalho.

Para viver no interior, a pessoa tem de passar por um longo aprendizado.

No inverno, a piaçaba está no alagado e a gente tem que fazer ponte derrubando ou levando pau para a área de encharcado. Os pés e as unha da gente ficam uma desgraça de bater a fibra e amarrá-la. Eu acho que hoje o preço do produto está bem melhor que antes. Uma coisa importante é que na hora de cortar a piaçaba não se pode cortar a renda (fibra que se perece com um tecido de renda) senão a piaçabeira morre ou custa muito a voltar a se desenvolver. Há muitos piaçabeiros que cortam a renda para o produto ter mais peso.

Uma vez o patrão do Alcides, meu marido, nos deixou no Igarapé do Escondido no rio Ereré, numa barraca de piaçabeiros. Alcides saiu para pescar e eu fiquei com os dois filhos pequenos. Havia um varador e a barraca ficava de frente. Desse varador surgiu um bicho parecia um morcego que voava em cima de mim e das crianças. O meu cachorro nos defendeu e botou o bicho pra correr. Outra vez fui mordida por uma aranha, endureceu a minha língua e a boca.

Só sobrevive no interior da floresta e rios quem aprendeu a lidar com esse ambiente, como a gente que desde pequena vem aprendendo com os pais e as pessoas como tirar o alimento e suprir as necessidades. Eu aprendi a pescar a fazer certas armadilhas para pegar peixe, como o "pulado", o "espinhelinho", "espera" para pegar pirarara, aprendi a atirar com espingarda. Só não sabia mergulhar cabeçudo (I. P. C., 56 anos, Entrevista / 2006).

Esta entrevistada atualmente mora na cidade de Barcelos, sobrevivendo de pensão e roça. Seus filhos conseguiram estudar e três deles têm emprego fixo, um continua cortando piaçaba.

Outro piaçabeiro que tem uma história marcante no referido trabalho é M. M. Gomes que atualmente está com 80 anos, e, se considera pertencente à etnia baré. Tem uma vasta experiência

no extrativismo e se especializou no ofício da piaçaba, no qual trabalhou muitos anos. Estudou no internato da missão salesiana em Barcelos, sendo, portanto, alfabetizado. Casou-se aos 22 anos e depois separou, casando-se novamente aos 39 anos e ficou viúvo em 2005. Começou o trabalho na piaçaba aos 13 anos junto com seu pai no rio Preto no Igarapé do Apuí na colocação de nome sítio Calado, rio Padauri.

Todo dia ele saía de casa bem cedo, entre 6 e 7 horas munido de faca, terçado e munição e voltava às 14 ou 15 horas, de modo que chegava em casa até as 17 horas. Desempenhava toda a tarefa de um piaçabeiro como qualquer outro e se considerava um mateiro. É o que depreendemos de sua fala a seguir:

Sempre evitei chegar muito tarde em casa, por isso sempre procurava piaçabais próximos e fazia a colocação o mais perto que pudesse. Nunca me perdi porque eu era mateiro e sempre andei com uma bússola. Passava no caminho para conhecê-lo e fazia cortes de terçado nos paus só numa posição e numa direção para identificar se o caminho indo e vindo. Eu cortava o produto durante o inverno, de abril a agosto, quando o rio estava cheio e havia facilidade de condução. Mas tinha gente que cortava no verão. O pai do Sr. Hamilton Ugarte gostava da empresa no verão. Têm pessoas que cortam no verão e no inverno (M. M. Gomes, 80 anos, entrevista / 2006).

Para analisar esses personagens, recorremos a Reis (1953) que escreveu sobre os personagens que formam uma unidade de produção no seringal. São os patrões, gerentes, guarda-livros, caixeiro, comboieiro, mateiro, toqueiro, caçador, canoeiro, "brabo" e o seringueiro. Na piaçaba também encontramos alguns desses personagens como o mateiro, patrão e até gerente. Utilizavam os serviços dos gerentes, patrões que não tinham disponibilidade para estar presente nos piaçabais. Outrossim, ser canoeiro, caçador, remador, pescador e até mateiro era parte do trabalho de piaçabeiro, uma vez que este trabalhador tem que saber um pouco de tudo para viver sem problemas, como foi o caso de Martins que criou as suas próprias técnicas para andar no mato sem se perder.

O freguês transitava no mundo entre a saúde e uma possível doença frente aos perigos dos caminhos, no manejo do ofício e até pelo fato de não se alimentar bem. Piaçabeiros como Martins

e outros que já foram citados pensam nesses perigos, mas enfrenta-os na busca da sobrevivência e não têm chances de se prender pelo medo que sentem numa situação de perigo constante. O freguês sai bem de casa, mas não sabe se volta.

No Padauri fui picado por uma cobra venenosa (jararaca), fiquei muito mal, porém tomei muita penicilina com óleo canforado até tomar o soro antiofídico 10 horas depois. Sentia a perna inchada e muita sede, a vista embaçada na hora da picada. Foi uma semana sem andar, ficando bom com menos de um mês. Não tínhamos muito divertimento, a não ser dançar e beber pinga algumas vezes, também não havia violência. Só passei por uma crise que foi a falta de sal durante um mês, comendo a comida sem gosto algum. Dentro do mato nos comunicávamos com tiros para avisar sobre morte ou grave doença com outras comunidades (M. M. Gomes, 80 anos, Entrevista / 2006).

Um dos trabalhos iniciais do piaçabeiro consiste em encontrar um lugar para trabalhar. Para tanto era necessário explorar a mata e localizar onde havia abundância de piaçaba para poder instalar uma colocação. M. Martins declara que,

Antes o freguês tinha direito a fazer as suas colocações de piaçaba porque as terras não tinham proprietário. Agora cada igarapé tem o seu dono, porque já existe o direito de cadastrar as terras em seu nome. Assim o freguês só trabalha em determinado igarapé se trabalhar para o seu dono, de forma que o freguês fica submetido àquele patrão sem ter direito a decisões. Antes se o freguês se atrasasse na entrega do produto a sua conta era pendurada (M. M. Gomes, 80 anos, entrevista / 2006).

O território, segundo Almeida (2006), é a base da existência do povo tradicional que depende da natureza para tirar o seu sustento, de maneira que eles possam estabelecer as suas próprias regras quanto ao uso dos recursos, técnicas de manejo e controle do tempo para a realização de todas as tarefas e manifestações culturais. O trabalho penoso no piaçabal chegava a neutralizar os ânimos e a esperança daqueles que exercem este ofício, conforme demonstrado por Martins:

Trabalhei também nos igarapés de Xiliaçu no rio Preto (Santa Isabel do rio Negro), no Xilimirim, no Buracão, Loiana, Branco da Bauli acima da cachoeira. Dentro do Padauri nos igarapés de Castanho, Lago Preto, Maçaranduba (lago central), rio Tabaco. Revezava o trabalho na piaçaba com outros produtos, como a seringa e a sorva. Só não trabalhei com castanha porque não tinha no rio Padauri.

Sempre minha família me acompanhou nessas aventuras. Fiquei nessa atividade de 1938 a 1984, já que o valor do produto foi arruinando, por outro lado a educação dos filhos. Muitos patrões também mudaram de ramo, porque percebiam que não vendiam mais como antes, pois as mercadorias saiam muito caras e o freguês não podia comprar porque o quilo do produto estava muito barato. Trabalhava-se muito, mas ganhava-se pouco. O patrão não baixava o preço porque se fizesse, seus lucros seriam baixos, não

compensando a viagem. Da mesma forma acontecia aos regatões que também foram deixando o ramo.

Havia patrão que pegava mercadoria para todo o ano em Manaus, ficando em seu barracão no interior o tempo que fosse preciso, quase não indo à cidade. Entre eles estava o Sr Manuel Ribeiro Campos, que morava com a família e criava gado, no lugar chamado Castanho, em Santa Isabel do rio Negro. Ao abandonarem os piaçabais muita gente se mudou do interior para morar na cidade. Não havia qualquer tipo de assistência ao caboclo, rios e comunidades muito distantes, faltava escola, a decadência era vista a olhos nus.

Hoje muitos piaçabais estão interditados pela Funai, porque grande parte deles fica dentro de terras indígenas (M. M. Gomes, 80 anos, entrevista / 2006).

De acordo com Torres (2004), não se pode pensar em um modelo único de trabalho numa região que possui uma variedade de ocupações. E essas ocupações não têm proteção do Estado porque somente o trabalho assalariado, sobretudo no âmbito fabril, é considerado modelo de trabalho. Veja que M. Martins cortava piaçaba e revezava entre os vários produtos como seringa e sorva que tinha no Padauri.

Na região do rio Negro era muito presente o costume de o freguês transitar entre os diversos produtos. Isto é considerado por Santos (2003, p. 94), como "parte dos usos e modos de apropriação da natureza bem como a assimilação de padrões sócio-culturais necessários à sobrevivência neste universo humano Amazônico".

Esse piaçabeiro revela sua opinião a respeito das relações comerciais estabelecidas sobre o ofício de piaçabeiro, nos seguintes termos:

Não há muita honestidade nesse tipo de trabalho, pois o freguês sempre é ludibriado nas suas contas pagando dívidas que muitas vezes não concebe. Há muita adulteração na hora da pesagem que depois que a gente percebe não dá mais para confiar, e o caboclo por sua vez reage com falcaturas também adulterando o produto. Se o patrão burla as regras porque não haveria de fazer também o freguês? Portanto, ambos possui as suas estratégias, coisa que muitas vezes eu vi, não foi ninguém que me disse. Existem diversas maneiras de o patrão enrolar o freguês. Já fui anotador e sei como se processa.

Quando comecei no ramo o produto custava o correspondente a 0,20 centavos e a mercadoria para lá era quase de graça. De 1936 para frente J.G.Araújo era a única casa que aviava os empresários do interior, fazendo nota de pedido com nota de fatura razoável. Vinha de tudo, até pirarucu, conserva e jabá. O freguês naquele tempo tinha tudo, pois o patrão fazia de tudo para ter o freguês em suas mãos, dificilmente concedia saldo ao empregado, para não perdê-lo. Mesmo assim tinha freguês esperto que tirava saldo toda safra. Tudo era encomendado de Manaus, não havia comércio na região.

As mercadorias eram vendidas com juros de 20%, 30%, 40%, dependendo do produto e do patrão. Se um rádio custasse 200 reais, a J.G.Araújo estabelecia 20% a mais para o patrão aviador, e este 40% para o freguês, sendo os encargos do freguês de 60%. Esse processo correspondia também a outras mercadorias (M. M. Gomes, 80 anos, Entrevista / 2006).

O médio rio Negro se moveu em torno da indústria extrativista caracterizada por uma diversidade de produtos florestais coletados na mesma estrutura social e cultural que vicejou na Amazônia, situada por Péres (2003, p. 288) como "rede de aviamento", ligando comércios de Manaus e os núcleos urbanos do rio Negro. Esse sistema percorreu todas as formas de exploração da castanha, da borracha, da piaçaba, da sorva, dentre outros produtos em qualquer localidade da região, destacando os rios Padauri, Preto, Aracá e seus igarapés.

Uma de nossas entrevistadas não trabalhou nos rios citados, mas trabalhou com o mesmo produto no rio Marié, acima do Padauri. Maria. S. C. S. pertence à etnia baré e nasceu no rio Teia, no município de Santa Isabel do Rio Negro onde trabalhou há alguns anos. Quando Maria saía da colocação, ficava junto com à sua mãe e padrasto em Vista Alegre, comunidade pertencente ao município de São Gabriel da Cachoeira. Ficou no piaçabal desde 1969, casou-se em 1977 e teve quatro filhos.

Trabalhou também no corte do cipó, mas depois seus pais passaram a extrair piaçaba. Revela a mesma condição passada por outros piaçabeiros com relação ao trabalho com outros produtos, reforçando mais uma vez a situação de penosidade existente nas várias atividades exercidas pelos trabalhadores da floresta.

O trabalho na piaçaba atraiu muita gente para o rio Padauri e Aracá vindos do alto rio Negro em razão da abundância do produto na região e conseqüentemente pela procura. Para Meira (2000), muitos indígenas migraram para os citados rios e enfrentaram todo tipo de doença. O mesmo autor acentua que os indígenas tinham conhecimento do fato de que os brancos da região eram demasiadamente exploradores de índios, obrigando-os a uma vida de verdadeira escravidão. Maria trabalhava no rio Marié, porém não tinha condição de vida melhor que os piaçabeiros do rio Padauri. Vejamos o que ela nos revela:

Nós trabalhávamos em família dois ou três meses num local, entregava um produto e ia para o outro para cortar piaçaba. Revezava com outros produtos. O patrão era o Antônio Moraes com o qual trabalhamos sete anos e cortava sorva para o Sr. Doda Moraes. Sempre produzimos bem de forma que quando o patrão chegava havia produto suficiente. Havia pessoas que trabalhavam para eles fazendo empreita. É claro que não deixava de haver exploração com relação a mercadoria vendida pelo patrão, que procurava tirar o máximo de lucro. No nosso caso comprávamos por mês porque de mês em mês o patrão chegava naquele rio para pegar produto. Às vezes vendíamos produtos para outro quando o patrão custava e ficava faltando para ele. Se tirasse saldo tudo era investido em produto de valor como, calçado, roupa e outros.

Onde trabalhávamos era difícil, porque o igarapé secava e ficávamos presos lá. Alimentávamos de caça e pesca, quando não tinha o chibé e mingau de farinha. Pescar no igarapé seco não dá nada e a caça também é escassa. Muitas vezes quando tinha feijão comíamos ele puro. O problema é que o patrão levava o feijão mais duro que encontrava para vender aos fregueses, levando um dia todo para cozinhar.

Quando o rio secava saíamos arrastando a canoa pelas pedras para passar para o outro lado. As coisas eram carregadas no lombo pela margem e perdíamos muito tempo. Quando chegávamos em áreas de cachoeira era a mesma coisa, levando de dois ou três dias para chegar nos locais de muito produtos para armar o barracão. Assim todo dia as seis horas saíamos de casa para cortar produto e chegávamos seis ou sete da noite.

Era eu meu irmão e meu pai, cada um carregando um pacote com peso diferente. Os mais velhos geralmente carregavam até 60 quilos, enquanto as crianças uma base de 10. Isso era todo dia chovendo ou não. No sábado e domingo arrumávamos as piraibas.

Várias vezes chegamos a ser picados por piolho de piaçaba ficando cheio de nó pelo corpo. Esse inseto é idêntico a um percevejo preto que tem um bico voltado para a barriga. É chatinho e preto. Mas o pior problema de saúde que enfrentamos foi o sarampo que dava muita febre e dor de cabeça, além de ser contagioso. O meu pai bebia cachaça e quase morreu afogado bêbado quando a canoa alagou em dia de chuva forte. Pegamos muita chuva e sofremos de muito frio com este trabalho (M. S. C. S., 43 anos, Entrevista / 2005).

Pinto (1980, p.43) pontua que o indígena foi um sujeito importante como mão-de-obra que perdura até hoje em muitos setores da extração produtiva e agrícola. "Em muitos casos [...] é a forma de exploração predominante, senão exclusiva. Queremos nos referir à produção de piaçaba e cipó no alto rio Negro, realizada com o concurso de mão-de-obra indígena, ali dominante".

O isolamento social e econômico vivido pelos piaçabeiros era uma barreira quanto ao acesso a divertimentos, escolas, postos de saúde, comércio e lazer. Maria considera a vida do piaçabeiro e piaçabeira triste, porque é muito solitária, sequer tendo com quem conversar. As festas só ocorriam em comunidades distantes, em alguns casos, a falta de um rádio para ouvir as notícias deixava as pessoas incomunicáveis com o mundo lá fora, só sabendo das notícias quando o patrão chegava.

Simoniam (2006), ao estudar as mulheres que trabalharam na balata, conclui que as jovens inseridas no contexto extrativista na Amazônia não têm tido parte em movimentos sociais e nem em programas de políticas públicas. Essa problemática atinge a piaçabeira, a seringueira, a balateira, a pescadora, as quebradoras de coco do babaçu. Muitas não têm condições de entrar no mercado formal de trabalho por falta de estudo, como nos revela Maria.

Por não agüentar esta vida fui embora com minha tia, pois eu tinha vontade de estudar. Não conhecia dinheiro, não sabia ler e nem escrever e já tinha doze anos. Não acreditei quando fui para escolinha estudar, mas só estudei um mês e terminaram as aulas, já era final de ano. Só recomecei no ano seguinte e passei. Depois que arrumei marido com quinze anos, ainda me matriculei duas vezes, mas desisti e vim estudar somente no ano de 2000 no noturno. O resto do tempo me ocupo com roça e meu marido pesca para vender.

No piaçabal usava mercadoria que comprava do patrão, mas quando faltava café, açúcar e outros produtos costumávamos beber mingau de farinha. Para exercer a atividade fazíamos apenas uma barraca, enfrentávamos muito inseto a noite (carapanã) e também de dia (mutuca). Quando demorávamos nas colocações fazíamos casa com assoalho.

Quando dava temporal e ficava escuro acendia vela e rezava. Uma vez passamos uma semana com fogo a lenha para iluminar a noite porque faltou combustível para a lamparina.

Somente quando amanhecia chovendo forte é que não saíamos, porque era comum enfrentar chavascal com água pela cintura e certa vez a sucuriju d'água preparou um bote para meu pai no caminho, não lhe matando por pouco. Outras vez me encontrava lavando roupa no igarapé e a mesma espécie de cobra boiou do meu lado, que, com o meu susto também se assustou e saiu.

Outra vez me encontrava só, pois meu pai tinha ido pescar e a onça ficou rondando a barraca durante uma três horas e eu fazendo zoadas, batendo na lata, fazendo fogo para afugentá-la durante a noite. De manhã vimos onde ela havia estado, chega estava limpo de tanto ela arranhar com a pata e balançar o rabo. Estava eu a minha mãe e seis irmãos. Ainda tenho pai e mãe vivos e moram em Taperera, a menos de três horas de São Gabriel (M. S. C. S., 43 anos, entrevista / 2005).

Maria é casada e trabalha em roça ajudando na subsistência da sua família. Planta macaxeira, mandioca, caju, abacaxi, batata e banana em uma área de terra na estrada do Caurés, atrás da cidade de Barcelos. Atualmente vive melhor que antes e possui casa própria.

Outro entrevistado foi A.A.S., nascido e criado no interior do município de Barcelos, atualmente é separado da esposa e possui 7 filhos. Começou a trabalhar na piaçaba desde os 14 anos se considera caboclo. Estudou até o antigo 5º ano primário na condição de interno no colégio salesiano em Barcelos de 1959 a 1965. Quando sua mãe faleceu, foi para o Piaçabal ajudar a criar

os irmãos. Saiu da piaçaba em 1993 por causa do estudo dos filhos. Morava na comunidade do Acuquaia no rio Padauri onde cortava piaçaba.

Baseado em Torres (2005), podemos dizer que a experiência do nativo seja índio e/ou caboclo, é o resultado do acúmulo de conhecimentos adquiridos na interação com a natureza e com os grupos estrangeiros que adentraram na Amazônia desde a época da colonização. A forma de trabalho surge de um aprendizado passado de pai pra filho no cotidiano de vida. Antônio aprendeu o ofício em família, em virtude de seu pai ter trabalhado com piaçaba e passado seus ensinamentos para os filhos, porque os outros também exerceram este ofício. Mas o risco neste tipo de trabalho é muito grande, revela Antônio:

Eu cheguei a gastar duas ou três horas de caminho porque os piaçabais estavam cada vez mais distantes para se fazer exploração, diferente do passado quando eles se encontravam mais próximos. Quanto mais longe maior é a dificuldade para se deslocar e carregar 50 ou 60 quilos de produto. O trabalho é difícil e arriscado, pois há muita dificuldade na atividade porque a piaçaba por vezes se encontra molhada e infiltrada por insetos na fibra (A. A. S., 58 anos, Entrevista / 2005).

Na sua opinião, quanto mais a piaçaba é molhada melhor fica a sua fibra. Leva-se o produto embalado na cabeça e depois se confecciona a piraíba. Quanto mais a fibra é batida para cortar melhor fica, ainda assim pode-se encontrar cobras. Tem dois tipos de piaçabeira: a garrote e a gigante, sendo esta última a mais difícil de cortar.

A comunicação, como sabemos, é difícil nos interiores da Amazônia, onde a fonia e o rádio adquiriram uma utilidade necessária para resolver assuntos de doenças e acidentes que ocorrem além de outros problemas urgentes que venham a acontecer, mas apenas algumas comunidades possuem esses elementos da tecnologia. Esta ausência de comunicação e de políticas públicas é uma espécie de denúncia presente na fala do entrevistado:

No meu tempo, eu não tive oportunidade de ser socorrido em hospitais e postos. Sofri diversos acidentes em que cortei o pé, levei ferradas de lacraia, tucandira e aranha. A ferrada de tucandira me curei com remédio caseiro, o chamado nó de cipó titica, da raspa do ambé. Sempre bebia remédio da mata contra veneno. Por exemplo, uma glândula que fica embaixo do braço do porco, põe-se para secar e faz-se o chá para tomar (A. A. S., 56 anos, Entrevista / 2005).

A dinâmica vivida na floresta é bem diferente da cidade onde o Sr. Luís vive atualmente. O trabalho que realizou durante anos deixou seqüelas na sua saúde. Com base em Santos (2003) pode-se dizer que as doenças têm relação com os hábitos de trabalho dos povos tradicionais do rio Negro e o próprio meio ambiente. São as cobras, os insetos, a umidade, o frio, carregamento de peso em excesso, alimentação deficitária, tomar chuva e sol sem qualquer proteção, doenças mal curadas e falta de descanso podem ser considerados como fatores para o agravamento à saúde.

Este piaçabeiro parece possuir o dom especial da cura pela reza, sendo muito procurado para benzer criança com vento caído, mau-olhado e quebranto; e socorrer adultos para a cura de desmentidura, dores de cabeça e vermelha. Segundo Galvão (1976. p. 88-89) "a benzedura e as utilizadas por pais e mães como meios de cura para as suas crianças, funções exercidas por rezadeiras e benzedoras que têm esses dons". O mesmo autor acredita que esse dom especial precisa ser desenvolvido com a ajuda de um praticante já experimentado.

Antônio é conhecido no bairro da Gruta em Barcelos como um bom benzedor de crianças, além de ensinar remédios caseiros. Relata como recebeu este dom nos seguintes termos:

Aos 14 anos tive um sonho no qual apanhava e sofria sem saber por quê. Uma senhora me chamava para ensinar-me coisas boas. Ela perguntou se eu já tinha ouvido a palavra além do pensamento e me levou por um caminho, porém não me encostasse nela porque o meu corpo era frágil. Estava com um vestido azul e uma coroa na cabeça e uma fita verde no peito em forma de laço e mandou que eu contasse os degraus por onde descíamos. Havia duas portas: uma a esquerda e outra a direita com duas palavras: bem e mal. Disse que eu seguiria o mal se quisesse.

Entrei num ambiente onde havia uma mesa com um pires feio e três pedaços de carne que se mexiam, estando sentada ao lado de uma mulher de preto que disse: "Se você comer essa carne só irá fazer o mal nessa terra". Continuei o caminho e só via coisa feia: cobra, vidro e prego. A senhora de azul me chamou de volta e encontrei uma mulher idosa igual a uma borralheira que me ensinou a conquistar qualquer mulher e não aceitei.

Na parte boa aprendi diversos tipos de orações. Disseram-me que eu deveria sempre rezar o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Credo que são orações poderosas, além de outras orações ensinadas. Sempre distante a mulher de azul me recomendava sempre o bem. Durante todo o percurso ouvi vozes de pessoas cantando músicas suaves, assim voltei e subi as escadas e nesse momento acordei.

Outra vez estava acordado e sai para a beira do varador a noite para urinar e no momento seguinte vi uma bola de fogo, em seguida tive um desmaio. Não entendi o que estava acontecendo, vindo-me a mente a missão que devia cumprir (A. A. S., 58 anos, Entrevista / 2005).

Este sonho foi interpretado por Antônio como uma missão ou incumbência de ajudar as pessoas, sem fazer qualquer tipo de cobrança. Segundo ele, não se cobra para fazer o bem quando se tem uma missão. Na Amazônia, há uma relação muito forte dos elementos naturais com o sobrenatural, imaginário que se reflete na relação do homem com os encantados do fundo do rio, os espíritos da floresta e com pessoas que já faleceram. Para Souza (2005, p. 12):

[..]imaginar não é desligar-se da realidade, mas sim, fazer com que um acontecimento, uma pessoa, ou um ser encantado nos desperte imagens, trazendo-nos descobertas que não são racionais, pelo contrário, elas são mais vividas do que percebidas. É a ligação entre o real e o sobrenatural.

Pereira (2006, p. 121) considera que "a fé nas rezadeiras/benedeiras e nas mais diversas plantas medicinais tradicionalmente utilizadas para tratar casos específicos de doenças, é prática costumeira dos moradores". Segunda a mesma autora é um componente das tradições religiosas ligadas às culturas indígenas, integradas ao catolicismo sem se constituir em uma religião específica, onde o tradicional e o moderno fazem parte do mesmo complexo".

Antônio afirma que o ofício de piaçabeiro pode até estar em decadência, mas ainda tem muita gente cortando fibra. Percebe que a educação é a saída para os filhos dos fregueses terem um futuro melhor que o de seus pais. Em sua fala revela a sua dificuldade com a mudança que teve de fazer na sua vida e de sua família, a saber.

Eu só vim morar na cidade de Barcelos por causa da educação dos meus filhos, mas achei muito ruim porque não tinha casa tendo que morar com outras pessoas por quase três anos. Trabalhava pescando e tirando açai para sobreviver e sustentar os filhos pequenos e depois tive que me separar de minha mulher, porque não deu mais certo. Trabalhei com piaçaba, sorva e seringa e nunca consegui ter nada. O patrão tinha tudo, ele, filhos e mulher moravam em boa casa, todos os filhos na escola, empregados (A. A. S., 58 anos, Entrevista / 2005).

Reconhece que não havia variedade e nem constância de divertimento no piaçabal, mas também não havia problemas com violência. Para este piaçabeiro, as datas festivas quebram a rotina de trabalho do piaçabeiro e lhe concede descanso, bem como possibilita os encontros com os membros de outras comunidades, como podemos conferir na sua fala:

Como em qualquer lugar onde trabalha muito homem é difícil não haver bebedeira, mas eu nunca bebi. Nos divertíamos em festas familiares, no Ano Novo, no Natal, no jogo, na festa de São José, São Francisco e Santo Alberto e às vezes um aniversário. Também havia cultos e jogos aos domingos. No igarapé junto com a família é só trabalho e pouco dinheiro. Trabalhava longe e às vezes tinha que caçar para por comida em casa chegando às vezes 7 horas da noite. Sofríamos muito com a praga de piom de fevereiro a julho e a partir daí vinham as pragas de mutuca e a noite a muriçoca (qualidade de carapanã) que trazia a malária (A. A. S., 58 anos, Entrevista / 2005).

O entrevistado disse que, na comunidade de Acuacu onde morava, geralmente se reunia aos domingos para celebrar o culto católico, do qual ele era líder. Fraxe et al (2003) explicita que a religiosidade é um elemento importante como fator de ligação de uma comunidade fazendo com que freqüentemente as pessoas se reúnam para celebrar.



Figura 12 - Comunidade de Tapera no rio Padauri
 FONTE: Representação dos municípios, 2006

A experiência deste piaçabeiro leva-o a relacionar as pragas com os períodos de enchente e vazante, das quais já se precavia e se preparava para enfrentá-las na medida do possível. Conhecia diversos tipos de instrumentos de a captura de peixe como o espinhel, espinhelinho, espera, pulado, zagaia e armadilhas para caçar. Estas técnicas ele aprendeu com seu pai e outras pessoas, as quais, para Almeida (2005, p. 11), constituem um capital de conhecimentos práticos acumulados.

Antônio não sabe precisar quantas vezes saiu de casa cedo para o piaçabal (5, 6 e 7 horas) sem o desjejum porque precisava ganhar tempo para, no retorno, poder ir atrás do alimento para a família. Criava galinhas e patos para comer em tempos de escassez de caça e pesca. Encerra sua fala manifestando a seguinte opinião:

Era farto, mas nem sempre havia tempo de ir atrás de alimento. Porém nos dias de festas de santo havia abundância devido toda uma preparação. O rio era farto e existiam várias formas de ter o peixe. casa de comunidade, capela na qual fazíamos as nossas rezas semanalmente. Na minha comunidade, era calmo, mas cheguei a ver caso de morte com facada e tiros em outras comunidades, tudo resultado de bebida (A. A. S., 58 anos, Entrevista / 2005).

Este piaçabeiro reside atualmente em Barcelos em sua própria casa junto com três de seus sete filhos. Todos concluíram o Ensino Médio, trabalhando, três deles se encontram no estado de Roraima prestando serviço no magistério.

Santos (2003, p. 30) ressalta que, "quando ouvimos histórias de vida, ouvimos a maneira como as pessoas pensam que experimentam suas vidas e certos eventos". Diríamos como vêm a saúde, a doença, as curas, o trabalho, o lazer e as condições de vida em geral. A vida só pode ser compreendida na interação entre o homem e a natureza, como destaca Pereira (2006), a partir da qual este indivíduo constrói o seu modo de vida.

T. S. foi um de nossos primeiros entrevistados, viúvo, pai de três filhos e dois netos que adotou desde criança. Mudou-se para a cidade de Barcelos desde 1977 quando deixou de vez o ofício de piaçabeiro. Foi aposentado como soldado da borracha. Este senhor nos contou fatos de sua vida nos piaçabais do Padauri e Aracá da seguinte maneira:

Meus filhos nasceram dentro do rio Padauri, isto é, apenas um nasceu no rio Quimicuri. Morei 48 anos no Padauri na vila Conceição e só vinha a cidade em tempo de eleição ou então deixar os filhos no colégio para estudar interno. Somente uma vez vim trazer a velha doente (sua mulher). Fui para o piaçabal quando era solteiro e tinha mais ou menos 16 anos. No piaçabal comecei em 1936 com Alexandre Ambrósio no Rio Aracá, ele foi prefeito do município no mesmo ano, eu ainda era solteiro e novo. Casei-me em 1946 com Antônia e agora estou viúvo desde de 1990. Nos conhecemos ainda crianças. Sai do Padauri porque eu já estava enjoado de trabalhar com piaçaba e ver meu filho mais velho querer continuar a estudar sem poder. Vejo a decadência da atividade no próprio trabalho e nas pessoas que colocavam porcaria no produto. Botavam pau, pedra no meio da fibra de forma que ela pesasse mais, assim o patrão achava melhor comprar dos outros do que dos próprios fregueses. Isso era ruim porque os que vinham de fora

botavam sujeira no produto e todos acabavam pegando a fama e pagando por isso. No meu caso todos os patrões da área conheciam o meu trabalho, porque sempre procurei ser honesto. A piaçaba foi ficando mais longe para tirar e o preço cada vez mais reduzido. A minha vinda para cidade não foi difícil porque eu topava qualquer tipo de trabalho. Vendia carvão, pé-de-moleque, peixe, açaí, fazia farinha, capinava, roçava, fazia roça. Trabalhei com Frederico Machado (português) acima da cachoeira da Aliança no igarapé do Jacaré, rio Padauri por dez anos. Este patrão ficava na colocação acompanhando o trabalho dos fregueses de uma rede que atava numa posição que pudesse ver, pois neste caso o piaçabal era tão perto que se enxergava o pessoal cortando o produto, com Luís Mourão por três anos, e depois para o Sebastião Macêdo, o melhor entre eles. Mais tarde trabalhei com Valdo Paulo Martins que era regatão de fora e depois com Olavo Bento. Mas para mim patrão era o que chegava no porto, pagava melhor e vendia barato. Cortei mais produto no igarapé do Tabaco junto com Arcelino e Lírio Reis, que moravam na Vila Conceição. No Aracá fiquei apenas um ano. O Rio Tabaco fica perto da Cachoeira a três horas de viagem em barco pequeno. O resto de tempo era na vila Conceição onde por trás passava um igarapé chamado Branco. A piaçaba costuma ser mais abundante no centro, ficando longe da beira do rio. Há 40 anos eu saía 4 horas da manhã com a poronga na cabeça e amanhecia no varador, deixava a lamparina na margem do caminho e pegava na volta. Chegava no piaçabal nove ou dez horas do dia. Tinha que ser rápido para poder chegar em casa ainda de dia. Tinha lugar que a piaçaba era unida, no entanto tinha lugar que era bem espaçosa, porque uma árvore que já foi cortada só estará preparada para o corte novamente dez anos depois uma árvore da outra. Assim tinha que penetrar na mata e ir cada vez mais longe na busca de novas piaçabeiras. Quando eu era novo conseguia carregar até 80 quilos nas costas pelo caminho. (T. S., 87 anos, entrevista / 2005)

T. S. foi um dos piaçabeiros que teve uma relação muito forte com o interior, realizando múltiplas atividades, Porém foi piaçaba o produto mais explorado por ele e que constituiu a maior base de toda a sua sustentabilidade e de sua família. Albuquerque (1995, p. 128) analisa que,

Os significados dessas tarefas/afazeres manifestam, fundamentalmente, suas maneiras de existir. A própria representação que os trabalhadores fazem em suas falas, apontam no sentido de que a 'dureza do trabalho', os 'sacrifícios', as 'longas caminhadas', as 'privações' e outras dificuldades estão presentes na sua constituição [...].

T. S. observa que a pressa era importante para vencer a distância e os obstáculos no dia a dia de trabalho dos piaçabeiros que relataram suas histórias. Na volta, procurava descansar com os companheiros uns dez minutos e prosseguia para não chegar muito tarde. Muitas das vezes, só conseguia se alimentar à noite quando parava para se recolher, depois de ter passado um dia todo apenas com uma xícara de café. Se não encontrasse comida em casa ainda partia para caçar e pescar com armadilha. Quando a piaçaba começava a ficar muito distante, procurava outro lugar para fazer a colocação.

Tantas vezes passou mal com a família nas colocações porque o patrão não trazia mercadoria suficiente. Chegou a voltar das colocações quando não tinha mantimentos: café, açúcar, fumo, bolacha dentre outros produtos. Achava o trabalho desgastante por ter de atravessar chavascais e igarapés em cima de paus com os pacotes nas costas, muitas vezes se atolando e caindo. Quando chovia, tornava-se até difícil cortar a fibra porque a faca escorregava e ficava cega i. é. desamolada.

Era perigoso demais trabalhar com o tempo chuvoso, pois os animais ficam mais agitados. T. S. contou que certa vez foi picado por uma pirambóia (cobra papagaio) na testa. Não sentiu nada mas ficou com medo que ela cantasse, pois segundo a mitologia amazônica acreditava que se ela cantasse ele morreria, pois conta-se que se esta cobra morder alguém e cantar a pessoa morre. Ela é de cor verde com umas pintas brancas. A literatura sobre o tema da experiência de trabalho na Amazônia dá conta de que,

A interpretação que fazem de sua experiência é entremeada pela articulação das necessidades de sobrevivência imediata com as adversidades presentes no trabalho de corte, nas caçadas, nos plantios de roçados, nas ameaças de várias qualidades de cobra venenosa [...], nos piuns, meruins e carapanãs [...] nas verminoses, malárias, hepatites e outras doenças que, por sua vez, não simbolizam os únicos obstáculos enfrentados por esses trabalhadores (ALBUQUERQUE, 1995, p. 130-131).

No Padauri, T. S. criava galinhas, patos, porcos e havia muitas fruteiras no sítio onde morava com a sua família. Hoje há poucas pessoas morando no rio Padauri por causa da saída de muita gente de lá em busca da educação dos filhos e também por causa da desvalorização da atividade extrativa que pouco dá para sobreviver, pois os preços das mercadorias estão muito altos, não compensando o preço do quilo do produto que é baixo.

O seu maior saldo foi obtido com seringa e castanha, e não com piaçaba. Muitas vezes, ficou devendo porque era extravagante, somado ao fato de que os padrões procuravam enganar diminuindo o peso do produto. T. S. guardava com muito cuidado os seus recibos de contas para

atestar o pagamento de mercadoria e não ser obrigado a pagar mais de uma vez a mesma conta, como acontecia com outros fregueses.

Quando era solteiro fui muito mais enganado. O Sr. Luís Mourão tentou me enganar, mas já sabia o peso do produto que tirava, pois foram anos e anos cortando piaçaba e só de olhar já sabia aproximadamente quanto pesava.

Ao término de cada fabrico pagava a conta com produto, mas quem dava o preço era o patrão, tanto da mercadoria quanto do produto, o freguês não tinha vez. Pesavam o produto, somavam as contas e pagavam os fregueses. Às vezes o freguês ficava em débito. Alguns não saíam dos piaçabais pagando contas, muitas vezes ficando lá porque o patrão não o deixava sair e eles tinham medo e outros mais corajosos abandonavam o serviço e mesmo devendo não voltavam ficando na seringa um mês, dois meses, conforme queriam.

O preço da mercadoria era alto e quando a piaçaba estava molhada descontavam a tara, além do desconto de peso do cipó que amarrava a piaçaba de modo que se perdia de 3 e 4 quilos. Por isso uma vez me aborreci. Todos faziam isso, o Seu Albino Pereira era um, o Lauro Fonte. Não me divertia muito com as coisas que aconteciam lá, mas quando havia muita gente na vila, costumavam fazer uma festinha para dançar com cavaquinho, violão, pandeiro e goela (pessoa que canta) (T. S., 87 anos, Entrevista / 2005).

De acordo com o entrevistado, no tempo em que não havia emissora de rádio, a solidão era grande e os abusos do patrão também, porque ficavam isolados do resto do mundo, somente anos mais tarde foi que apareceu o rádio de pilha. Mas o patrão não queria trazer esse aparelho da cidade quando o freguês encomendava, argumentando que era caro demais. Essa atitude pode estar relacionada ao medo de o freguês ficar ligado às notícias de fora e assimilar os acontecimentos que poderiam interferir no dia-a-dia do trabalho.

Nos domingos quando havia um tempinho íamos às casas dos companheiros que moravam perto para a conversar. Nesses momentos trocavam idéias, falavam de seus planos futuros, dividiam alegrias e angústias.

Na sua opinião o piaçabeiro sofre muito com as pragas de mosquitos, pium, carapanã que botava ora (tapuru que nasce dentro da pele humana provocado pela ferrada do carapanã), piolho de piaçaba (inseto que voa tipo uma pequena barata).

Não temos auxílio de ninguém, falta de recurso, vivemos esquecidos naquelas distâncias, não tendo ninguém pela gente.

Se hoje o poder público não dá muita atenção a lugares como esses, imagine antigamente que havia mais dificuldade para se locomover. Lembro que uma vez um cara foi esfaqueado e ficou com o bucho todo de fora. Foi para Barcelos a remo, já chegando morto depois de três dias (T. S., 87 anos, Entrevista / 2005).

Para Scherer et al (2003), esses trabalhadores estão esquecidos das ações públicas e, por isso, enfrentam inúmeros problemas, particularmente com a saúde que é deficiente, privando-os de atendimento médico, remédios e outros elementos. Segundo Silva (2003), pode-se visualizar a falta de política pública sob duas dimensões: uma ligada ao isolamento que dificulta a

interiorização desses direitos, e a outra, de como fazer a voz desses trabalhadores chegarem ao poder municipal, estadual e federal.

Quando mudou para Barcelos, no início foi difícil, pois foram muitas dificuldades encontradas melhorando somente quando os filhos arrumaram emprego e os netos puderam continuar seus estudos. No final da entrevista, proferiu a frase: "Eu prefiro dormir em pé pra não sonhar em voltar para o piaçabal". Este ex-piaçabeiro faleceu em julho de 2006 com 87 anos em consequência de acidente vascular cerebral (derrame cerebral).

Um outro piaçabeiro que nos concedeu entrevista foi J. A. P., um experiente trabalhador do ramo da piaçaba. Este trabalhador é pai de 4 filhos, está separado há 31 anos e se declara católico. Começou na atividade com 19 anos e periodicamente volta ao piaçabal sem atar compromisso com o patrão. Reside no sítio da Vila Conceição dentro do rio Padauri desde solteiro, onde trabalha com roça, piaçaba, caça e pesca. Não vai definitivamente para cidade por causa da agitação e da violência, preferindo ficar no interior por ser calmo. Escapou de morrer afogado várias vezes devido ao próprio trabalho na condução de piaçaba.

Ao longo de sua vida, aprendeu a lidar com as dificuldades próprias do interior na busca de alimentos, no trabalho e na saúde. Depois que se aposentou só corta piaçaba quando acha necessário e sem compromisso com patrão como antes, vendendo para quem pagar melhor. É uma forma de tirar um dinheiro extra. De acordo com os argumentos de Lima (2001), a verdade é que o nativo da Amazônia apresenta agilidade e predisposição para todas as atividades que executa, sobretudo o trabalho físico para que foi treinado e afeiçoado.

Na percepção de Apolônio, o que dá mais trabalho é conduzir a piaçaba do igarapé para fora porque demanda muito tempo. Quando o piaçabal é espaçoso fica ruim explorá-lo, pois é demorado formar os pacotes e vencer a distância carregando-os nas costas. Para ele, o verão é

uma época de dificuldade para sair com produto do igarapé e do rio seco, o que causava o aumento das contas pelos juros aplicados e os produtos que tinham de repor.

Trabalhei até o ano passado (2002), não tinha outra opção, mas gostava. O problema é que não sobra muita coisa, a não ser que se economize, é só conta para pagar. Existe o freguês que nunca consegue pagar suas contas porque é preguiçoso e não olha a qualidade. Se fizer um bom produto sai das dívidas. Eu nunca tive nada, só prejuízo. Trabalhei com Frederico Machado, Luís Mourão e José Rodrigues Português.

Eu trabalhava revezando entre a piaçaba e a seringa e às vezes ficava ilhado, porque os patrões esqueciam da gente dentro daqueles rios igarapés durante muito tempo. Antigamente era bem melhor porque os piaçabais eram mais próximos das margens dos rios e era melhor para conduzir e ter mercadoria quando faltasse. Mas a exploração era muito grande e variava de um patrão para o outro, sendo hoje bem mais caro. Sou aposentado, mas sempre que me dá vontade e sinto necessidade volto ao Rio Padauri e ainda corto produto. Lá é melhor de viver que na cidade que é agitada e violenta (J. A. P., 74 anos, Entrevista / 2005).

Na verdade, Apolônio se acostumou à calma da floresta e é capaz de solucionar os problemas e dificuldade que ocorram, enquanto na cidade essas situações são mais complexas. Em suas discussões, Tocantins (1982, p. 8-9) explica que "há uma interação entre os elementos da natureza e o próprio homem, influenciando o seu psicológico com as suas promessas econômicas, convidando-o à associação". O entrevistado não se deixou abater pelo desânimo mesmo depois que se separou da mulher e ficou sozinho no sítio da Vila Conceição (Padauri), para onde volta quando tem vontade.

Santos (2003) sintetiza que essas pessoas procuram outros modos de vida, determinando aquela que lhe dá sentido naquele dado momento. A opção para viver na cidade ou no interior provém do que lhe é mais viável. Após a sua separação fez opção de viver só, isto é, sem o compromisso de vida a dois.

Outra mulher que esteve presente nos piaçabais foi A. M. F, atualmente viúva e tem 07 filhos. Foi casada por quarenta e oito anos e acompanhou o marido em todas as suas viagens de trabalho no extrativismo da piaçaba. Ela e o seu marido trabalharam com patrões como Manoel Ribeiro, José Luís Português, Arismar Feitosa, Valdo Paulo Martins, Germano Bonfim, e negociou também com os regatões que passavam no Padauri.

Nos seus relatos, ela se detém àqueles relacionados ao tempo que foram fregueses de Sargento Guilherme que se tornou patrão de piaçaba após ter saído do exército, que também é personagem da discussão feita por Meira (1993) no rio Xié no alto rio Negro. Disse que este senhor era um mau patrão, pois deixava seu marido, bem como outros fregueses sem produtos de consumo (café, açúcar, farinha). Ouçamo-la:

Para comer ele (marido) saía com a lanterna procurando fruta de piaçaba para comer. Não era dizer que era malandro porque tirava muita piaçaba, mas não tínhamos nada e o patrão não trazia mercadoria. Numa ocasião que já estavam sem nada, houve a fuga de parte dos fregueses promovida pelo Tody (um de seus homens) só ficando o meu marido e mais umas pessoas. Antes de sair Tody mandou afundar a única canoa que tinha enchendo com pedras para evitar que meu marido e outros fregueses saíssem de dentro do igarapé, onde ficamos ilhados. Foi a forma que encontrou de não deixar a gente sair de lá para o Estirão, sítio onde morava o patrão. Os que ficaram construíram uma pequena ubá que só cabia uma pessoa e conseguiram outra, com a qual se deslocaram até o dito sítio (A. M. F., 70 anos, Entrevista / 2006).

Esta senhora enfatizou, que nesse momento, a sua vida era muito difícil, em razão das dificuldades materiais causadoras de fome, já que o patrão os abandonava à própria sorte, conforme podemos perceber:

Eu lembro que neste período eu só tinha dois vestidos: um de sair e outro para vestir diariamente. O patrão era mentiroso e não trazia mercadorias para vender aos fregueses, nem o saldo ele dava e os fregueses tinham medo de pedir. Quando mudamos colocação Luís (Marido) escapou de ser envenenado no ajustamento de conta pela mulher do Guilherme que era indígena, e olha que os dois eram meus padrinhos. No dia que fomos ao Estirão alguém avisou meu marido a não comer nada lá, pois podia ser envenenado com piranhacaá, como já havia acontecido com um outro freguês. De fato Guilherme ofereceu café para Luís e a empregada trouxe, mas ele recusou. O próprio filho de criação dele já havia sido envenenado no vinho de bacaba que havia sido preparado para dar a um freguês e ele pegou a cuia primeiro e tomou o vinho. Sua mulher era indígena e conhecia muitas espécies de plantas da floresta. Na verdade a bacaba era para ser dada a um determinado freguês (A. M. F., 70 anos, Entrevista / 2006).

O patrão de que fala A. M. F. foi caracterizado por Meira (1993) como um patrão violento e explorador de fregueses nos anos 40 e 50 nos rios Padauri e Preto. Não pagava o saldo dos fregueses e não dava liberdade de trabalhar com outro patrão, mantendo-os preso a ele através de dívidas que não conseguiam pagar, precisando apelar para a fuga como forma de se livrar dele.

Enfrentar doenças era uma das dificuldades passadas por A. Figueira. Seu marido chegou a defecar e urinar sangue uma das vezes, em razão de um problema no fígado, do qual se curou

com extrato-hepático em gotas e injeção, remédios levados por um regatão. Também foi picado no braço por uma jararaca quando cortava piaçaba no rio Preto, para curar tomou penicilina skib 500 unidades. Todavia uma das piores crises de saúde que assistiu foi uma epidemia de sarampo no Patauiri que acometeu as pessoas no piaçabal levando muita gente a óbito. Vejamos:

Eu acordava de madrugada para olhar o meu filho mais velho que também pegou a doença e ouvia o pessoal batendo tábua fazendo caixão. É uma sensação que não se deixa de sentir. Posso lhe dizer que passei muitas coisas boas e outras tristes que se fixaram na minha memória. Quantas vezes eu fui pescar para comer enquanto o meu marido ia para o corte do produto (A. M. F., 70 anos, Entrevista / 2006).

Meira (1993, p. 93) informa que os rios Patauiri e Preto, no médio rio Negro foram chamados de "celeiro da morte", uma vez que as doenças dizimavam em grandes proporções aqueles que, na esperança de ganhar dinheiro, encontraram a morte, pois os referidos rios são lugares promissores quanto a abundância de piaçaba, assim como o rio Aracá, mas eram também foco de doenças contagiosas que causavam grande número de óbitos em razão da precária assistência dada pelos patrões e poder público.

Santos (2003, p. 201-202) informa sobre a existência de um levantamento feito décadas atrás apontando as condições de saúde dos povos do rio Negro. Trata-se da atuação de Carlos Chagas nas condições de saúde das populações ao visitar na Amazônia. A precariedade na saúde e as enfermidades devem-se a inexistência de assistência médica.

É forçoso admitir que a falta de médico e remédio é um que problema que continua latente no interior amazônico. O trabalhador tem que dar jeito na situação curando-se com remédios do mato. Somente quando tem possibilidade é que procura a cidade onde tem médico e hospital.

A. M. F. relembra que, no tempo de Guilherme no Patauiri, sofreu muito com praga de pium no rio Tabaco, quando ele mandou fazer um varador bem largo para varar do rio Tabaco (no Patauiri) ao rio Cabeçudo dentro do Curuduri para onde levou um caminhão velho que "se acabou por lá mesmo". A intenção deste patrão era carregar a piaçaba dentro deste caminhãozinho

até a margem do rio e não deu certo. Os fregueses iam andando do Tabaco ao Cabeçudo cortando fibra e deixado na beira do varador para ser recolhido.

A. M. F. que esteve presente neste local contou o seguinte:

só se via pacote na beira do varador se estragando e virando capim, porque com o passar do tempo nascia capim no meio da fibra que ia virando terra de novo. E tinha muita piaçaba nesta área, só que ele planejou errado e perdeu muito com isso. Eu fiz o percurso a pé com um filho pequeno no braço e o meu marido com um aturá aonde iam as bagagens, a espingarda e o outro filho e vi como ficou lá. Fiquei com os pés inchados de tanto andar (A. M. F., 70 anos, Entrevista / 2006).

Lembremo-nos de que os empreendimentos grandes, ou pequenos pensados para a Amazônia não deram certo, pelo fato de seus idealizadores não levarem em consideração "especificidades e complexidades regionais e nem dar importância às questões ambientais e sociais" (SCHERER et al, 2003, p. 92).

Esta entrevistada prefere trabalhar com piaçaba que com seringa, pois tudo que ela e seu marido conseguiram foi através da produção da fibra apesar dos sacrifícios e dos problemas enfrentados. Descreveu um episódio que jamais aconteceu acontecido numa colocação. Segundo ela, quem ouve não acredita.

O meu marido matou uma cobra jibóia, tirou o coró empalhou e colocou perto do local onde a gente colocava a lamparina dentro de casa. Todo dia a gente matava uma cobra dentro de casa. A gente tinha o maior cuidado porque elas se escondiam em qualquer local. Até dentro da gaveta onde guardava a minha tesoura encontrei uma. Uma vez eu estava na rede com o meu filho pequeno quando vi uma no pau do telhado enrolada. Depois de algum tempo alguém disse ao meu marido que a cobra jibóia atrai outras cobras porque ela é considerada rainha das cobras. Foi aí que nós percebemos que era a cobra empalada que atraía tanta cobra para dentro de casa. O Luís tirou e pronto não tivemos mais problemas dentro de casa (A. M. F., 70 anos, Entrevista / 2006).

Depois de Guilherme, trabalharam com outros padrões que consideravam melhores, mas, todos eram careiros apesar de disporem de mercadorias para vender. Aos poucos, foram conseguindo ter alguns bens que compravam e finalmente conseguiram juntar alguma coisa.

Deixamos a piaçaba há quase trinta anos e passamos a morar na cidade porque os filhos precisavam estudar. A gente não tinha moradia fixa e não podíamos parar e esperar o tempo da escola. Quando saímos da piaçaba o Luís estava doente do pulmão, pois a gente não tem resguardo quando trabalha assim, tendo de enfrentar chuva e sol (A. M. F., 70 anos, Entrevista / 2006).

Esta senhora reside na cidade de Barcelos, está viúva e aposentada pelo INSS, tem casa própria e com ela moram um filho e uma neta, que lhe fazem companhia. Considera-se caboclo, termo argumentado por Santos (2003) como uma denominação genérica e de múltiplos significados em toda a Amazônia.

J. A. de 40 anos de idade é outro senhor que tem um histórico de vida ligado à extração de piaçaba. Nascido no município de Barcelos, casado, quatro filhos, pertencente à etnia baré. Cortou fibra de piaçaba de 1976 a 2002, passando por diversos padrões nos rios Padauri, Preto e Aracá. Atualmente mora na sede municipal Barcelos para a qual se mudou vindo da comunidade de Piloto. Aos dezesseis anos ficou órfão e saiu da escola onde estudava interno para trabalhar. No seu relato, revela fatos de sua vida, conforme podemos ver.

Quando me casei a família me acompanhou nas viagens ao piaçabal, com o crescimento dos filhos a mulher começou a ficar para esperá-los estudar. Apenas uma vez passamos cinco dias de fome de farinha, comíamos peixe e cabeçudo puro. Cortando piaçaba a gente não consegue progredir, mas durante os anos que fiquei economizei e comprei geladeira, arma, um motor rabeta, uma canoa, uma antena parabólica e construí uma casa. Primeiro comprei o zinco e a madeira com um saldo de um mil reais que tirei trabalhando com o Caba. Nunca fui judiado por padrões porque pagava as minhas contas e eles confiavam em mim. Quem faz o padrão é o freguês.

Tive dois problemas mais sérios que quase me levaram à morte: primeiro fui picado por uma jararaca, nem dor eu senti e a minha vista foi escurecendo. Ainda cortei a cobra e logo fiz remédio com o tajá de pau e depois deitei passando mal, escarrando sangue o tempo todo. Foi somente o remédio fazer efeito que a reação foi diminuindo. Quando cheguei à cachoeira do Aracá, no barracão, é que tomei soro antiofídico que o padrão levava. Outra vez eu me alaguei no rio Negro, na boca do rio Preto, perdi tudo e fiquei quatro dias no galho do pau esperando alguém passar morrendo de frio. No final tive que nadar porque senão morreria ali mesmo (J. A., 40 anos, Entrevista / 2007).

Este ex-piaçabeiro relatou que trabalhou com piaçaba durante muito tempo porque antes não teve chance de ter um emprego fixo a não ser em 2004 quando conseguiu passar no concurso da prefeitura e se tornou gari. Quando ficava em Barcelos trabalhava em qualquer serviço que aparecesse para poder dar o sustento a sua família, a saber:

Eu trabalhava com piaçaba porque não tinha emprego, e se não tem trabalho não tem comida. O serviço do piaçabeiro é pesado: é cortar, amarrar, conduzir e remar. Se o caboclo não comprar gasolina para fazer a condução de motor ele se ferra. Tem freguês que não faz mais nem barracão para guardar a fibra, ou deixa ao relento, ou guarda dentro d'água. O ritmo de freguês para freguês é diferente. Tive bons padrões como Tonico, que

era um cara legal, amigo e compreendia a situação do cara. Eu sempre calafeto o barco dele (J. A., 40 anos, Entrevista / 2007).

Na verdade, quem vive do extrativismo não tem renda fixa, pensão, salário e nem indenização para o caso de acidente. Fraxe et al (2003, p. 247) destacam que "o ribeirinho não ganha a vida em trabalho fixo limitado por horário e o que faz não resulta em grande rendimento que gere acumulação". Na piaçaba, Peteleco (condinome) adquiriu os poucos elementos materiais de valor que possui em troca de algumas toneladas de fibra. Os objetos perdidos não serão restituídos por indenização. Segundo ele ser piaçabeiro é ter antes de tudo coragem e habilidade no trabalho, senão pouco se consegue realizar.

As histórias ouvidas revelam a vida particular do piaçabeiro e expressam experiências suas e valores, cujo modo de vida se diferencia dos outros tipos de trabalho do mundo ocidental. O conteúdo cultural de cada grupo social é construído na interação entre quem compartilha das mesmas condições de trabalho, com os atos e códigos inteligíveis dentro do espaço de vivência.

Mello (2000) acrescenta que o cotidiano surge na conexão do individual com o coletivo que estão no centro do acontecer histórico e revelam identidades que surgem em meio às práticas cotidianas. O homem já nasce inserido em sua cotidianidade, ou seja, está imerso em uma cultura já produzida que se manifesta em um mundo de representações formadoras de seu entorno. O universo simbólico que permeia a vida dos homens é a resposta para a sua cotidianidade.

É por meio de uma diversidade de trabalhos experimentados pelo trabalhador da Amazônia, pelos conhecimentos produzidos e adquiridos no processo de sua existência, pelas lutas e resistências às doenças, à exploração no trabalho, à falta de alimento, ao medo e insatisfações é que se vê quão complexo são os modos de vida dos piaçabeiros, assim como a de outros trabalhadores que praticam atividade no âmbito da floresta.

3.3 - Retalhos de vidas (quase) perdidas

O principal elemento que serve de base para se entender um povo, uma comunidade ou um povoado é o conhecimento de sua realidade. É a convivência diária que dará suporte para se apreender a organização social e os acontecimentos específicos da cultura definida por Caldas (1986) como uma das mais antigas e mais recente obra do homem, com as suas diversas manifestações no campo material e simbólico, que somente a espécie humana é capaz de manifestar.

Os primeiros grupos sociais contatados na Amazônia foram vistos pelas lentes eurocêntricas e exóticas, i. é., criaram idéias fantasiosas sobre os povos, cultura e natureza da região atribuindo conceitos em que o imaginário com o real se misturam. O desconhecimento a respeito dos lugares fora do espaço conhecido como "Velho Mundo" tributário da visão de mundo medievalista foi, talvez, o elemento central responsável por juízo de valor apriorístico por parte dos colonizadores em relação aos indígenas habitantes do Novo Mundo.

Souza (1986) discute que são das projeções imaginárias do homem ocidental que nasce o Brasil, da mistura do sobrenatural e miraculoso, infernal e celeste que influenciaram os viajantes e que foram embelezados por uma instrumentalização ideológica fundadas na dilatação da fé. Muitos dos mitos europeus foram projetados neste país à medida que as culturas européias ameríndias foram sendo amalgamadas na dinâmica do encontro (TORRES, 2005).

Ao chegarem à Amazônia, os primeiros europeus se depararam com modos de vida totalmente diferentes dos seus. Hábitos, crenças, culinária, artes e técnicas utilizadas na organização do trabalho eram totalmente "absurdas" aos olhos dos europeus que pertenciam a um outro mundo assaz diferente em todos os sentidos.



Figura 13 - Barracas alagadas durante a enchente no rio Negro

FONTE: Secretaria de Meio Ambiente de Barcelos

O Brasil e especificamente a Amazônia se tornaram lugares e/ou laboratório de assimilação onde os elementos culturais do branco são transfundidos com as do elemento indígena e posteriormente dos negros e outros povos como os nordestinos que foram migrando para a região, trazendo em sua bagagem uma gama de hábitos que se refletem na culinária, no vestiário, nas manifestações religiosas e sobretudo na resistência à fome.

De acordo com Caldas (1986), o Brasil não possui as mesmas formas de conduta e padrões culturais em todas as regiões, embora haja a unidade do idioma português. As culturas da região amazônica têm seu próprio estilo, mesmo ligadas a uma unidade cultural maior representada como povo brasileiro. Freitas (2005) admite que há elementos nacionais, regionais e locais nos modos de vidas de minorias que vivem situações humanas bem delimitadas.

Os piaçabeiros, por exemplo, possuem uma forma de trabalho diferenciada de outros trabalhadores da Amazônia que têm suas atividades dentro da floresta, todavia são portadores de manifestações culturais eivadas de crenças, simbolismos e religiosidade existentes em toda a Amazônia, diferenciando-se no modo de interpretação deste mundo mítico, em razão das particularidades de suas etnias, já que o corte da fibra de piaçaba envolve trabalhadores indígenas ou descendentes.

Embora muito da alimentação e da aquisição de outros bens materiais tenha proveniência da sociedade envolvente do mundo moderno, o trabalhador piaçabeiro guarda costumes alimentares aprendidos com seus antepassados, como comer beiju, tomar chibé, comer peixe com farinha, tomar vinhos de frutos do mato, entre outros. Há, outrossim, materiais de consumo utilizados, não encontrados na floresta e considerados necessários ao seu dia a dia, entre os quais estão o combustível, munição, rede, pilha, sabão, fumo, açúcar, sal, arroz, café, óleo e a bolacha.

Os piaçabeiros que se encontram dentro dos rios distante das cidades mantêm padrões alimentares que consiste no consumo de caça, pesca e roça, acrescidos de outros artigos comerciais²¹. Eles afirmam que há ocasiões em que as necessidades chegam a ser maiores quando falta de elementos imprescindíveis à dieta (sal e farinha) que levou inúmeras vezes esses trabalhadores a remar durante dias para adquiri-los.

Havia também certos objetos que nunca chegavam aos piaçabais porque os patrões não traziam para vender, mas eram desejados, sendo necessário fazer encomendas, que onerava ainda mais os fregueses. Um entrevistado recorda que,

²¹ Há condições de suprir as necessidades básicas somente com os recursos da natureza dadivosa, mas as pessoas já assimilaram o hábito de utilizar alimentos fabricados. Os regatões acabavam preenchendo esse espaço deixado pelo patrão no verão seco, percorrendo trechos dos rios e igarapés onde se encontravam grupos de moradores e/ou trabalhadores.

nos meses de festas de santo quando se reunia muita gente de outras comunidades, os patrões levavam perfumes (leite de rosa, desodorante mistral e avanço) e brilhantina, porque sabiam que o freguês ia comprar para poder paquerar. Não se pode esquecer da cachaça que também chegava em maior quantidade nesta época trazendo euforia para quem bebia. Também havia abundância e variedade de comida, que era fornecida pelo dono da festa a todos os convidados. Em ambientes isolados como um piaçabal, no interior das matas da floresta, o homem se casa cedo porque precisa de uma companheira, amiga e doméstica. Geralmente nem se namora, basta que haja simpatia e o casal já se "amiga" (viver juntos sem casar) logo. Há nesses lugares escassez de mulher de maneira que as solteiras são muito assediadas. No meu tempo as mulheres quase sempre eram de outras comunidades, evitando casar com parentes próximos (J. B. O. Lacerda, Entrevista / 2005).

Nesse comentário, o trabalhador piaçabeiro configura a atitude do jovem que quer impressionar, de modo que possa chamar a atenção do sexo oposto, fato que favorece o aumento de sua dívida, pois compra presentes para doar, colônias e desodorantes para se perfumar e a cachaça para lhe dar coragem, uma vez que são poucas as mulheres presentes nos piaçabais, disputadas por um maior número de homens. Um piaçabeiro utilizou um chavão: "é a dificuldade que faz o ladrão". Para nos tentar dizer que o homem tinha de chamar a atenção das mulheres utilizando as "armas" que tinha em mãos naquele momento para poder vencer a concorrência.

Fatos como esses que retratam a solidão dos trabalhadores do extrativismo discutidos por Reis (1953, p.121) quando relata sobre o cotidiano dos seringueiros. Fala sobre a escassez de mulheres na floresta nos seringais do Amazonas e Acre, período no qual "todo tipo de mulher que aparecia era muito valorizada e o concubinato era uma coisa muito comum". A raridade feminina no isolamento da floresta fazia o homem sofrer de solidão e carência afetiva levando o trabalhador a manter relacionamentos duradouros até com mulheres prostitutas que às vezes eram levadas para os locais de trabalho.

Em outros dois relatos, poderemos perceber as estratégias utilizadas na substituição dos alimentos quando ocorria a falta de produtos de consumo vendidos pelo comércio. Quando o período de carência era longo o piaçabeiro chegava a sentir falta de seu patrão. Vejamos alguns elementos do cardápio do piaçabeiro tirado da floresta para suprir as suas carências alimentares:

Quando falta o café, toma-se o chá da preciosa (árvore de grande porte), cipó-cravo, canela. Também tinha o tucumã, o piquiá, o açaí, patauí, bacaba, castanha, uixi, cupu do mato, fruta de piaçaba que substituía a convencional bolacha. Havia também os alimentos que precisavam ser conservados para não estragarem, sendo para tanto utilizadas a técnica da defumação que está relacionada a moquear peixe e defumar a carne na falta de sal para salgá-la, ou então faziam lingüiças e mexiras que consiste em assar a carne na própria banha do animal gordo. Só passa fome quem tem preguiça ou não tem tempo para ir atrás porque a natureza é muito farta e provê a necessidade de alimento" (J.B.O.L., Entrevista / 2005).

A. Souza (entrevistada/2006) também fala da experiência de sua família referente à utilização de plantas, das quais faziam chás e bebidas que substituía o café e o açúcar.

Há muita fruta na floresta que não deixa o caboclo passar fome. Só se for muito preguiçoso e não ir atrás. A minha família na escassez, quando o rio secava e o patrão custava a chegar, além das frutas e vinhos, caças e pesca, tirava o sumo do caule do buritizeiro para servir de açúcar. Nós tirávamos até cinco litros de um líquido docinho com o qual temperava o café quando não tinha açúcar; a mangiroba era uma planta igual matapasta e suas sementes igual a feijão. A gente torrava para fazer café, assim como o caroço de açaí também substituía o café. Torrava-se o caroço e pilava para fazer café. Tinha até gosto de café, mas mangiroba era mais saborosa. Como minha mãe e meu pai fumavam tabaco mole, quando acabava usavam a folha do cubiu, de imbaúba e de cipótica para fazer cigarros. Torravam o cipó do tamanho do cigarro e fumavam. As folhas eles secavam no fogão de lata, misgalhavam na mão e como papelinho usavam a folha de tururi (árvore que se descasca e solta de seu caule uma casca parecido com folha de papel (A. Souza, 54 anos, Entrevista/2006).

Torres (2005, p. 135) é enfática ao afirmar que "o comportamento calmo, calado e silencioso do índio e seu modo de viver despreocupadamente deve-se ao seu condicionamento histórico [...] e a uma sabedoria de vida como estratégia de sobrevivência". Não se trata de um comportamento preguiçoso ou indolente. O chibé, por exemplo, é um alimento rico em carboidrato preparado com farinha de mandioca, água e sal que o nativo utiliza como estratégia de sobrevivência, sobretudo em época de escassez de alimento, "hábito cultural baseado no recurso de sobrevivência, em função de uma situação compulsória de impossibilidade de preparar a alimentação adequada".

A experiência de longos anos de floresta fez com que trabalhadores como os piaçabeiros aprendessem ou criassem técnicas para a conservação de alimentos perecíveis em locais onde se desconhece a geladeira ou o freezer. Entre elas estão de salgar, fazer mexira, moquear e defumar peixe e a carne.

Esses processos de alternativas alimentares de inúmeras cozinhas forjados pelos povos tradicionais da Amazônia são resultados do acúmulo de saberes utilizados também em relação à feitura remédios, bebidas e pratos criados com as espécies vegetais do espaço de vivência. A experiência adquirida no processo de aprendizagem no cotidiano familiar e comunitário contribuiu para criação de técnicas criadas e adaptadas às condições naturais de cada localidade, considerada por Pinto (2005) como expressão das mais ricas das identidades étnicas, locais, regionais e nacionais.

Os piaçabeiros mais dependentes dos produtos de consumo moderno iam em busca de algum barracão ou motor de regatão para adquiri-los. Isso demandava tempo, força e coragem, pois viajavam lentamente arrastando as canoas nos baxios das praias, remando e cavando canais para dar passagem na ida e na volta. Um dos piaçabeiros lembra que,

sem certos tipos de mercadoria dava para gente agüentar durante o verão. A minha mãe era experiente com roça e com a ajuda da família não deixava faltar farinha que é necessária para a alimentação do caboclo piaçabeiro. Agora ficar sem sal, combustível e fumo era difícil. Muitas vezes saíamos da Vila Conceição a remo para a Ilha da Saudade. Eram dois dias remando e no varejão (vara comprida e bem leve para empurrar a canoa no baixio da praia), vinha se empurrando no rio seco. Quando não amarrávamos cordas atrás da metade da canoa e empurrávamos ela para o meio do rio e nós íamos na praia arrastando. Somente uma pessoa ficava na canoa guiando como se fosse um leme. A canoa encalhava muito devido ao "baxio" da praia, existente em grande quantidade no período de estiagem. Fazíamos pescarias com pulados, espinhelinho, espinhel, com zagaia, cacuri, linha e outros instrumentos e armadilhas comuns para pegar peixes (E.O.S. 56 anos, Entrevista / 2006).

Toda essa dificuldade de arranjo para alimentação fazia parte do cotidiano do piaçabeiro tanto no Aracá quanto no Padauri. A experiência faz saber onde e em que lugar do rio tem as qualidades de peixes desejados, não encontrando dificuldade de pescá-los, a não ser pela falta de tempo."No verão em muitos locais é mais fácil você perceber a presença de animais nas praias e também grande quantidade de aves que servem para a alimentação" (E. S. M., 44 anos, Entrevista /2006).

Outro item de dificuldade do trabalhador piaçabeiro é o que envolve o campo da saúde, posto esse trabalhador ter restrição ao acesso nos momentos necessários, impedidos por diversos

fatores representados, sobretudo pelo fator financeiro que se constitui barreira para a busca de atendimento na cidade. No interior (zona rural), há carência de hospitais médicos e remédios que possam suprir as necessidades. Com efeito, o piaçabeiro compra do patrão ou busca alternativa em chás, banhos, emulsão e outros. Isso implica o entendimento que o bem-estar na realidade parece não ser prioridade nos programas de assistência em diversos interiores dos estados e municípios da Amazônia.

Desde de o ano de 2006, tem sido repetido no canal 44 do Amazonsat um documentário em que assistentes de saúde da Fiocruz em visitas a algumas comunidades de Santarém constataram o estado de miséria em que algumas famílias vivem. Nessa comunidade, constatou-se casos sérios de desnutrição de crianças pela falta de alimentos. De acordo com o relato de uma mãe daquela comunidade, já havia uma semana que eles só comiam jerimum puro porque não havia outro alimento. Os assistentes/pesquisadores constataram que todas as crianças sofriam de desnutrição, fato que se repete em outras áreas da região.

Um dos piaçabeiros expôs que a calamidade no atendimento à saúde é a mesma de décadas atrás. A malária ainda assusta este trabalhador e continua sendo uma doença presente no seu cotidiano, junto com a verminose e os acidentes com animais peçonhentos, além da doença de chagas, que atinge muitos piaçabeiros, constatadas por pesquisadores da Fiocruz. Em 2007, um ex-piaçabeiro faleceu da "dita doença", não sendo um caso isolado, segundo informações de um professor (D.S. O. R. Entrevista / 2007).

Entre as doenças citadas como mais comuns, estão a malária, a verminose, diarreia com sangue, gripe e febre; os acidentes de trabalho provocados por picadas de cobras venenosas e ferradas de aranha, escorpião e o barbeiro que provoca doença de chagas. Somente quando havia gravidade se fazia necessária a remoção do paciente para a cidade. Barcelos já possuiu dois

hospitais e hoje tem apenas um mantido pelo Estado. O outro que era administrado pela missão Salesiana na época do internato fechou as portas nos anos setenta.

Um dos órgãos operantes neste setor é o da Funasa (antiga Sucam) que, atualmente, tem desempenho limitado, uma vez que não tem a mesma atuação nos trabalhos no interior amazônico, por causa da municipalização da saúde. Segundo informação de funcionário desta instituição não existe mais o trabalho de borrição e nem verba de combustível para fazer prevenção no interior, especialmente da malária. Certamente esse trabalho teve a sua eficiência enquanto durou, atribuindo-se o aumento da malária à sua falta. Uma moradora disse que o detefon sujava bastante, mas combatia o anofelino.

Os motores da Funasa que singravam os rios se encontram parados no porto em frente à sede da fundação sem a função que tinham antes. Hoje o trabalho da Funasa é de apoio à SEMSA quanto ao exame das lâminas de defumação e prevenção na cidade e comunidades mais próximas com o popularmente chamado "fumaceiro". Essa falta ainda resulta em muitos casos de malária na cidade e, sobretudo no interior. O funcionário da fundação disse que periodicamente aumenta a incidência de doenças influenciadas pela mudança de temperatura, portanto o índice de certas enfermidade existente são ocasionais.

Lima (2001) questionou a visão eurocêntrica que creditou a responsabilidade ao ambiente geográfico a responsabilidade pelas moléstias que ocorriam na região, o qual era visto como mórbido e insalubre às sociedades humanas. A história divulga a ocorrência de epidemias e mortes pela malária, beribéri, varíola, febre amarela e sarampo, ceifando muitas vidas de diversas etnias indígenas e posteriormente dos grupos de seringueiros, piaçabeiros e outros que trabalharam no extrativismo, circunstância atribuída na verdade à ausência de políticas públicas na Amazônia. Segundo Torres (2005), a Amazônia é órfã do Estado Nacional, o qual interveio

nesta região apenas para impor a militarização nos liames da lei de Segurança Nacional e, em tempos pretéritos, para exterminar o movimento da Cabanagem.

De fato, muitas pragas e doenças que ocorrem nos piaçabais decorrem da falta de políticas públicas ou total abandono destes povos por parte dos poderes públicos. Muitos testemunhos dados pelos piaçabeiros confirmaram a existência de doenças, e outros males ocorridos periodicamente colocaram em risco a vida dos trabalhadores nos piaçabais, alguns dos quais até acidentalmente conforme pode-se perceber:

Para fazer condução, a gente passa por certos sufoco. Certa vez nós fazíamos a condução num igarapé bem estreito e sem querer batemos numa casa de caba e eu levei muitas ferradas. Por esse motivo eu tive quatro dias de febre. Outras vezes os próprios companheiros faziam brincadeira batendo a casa de caba de propósito para ferrar a gente, levando às vezes o camarada a pular na água para se livrar. A gente ria muito quando isso acontecia, mas era uma forma de distrair (E. da S. Marques, Entrevista /2006).

Martins informa que, em noites de lua cheia, existe uma praga chamada tatukiua (nhengatu) também conhecida como piolho de tatu que dá durante a noite, sendo muitas vezes, preciso fazer fogo com mato verde para dar fumaça para afugentar. Quando termina a fumaça ela volta, não permitindo uma noite tranqüila de sono. Durante o dia no início do inverno, quando o sol está forte, é o pium e o carapanã (espécie de mosquito) que transmite malária que acometem os trabalhadores, além das cobras e aranhas.

Eu fui picado por jararaca no Padauri, passei mal com a perna inchada e muita sede. A minha vista só ficou ruim na hora da picada e fiquei uma semana sem andar e trabalhar. Mas fiquei bom com menos de uma mês. Eu tomei penicilina e óleo canforado e 10 horas depois tomei soro anti-ofídico. (M. M, 80 anos, Entrevista / 2006).

Outro piaçabeiro relata:

Fui ser picado por surucucu no varador carregando piaçaba senti tontura e o escurecimento da vista. Cheguei em casa carregado e fiquei muito mal, sangrava e mijava sangue. Passei 40 dias para me recuperar e o remédio que tomei foi o soro anti-ofídico. Outra vez fui também picado por jararaca quando tirava cipó e tomei específico-pessoa, epadu de folha graúda que dá leite e çaçarela de folha miúda para curar veneno. Este remédio a gente toma e coloca o bagaço em cima.

A jararaca foi numa pescaria quando eu descia o igarapé para aproveitar a piracema do aracu. Começara a arpar e iam jogando o peixe em uma bolinha de terra cheia de raiz que se encontrava no meio. Ao terminar fui tirar cipó de ambé para amarrar o peixe e foi nesse momento que a cobra me picou. Minha vista ficou escura e eu caí na água, sendo logo retirado pelos companheiros. Tomei um remédio chamado específico pessoa, folha de epadu graúda que dá um leite e çaçarela de folha miúda que serve para curar o veneno.

Depois que a folha foi socada e eu tomei o sumo, e o bagaço foi posto em cima da ferida. Minhas pernas ficaram muito inchadas (R. E. A., 70 anos, Entrevista / 2005).

Sr. Bonfim igualmente relatou o que lhe aconteceu:

Fui ferrado por aranha caiçara (listrada e peluda). A ferrada doía tanto que eu desmaiava. O meu conhecido foi ferrado por uma espécie de escorpião chegando a soltar filhotes pelo ferimento depois muito sofrimento e dor. O veneno é branco como leite, igual o que solta a aranha preta. A cura veio pelo remédio caseiro e farmacêutico.

Foi única vez que fui picado por peçonhento, eu mantinha devoção com Santo Alberto para não ser mais atacado por animais peçonhentos. É tanto que uma vez eu me encontrava numa paragem descansando, quando me acordei ao levantar pisei em cima de uma jararaca que estava embaixo de minha rede e ela não me picou (J. B. Entrevista / 2005).

Outro caso já revelado nesta pesquisa foi o de Luís Figueira (contado por sua esposa) que foi picado, por uma jararaca, no braço dentro de um piaçabal no rio Preto, curando-se com penicilina skib 500 unidades, tajá e samambaia do mato. Fez até promessa para Santo Alberto de Carvoeiro de quem se tornou devoto. Seu filho foi picado por jararaca na perna e curado com remédio do mato. Outro foi Tomé que foi picado na testa por uma pirambóia (conhecida como cobra papagaio), da qual sentiu medo de morrer.



Figura 14 - Jararaca escondida no meio da piaçaba
Fonte: Fotos Zig, 2007

Geralmente os piaçabeiros têm uma história para contar sobre o contato com algum animal peçonhento e as curas. Os primeiros socorros provêm sempre de remédios caseiros quando se

encontram no centro da mata. Se conseguirem o remédio de farmácia, eles tomam junto com o remédio caseiro que não deixa de ser usado. Tomamos conhecimento de mortes em consequência desses acidentes e chegamos a encontrar ex-piaçabeiro com sérias seqüelas. Um deles ficou com cicatrizes profundas na perna, outros se queixam de dores e choques no local da picada.

A prestação de socorro é incerta em grande parte do interior do município, assim como em outros locais da Amazônia. No caso da malária, a Funasa fornece o remédio (quinino) tanto para o freguês quanto para o patrão quando é solicitado. Nos lugares de complicado no acesso, há dificuldade de deslocamento de paciente acometido por doença grave ou é vítima de acidente que precisa ser removido, sobretudo dentro dos varadores no centro da floresta.

Se hoje é difícil, imagine há alguns anos atrás. O meu irmão era também piaçabeiro e morava na Vila Conceição. Ele se acidentou dentro de casa ao cair de uma rede e bater com as costas no nó do assoalho da casa que era feito de paus. Nós tivemos que levá-lo para Manaus pelo seu patrão pois sentia fortes dores. Passou por duas cirurgias para voltar a trabalhar (A. S. 54 anos, Entrevista /2006)



Figura 15 - Carvoeiro - Barcelos: comunidade beneficiada com luz elétrica
Fonte: Fotos Zig, 2007

Os partos eram realizados sem pré-natal e com a ajuda de parteiras. Dona Antônia era uma das mais experientes e conhecidas parteiras no rio Padauri, a ponto de ser transportada de uma comunidade a outra para partejar, ou as mulheres grávidas vinham dar à luz em seu sítio. Seu filho

relatou que, "nunca houve problemas de morte nas mãos de minha mãe. Fez o parto de todas as noras e filhas durante a sua vida. Os remédios²² eram chás caseiros e outros remédios, óleos, banhos" (E. O. S. Entrevista/2005).

Galvão (1976, p.88) assinala que "o atendimento aos partos no interior, é feito por mulheres semi-profissionais, curiosas. Hoje [...] recebem orientação do posto de saúde, tendo melhorado consideravelmente as condições de higiene em seu mister". Estas chegam a se convencer de que sabem mais a respeito de parto do que o próprio médico, saber advindo do conhecimento de rezas e benzeduras herdadas de seus ancestrais.

Quem vive na floresta e não tem acesso fácil às técnicas de cura demandadas pela ciência, lança mão da sabedoria tradicional para o estabelecimento de cura, segundo Lévi Strauss (1985), fruto da experiência coletiva que também é ciência. Podemos utilizar a argumentação de Lima (2001) de que o organismo humano dispõe de um aparelho de regulação que se caracteriza por acomodação e adaptação às circunstâncias. É o que vem sendo realizado pelo nativo amazônico no percurso da história, especialmente após a chegada dos europeus.

Em contraposição aos argumentos sobre a atribuição das doenças ao clima, há autores que discordam desse pensamento. Um deles é Batista (1976) quando ressalta que as pessoas originárias de outros países frios e temperados têm que se convencer de que o verdadeiro fardo do homem branco nos trópicos é pretender transplantar para cá a sua própria civilização. As doenças não decorrem diretamente do clima, e sim do desenvolvimento de algumas pragas, incluindo conhecidos transmissores que se desenvolveram potencialmente nas regiões quentes e úmidas.

²² Ficou explicitado nas falas de alguns entrevistados que as doenças e as cura são resolvidas com remédios naturais e alopáticos. Os remédios mais ingeridos são antibióticos, vermífugos, analgésicos, óleo canforado para picada de insetos e o quinino para malária, encomendado do patrão ou comprado na sede do município. Os remédios caseiros eram mais conhecidos e utilizados pelos caboclos e indígenas. São raízes, folhas, cipós, cascas de paus com os quais preparam chás, bebem os sumos, fazem banhos e imersões.

Os insetos nocivos mais comuns que se desenvolvem na região vieram de fora e proliferaram, com raras exceções, alguns são próprios da região. Entre os mais agressivos e perturbadores, de acordo com o mesmo autor (1976), são a mutuca (gênero *Fidena*), os piuns (*Simulídeos*), maruins (*Ceratopogonídeos*), carapanãs e muriçocas (*culicídeos*), tocandira, aranha caranguejeira de vários gêneros, cabas (*vespídeos*), mucuins, etc. Mas uma das questões antigas que nunca ficou resolvida foi mesmo a falta de assistência, aspecto que sempre foi deficiente, com uma dose de falta de vontade política que vem do passado.

Roquete Pinto (apud Batista, 1976) aponta que a fera pior que a nocividade do ambiente são as doenças causados pela falta de assistência e defesa do homem. Muitos trabalhadores reclamam do abandono político e chegam muitas vezes a argumentar que os governos e outros políticos só os procuram em épocas de eleições para pedirem votos, não demonstrando qualquer dificuldades em chegar às comunidades de trabalhadores. Mas para dar assistência colocam a maior dificuldade. Péres (2003) critica que, na realidade, não há é um programa sério de saúde.

Antônio (ex-piaçabeiro) falou sobre o compadrio como uma forma de ligação mantida entre as pessoas que moravam próximas das comunidades. Normalmente, era escolhido para padrinho de batismo do filho uma pessoa com a qual se tinha afinidade, podendo ser até um patrão também. A relação de compadrio é interessante para o patrão e para o freguês, porque aparentemente une, constringendo o cometimento de quaisquer atos que desagradem a ambos e quebrem os vínculos, pois o padrinho representa o segundo pai, embora para muitos esse pensamento tenha caído na banalidade.

Péres (2003, p. 308) situa a afinidade do compadrio com o patrão na "posição liminar entre o aliado e o inimigo, o próximo e o distante, o parente e o estranho, o protetor e o predador", relação que vai além do plano econômico do extrativismo, compreendendo também o espaço urbano. É uma relação que guarda a ilusão de parceria e cumplicidade no trabalho. O freguês

poderia ter em mente a possibilidade de um tratamento diferenciado e uma maior consideração de seu patrão nos negócios. Santos (2003, p. 140) conclui que esse tipo de relação pode ser sintetizada na relação de confiança.

De acordo com a realidade retratada nas falas dos piaçabeiros entrevistados, a ausência de entretenimento é visível para quem vive na floresta, a não ser as festas religiosas²³ uma vez por ano. No rio Padauri uma das festas mais tradicionais foi a de São Francisco, muito animada e participada por piaçabeiros e seringueiros e outros moradores e trabalhadores daquele rio, embora não seja mais forte como no passado quando havia maior quantidade de pessoas no local.

Em todas essas festas, há o imbricamento de elementos sagrados e profanos, naturais e sobrenaturais que se complementam dando forma a estes rituais de características semelhantes com as que acontecem em outros lugares do Brasil, frutos da mistura de elementos culturais europeu, negro e indígena, como vem abordado em Galvão (1976). Em um momento se realizam os rituais sagrados da reza, ladainha, levantação do mastro, mas sempre com a expectativa do outro momento no qual ocorrerá a manifestação profana do comer, beber, paquerar e dançar nas festas, acompanhadas por instrumentos improvisados²⁴ e algumas vezes modernos.

²³ No interior, o convite era lançado a todas comunidades de trabalhadores do rio Negro através do rádio. O dono da festa costumava mandar com antecedência pelo patrão o aviso-convite para por em uma emissora de rádio de Manaus, convidando a todos que quisessem comparecer à festa. A gente já sabia até a época, só ficava esperando o convite. Em um lugar denominado Acuacu (Padauri) havia a festa de São Francisco, muito freqüentada que acontecia de 25 de setembro até 4 de outubro. Era levantado um mastro no primeiro dia e derrubado no último. Patrões e fregueses se reuniam e extravasavam dançando, comendo, bebendo, trocando conversas e rezando em homenagem ao santo de devoção. Nesses encontros aconteciam as reconciliações, a paquera, o ajuntamento e quando havia a autoridade do padre, o casamento. Muitos patrões nas festas aproveitavam a situação para vender ao freguês bebidas, perfumes, fogos de artifício, cortes e quinquilharias. Muitos piaçabeiros empolgados com as moças que compareciam a festa, para não fazer feio se endividavam comprando tais produtos querendo mostrar que podiam e tinham dinheiro. Uns se perfumavam para paquerar e muitas vezes até presenteavam as suas escolhidas. Naquela época usavam o modelador de cabelo que deixava o cabelo arrumado, era a brilhantina, e o caboclo gostava muito de usar, principalmente aqueles que tinham cabelos mais rebeldes. Em anos de eleição havia o comparecimento de políticos dos municípios do rio Negro, como o prefeito, o vereador e o padre para fazer casamentos e batizados.

Não faltavam nessas festas os elementos tradicionais, como novenas, ladainhas, procissões e outros rituais simbólicos, que eram os elementos sagrados da festa. Depois da reza sempre vinham os comes, bebes e danças. (J. B. L., Entrevista / 2005).

²⁴ Eu assisti muito essa festa antigamente ao som do radinho de pilha, ou de pequenos instrumentos feitos de paus e latas, como cavaquinhos e pandeiros que eram confeccionados pelos próprios moradores e donos da festa. Mais tarde vieram os aparelhos de som que fizeram muito sucesso, movidos a motores de luz. Tornaram a festa mais animada

As festas são empolgantes²⁵ por não acontecerem freqüentemente no interior, de modo que os trabalhadores e moradores se animavam e queriam extravasar em poucos dias o que passavam meses e até anos sem fazer. Um dos piaçabeiros expressou opinião de que essas festas eram o momento de congregar os fregueses, de trocar experiências, rever pessoas, saber notícias, especialmente quando os patrões chegavam e, com eles, colegas vindos da cidade cheios de novidades para contar. São essas festas que cortam o ritmo de vida durante o ano destes abnegados trabalhadores da floresta.

A vida na Amazônia aparece envolvida por tradições que afetam todos os momentos da vida grupal na luta pela sobrevivência, a ponto de não deixarem de lado os rituais e crenças deixadas pelos antepassados ainda hoje praticados. Os santos na vida laboral representam os fazedores de milagre e os punidores pelos erros cometidos. Os seres sobrenaturais que envolvem o seu imaginário são provenientes das forças da natureza que irão possibilitar a miséria e a abundância. O real e imaginário andam de mãos dadas.

com as suas potentes caixas de som. A sala que era na base da lamparina ficou mais iluminada, com o passar dos anos até a luz vermelha foi introduzida. Muitos pais até não gostaram desse tipo de iluminação porque incentivava o esconderijo para a sedução nas festas, que não era diferente da lamparina.

O piaçabal para o jovem é muito difícil, por não haver diversão e muitas vezes não tem com quem conversar sobre certos assuntos. O que havia era cachaça levada pelos patrões e algumas vezes danças improvisadas seguidas as vezes por brigas de bêbados. Mas sempre havia a turma do apaziguamento nas confusões e motins que aconteciam, procurando junto com o delegado nomeado pelo mordomo da festa, manter a ordem. O escolhido era sempre uma pessoa de muito respeito e de bom caráter. Se aparecesse algum enfurecido que não quisesse se acalmar era logo amarrado. Por isso era raro acontecer problemas mais sérios de violência (J. B. L., Entrevista / 2005).

²⁵ Lembro de uma passagem quando o Raimundo Marques era nosso patrão, eu tinha de nove para dez anos, quando fomos para uma colocação do igarapé Vinte Oito, onde se encontravam cerca de 30 pessoas entre homens e mulheres na extração de piaçaba. Como não havia diversão, ouvíamos a noite a rádio educadora de Tefê que tinha um programa a partir de 22 horas que só era melodia que as pessoas ofereciam para aniversariantes muito animada e participada. Meu pai tinha um radinho da marca Sanyo pegava muito bem essa emissora de rádio.

O pessoal já havia bebido muita cachaça, inventou um aniversário e resolveu fazer uma festa. Havia algumas meninas filhas de Seu Miguel Arcanjo e Manoel Sanchez que serviram de damas. Ligaram o rádio em algumas caixas de som que eles mesmos construíram com fones velhos que um deles guardavam. Nessa noite dançaram tanto que não sei que horas a festa terminou porque dormi. Entre uma série de melodia e outra, enquanto os locutores anunciavam as músicas e falavam, as pessoas aproveitavam para tomar uma cachacinha com limão, e as mulheres sentavam e ficavam esperando.

Era o dobro a quantidade de homens para mulheres, de modo que um ficava esperando o outro para poder pegar a dama. Não dançava homem como homem. Nessa época eu nunca vi homossexualismo e é muito difícil um antigo ter visto um caso.

Certa ocasião o pessoal chegou a fazer festas batendo em baldes no ritmo de marchinha de carnaval. Chegava-se a remar de uma comunidade para outra para se reunir, trocar idéias, saber notícias, jogar futebol. Era a única maneira de se divertir não tinha outra coisa, era uma espécie de confraternização (J. B. L., Entrevista / 2005).

As atividades produtivas realizadas pelos povos tradicionais na Amazônia combinam formas materiais e simbólicas com as quais os grupos humanos agem sobre o território. Sob esse prisma, Castro (1997) considera que o trabalho ultrapassa a realidade econômica dos povos tradicionais, porque reúne aspectos visíveis e invisíveis nas relações que cria quando se apropria da natureza para trabalhar e sobreviver. São reunidos numa mesma dimensão elementos técnicos, mágicos e rituais, e enfim, o simbólico.

Essas representações simbólicas e míticas têm suas limitações. Dependem muito dos saberes, dos interesses e forma de agir de cada grupo sobre o território, apropriando-se dos bens da natureza. Seus conhecimentos implicam a organização do trabalho e brotam de uma herança cultural milenar atualmente em perigo, tendo em vista a apropriação dos mesmos conhecimentos para a obtenção de lucro. Os rituais são crenças que possibilitam o agradecimento pela abundância e a negação da escassez.

Com base nos textos da autora citada, compreende-se que a cadeia de sociabilidade formada pelos rituais, crenças, festas, encontros, são formas de retribuir e agradecer aos espíritos tudo o que se obteve de sucesso num determinado momento. Os fracassos sinalizam na vida desses povos o descontentamento dos espíritos da floresta e das águas, por isso, diversas etnias fazem rituais para agradecer o sucesso de uma safra agrícola ou de uma pescaria. Nessa relação se embutem saberes coletivos de modo inconsciente que limitam as ações degradadoras e refletem a sabedoria que têm.

As lendas de boto, cobra grande e encantadas continuam sendo contadas pelos que vivem em contato com floresta, lagos e igapós, na luta pela sobrevivência. Tanto o piaçabeiro ou outro trabalhador da floresta sabe como lidar com essas situações porque respeita os processos naturais, limitados pelo imaginário do perigo e do medo, de maneira que vive nesse ambiente por muitas gerações sem por em risco seus recursos.

No imaginário, as existências da figura dos encantados e espíritos da floresta em forma humana ou animal podem ser configurados como elementos de limitação a depredação da caça e pesca, de modo que só use o que tem necessidade. O curupira é o personagem mais temido da floresta, ouvido e visto por muito trabalhador. Para o caçador, o piaçabeiro, o castanheiro e outros sempre haverá a possibilidade de encontrar o curupira, considerado por eles como o protetor das matas e dos animais, especialmente se matar além do limite, bem como é possível o pescador ter encontro com os encantados protetores de rios e lagos.

Péres (2003, p. 316) reforça que,

no imaginário interétnico regional [...] as matas, os rios, os lagos e os igarapés são habitados por forças malfazejas (curupira, espíritos dos mortos e encantados) e humanos dotados de poderes sobrenaturais e ameaçadores (matis, maquiritares), tornando necessária uma série de cuidados especiais no manejo dos recursos "naturais" e no trato com os viventes. [...] As rezas e os benzimentos são mecanismos de proteção que servem para domesticar, acalmar, entabular um diálogo com os senhores das matas, dos rios, e dos lagos [...].

O mesmo autor enfatiza que os não-indígenas também compartilham dessas crenças. Antônio exprime a sua reação quando se deparou com um bicho que atribui ser um curupira que ele denomina "caboquinho do mato."

Presenciei muitos fatos e histórias ao longo de minha vida de mato e coisas que aconteceram comigo. Um delas aconteceu certa vez que saí para cortar piaçaba, quando tive que enfrentar um temporal. Como já havia terminado de cortar coloquei o pacote em cima do pau, escutei três assovios tristes e finos no rumo do caminho que devia voltar. Ao tentar voltar vi um grande animal igual a um ser humano no meio. Era baixo e cabeludo e tinha cara de macaco, com um jabuti embaixo do braço e um cacete na mão. Talvez fosse o chamado caboquinho do mato. Ele se aproximou e eu preparei a espingarda que sempre levava para abater alguma caça que porventura atravessasse o meu caminho e por outro lado trabalhador que se preza não anda desarmado. Estava com a arma em punho, mas rezava ao mesmo tempo. O bicho foi embora. Depois de algum tempo ouvia as pancadas na sapupemba²⁶ e assovios. Fui voltando pelo caminho para o meu barraco pelo mesmo caminho que estava impregnado por um pichê deixado pelo animal.

Certa vez ia subindo o igarapé do Acuquaia no Padauri por volta de três horas da tarde numa canoa, quando topou com um bando de queixada. Matou um e saiu para matar o outro na campina e viu diversos passando por perto e no final estava um grande, parecendo ser o líder. Em suas costas vinha uma pessoa. Era uma figura humana que parecia um macaco. Parou de atirar e ficou com medo (A. A. 58 anos, Entrevista / 2005).

²⁶ planta que nasce ao redor de um pau-urucuranha e arabá.

O mesmo autor (p.317) ressalta que o curupira é descrito como uma criatura extraordinária que tem existência verdadeira para muitos jovens engajados no extrativismo. Ele zela por um patrimônio supra-humano. "As leis vigoram na mata não são 'naturais' são convencionadas ou sancionadas por estes 'espíritos encantados'" Existem uma série estratégias e condutas que evitam o ataque desses seres. Intervir na floresta é um risco, pois existem regras e procedimentos para não ofender os seres invisíveis. Dessa forma, a relação entre estes seres, protetores da floresta (curupiras e encantados) e os extrativistas é delicada e requer habilidade.

Aconteceu no Rio Aracá um freguês explorador de piaçabais saiu em busca de encontrar locais bons para trabalhar. Devido a um temporal perdeu o rumo e foi encontrado morto perto de uma piaçabeira gigante, sentado, com a cartucheira na cintura e a espingarda em estado de putrefação. Fazia 15 dias que havia sumido, sendo enterrado no mesmo local. Até hoje não se sabe do mistério dessa morte (R. E. A. Entrevista / 2003).

O referido piaçabeiro disse que não é conveniente sair para a mata se perceber que o tempo está chuvoso. Além do mais, quando se está em seu interior (do mato) algumas vezes acontecem temporais de surpresa. Nesses momentos se torna um perigo andar nos varadores, correndo-se o risco de ser picado por cobra, de contrair uma doença por causa da umidade e frio, de levar uma pancada com pau por causa do vento forte, de cair no caminho liso e na travessia do igarapé, de sofrer alagações se estiver dentro de uma canoa, enfim, são inúmeras dificuldade que ocorrem.

Existem locais sagrados para certas culturas nativas, poços onde existe uma cobra grande ou outro animal perigoso. No imaginário do piaçabeiro ou de qualquer trabalhador do interior e até da cidade, os locais de encantamento são representados por lugares sombrios, profundos e com grandes correntezas. Geralmente as pessoas do interior evitam passar por esses locais.

Tem coisas devemos ter muito cuidado no interior, principalmente com mulher menstruada que chama bicho. Procurava sempre fazer defumação com breu e cantar para espantar os males e espíritos ruins que rondam a casa e a canoa. Natural e sobrenatural fazem parte do mundo da floresta, o desconhecido assusta e se traduz pelo respeito que o trabalhador da floresta tem pela natureza (A. A. S.,61 anos, Entrevista / 2003).

Elói (ex-piaçabeiro) relata o que se passou com um conhecido ao duvidar das coisas. No relato parece haver a compreensão de que a referida pessoa foi punida pelo fato de ter debochado dos encantados e dos espíritos.

Conheci um homem na época que gostava de fazer gozação quanto a certas crenças, pois não acreditava nas assombrações da mata e resolveu fazer um teste no mato com o curupira porque não acreditava nas histórias sobre este animal. Comprou duas garrafas de cachaça e deixou no varador onde aparecia rastro do animal. Disse que beberia com ela se aparecesse. Quando ele voltou no dia seguinte ele estava lá. Ele ficou doidinho e acabou morrendo no rio Quiuini.

A irmã dele foi apanhar tucumã no mato e estava menstruada. Não demorou muito ela voltou maluquinha da cabeça. O bicho tirou a sombra dela. Ficou curada depois de muita reza, mas ainda hoje sente dor de cabeça (R. E. A. 70 anos, Entrevista /2005).

Galvão (1976, p. 64-77) diz que, ao lado das crenças e instituições católicas, existem outras que estão arraigadas na mente, tratadas como superstições, mas capazes de despertar atitudes emocionais e místicas na mesma intensidade que as do corpo do catolicismo. As atitudes emocionais momentâneas evitam e trazem perigos também. As atitudes de hesitações, teimosia e dúvidas podem resultar na perda da sombra, no encantamento, em doenças graves, em panema²⁷, resultando em loucura e até mortes.

Vejamos um caso de encantamento relatado pelo sr. Elói ocorrido com uma parente sua no rio Demeny, num lugar conhecido por Pai Raimundo antes dos anos sessenta.

Uma de minhas parentes também foi encantada por bicho no rio Demeni, no dia da festa de São Francisco. Dançou a noite toda e desceu para tomar banho e não voltou. Na sessão espírita sua família descobriu que ela havia sido encantada e foi desencantada no encontro das águas em Manaus, onde apareceu de calcinha e sutiã. Em uma carta ao irmão disse que estava bem e tinha trocado de nome. De Juliana passou a atender pelo nome Anália. Tinha quinze anos e ficou dez anos desaparecida. Sofria de ataques epiléticos. Há hipótese dela ter fugido, mas só estávamos nós naquela comunidade e o namorado estava lá. Disse até que ficaria assim mesmo com ela, de modo que via a sua assombração. No dia que apareceu de verdade não teve mais coragem de falar com ela e a deixou (R. Elói, 67 anos, Entrevista / 2005).

O mesmo autor (1976) enfatiza que as pessoas respeitando os santos e outras entidades não têm o que temer. O piaçabeiro quando se encontra na colocação acompanhado de sua família ou mesmo só, procura não queimar alimento na mata e nem deixar boiar a panela²⁸, comer comida

²⁷ Azar que acomete o trabalhador na hora de caçar e pescar, a ponto de não capturar uma presa nem para alimentar-se. A cura se dá através de benzimentos e remédios caseiros (WAGLEY, 1999).

²⁸ Deixar que a comida derrame na hora do cozimento.

fria e crua porque tal fato chama bicho misterioso da mata. Segundo depoimentos é um bicho que assovia forte e faz barulho quebrando pau furioso, leva o trabalhador sair do lugar correndo para não ser atacado, pois desconhece a face deste ser que protege a mata de incêndios provocados pelo descuido.

No pensamento de Tomé (ex-piaçabeiro) o real e o imaginário representavam o suporte contra os perigos. Procurava prevenir-se seguindo as regras nas quais foi educado, revelando prudência e precaução no âmbito da sobrevivência.

Comigo isso nunca ocorreu porque sempre segui o que me ensinavam. Sair em jejum para o mato, por exemplo, é um péssimo negócio porque se agente for ferrado por algum inseto a pessoa logo fica fraca e não vai poder nem se locomover. Muitas vezes tive que sair para pescar sozinho e cheguei a ver muita marmota. Uma delas é ouvir alguém chamando pelo meu nome bem alto. Lá em Barcelos eu estava em casa e meu sobrinho que estava no interior apareceu para mim às 3 ou 4 horas da tarde, perguntando se eu estava com febre e ainda pegou em minha coxa. Mais tarde fui à casa de meu filho mais velho que estava morando em outro bairro da cidade e este lhe disse que o fulano tinha morrido. Eu não acreditei e mesmo com um tumor embaixo do braço saí fui à casa onde estaria havendo o velório, constatando que era a mesma pessoa que há menos de uma hora havia visto (T. de S., 87 anos, Entrevista / 2005)

Maria conta que os descuidos trazem surpresas desagradáveis que envolvem susto e o medo, de modo que chegou um momento em sua vida que nada mais a assustava. Ela registrou que,

certa vez quando voltávamos de canoa, já era noite e paramos para dormir em um lugar limpo e bonito no beiradão. De manhã foi que notamos que havia três sepulturas no lugar. Mas já era tão comum a gente se deparar com certas coisas que eu nem me assombrava mais. A gente ouvia bater em tábuas para dentro das matas onde não tinha uma viva alma, vimos rastro de bicho tipo gente, eram pegadas distantes umas das outras sem dedos. Meu pai foi num determinado lugar ver se encontrava piaçaba, passando perto de uma árvore de tronco grosso chamado conori, raiz de sapupemba. Sentiu uma catinga que não era comum, nem parecia com carniça ou outro cheiro conhecido e havia muita mosca. Imaginou que fosse um curupira, porque o lugar era muito lindo, cheio de rochas (pedras de amolar), dentro do igarapé do Galo da Serra, era de madrugada. (M. S., 44 anos, Entrevista / 2005).

Péres (2003, p. 316) avalia, que "o homem precisa controlar os meios adequados de comunicação e relacionamento com estes seres potencialmente predadores, causadores de doenças e morte". Nem sempre a linguagem transmitida por estes seres imaginários é compreendida, especialmente para quem está observando de fora os fatos que não dão credibilidade às formas de

defesa utilizadas pelo trabalhador da floresta (piaçabeiro, seringueiro, castanheiro, pescador, piabeiro, entre outros).

Apolônio trabalha há 60 anos com piaçaba dentro do Padauri e ao longo de sua experiência diz ter visto e escutado muita coisa incomum, mesmo depois dos tantos anos morando no interior.

Uma vez fiz uma caçada e coloquei armadilha com uma espingarda para matar anta e voltei para casa para esperar. De repente eu ouvi um disparo naquela direção e fui verificar imediatamente. A arma estava intacta. Na volta senti um sombroço como se algo fosse me cobrir. Antes, porém eu já havia ouvido o esturro de um porco e não consegui vê-lo. E olha que eu me encontrava só no lugar (sítio Vila Conceição onde mora) (J. A. P., 73 anos, Entrevista / 2005).

Outro piaçabeiro disse que o trabalhador e morador do interior vêem e ouvem coisas que não quer.

O medo das coisas estranhas arrepiam, bicho grita e outras coisas que a gente sabe que não existe. Certa vez saí a noite para pescar e ia remando perto da margem umas sete horas da noite, quando de repente começou a fazer um barulho estrondoso, como se fosse uma caixa de som dentro da mata. Fiquei com medo naquele dia. Os mistérios da mata nem o cientista sabe. A mata tem ciência. Deixar comida queimar e até não tomar banho dá temporal. Durante as chuvas o tamanduá grita igual uma pessoa. As cobras se movem com temporais. Na Ilha de Caiuna meu filho viu uma imensa cobra, grossa como um tambor, quando pescava no remanso. (S. P., 57 anos, Entrevistado/ 2005)

Antônio entrevistado em 2003 relata que conhece casos de pescadores e caçadores que pescam e caçam sem limite, além do que vai consumir demonstrando uma grande irresponsabilidade, porque sabe que não vai comer tudo.

Tem pescador que faz estrago nas pescarias deixando grande quantidade de peixe morto no rio por não dá conta de carregar, ou então seleciona os que mais são procurados pelo consumidor e joga o resto fora. Além do mais para fazer estes exageros utiliza-se de técnicas depredatórias, como bombas e arrastões nos lagos, não dando a mínima chance para o peixe sobreviver (A. A., 58 anos, Entrevista / 2005)

No rio Negro existe a prática de costumes no cotidiano que retratam a religiosidade, que vem da mistura de tradições indígenas com as de povos que penetraram na região em determinados momentos econômicos desde a colonização. Esses momentos atuaram na construção de valores, costumes e representações da cultura regional. Todo esse conteúdo

apresenta elementos novos e tradicionais engendrando um novo conteúdo cultural que não descarta o velho.

Em Barcelos, tanto na cidade quanto no interior se presencia a atuação ativa dos rezadores ou benzedores que são procurados por mães que levam as suas crianças para serem benzidas por terem contraído quebranto, mau olhado, ventre caído ou "vento caído". Quando existe necessidade esses rezadores ensinam remédios, banhos e chás que junto com as reza ajudam na cura. Antônio afirma ter este dom que recebeu através de um sonho há muitos anos, quando ainda tinha quatorze anos e até hoje pratica, pois, para ele, é uma forma de praticar o bem. As orações ele foi aprendendo.

Tomar bênção dos pais é outro elemento cultural que diversas famílias guardam, hábito que é ensinado aos filhos desde criança. Tomar bênção de manhã e de tarde, quando se sai e se chega em casa, antes de dormir é um valor mantido por muitas famílias. Segundo A. Souza: "lá em casa a gente tomava bênção dos pais, de todas as pessoas mais velhas e de parentes. Fomos ensinados a tomar bênção até das visitas que chegavam em casa. E ai de quem esquecesse" (Entrevista / 2006).

Outro costume muito corrente observado no interior está relacionado ao nome dos filhos. Existe muito nome em homenagem a algum santo para que este possa proteger a criança. Encontram-se os Josés, os Franciscos, os Joãos, as Marias, os Pedros, dentre outros Os nomes exóticos que são colocados nos filhos hoje têm mais relação com a cidade e com os meios de comunicação da moderna sociedade.

Ter em casa alguns elementos simbólicos como água benta para benzer a casa e batizar crianças em casa, a palha benta do domingo de ramos para proteger a casa dos temporais inspira segurança para as famílias. Um pedaço de carvão pendurado em algum canto da casa para espantar o mal, algum quadro ou imagem de santo, também é sinal de segurança.

Os sinais e crenças elementos que orientam a vida cotidiana de quem vive na floresta, de maneira a evitar males, criam limitação às ações do homem sobre natureza. Das crenças mantidas por muitas famílias de piaçabeiros, existem aquelas que são de grande utilidade, uma vez que comunicam coisas interpretadas como avisos que trazem alento, esperança e alegria para a continuidade do trabalho, bem como trazem tristezas, mau pressentimento, mau agouro. Vejamos algumas delas narradas pelos piaçabeiros:

O mutum quando canta no tempo do rio secando. Se cantar às 6 ou 7 horas da noite é porque vai haver repiquete (o rio tem uma cheia fora de época, temporariamente) que depende de chuvas. Quando vai fazer sol ele canta à boca da noite; O inambu e a macucaua quando cantam distante do rio estão prevendo enchente e perto do rio a seca. O rastro deixado pelo jacaré-tinga quando sobe à praia anda e dá volta deixando marcas indicam onde vai chegar a enchente daquele ano.

No Padauri há um sapinho roquinho que é certo, quando ele começa a coaxar no mês de fevereiro ainda meio roquinho está anunciando a enchente, e quando começa a cantar mais forte anuncia a enchente maior. É um sinal de alerta para as pessoas que moram e trabalham no lugar, especialmente ao seringueiro que tira seringa na ilha que durante a enchente alaga. Assim ele guarda seus utensílios de trabalho para o outro verão: baldes, paneiros, tigelas e facas. Quanto mais cantante fica o sapinho, maior é a enchente.

Fevereiro, março, abril, maio, junho, julho é sapo cantando para todo lado. No final de julho cessa totalmente, aí vem a quebra d'água, quando o rio pára de encher e equilibra. De 15 a 20 de agosto começa a vazante e o verão, quando canta a saracura, mutum, macucaua anunciando o verão. Vem aí a fartura dos lagos cheios de folhas e peixes, pegavam peixe liso com o espinhelão e botavam pulado no lago com armadilha de pau, anzol e isca. Quando o peixe morde a isca é visgado e fica pendurado (A. A, 58 anos, Entrevista / 2005).

São sinais observados que são usados pela coletividade em seu cotidiano e que vão sendo repassados para outras gerações. A. Souza (2005) aponta que a reconstituição de hábitos, dos gestos, dos saberes do cotidiano, da sensibilidade, da mentalidade, fica pairando no espaço. São particularidades que revelam as diferenças entre as culturas, as sociedades, os costumes, as normas, as organizações, as multiplicidades de acontecimentos.

Outros fatos registrados por Antônio são referenciais para reconhecermos o potencial dos conhecimentos dos piaçabeiros e moradores do interior.

Eu vinha voltando de uma caçada na qual havia matado oito porcos e ouvi barulho de queixada no caminho a minha frente. Segui em frente rumo ao barulho do bando para ver onde estavam, mas não consegui ver nenhum no rumo do barulho. No lugar em que me encontrava próximo aos meus pés estava surucucu pronta para o bote. Não sabendo o que fazer dei um pulo para trás e dei-lhe um tiro. Essa cobra só anda de par e só ataca se for tocada. Depois de passado o susto fui chamar gente para carregar a caça. À noite ao

dormir tive um sonho e uma senhora me disse que eu havia matado uma cobra, mas outra que era par desta iria atrás de mim. Vá embora deste lugar se quiser viver mais anos, de forma que saí de lá e não retornei mais.

Outra vez cortava seringa no lago do Maiá junto com um companheiro de trabalho. Fomos visitar a casa dele, cada um em sua própria canoa. Vinham em um lago que tinha um poço. Próximo ao poço começou a haver uns estalos e a água tremia e borbulhava, saindo peixe de todo tamanho. Nós saímos remando ligeiro com medo. Eu olhei para trás e vi ondas altas, levando a poronga de Leonel cair na água. O fato é que lá mora uma cobra que naquele momento podia está em movimento (A. A. S. Entrevista / 2005).

A relação do trabalhador com a natureza está envolta por atitudes de medo e coragem que tem diante do que concebe como perigo. Ao mesmo tempo, são situações que mostram o conhecimento do ambiente onde vivem, de modo a saberem como se defender no momento crítico dos perigos reais. Castro (1997) avalia que a "adaptação a um meio ecológico de alta complexidade realiza-se graças aos saberes acumulados sobre o território e às diferentes formas pelas quais o trabalho é realizado". Como podemos conferir na fala abaixo nas estratégias utilizadas por Apolônio para conservar a piaçaba.

A piaçaba é vermelha, mas se pegar uma semana de sol fica branca. Assim para entregar ao patrão precisa ser colocado no sol por uma semana.

A melhor maneira de conservar o produto é deixar o pacote amarrado secar na barraca, porque se perde menos produto, de modo que ele não fique tão quebradiço. Se deixar o produto por uma semana na mata você pode verificar que ele começa a enraizar. Ela é chupada pela terra e vira terra de novo. Agora conservar a piaçaba na água ela fica mais resistente e sua coloração fica mais escura. A se cortar piaçaba em seis ou sete árvores, já se imagina quanto vai dá de peso. A fruta dá vinho como o de açai, bacaba e patauá. Também frutas como uixí, piquiá e unuri e outras plantas oleaginosas que se tem e se perde. Me perdi durante quatro dias nas matas porque errei o atalho, mas a escola da vida ensina como lhe dar com a situação. A gente pode se alimentar de frutos como uixí, piquiá, unuri e outras plantas oleaginosas. A falta de relógio ou de bússola leva o caboclo a reconhecer sua posição pelas estrelas e lua e pela altura se sabia ver as horas e a posição na mata (J. A. Entrevista / 2005).

A relação que tais trabalhadores mantêm com a natureza desde os tempos pretéritos de sua existência define a sua concepção de vida e valores fundados nas suas experiências coletivas. O respeito que sempre manteve com a natureza e a crença nos espíritos da floresta, nos rios e na terra limitaram a sua ação a ponto de criar critérios para o uso racional dos recursos naturais. É assim que durante séculos conseguiu manter a natureza quase intacta. Nas palavras de Torres, (2005, p 18) fica sintetizado que,

a vida na Amazônia campeia entre a contingência natural do mundo fenomênico e as representações do mundo imaginário sobrenatural. As populações indígenas locais têm na natureza uma grande referência. Dir-se-ia que a grande floresta, a terra e os rios representam o ponto de equilíbrio da própria vida. Toda a existência dos povos nativos é cingida não só pelo trabalho, mas também por um acervo cultural associado a uma mística que envolve as danças, os ritos e toda uma rede de significados e simbologia. Nas festas, as danças têm um sentido místico que une fé e vida.

A Amazônia talvez seja um dos últimos lugares onde ainda se encontrem áreas naturais intactas com povos sobrevivendo de atividades econômicas manejadas com técnicas simples aprendidas em tempos pretéritos com os ancestrais. As múltiplas atividades que os povos tradicionais realizam continuam tendo como base os elementais da natureza dadivosa que constituem a centralidade de seu trabalho e de sua vida, em torno dos quais giram todas as manifestações e a razão de existir, pois sem os rios, a floresta se tornaria impossível na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estou convicto de que só há uma força, hoje, no mundo, capaz de sustentar os ideais supremos de liberdade, justiça social e de paz: é a cultura!
(Djalma Batista)

Esta dissertação traz a constatação de que o extrativismo é uma das formas de sobrevivência mais importantes existentes no interior amazônico, especialmente porque preenche a lacuna do emprego assalariado inexistente nos piaçabais. Não se trata de dizer que esta atividade (extrativista) seja única vocação da região amazônica, do contrário, diríamos que a vocação econômica do Rio Grande do Sul seria a criação de bois em razão dos pastos naturais existente no território daquele Estado.

Quando se trata da piaçaba, podemos dizer que o solo da região do rio Negro foi propício para o desenvolvimento de grande quantidade dessa espécie de palmeira de relativo valor no mercado de capitais, apesar de o preço não ser favorável aos trabalhadores piaçabeiros. Não podemos deixar de reconhecer que a piaçaba foi um dos produtos mais extraídos pelos povos que habitaram e habitam esse solo, sendo básica na aquisição de renda, somada à extração de outros produtos e a agricultura de subsistência do tipo roça.

Do ponto de vista econômico e social, chegamos à conclusão de que o ofício de piaçabeiro não acabou, apenas sofreu desvalorização em razão da substituição da fibra de piaçaba por outros materiais fabricados, como o nylon e o plástico na confecção de vassouras, espanadores, cestos e cabos para navios que antes eram confeccionados com a fibra de piaçaba. Contudo, verificou-se que a vassoura de piaçaba ainda é um dos objetos utilizados na limpeza pública e doméstica em

muitos lugares, sendo, pois, mais procurada por sua resistência, durabilidade e preço. É mais barata e acessível às classes subalternas do que os outros produtos citados.

Muitos pais de família ainda recorrem ao ofício de piaçabeiro para o sustento de suas famílias por não disporem de outros meios mais rendosos quando comparados a serviços de menor rendimento que mal dão para suprir algumas necessidades. Constatou-se que a educação incompleta de baixa qualidade foi um dos maiores entraves dos povos tradicionais na entrada no mercado de trabalho formal. Quem deixava o ofício de piaçabeiro não estava preparado para enfrentar a concorrência de emprego na cidade porque tinha à frente pessoas mais preparadas, que tiveram mais oportunidades de acesso à educação formal.

O comércio teve como suporte o sistema de aviamento com poucas modificações nos dias atuais, pois o patrão fazia trocas de piaçaba com produtos de consumo no interior dos rios Padauri e Aracá. Mas foi de grande relevância social por ter sido a única forma de acesso a produtos industrializados nos piaçabais. Esse padrão de comércio continua sendo mantido nas áreas distantes das cidades onde se tem o contato com dinheiro.

De acordo com os dados desta pesquisa, muitos problemas de saúde foram enfrentados pelos próprios piaçabeiros porque a ausência de políticas públicas na região era realidade. O piaçabeiro não tem proteção, seguro de vida, salário, amparo à saúde e outros elementos constituintes de defesa e segurança para o caso de acidente e amparo à família em caso de morte. Os instrumentos utilizados no trabalho não dão segurança ao trabalhador, sendo, pois, a experiência adquirida nos anos de ofício a sua única arma. A prestação de socorro continua precária, pois sabemos que saúde nunca foi prioridade nas políticas governamentistas. Se as cidades do interior sofrem com a falta de médico e remédio, o que dizer da realidade no interior amazônico!

Percebemos que os trabalhadores não estão tão alheios ao que ocorre e acontece em relação ao ambiente do município. Muitos questionamentos foram feitos por piaçabeiros, pescadores e até pessoas que trabalham com turismo concernente à questão ambiental do município que constantemente tem seus rios invadidos por barcos de pesca (geladores) que se utilizam de métodos ilegais de pesca, deixando uma calamidade por onde passam, situação que vem se repetindo, levando à redução da quantidade de certas espécies de peixes e quelônios antes muito abundantes no município, dificultando a sua aquisição para a alimentação no âmbito local. Bem como se viu o descontentamento em relação à atividade da pesca esportiva que proíbe o acesso de pescadores locais em determinados lagos.

Historicamente o extrativismo no rio Negro esteve vinculado às formas de violência promovida pelos colonizadores portugueses consubstanciadas no resgate, guerra justa e descimento que redundaram em fugas, enfrentamentos litigiosos e extermínio de indígenas na região. Os padrões de piaçaba, de seringa e de outras formas de extrativismo contribuíram para a situação de empobrecimento destes trabalhadores, em razão da cobrança dos altos preços auferidos às mercadorias vendidas e o baixo valor que pagavam pela piaçaba. Não conhecemos um freguês de piaçaba rico ou farto na vida, mas encontramos padrões que podem ser colocados nesse padrão no município de Barcelos.

Percebemos que Barcelos preserve algumas de suas manifestações culturais representadas pelas variadas festas de santos existentes na cidade e interior. Entretanto, não mantém os mesmos padrões de antes, perdendo muitos elementos tradicionais. Eram nestas festas que os piaçabeiros podiam partilhar suas alegrias e esvaziar as suas tensões, levando-se em consideração que estas festas praticamente eram os únicos divertimentos no interior.

Comprendemos que a presença da sociedade civil organizada contribui para despertar a luta por direitos e a formação de cooperativas para estimular a busca de novas perspectivas de

trabalho, utilizando os produtos e a terra existentes na região. A organização dessas entidades políticas nos deu o entendimento de que os trabalhadores de Barcelos estão mais conscientes de seus direitos e mais ativos na busca de resolução para os seus problemas, mesmo que não tenham sido tão passivos no passado, condição mostrada por situações de resistência que ofereciam a seus patrões que nem sempre conseguiram dominá-los plenamente. Se analisarmos todas as lutas pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores, verificaremos que não partiu das classes dominantes, ao contrário, no Brasil foram as classes trabalhadoras e subalternizadas que ditaram as políticas ao Estado.

Muitas mudanças ocorreram trazendo relativas melhorias, uma delas foi concernente ao transporte. Se antes o transporte da piaçaba era feito pelo próprio patrão nos seus batelões do piaçabal até Manaus, agora é feito de recreio de Barcelos para Manaus onde se paga o frete, pois, na opinião dos comerciantes, sai mais barato. Em seus barcos, trazem a piaçaba somente até a cidade de Barcelos e embarcam para Manaus, de onde parte de carreta e/ou navio para outros estados, como Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais com frete pago pelo exportador.

Tudo o que nos foi informado e relatado pelos piaçabeiros nesta dissertação nos permitiu construir uma visão geral dos problemas enfrentados pelos trabalhadores extrativistas e conhecer mais de perto o ofício de piaçabeiro, os acontecimentos de seu meio social, a sua cultura, os seus anseios, as esperanças, as dificuldades, enfim, a sua condição de vida. A história pessoal dos entrevistados nos convenceu de que não se pode negar a eles o poder de se expressar, de falar de seus propósitos de seus anseios, de falar de suas experiências pessoais. Burke (1992, p. 53) nos diz que "a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica de compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história".

Ficou evidente que o trabalho na piaçaba, apesar de ser importante para muitas famílias em Barcelos, não suscitou o interesse e nem prioridade no plano de desenvolvimento sustentável, sem dúvida porque o grande capital não se volta a investimentos num tipo de produto de baixo valor e de pouca abrangência no mercado de capitais. Sabemos e que a piaçaba é um produto pontual na Amazônia e, quando comparado a outros produtos e serviços implementados em outras partes da região, não poderá dar o mesmo retorno em termos de Estado e até em âmbito mundial, como é o caso do petróleo, mas se houver interesse pode ser o meio de sustentabilidade pelo menos para uma parte da população que historicamente foi espoliada, em Barcelos e até dos outros municípios de Alto Rio Negro.

Dos entrevistados do ramo da piaçaba, verificamos que seis continuam trabalhando com este produto, incluindo o comerciante enquanto os demais fixaram residência na cidade e desempenham qualquer trabalho. Não se tem número definido de quantos atuam em determinado serviço, mas buscaram os serviços que mais fazem para manter-se. Eles estão distribuídos em diversos trabalhos como roça e pescaria, serviços de pedreiro, vendedores de algum produto (merenda, açaí, patauí, farinha dentre outras), uma recebe pensão e os mais velhos recebem aposentadoria por idade ou como soldados da borracha, cerca de quatro são funcionários públicos, sendo dois professores e dois administrativos. Destes apenas um mora em Manaus onde trabalha numa escola de ensino médio.

REFERÊNCIAS

ALBERTIN, Catherine. A ocupação da Amazônia. Das drogas do sertão à biodiversidade. In *A floresta em jogo. O extrativismo na Amazônia central*/editora científica Laure Empeaire. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ALBUQUERQUE, Gérson Rodrigues de. *Seringueiros, caçadores e agricultores: trabalhadores do Rio Muru, 1970 - 1980*. São Paulo: PUC, 1995.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Artigo: A dimensão política dos "conhecimentos tradicionais" na Amazônia. *Cadernos do CEAS*. M. 1 , Abril nº 16 - 2005 - Salvador Centro de Estudos e Ação Social.

_____. NETO, Joaquim Shiraishi. MARTINS, Cynthia Carvalho. *Guerra ecológica nos babaçuais: o processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço de commodities e o aquecimento do mercado de terras na Amazônia - São Luís, Lithograf, 2005.*

_____. *Identidades, territórios e movimentos sociais na Pan-Amazônia*. In: ACEVEDO, Rosa Elisabete Marin; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno (org.). *Populações Tradicionais: questão de terra na Pan-Amazônia*. Belém: Associação de Universidades Amazônicas, 2006.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. - 10 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ATHIAS, Renato. *Hierarquização e Fragmentação: análise das relações interétnicas no rio Negro*. In *Identidade, fragmentação e diversidade na América Latina*/Parry Scott, George Zarur; colaboração David Maybury-Lews...et al. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

BARBIERI, Edilson, *Desenvolver ou preservar o ambiente?* São Paulo: Editora Cidade Nova, 1996.

BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

_____. *Amazônia, Cultura e Sociedade*. Tenório Teles (org). Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas / Editora Universidade Federal do Amazonas, 2003.

BENTES, Dorinethe dos Santos; ROLIM, Amarildo Rodrigues. *Apostila de História do Amazonas do Ensino Médio*. São Paulo: Moderna, 2005.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BUCHILLET, Dominique. *Os Índios do Alto Rio Negro: história, etnografia e situação das terras*. ORSTM/ Universidade de Brasília, 1990 (revisado em 1997).

CALDAS, Valdenir. *O que todo cidadão precisa saber sobre cultura*. São Paulo: Global, 1986.

CASTRO, Edna; PINTON, Florence (organizadoras). *Faces do Trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*. Belém, Cejup, UFPA-NAEA, 1997.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito Moderno da Natureza intocada*. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

EMPERAIRE, Laure. *A floresta em jogo. O extrativismo na Amazônia Central*/editora científica. São Paulo, Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ENRIQUE, Leff. *Ecologia, Capital e Cultura; racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Tradução de Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

FALEIROS, Airton. *O desenvolvimento da Amazônia na visão dos produtores familiares rurais*. In VIANA, Gilney; SILVA, Marina, DINIZ, Nilo [orgs], et al. *O Desafio da Sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

FRAXE, Terezinha de Jesus P. WITKOSKI, Antônio C; LIMA, Marcos C. de; CASTRO, Albejamere P. de. *Natureza e Mundo Vivido: o Espaço e Lugar na percepção da Família Cabocla /Ribeirinha Relações de Trabalho e de Gênero nos Balatais da Amazônia Brasileira*. In SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs.). *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília, 1976.

GARNELO, Luiza. *Políticas de Saúde Indígena na Amazônia: gestão e contradições*. In SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir (orgs.). *Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural - Rio de Janeiro: Garamond, 2006*.

GOHN, Maria da Glória. *A análise de E. P. Thompson e o papel da experiência*. In *Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 203-6.

GUIMARÃES, Roberto P. A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento, In VIANA, Gilney; SILVA, Marina, DINIZ, Nilo [orgs], et al. O Desafio da Sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento Selvagem, s. d.

LIMA, Araújo. Amazônia: a terra e o homem. Prefácio de Tristão de Athayde. Apresentação Leandro de Tocantins. 5ª ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Educação da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

McGRATH, David. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. In CASTRO, Edna; PINTON, Florence (organizadoras). Faces do Trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém, Cejup, UFPA-NAEA, 1997.

MEIRA, Márcio. Dissertação de Mestrado, O Tempo dos Padrões: extrativismo da piaçava entre os índios do rio Xié (Alto rio Negro). São Paulo: Campinas, 1993.

_____. Os índios do Rio Xié e a fibra da floresta, In EMPERAIRE, Laure. A floresta em jogo. O extrativismo na Amazônia Central / editora científica Laure Emperaire. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MELO, Otaviano. Documentos sem data e título.

MELLO, Janaina Cardoso de; LEITE, Edgard. Discursos Velados: memória e cotidianidade feminina. In LEMOS, Maria Tereza Toríbio Brittes Lemos e MORAES, Nilson Alves de, (orgs). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MENDONÇA, Maria Sílvia de; FRANÇA, José Ferreira; OLIVEIRA, Andreia Barroncas de; PRATA, Rossilane Ribeiro; AÑEZ, Rogério Benedito da Silva. Etnobotânica e o Saber Tradicional. In PEREIRA, Henrique dos Santos, FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto, WITKOSKI, Antônio Carlos (orgs) Manaus: Edua, 2007.

MERICO, Luis F. K. Políticas Públicas para a Sustentabilidade, In VIANA, Gilney; SILVA, Marina, DINIZ, Nilo [orgs], et al. O Desafio da Sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

NASCIMENTO, Celso Augusto Torres do. Experiências de cooperativismo em Manaus: uma iniciativa inovadora no âmbito da geração de renda. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, 2005.

OLIVEIRA, José Aldemir. A vivência nas cidades da Amazônia: algumas reflexões. In: Cadernos do CEAS. M. 1 , Setembro/Outubro nº 207. Salvador Centro de Estudos e Ação Social, 2003.

_____. GUIDOTTI, Humberto. Urbanização na Amazônia: novas integrações e velhas exclusões. In: A Igreja arma sua tenda na Amazônia. OLIVEIRA, José Aldemir (org.). Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

OLIVEIRA, Márcia Maria. Artigo: Migração na cidade de Manaus: algumas análises preliminares. Cadernos do CEAS. M. 1 , Abril nº 16 - Salvador Centro de Estudos e Ação Social, 2005.

PEREIRA, Hamida Assunção. Fronteiras da vida: o tradicional e o moderno no Cacau Pirêra/Íranduba. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, 2006.

PÉRES, Sídney Clemente. Cultura, política e Identidade na Amazônia: o associativismo indígena no baixo rio Negro (tese). São Paulo. Unicamp, 2003.

PERROT, Michelle. Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros. 3ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PINHEIRO, M^a Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus. 2ª ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2003.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Os Trabalhos da juta: estudo sobre a constituição mercantil simples no Médio Amazonas: Manacapuru. Porto Alegre, 1982.

PINTO, Renan Freitas. Viagem das Idéias. Manaus: Editora Valer / Prefeitura de Manaus, 2006.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. Documentário da vida rural nº 5. Brasil, Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1953.

_____. História do Amazonas. 2ª ed. - Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

REIS, Lilia Maria de Oliveira. Monografia, A festa de nossa senhora de Nazaré em Barcelos: relação do sagrado com o profano. Amazonas: São Gabriel da Cachoeira, 2001.

SANTOS, Fernando Sérgio Dumas dos. Tese (Doutorado), *Os Caboclos da Águas Pretas: saúde, ambiente e trabalho no século XX*. São Paulo: Campinas, 2003.

SANTOS, Francisco Jorge. História do Amazonas - Ensino Médio 2ª edição. Manaus: Novo Tempo, 2002.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira, História Econômica da Amazônia: 1800 - 1920. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SCHERER, Elenise Faria; COELHO, Roberta Ferreira; PEREIRA, Hamida Assunção. Polícias Sociais para os Povos das Águas. Cadernos do CEAS. M. 1 , Setembro/Outubro nº 207. Salvador Centro de Estudos e Ação Social, 2003.

SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir. Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SILVA, Marilene Corrêa da . A natureza humanizada é muito mais justa que a natureza bruta. Cadernos do CEAS. M. 1 , Setembro/Outubro nº 207. Salvador Centro de Estudos e Ação Social, 2003.

SIMONIAN, Lígia T. L. Mulheres seringueiras na Amazônia brasileira: uma vida de trabalho silenciado. In ALVARES, D'Sucao (org). A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: Gepem, 1995.

_____.Relações de Trabalho e de Gênero nos Balatais da Amazônia Brasileira. In SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs.). Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SOUZA, Anervina Lima de. As lendas Amazônicas em Sala de Aula: apropriação da cultura e a formação sócio-cultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. Dissertação de Mestrado defendida junto a PPGSCA. Manaus, 2005.

SOUZA, Laura de Melo. O diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Rubem César Rodrigues; SANTOS, Eyde Cristianne Saraiva dos. Estado e desenvolvimento regional: a falta de compromisso com o setor elétrico na Amazônia. In SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir (orgs.). Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural - Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

STRADELLI, Ermanno, Naturalistas italianos no Brasil/ Teresa Isenburg (organizadora). São Paulo: Ícone: Secretaria de Estado e Cultura, 1990.

THOMPSON, E.P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, São Paulo, Ed. Unicamp, 2001.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida - Uma interpretação da Amazônia. 9ª ed. rev. - Manaus: Editora Valer, 2001.

_____.Amazônia - natureza, homem e tempo: uma planificação ecológica. 2 ed. revisada e aumentada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TORRES, Iraildes Caldas. As novas amazônidas. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2005.

_____. *Noção de trabalho e trabalhadoras na Amazônia*. In: Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, nº 2 Manaus: Edua/Capes, 2004.

WAGLEY, Charles. Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa, 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo, Editora Universitária de São Paulo, 1988.

WALLACE, Alfred Russel (1823-1913). Viagens pelos Rios Amazonas e Negro. Tradução de Eugênio Amados. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

WALLACE, Juan Teixeira Cunha; CARVALHO, Maurício Brito de; LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes. A cotidianidade do feirante de Vitória da Conquista, In LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brites e MORAES, Nilson Alves de (org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, Viveiros de Castro Editora Ltda Rio de Janeiro. 2000.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (v. 2). Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa (tradução). Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.

[Http: // www. IBGE. Gov. br. Cidade at/ xtras/ perfilat. Php? Codmun= 130040](http://www.IBGE.Gov.br/Cidade/at/xtras/perfilat.php?Codmun=130040)

